

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Maria Aparecida de Carvalho

Um breve tempo de inovação educacional: o Ginásio Estadual Vocacional de  
Vila Santa Maria, de São Caetano do Sul (1968-1970)

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo  
2019

Maria Aparecida de Carvalho

Um breve tempo de inovação educacional: o Ginásio Estadual Vocacional de  
Vila Santa Maria, de São Caetano do Sul (1968-1970)

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, como exigência  
parcial para obtenção do título de DOUTORA em  
Educação: História, Política, Sociedade na área de  
concentração Educação brasileira: produção,  
circulação e apropriação cultural, sob orientação do  
Prof. Dr. Daniel Ferraz Chiozzini.

São Paulo

2019

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001”, a que agradeço.

*Dedico este trabalho à:*

*Elisa Terezinha Benavente, aluna da turma de 1969, falecida aos 15 anos de idade,*

*Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Contin (Professora de Português),*

*Prof.<sup>a</sup> Arlette Rosa Magdalena D'Antola (Diretora)*

*do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria*

*(in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Ao Orientador, Prof. Dr. Daniel Ferraz Chiozzini pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos sobre o Ensino Vocacional.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo, integrante da Banca Examinadora de Qualificação e por ter aceito o convite de agora participar da Banca Examinadora, por sua significativa contribuição e portas abertas do *Núcleo Memórias do ABC*, onde a memória do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria será perpetuada e difundida. Gratidão!

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Circe Maria Fernandes Bittencourt, integrante da Banca Examinadora de Qualificação, pelas sugestões que enriqueceram este estudo e por aceitar o convite para participar da Banca Examinadora.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helenice Ciampi e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura por terem aceito o convite de participar da Banca Examinadora.

Aos professores (a) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, em especial ao Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves pela deferência de me receber e ouvir meus anseios de ingressar no Programa EHPS, apresentando-me a obra do Prof. Dr. Daniel Ferraz Chiozzini sobre os Ginásios Vocacionais, ponto de partida deste estudo.

À Assistente de Coordenação, do Programa EHPS da PUC-SP, Elisabete Adania (Betinha) pela atenção, boa vontade e profissionalismo, meus sinceros agradecimentos.

À equipe do Laboratório Hipermídias da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), em especial para Ileana Ribeiro, que prestou assessoria técnica audiovisual nas gravações internas e externas.

Ao Prof. César Galha Bergstrom Lourenço, viúvo da diretora Prof.<sup>a</sup> Arlette D'Antola, por ter disponibilizado seu arquivo pessoal para consulta.

À Prof.<sup>a</sup> Irene Torrano Filisetti pelas contribuições a esta pesquisa, principalmente por ter possibilitado o contato com o grupo de ex-alunos.

Aos “vocacianos” de São Caetano do Sul, ex-alunos do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, pela receptividade e confiança de conceder entrevistas ao *Memórias do ABC*, matéria-prima desta pesquisa.

Aos ex-professores do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria: Antonio A. Petrin, Christiana Monteiro de Siqueira Pontes, Dirce Martins Morra, Ernesta Zamboni, Florence Maria White de Vera, Kátia Bastos Machado, Maria Helena Antunes de Oliveira e Maria Zair Aguiar Nunes, por compartilhar e registrar suas lembranças do Vocacional no *Memórias do ABC*.

À Prof.<sup>a</sup> Zilda Almeida Junqueira pela revisão ortográfica.

À Monica Iafrate, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul pelas informações concedidas e bom atendimento.

À Prof.<sup>a</sup> Olga Perlas Suaña pelas aulas de espanhol e tradução do Resumen.

Ao Levi Veiga, companheiro de vida, de muitas décadas, pelo apoio incondicional. Ao saudoso cunhado Lupércio pela generosidade, sem a qual eu não teria concluído nem a graduação.

A madrinha/tia Sebastiana e prima Sônia, com quem aprendi e aprendo o significado de pertencer a uma família, não apenas ter parentesco. Obrigada, Sônia, por me apresentar o *Nam-myoho-rengue-kyo*, o budismo de Nichiren Daishonin, cuja prática de fé me ajudou a realizar este sonho.

Ao Tio Walter Infanti, por estimular em mim, desde pequena, a incessante busca pelo conhecimento.

A Sonia Maria Ferreira, guerreira amiga de mais de quatro décadas, pelas incontáveis palavras de fé e apoio.

A Adriana Prado, grande amiga desde a graduação, por ouvir todas as minhas angústias no decorrer deste processo e transformá-las em esperança e certeza de realização.

Ao casal Roberto e Nicéia – *os Flocos*, amigos de todas as horas, pelo carinho, incentivo e apoio.

À amiga Zilma Ferreira Garcia, por sua bondade e atenção nestes quase 50 anos de amizade, e a seu companheiro Cláudio pelo sorriso sempre presente.

À amiga Aparecida Sueli Ferreira de Sá pelo ombro amigo e orações nos momentos difíceis deste percurso.

Aos queridos amigos e amigas Aparecido Donizete Sgobo, Arlete Scarpelli, Bambina Monea (Nena), Cristiane Tiozzo, Débora Diogo, Edna Martins Sant'Anna, Eunice Bertazzo, Hamilton Cesar da Silva, Izabel Bazzo, Jacira J. Freitas Pansarelli, Luiz Fernando de Menezes, Maria Aparecida Rodrigues de Almeida (Cida), Maria Ercília Guimarães (Neca), Maria Devanir Zamboni, Maria Joselita Alves, Maria Salete Ferreira, Marisa Sorensen, Miriam Martins Rodrigues, Moisés Martins Gomes, Nelson Rodrigues, Ronaldo Ávila de Paula, Sheila Shaker, Terezinha Nunes da Costa, pelos anos de convivência e contínuo afeto.

À amiga Izolda Maria Batista, por me apresentar ao Programa EHPS e pelo companheirismo nesta trajetória.

À amiga Maria Aparecida Rodrigues Pinto (Lia), pelas preces sempre presentes e por me fazer acreditar na viabilidade deste sonho.

À amiga Ana Aparecida dos Santos Dall'Olio, pela atenção e cuidado neste período tão desafiador da minha vida. A seu filho Julio Cesar dos Santos Dall'Olio, pela paciência e socorro sempre presentes na solução dos problemas de informática.

Às companheiras de lutas e ideais: Alessandra Brizanti, Andrea Maria Lima Martins, Cristina Athayde, Kelsma Maria Silva Gomes e Rosana Paiva.

Às queridas “amigas da PUC”: Andrea Freitas Miori, Cássia Galvão e Raquel da Silva Oliveira. A Cristine Gleria Vecchi, colega do Memórias do ABC e das Oficinas de Memórias da USCS.

Aos queridos (a) colegas de trabalho Ana Claudia Daroz, Reginaldo Vitor Pereira e José Geraldo Basante.

A Edna Brizanti e Laura dos Santos Stein, companheiras de prática budista, pelas constantes palavras de incentivo e oração. A Renata Soraia de Paula pelos momentos compartilhados de oração.

Ao Heitor Brizanti Falchi pelas sessões de Reiki.

A Genovaite Martinaitis (Guê) pelo Thetahealing e as palavras de fé.

Às pessoas queridas que já partiram: Maria Aparecida Toucci (Tia Cida), Luiz Alberto Barbosa dos Santos, Waldir Garcia, Maria da Luz Alves, Cleusa F. Bertazzo, Antonia Maldonado Ferreira (Nica), Rosângela dos Santos Costa, Salvador dos Santos Filho, Chico Chao e Lupércio José Veiga, das quais guardo doces lembranças e muitas saudades.

Ao casal Fabiana Natalia Macedo de Camargo e Robson Antonio de Camargo – de Bragança Paulista – pela amizade duradoura e por me proporcionarem a alegria de ser a “vovó” do Caio Macedo Camargo, um lindo menino que renova em mim a necessidade de ser uma eterna aprendiz.

Aos amiguinhos de ‘segunda geração’: Ana Paula Garcia, Bárbara Martins do Prado, Laura de Souza Martins, Mara Rubia Garcia, Nilton Vinicius Cestari, Patrícia Martins Sant’Anna, Paulo César Ferreira Santos, Ramon de Souza Martins, Renan Ferreira Olavo e Thalita de Sá Cestari, que rejuvenescem minhas esperanças. E agora, os de ‘terceira geração’: Benjamin, Daniel, David, Miguel, Renata e Thales.

Aos colegas de curso: Carolina Martinez Stefanini, Evaldo de Assis Moreira, Josefa Neves Rodrigues, Nadia Arabadgi de Andrade e Samuel Carvalho, pelo companheirismo.

Ao primo João Edson Carvalho, sua esposa Fabiana, filhas Jenifer e Rebeca, pela convivência prazerosa.

Ao Deivid Fernando de Almeida, amigo recente, que se tornou meu sobrinho do coração.

A sobrevivência da escola pública, ou seja, da escola possível à maioria da população, tem sido resultado principalmente de uma luta que vem se desenrolando há anos, por um *movimento de resistência* que tem se manifestado de diferentes formas, por parte de seus protagonistas principais: alunos e professores.

Circe M. F. Bittencourt

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, de São Caetano do Sul, em sua breve existência, de 1968 a 1970, numa conjuntura política conturbada, nos anos de chumbo da ditadura civil-militar. A investigação sobre esta escola situa-se no conjunto de pesquisas sobre os Ginásios Vocacionais, escolas que integraram um projeto educacional experimental desenvolvido entre 1961 e 1970 no Estado de São Paulo e que, a partir de 1967, enfrentaram uma crescente oposição no âmbito da Secretaria da Educação. Esta pesquisa situa-se no âmbito dos estudos sobre Memória e História da Educação Brasileira, tomando como referência os conceitos de Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Michael Pollak e utilizando a História Oral como uma das metodologias de pesquisa. O objetivo foi verificar as especificidades, experiências e particularidades em relação às demais unidades, principalmente no que se refere à parceria do Serviço de Ensino Vocacional (SEV) com a administração municipal, no contexto da história política de São Caetano do Sul. Também buscou identificar o legado dessa experiência – pedagógica, curricular, humana – nas histórias de vida de ex-alunos e ex-docentes.

**Palavras-chave: História e Memória da Educação Brasileira. Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo. Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria. História de São Caetano do Sul.**

## ABSTRACT

This study aims to investigate a school named Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, which was located in São Caetano do Sul, São Paulo, Brazil, and existed briefly from 1968 to 1970 in a turbulent political scenario of civil-military dictatorship, during the Years of Lead. This investigation is part of a broader research on the vocational schools that belonged to an experimental educational project developed between 1961 and 1970 in the State of São Paulo. In 1967, these schools began to face an increasing opposition from Secretaria da Educação – entity in charge of educational matters. This research is based on history of Brazilian education and memory studies, and the concepts of Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff and Michael Pollak are taken as references with oral history being used as one of the research methodologies. The objective is to verify the experiences, specific aspects and peculiarities related to this institution and its differences from the other unities, especially in what regards to the partnership of the Serviço de Ensino Vocacional (SEV – Service of Vocational Education) with the city administration, considering the political context of São Caetano do Sul in that period of time. This study also aims to identify the legacy of this – pedagogical, curricular, human – experience on the life stories of alumni and former teachers.

**Keywords: History and memory of Brazilian education. Vocational schools in the State of São Paulo. Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria. History of São Caetano do Sul.**

## RESUMEN

El objeto de estudio de esta investigación es el Colegio Secundario Estatal Vocacional de Vila Santa Maria de São Caetano do Sul en su breve existencia, de 1968 a 1970, en un momento político conflictivo durante los duros años de la dictadura cívico-militar. La investigación sobre este colegio se ubica en el conjunto de estudios referentes a los colegios secundarios vocacionales, colegios que integraron un proyecto educacional experimental entre 1961 y 1970 en el Estado de São Paulo en un periodo de crisis de la propia enseñanza vocacional, enfrentando una creciente oposición en el ámbito de la Secretaría de Educación del Estado de São Paulo. Esta investigación se sitúa en los Estudios de Memoria e Historia de la Educación Brasileña, tomando como referencia los conceptos de Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff y Michael Pollak y utilizando la Historia Oral como una de las metodologías de investigación. El objetivo fue verificar sus especificidades, experiencias y particularidades en relación a las demás unidades, principalmente en lo que se refiere al trabajo conjunto entre el Servicio de Enseñanza Vocacional (SEV, en portugués) y la administración municipal en el contexto de la historia política de São Caetano do Sul. El trabajo también buscó identificar el legado de esta experiencia – pedagógica, curricular, humana - en las historias de vida de exalumnos y exdocentes.

**Palabras Claves: Historia y Memoria de la Educación Brasileña. Colegios Secundarios Vocacionales del Estado de São Paulo. Colegio Secundario Estatal Vocacional de Vila Santa Maria. Historia de São Caetano do Sul.**

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População residente nos principais municípios da Região do Grande ABC em 1950, 1960 e 1970 .....	73
Gráfico 2 – Distribuição percentual dos ingressantes de 1968 por local de residência...	81
Gráfico 3 – Ingressantes de 1968 (%) residentes em São Caetano do Sul por bairros....	81
Gráfico 4 – Classificação dos ingressantes de 1968 por nível socioeconômico .....	82

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma dos Ginásios Vocacionais .....	58
Figura 2 – Fases do ensino vocacional .....	61
Figura 3 – Etapas da implantação da unidade vocacional de São Caetano do Sul.....	66
Figura 4 – Organização curricular nos ginásios vocacionais .....	86
Figura 5 – Representação circular das fases de uma Unidade Pedagógica .....	89
Figura 6 – Etapas de avaliação da Unidade Pedagógica .....	90
Figura 7 – Fases da Unidade Pedagógica .....	92
Figura 8 – Planejamento anual das Unidades Pedagógicas .....	93

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Alunos e professores no Grupo Escolar Senador Fláquer (década de 1920) .....	45
Ilustração 2 – Anúncio do Instituto Rocha Pombo.....	48
Ilustração 3 – Obras de equipamentos de educação na gestão Braido (1965-1969) .....	52
Ilustração 4 – Propagandas pela cidade.....	53
Ilustração 5 – Capa de suplemento do Jornal de São Caetano, abril de 1967 – Balanço das Obras durante o mandato.....	53
Ilustração 6 – Jornal de São Caetano, 17 de fevereiro de 1968.....	66
Ilustração 7 – Jornal de São Caetano, 24 de abril de 1968.....	77
Ilustração 8 – Rosácea de Lima e Rovai (2015, p.157).....	86
Ilustração 9 – Uma escola sem muros – início da década de 1970 .....	123
Ilustração 10 – Treino de basquete na quadra do vocacional .....	129
Ilustração 11 – Treino de basquete feminino na quadra do vocacional.....	130
Ilustração 12 – Algumas medalhas conquistadas nas Olimpíadas Colegiais .....	137
Ilustração 13 – Convite do Festival de Corais .....	150
Ilustração 14 – Formatura da primeira turma – fevereiro de 1972.....	172

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente nos principais municípios da Região do Grande ABC – 1950 a 1980 .....	37
Tabela 2 – SEV – Adiantamentos de recursos concedidos em 1968 e 1960.....	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronologia da Emancipação política de São Caetano do Sul .....	42
Quadro 2 – Prefeitos de São Caetano do Sul até o início da década de 1970 .....	43
Quadro 3 – Equipamentos de educação em São Caetano do Sul 1965-1969 .....	51
Quadro 4 – Calendário Semanal de aulas por disciplina – 1ª série A – Matutino - 1969 .....	75
Quadro 5 – Calendário Semanal de aulas por disciplina – 1ª série E – Vespertino - 1969 .....	76
Quadro 6 – Relação de ex-docentes entrevistados, datas e locais de entrevista ao Memórias do ABC.....	120
Quadro 7 – Relação de ex-alunos entrevistados, datas e locais de entrevista ao Memórias do ABC.....	120
Quadro 8 – O legado do vocacional na vida dos ex-alunos.....	165

## LISTA DE SIGLAS

IRFM – Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo

USP – Universidade de São Paulo

USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

SEV – Serviço de Ensino Vocacional

CEDIC – Centro de Documentação e Inf. Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

## SUMÁRIO

A) INTRODUÇÃO .....	21
A.1 - Fontes, procedimentos da pesquisa e análise .....	26
<b>1 - CAPÍTULO 1: São Caetano do Sul .....</b>	<b>31</b>
1.1- Movimento autonomista.....	42
1.2- Educação .....	45
1.2.1- O ensino privado .....	47
1.3 - A administração do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969) “onde a escola não é problema.....	52
<b>2 – CAPÍTULO 2: Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria .....</b>	<b>58</b>
2.1- O ensino vocacional .....	58
2.2- A unidade vocacional de São Caetano do Sul.....	68
2.3- Exames de Admissão .....	82
2.4- Unidades Pedagógicas.....	91
2.5 - Percepção da escola sobre o município de São Caetano do Sul.....	101
2.6 - Avaliação dos alunos.....	103
2.7- Corpo docente .....	112
2.8- Educação moral e cívica.....	115
<b>3 – CAPÍTULO 3: Memórias .....</b>	<b>118</b>
3.1- Memórias.....	118
3.2- Narrativas Oraís de Histórias de vida.....	125
3.3- As entrevistas .....	128
3.3.1- Trabalho docente .....	133
3.3.2- Unidade Pedagógica.....	135
3.3.3- Esportes .....	137
3.3.4- Exames de admissão .....	147
3.3.5- Ensino Integrado .....	148
3.3.6- Fatos históricos que marcaram .....	149
3.3.7- Estudos do meio .....	150
3.3.8- “Coisas de menino” e “coisas de menina” .....	152

3.3.9- Trabalho em grupo .....	160
3.3.10- Participação dos pais .....	162
3.3.11- A vocação .....	163
3.3.12- O final.....	165
3.3.13- Tempos de resistência .....	168
3.3.14- O legado .....	169
<b>B) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>177</b>
<b>C) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>185</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>189</b>

## A) INTRODUÇÃO

Como outros municípios da Região do Grande ABC<sup>1</sup>, a São Caetano do Sul dos anos 1960 não era apenas uma cidade-dormitório, embora muitos habitantes trabalhassem na capital. O município, de pequena extensão, já contava com importante parque industrial: Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM)<sup>2</sup>, Cerâmica São Caetano S/A<sup>3</sup>, ZF do Brasil<sup>4</sup> e General Motors do Brasil<sup>5</sup>, das quais apenas a última permanece em atividade.

Minha mãe nasceu em São Caetano do Sul, onde residi na primeira infância. Foi no compasso e órbita da fábrica que adquiri minha percepção de tempo e espaço. A casa da *nonna*<sup>6</sup>, onde morávamos, localizava-se numa das ruas de acesso “à Matarazzo”, como chamávamos a fábrica das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). Diariamente, nos horários próximos ao início e ao término dos turnos de trabalho, o fluxo de operários em frente à nossa casa era intenso. O tempo fabril regia nosso cotidiano. Uma cena marcante da minha infância era a chegada do Ano Novo, celebrado à meia-noite com o toque simultâneo das sirenes das fábricas. Morei e trabalhei no ABC a maior parte da minha vida.

Abro parêntesis para explicar que meu lugar de fala nesse *subúrbio industrial* é o daqueles migrantes ou descendentes de imigrantes que não conseguiram ascender socialmente. Minha mãe foi ousada a ponto de se casar com um *mulato*, vocábulo pejorativo dado a pardos, pretos miscigenados. Por esse motivo, por anos foi excluída da família. Porém, perto do meu nascimento, minha *nonna* adoeceu gravemente e, na falta de cuidadores, minha mãe foi “perdoada”. Assumpta Josephina, minha saudosa mãe, cuidou com desvelo da matriarca da família, Dona Marcella, até sua morte, quando completei seis anos de idade.

---

<sup>1</sup> A Região do Grande ABC localiza-se na porção sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo, e é formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

<sup>2</sup> A partir de 1912, São Caetano do Sul abrigou diversas fábricas do grupo Matarazzo: louças, azulejos, indústrias químicas. “Vale destacar que, neste período, o grupo detinha um exército de cerca de 30 mil operários, sendo cerca de 10 mil trabalhadores nas fábricas da cidade”. Revista Raízes nº 046, pág. 43.

<sup>3</sup> Sucessora da antiga Cerâmica Privilegiada (fundada em 1913), a Cerâmica São Caetano ficou famosa pela produção de ladrilhos, tijolos e telhas com reconhecido padrão de excelência. Disponível em: [http://www.fpm.org.br/scs\\_bairros.asp?historia=True&id\\_b=4](http://www.fpm.org.br/scs_bairros.asp?historia=True&id_b=4) Acesso em 07 fev. 2017.

<sup>4</sup> Instalada em 1959, em São Caetano do Sul, foi a primeira unidade da ZF fora da Alemanha. Essa importante fábrica de autopeças funcionou até 1997, quando foi transferida para o interior paulista. Disponível em: [https://www.zf.com/southamerica/pt\\_br/corporate/company\\_corporate/zf\\_in\\_country\\_corporate/zf\\_in\\_country.html](https://www.zf.com/southamerica/pt_br/corporate/company_corporate/zf_in_country_corporate/zf_in_country.html) Acesso em 07 fev. 2017.

<sup>5</sup> A fábrica da General Motors de São Caetano do Sul foi inaugurada em 1930. Trata-se da mais antiga indústria de produção de veículos ainda em atividade no Brasil.

Disponível em: (<http://www.automotivebusiness.com.br/noticia/22495/gm-completa-85-anos-em-sao-caetano>) Acesso em 08 fev. 2017.

<sup>6</sup> Avó, em italiano. As famílias de imigrantes italianos conservavam o hábito de chamar os avós no seu idioma.

Após o falecimento da *nonna*, a casa foi vendida e fomos para Carapicuíba, município onde se instalou a migrante – de Minas Gerais – família Carvalho. Não durou muito o casamento da italianinha com o moço mineiro: mais uma vez minha mãe foi ousada, separando-se de meu pai quando eu tinha sete anos. Tenho poucas lembranças dele, pois a última vez que o vi foi nessa idade: naquele tempo, em casos de separação, os pais também se apartavam dos filhos. Minha mãe fugiu para Rio Claro, onde seu irmão caçula residia. Até hoje me lembro de suas recomendações: falar que meu pai havia falecido, para prevenir discriminação. Depois voltamos para São Paulo, para a Vila Califórnia em 1968, e concluí o curso primário em São Caetano do Sul. Lembro-me de que, ao voltar a pé para casa, via *outdoors* de propaganda do Prefeito Braido. Foi nesse momento que pela primeira vez ouvi falar do Vocacional: meu tio comentou com minha mãe sobre a inauguração dessa escola. Como ficava muito distante de onde morávamos, infelizmente a possibilidade de eu estudar lá foi logo descartada.

Cursei o ginásio na base da ‘decoreba’, porque era assim o processo ensino-aprendizado na escola onde estudei. Aos meus 15 anos minha mãe adoeceu gravemente, e assim fui abruptamente lançada no mundo do trabalho, mas honrando sua determinação: “minha filha não vai trabalhar em fábrica como eu, vai trabalhar em escritório”. Convém destacar que, ao se “desquitar”, minha mãe não conseguiu retornar ao trabalho como operária de fábrica, já que na década de 1960 o mercado formal dificilmente empregava uma mulher nessas condições. A alternativa foi trabalhar como empregada doméstica. Um fato marcante na minha vida foi descobrir o significado do termo “injustiça social”. Aos 11 anos fui encontrar minha mãe na casa onde ela trabalhava. Lá chegando me deparei com ela sentada, escrevendo em italiano (idioma em que foi alfabetizada) e a patroa em pé, ditava a carta que seria enviada para seus parentes na Itália. Detalhe: a patroa era analfabeta em ambos os idiomas, e naquele momento me veio o questionamento: isso é justo? Por que somos tão pobres? Não é por falta de conhecimento ou de trabalho!

Essa é minha verdade e, como filha de Dona Assumpta, ousou contar minha história. Pois bem: ingressei no mercado de trabalho – primeiramente num escritório de contabilidade – aos 16 anos de idade. Minha mãe faleceu aos meus 19 anos. Fiquei meio perdida, comecei e várias vezes interrompi o ensino médio, mas mesmo assim consegui ser admitida numa empresa multinacional e lá trabalhar durante quase 13 anos. Nesse tempo eu nem sabia que existia a USP e a possibilidade de ingressar numa escola pública de ensino superior. Como a maioria das moças da região fabril, me casei com um colega de trabalho. Somente no início

dos anos 1990 conclui o ensino médio, por meio de exames supletivos. Ao desmanchar meu casamento de quase dez anos, resolvi ingressar numa faculdade. Assim, aos 35 anos de idade, desempregada, separada, me matriculei no curso de Ciências Sociais da Fundação Santo André, autarquia municipal da cidade onde moro. A partir daí se descortinou um novo mundo, foram muitos os momentos de penúria, de subemprego em institutos de pesquisa, até o ingresso no mercado formal de trabalho na área de planejamento da Prefeitura Municipal de Santo André, em contrato de trabalho terceirizado.

No início dos anos 2000 ingressei no Programa de Mestrado em Administração, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), tendo o município como objeto de estudo na dissertação *Perfil demográfico intra-urbano de São Caetano do Sul: uma ferramenta de gestão* (2004), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) é elaborado a partir dos dados obtidos pelos Censos Demográficos com aplicação da metodologia do Índice de Desenvolvimento Humano Global, cuja análise engloba três variáveis: Educação, Renda, Longevidade, estabelecendo um *ranking* entre os municípios brasileiros. Nos três períodos de abrangência do IDH-M – 1991, 2000, 2010 – o município de São Caetano do Sul figura em primeiro lugar, isto é, com o melhor desenvolvimento humano<sup>7</sup>. No início dos anos 2000, o bordão “São Caetano do Sul, a cidade de primeiro mundo” era amplamente explorado, principalmente pelos políticos locais. Daí minha motivação em efetuar um estudo demográfico do município para conferir tal situação, a partir dos dados do Questionário da Amostra do Censo Demográfico 2.000, considerando as divisões territoriais do município, as Áreas de Ponderação (AP)<sup>8</sup>. Minha pesquisa demonstrou as contradições que os índices, calculados pela média, ocultavam. Por exemplo: o município apresentou o menor índice de analfabetismo (na população de 15 anos ou mais) de 3,0, enquanto outro município também da Região do Grande ABC, Rio Grande da Serra, registrou o maior índice: 8,4. Entretanto, a Área de Ponderação 1 apontou 7,9 de analfabetismo da população negra. Assim, foi possível demonstrar com diversas variáveis que a utilização de indicadores intra-urbanos permitiria focalizar as políticas públicas considerando as especificidades de cada região. Isso provavelmente contribuiria para que o município – de maior Índice de Desenvolvimento

---

<sup>7</sup> A metodologia de cálculo do IDH (desenvolvida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD) envolve a transformação de três dimensões (longevidade, educação e renda) que variam entre 0 (pior) e 1 (melhor) e a combinação desses índices em um indicador-síntese.

<sup>8</sup> Unidades territoriais criadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para a leitura dos resultados do Questionário da Amostra. O Questionário da Amostra do IBGE, por sua complexidade, no Censo 2000 foi aplicado em território nacional em domicílios selecionados, representando uma fração de 11,7%.

Humano Municipal (IDH-M) do Brasil – estendesse tal condição, de forma equitativa, a toda sua população.

A carreira profissional me conduziu a outros caminhos e novos lugares. Em 2008, via concurso público, ingressei no então Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFET-SP) na Unidade de Bragança Paulista, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Em 2014 voltei para Santo André, transferida para a Pró-reitoria de Ensino, na Capital, porém perdurou o desejo de voltar a estudar São Caetano do Sul. Em junho de 2015, com o incentivo da minha amiga Izolda Maria Batista, já aluna do Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), agendei uma entrevista com o Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves – do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS), que gentilmente me atendeu e quando tive oportunidade de expor a intenção de ingressar no Doutorado. Percebendo meu interesse em estudar uma instituição escolar do município de São Caetano do Sul, ele me apresentou à obra do Prof. Dr. Daniel Ferraz Chiozzini, também docente do EHPS, *História & Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)*, que me despertou vagas lembranças de menina: os comentários de meu tio sobre a escola diferente inaugurada na cidade, o tal Vocacional. Assim, ao procurar mais informações sobre a unidade de São Caetano do Sul, pude constatar que eram poucos e esparsos os registros sobre ela, o que suscitou meu interesse na realização deste estudo.

Os Ginásios Vocacionais foram escolas públicas que integraram um projeto experimental de educação do Estado de São Paulo, no período de 1961 a 1970, em unidades estabelecidas em seis municípios: Americana, Barretos, Batatais, Rio Claro, São Paulo e, posteriormente, em São Caetano do Sul.

Transcorridos mais de 50 anos da existência desse projeto de inovação educacional, a metodologia de ensino dos ginásios vocacionais tem ocasionado o aparecimento de pesquisas em diferentes áreas: Educação, História da Educação, Psicologia da Educação e outras. Todavia, ainda existem lacunas a investigar, principalmente sobre o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, de São Caetano do Sul, que nunca foi estudado. Daí a relevância desta pesquisa, que vai ao encontro dos temas contemplados pela linha de pesquisa Educação Brasileira, Produção, Circulação e Apropriação Cultural do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Vale destacar que a unidade de São Caetano do Sul foi criada num período de reformulação de todo o projeto do ensino vocacional<sup>9</sup> e conjuntura política nacional específica: de endurecimento da ditadura civil-militar<sup>10</sup>.

Este estudo investiga a instalação da unidade de São Caetano do Sul: Por que essa unidade foi criada em 1968, num período já de crise do Sistema de Ensino Vocacional e de endurecimento da ditadura? Por que em São Caetano do Sul? Como essa iniciativa se relacionou com a política municipal de Educação? Como essa breve experiência do Vocacional dialogou com a cidade? Como o município era visto pelo Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria? Que Vocacional foi implantado em São Caetano do Sul? Quais as diferenças e similaridades com o projeto original, exceto o funcionamento em meio período? Qual o legado do Vocacional para os ex-professores e ex-alunos do Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria?

Apresentam-se algumas hipóteses:

1. Que o projeto de São Caetano do Sul tenha sido criado para atenuar dificuldades do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), pois necessitava fortalecer-se politicamente e diminuir crises internas e externas. Nesse sentido, essa unidade poderia ser considerada um ensaio, com a implantação de cursos de meio período, com a metodologia reformulada, conforme apontado anteriormente.
2. Que a política educacional do município de São Caetano do Sul tenha criado condições objetivas para a instalação dessa unidade pelo caráter inovador do Vocacional, que ia ao encontro do discurso de modernidade da gestão do Prefeito Hermógenes Walter Braidó.

---

<sup>9</sup> Fim do turno integral, maior número de alunos por classe, criação de turmas em horário noturno e implantação do colegial (ensino médio).

<sup>10</sup> O Brasil foi regido por uma ditadura civil-militar entre 1964 e 1985, sendo que os *Anos de Chumbo* período da mais dura repressão do regime, que alguns identificam com o governo do general Médici.

## **A.1 - Fontes, procedimentos da pesquisa e análise**

No exame do Projeto de Lei nº 548, de 1963, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, que deu origem ao Decreto nº 9200, de 22.12.65, sobre a criação do Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria, bem como as políticas públicas educacionais do município de São Caetano do Sul na gestão do Prefeito Hermógenes Walter Braido, que viabilizaram a instalação do Vocacional no município, são consideradas as orientações de Ragazzini:

(...) a história da escola se escreve, também, a partir da análise dos debates parlamentares, da legislação, das normas e da jurisprudência, da administração pública, dos balanços econômicos, enfim, de um conjunto de fontes que provém muito mais da história legislativa, do direito, da administração pública, da economia, do Estado, dos partidos políticos, que a história da escola e da educação (RAGAZZINI, 2001, p. 19).

Ao comentar sobre os arquivos do poder legislativo, Carlos Bacellar destaca: “O mais interessante, nesse sentido, é consultar as atas das sessões, em que se podem acompanhar as discussões dos mais variados projetos legislativos (...)”. (BACELLAR, 2015, p. 34). Foram localizados alguns pronunciamentos na Assembleia Legislativa.

Quanto aos arquivos privados, Bacellar adverte: “No Brasil não há uma prática corriqueira de preservação documental privada e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente, não são raras” (BACELLAR, 2015, p. 42).

Nesse contexto, convém registrar que foram muitas as tentativas de acessar o arquivo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Eda Montoanelli, que hoje ocupa o prédio do antigo Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria. O primeiro contato para solicitar autorização para pesquisar os registros escolares ocorreu em 06 de agosto de 2015. Foram muitas tentativas, pessoalmente, por e-mail e telefone, tudo em vão. Em 25 de agosto de 2017 protocolei uma Carta de Apresentação da PUC-SP, sem êxito. Em 17 de outubro de 2018 foi entregue um Ofício à Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul. Somente assim foi autorizado o acesso em novembro de 2018.

Felizmente, o Prof. César Galha Bergstrom Lourenço, viúvo da Prof.<sup>a</sup> Arlette Rosa Magdalena D’Antola, diretora do Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria: disponibilizou seu arquivo pessoal para consulta. A leitura desse material seguiu as orientações de Bacellar (2015, p. 43): na compreensão da estrutura da instituição, de como era o funcionamento da máquina administrativa. Outro cuidado: “contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador”, uma vez que o documento não é neutro porque

carrega consigo o contexto do órgão que o expediu e a opinião da pessoa responsável pelo preenchimento (BACELLAR, 2015, p. 63).

Bonato chama a atenção para a importância do acervo arquivístico das práticas pedagógicas formais e informais: “(...) é no cotidiano da sala, *locus* principal das atividades pedagógicas, onde são ‘produzidos’ materiais diretamente relacionados ao processo ensino-aprendizagem” (BONATO, 2005, p. 200).

Além dos documentos do acervo pessoal, foram também consultados os arquivos do Fundo do Serviço de Ensino Vocacional no Estado de São Paulo no Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),<sup>11</sup> para análise do currículo.

Conforme mencionado, os arquivos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Eda Montoanelli também foram explorados. Segundo informações dos servidores administrativos, houve descarte da “papelada” do Vocacional, lá restando apenas os prontuários dos alunos. Foi possível o acesso apenas a alguns desses documentos, uma vez que os prontuários do arquivo morto estão guardados – em envelopes pardos – em arquivos de aço, por ordem numérica. Para consultar o número do envelope do estudante é necessário localizar uma fichinha específica contendo o nome completo do aluno e seu número de referência no arquivo morto. Essas fichinhas foram arquivadas por sobrenome, sendo que na divisão por sobrenome estão em ordem alfabética, exceto nos sobrenomes Santos e Silva, cujas fichinhas estão misturadas. Portanto, somente são localizados documentos de alunos de que se conheça o nome completo. Desde a municipalização da EMEF Prof.<sup>a</sup> Eda Montoanelli, parte da documentação, especificamente referente aos professores do antigo Ginásio Vocacional, foi transferida para a Escola Estadual Maria da Conceição Moura Branco. Essa escola também foi visitada. Tais consultas corroboram os argumentos de Bonato (2005, p. 197), ao enfatizar a importância dos arquivos escolares para a História da Educação.

Com o avanço tecnológico, as novas mídias digitais também estão abrigando documentos digitalizados e gravações de depoimentos de pessoas comuns sobre fatos políticos ou instituições. Os bancos de dados e redes informáticas são fontes importantes.

---

<sup>11</sup> Os documentos que integram o Fundo de Serviço do Ensino Vocacional foram acumulados desde o momento em que este ainda se constituía como um projeto da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e da Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani. Os mesmos foram adquiridos pelo CEDIC por doação da Associação Pró-Ensino Vocacional (APROEV), em 1992, por intermédio da Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

Surgidos apenas há poucos anos, os bancos de dados e as redes informáticas desenvolvem-se tão rapidamente que, desde já, fica difícil imaginar fazer uma pesquisa ou estudos superiores sem deles se servir (LAVILLE, 1999, p. 119).

Os sistemas computacionais permitem explorar uma multiplicidade de mídias: texto, som, gráficos, desenhos, vídeos, animações etc. Esses sistemas são conhecidos como hipermídia em razão da possibilidade de utilização, pelo leitor, de diferentes recursos tecnológicos, de forma não-linear, com sequências associativas. São construídos “bancos hipermídias” abrigando informações em vários formatos, de arquivos digitais os quais se pode percorrer e selecionar um tema específico. Assim, um depoimento de história de vida, mesmo tendo sido originado de uma pesquisa temática individual, não fica restrito ao tema estudado, uma vez que durante o relato surgem inúmeros assuntos correlacionados, bem como o conjunto de objetos digitalizados – cedidos pelo depoente – constituindo-se em rica fonte para diversas outras pesquisas (GOULART, PERAZZO e LEMOS, p. 162-163). Nesse sentido foi criado, no *Núcleo Memórias do ABC*<sup>12</sup>, um espaço dedicado ao Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria, com registros de sua memória.

Sobre tais registros, Heller e Perazzo explicam:

Os pesquisadores possibilitaram a produção de relatos orais de seus depoentes depois de evocadas suas lembranças. Estes, por sua vez, produziram dados narrativos e iconográficos e construíram um discurso, ou seja, contaram uma história (HELLER e PERAZZO, 2018, p. 131).

Os depoimentos de ex-docentes e ex-alunos do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria foram coletados a partir do roteiro seguinte, com a metodologia de Narrativas Oraís de Histórias de Vida apresentada no terceiro capítulo.

As fontes estão organizadas conforme as especificações abaixo:

- a) Material apurado no acervo pessoal da Prof.<sup>a</sup> Arlette D’Antola (Anexo N° 1).

---

<sup>12</sup> O *Memórias do ABC* da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) é um núcleo de pesquisas e um laboratório de produções em comunicação e memória que faz parte do *Laboratório Hipermídias de Comunicações Culturais* (USCS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Comunicação da Universidade. O *Memórias do ABC* foi criado em 2003 e integrado ao *Laboratório Hipermídias* em 2011. Concentra pesquisa e produção em comunicação e inovação, que relacionam temas como: memória, imaginários, cultura, subjetividades, narrativas de histórias de vida, mídias e novas tecnologias. Disponível em: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br/> Acesso em 21 fev. 2019.

- b) Reportagens do Jornal São Caetano, órgão utilizado pela gestão municipal para divulgação dos atos de seu governo.
- c) Documentos do Fundo do Serviço de Ensino Vocacional no Estado de São Paulo no Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- d) Prontuários de alunos<sup>13</sup> – obtidos em consulta ao arquivo morto da EMEF Prof.<sup>a</sup> Eda Montoanelli, instituição de ensino criada a partir do espólio do Ginásio Estadual de Vila Santa Maria<sup>14</sup>.
- e) Prontuários de professores – obtidos em consulta ao arquivo morto da EE Prof.<sup>a</sup> Maria da Conceição Moura Branco<sup>15</sup>.
- f) Jornal escolar do Ginásio Estadual de Vila Santa Maria: *O Pasqueto* (nº.s 1, 2, 3, 4).
- g) Caderneta escolar de alunos, fotos, texto do discurso da representante dos alunos na formatura da primeira turma, flâmulas e distintivo da escola.
- h) Depoimentos de ex-alunos e ex-docentes do acervo do Memórias do ABC.

Portanto, o objetivo foi apresentar e analisar tais documentos.

O primeiro capítulo, **São Caetano do Sul**, trata dos detalhes da formação e desenvolvimento do município, bem como a política educacional do primeiro mandato do Prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969), uma vez que numa parceria distinta com relação às demais unidades, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul cedeu o terreno, construiu e equipou o prédio especialmente para o funcionamento do Ginásio Vocacional.

---

<sup>13</sup> A localização do prontuário só é possível mediante a informação do nome completo do ex-aluno. A segunda etapa é a consulta ao arquivo de fichas remissivas, organizadas por sobrenome, há uma ficha para cada ex-aluno de todo o período de existência da escola, em cada ficha existe um código. Os prontuários são arquivados em envelopes pelo código da ficha remissiva, em ordem crescente. Em poucos envelopes consultados havia a documentação completa, desde os registros do processo de admissão.

<sup>14</sup> Segundo o Artigo 1.º do Decreto 52460 de 05/06/1970 os ginásios vocacionais passaram a integrar a rede comum de ginásios estaduais.

<sup>15</sup> Desde dezembro de 2009, quando houve a municipalização da Escola Estadual Prof.<sup>a</sup> Eda Montoanelli (antigo Ginásio Estadual de Vila Santa Maria), os prontuários dos professores e livros de registro de ponto passaram a integrar o arquivo morto da escola estadual mais próxima.

O segundo capítulo, **Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria**, apresenta o desenvolvimento do projeto nessa unidade – avaliação, métodos, conteúdos – e as singularidades, com análise dos documentos localizados.

O terceiro capítulo, **Memórias**, explora os conceitos de memória – já que esse tema ancora este estudo - bem como o aporte teórico de Narrativas Oraís de Histórias de Vida e a transcrição e análise dos depoimentos do acervo do *Memórias do ABC*.

E, por último, as **Considerações finais**.

## 1. Capítulo 1 - São Caetano do Sul

A finalidade deste capítulo é discorrer sobre São Caetano do Sul, para compreender sua formação como subúrbio operário, suas escolas e, posteriormente, as políticas públicas educacionais desenvolvidas no primeiro mandato do Prefeito Hermógenes Walter Braido (de abril de 1965 a abril de 1969). Trata-se de estudo com ancoragem territorial, portanto a compreensão das particularidades de São Caetano do Sul é de suma importância.

E não resta dúvida de que não é possível habitar no mundo sem algum tipo de ancoragem territorial, de inserção no local, já que é no lugar, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito do tecido das proximidades e das solidariedades (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 58-59).

Como já mencionado, cada município que abrigava uma unidade do Vocacional guardava sua particularidade, e o subúrbio operário São Caetano do Sul não foi exceção. Mesmo que, geograficamente, não estivesse tão distante da unidade da capital, eram poucas as similaridades entre ambas. O Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, localizado no Bairro do Brooklin, foi uma das primeiras unidades, instalado num bairro consolidado de classe média, com muitos profissionais liberais. Diametralmente oposto ao jovem e pequeno município de São Caetano do Sul, que registrou uma brusca mudança demográfica: dos 60.200 habitantes em 1950 para 150.171 residentes, de acordo com o Censo Demográfico de 1970, feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Estudar a formação desse contingente populacional será uma ferramenta importante para dar respostas às questões fundantes desta pesquisa. Como explica Milton Santos (2008) “a história da cidade é a das suas formas, não como um dado passivo, mas como um dado ativo, e esse fato não nos pode escapar em nossa análise” (SANTOS, 2008, p. 68).

O fio condutor deste estudo é a abordagem de subúrbio operário de José de Souza Martins, que tem em Henri Lefebvre sua base teórica. Além da vasta produção de Martins, merece destaque o fato de ele ter nascido e crescido em São Caetano do Sul. Portanto, foi testemunha – e personagem – desse momento singular, da formação da Região do ABC como parque industrial.

Venho (...) de uma família de pobres colonos de café convertidos em operários das fábricas do ABC. Eu mesmo cresci nas ruas e nas fábricas, estudei à noite desde menino, tendo que ajudar a sustentar uma família pobre (MARTINS, 2013, p. 348).

Para melhor compreensão da categoria subúrbio, convém apresentar alguns fatores que justificam tal dimensionamento.

Segundo Martins (2002, p. 7), a Constituição de 1824 extinguiu as corporações de ofício e liberou atividades econômicas até então cerceadas, o que tornou possível transformações econômicas e sociais que ocorreram na cidade de São Paulo no último quartil do Século XIX. Assim a cidade começou a se libertar das oligarquias e a se firmar como foco de disseminação de novas relações sociais, econômicas e políticas, o que possibilitou o surgimento da indústria e, conseqüentemente, de um novo personagem: o operário.

Martins (2002, p. 8) afirma que a indústria emergente se nutriu da renda fundiária urbana e da especulação comercial, como fonte de acumulação de capital, o que resultou na proliferação das indústrias no subúrbio, que desde o Século XVIII era o componente rural do urbano, com uma economia agrícola e artesanal de ciclo curto, dependente do comprador urbano. Essa distribuição territorial da indústria viabilizou a mescla de formas econômicas e sociais arcaicas com o novo modo de produzir da fábrica, um caráter peculiar distinto do modelo clássico europeu.

São Caetano se tornou rapidamente um subúrbio industrial. Nesse caso há de se levar em conta pelo menos três fatos: 1) ali se fez um dos primeiros experimentos de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, com a criação do núcleo colonial em 1877; 2) a estrada de ferro impulsionou a instalação de indústrias ao longo da ferrovia, em direção à serra; 3) no antigo município de Santo André<sup>16</sup> ocorreu uma manifestação de trabalhadores disputando o poder local: em 1947, mesmo com seu Partido na ilegalidade, operários comunistas (por meio de outra sigla) elegeram o prefeito e alguns vereadores, que foram impedidos de tomar posse (MARTINS, 2002, p. 8-13).

Sobre a importância da Região do Grande ABC no cenário econômico nacional, o historiador da região, Ademir Médici, destaca:

Aqui (...) se fabricava de tudo, do alfinete ao avião. A região (...) num fremito desenvolvimentista jamais visto (...) “o maior parque industrial da América Latina” (...) Naquele tempo, uma sinfonia de apitos de fábricas alertava seus operários para a hora de “pegar no batente”. Chaminés riscavam o céu da cidade. A massa operária, termo em desuso nos dias atuais, era formada pelos atores da ópera progresso. (Ademir Médici, Diário do Grande ABC, 11 abr. 2003).

---

<sup>16</sup> Com exceção da área dos atuais municípios de São Bernardo do Campo e Diadema, seu território abrangia toda a atual Região do Grande ABC.

Houve um movimento acautelado da população trabalhadora para novas referências sociais, num cenário onde as moradias se espremiavam nos vãos entre as fábricas, como apêndices e extensões, mas também resíduos de sua lógica produtiva e da sua disciplina. (MARTINS, 2008, p. 10)

O subúrbio não era apenas um lugar sub-urbano, de um urbano insuficientemente constituído. Aquele era um lugar de transição cultural, entre o campo e a cidade e era também um lugar de perda da identidade rural dos migrantes, de ruptura com os valores, costumes e com a mentalidade do campo. (MARTINS, 2011, p. 308)

Martins (2008) ressalta que, na região do ABC, a partir da década de 1930 houve um surdo e grande embate entre a religião e o comunismo, que perdurou por muitas décadas.

A alma do proletariado resistiu à cisão da história, potencialmente contida em sua situação de classe. Optou pela híbrida e criativa conciliação, na sindical mesa de negociação, entre Deus e o diabo. Cindiu-se subjetiva e culturalmente para não fazê-lo social e ideologicamente. Duplicou-se na cultura da ambiguidade, do meio termo e da incerteza. (MARTINS, 2008, p. 10)

No subúrbio também fervilharam as questões de gênero:

Lavar o macacão sujo de graxa, de tecido grosso, do marido ou dos filhos, era praticamente um castigo imposto à mulher. Quando uma mulher queria se manifestar da opressão familiar, especialmente a opressão do marido, ou a ingratidão dos filhos, a primeira evidência era o ato de lavar o pesado macacão de brim cáqui ou azulado, imundo e mal cheiroso, cheiros azedos e repulsivos, mistura de suor e resíduos industriais (MARTINS, 2008, p. 77).

Dáí, presume-se, o ideal de ascensão social: de conseguir um “trabalho limpo”.

No atual território de São Caetano do Sul, de 1631 até as últimas décadas do século XIX existiu a Fazenda São Caetano, dos frades beneditinos. Originalmente propriedade dedicada à criação de gado, a partir de 1730 lá se instalou uma cerâmica onde, por mais de 130 anos, se produziu louça vidrada, telhas e objetos de arte, materiais empregados em algumas das mais importantes construções da cidade de São Paulo nos séculos XVIII e XIX. Em 1877 parte dessas terras foi destinada ao Núcleo Colonial de São Caetano, para receber imigrantes vindos da Itália. Na época, a política de imigração, como substituição da mão-de-obra escrava, apresentava-se em duas correntes de opinião. Uma delas entendia que a imigração subvencionada pelo governo deveria abastecer as grandes fazendas paulistas. Outra propunha a imigração como meio de desenvolver a pequena agricultura familiar de tipo europeu, que resultasse na formação de uma classe média rural. Essa linha inspirou o Núcleo Colonial de São Caetano, porém essa política de incentivo à pequena agricultura nunca foi implantada. (MARTINS, 2002, p. 47).

Posteriormente, algumas terras desses colonos foram vendidas a preços irrisórios, o que favoreceu a instalação de indústrias. As primeiras fábricas foram do setor químico e de cuja produção resultavam resíduos poluentes: Fábrica de Formicida Paulista, Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona. Como consequência, na década de 1920 o rio dos Meninos já era considerado poluído, ou seja, de águas inservíveis para consumo humano (MARTINS, 1998, p.10-11).

No final do século XIX o cultivo paulista de café se estendeu do Vale do Paraíba em direção à zona oeste do atual Estado de São Paulo, e cuja produção passou a ser transportada em via férrea para o porto de Santos. Assim, a cidade de São Paulo, de simples entreposto comercial, tornou-se um centro financeiro e, posteriormente, industrial. Essa transformação – econômica, social e política – redefiniu a cidade e sua circunvizinhança, inclusive as relações do centro e seu subúrbio.

Como já mencionado, o núcleo colonial, na passagem do século XIX para o século XX, era constituído de uma pequena comunidade de imigrantes, trabalhadores livres que se instalaram em terras do governo, pagando por elas, e cujos títulos de propriedade eram obtidos após a quitação da dívida. Eles desenvolviam uma economia de pequena escala, uma parte voltada ao abastecimento urbano (favorecido pela proximidade à Capital). A outra parte era destinada à própria sobrevivência. Todavia, em razão das dificuldades, houve a venda de terrenos para grupos empresariais. Assim, o capital dos bancos e das grandes empresas expropriava o colono que, diante das necessidades, acabou convertendo seu modo de produção em meio de circulação, e em seguida tendo que vender sua força de trabalho (FRABETTI, 2013, p. 92).

Para estes grandes grupos econômicos aos quais interessava pagar pelas propriedades rurais dos colonos em São Caetano, a terra era um investimento de capital, do qual esperavam retorno futuro. Na medida em que nessas terras, cortadas pela estrada de ferro, passassem a ter um novo uso potencial diante da nascente modernização de São Paulo: abria-se caminho, no subúrbio, para a possível instalação de indústrias e para o parcelamento da terra em lotes urbanos (FRABETTI, 2013, p. 92-93).

A chegada da ferrovia São Paulo Railway – instalada no final do século XIX – não se limitou a alterar a paisagem natural: além de ligar lugares distantes, sincronizava os horários ao longo da via férrea, regulando e demarcando o tempo e o ritmo dos povoados instalados às margens de seus trilhos, visando a regularização do fluxo de passageiros e cargas entre a capital e o porto de Santos. Martins (2008) explica que nessa nova distribuição espacial havia

uma trama de controle das forças sociais, pois se fazia necessário formar o trabalhador urbano, adequar às subjetividades do colono<sup>17</sup> expropriado e do caipira migrante para formar a mão-de-obra, operária e ordeira. Assim, a ferrovia suscitou uma nova partilha do espaço: no centro concentrava-se a riqueza e no subúrbio, o trabalho.

O mundo da ferrovia trazia embutidos os códigos da modernidade e, portanto, das contradições sociais gestadas na complicada passagem da sociedade escravista que se exauria, para a sociedade industrial, que se anunciava (MARTINS, 2008, p. 18).

Nas duas primeiras décadas do Século XX a comunidade de São Caetano era composta, predominantemente, por membros e descendentes de diferentes correntes imigratórias: italiana, espanhola e portuguesa. Havia também grupos representantes de outras origens: alemã, ucraniana e nipônica. Havia também famílias originárias de diferentes regiões do interior paulista, atraídas pelas crescentes oportunidades de emprego, oferecidas pelas fábricas locais (CARVALHO, 2015, p. 35-36).

Os fluxos migratórios da década de 1950, para São Paulo e seu entorno, são pouco estudados. A hipótese de Martins é de que poucos se deram conta de que a origem dessa migração não era apenas dos Estados nordestinos, mas principalmente de Minas Gerais.

As migrações da década de cinquenta foram, na verdade, complemento e fecho dos deslocamentos internos intensificados nos anos trinta, com a crise do café, procedentes sobretudo do interior de São Paulo, que abasteceram as indústrias, especialmente do ABC, com a mão de obra barata liberada pela diminuição das áreas dedicadas à cafeicultura (MARTINS, 2013, p. 112-113).

O trabalho estava presente até no brincar das crianças da família suburbana, uma vez que alguns já sabiam manejar ferramentas e ainda juvenzinhos conseguiam emprego nas fabriquetas. O subúrbio operário deixava suas marcas no falar, no vestir e até no sonhar de seus habitantes. O sonho dos adolescentes e seus pais era trabalhar nas fábricas que proliferavam na Região do Grande ABC, granjear bons salários e estabilidade, o tal “emprego de futuro”. A ideia de trabalho como privilégio ganhava corpo (MARTINS, 2011, p. 290).

---

<sup>17</sup> MARTINS (2013, pp. 37-38) defende a tese de que, no Brasil, o trabalho escravo foi substituído pelo regime de colonato, com a combinação de várias relações arcaicas de trabalho: prestação gratuita de serviços, renda em trabalho e produção direta dos meios de vida. Apenas parte dessas modalidades, de uso da terra, cujo salário era apenas complemento do pagamento das colheitas, o que classificou como “reprodução capitalista de relações não capitalistas de reprodução, na dialética de tempos históricos desencontrados e articulados, tão própria do capitalismo no Brasil”.

O discurso era ingrediente difuso da ideologia do trabalho, que embalava crianças e motivava adultos, expressão das ideias que, popularizadas, cimentaram a transição do trabalho escravo para o trabalho livre (MARTINS, 2011, p. 228).

Na história de São Caetano constata-se também que houve uma seleção ideológica dos fatos, com o objetivo de construir uma interpretação triunfalista da imigração italiana. Um exemplo: a placa de mármore colocada na fachada da Matriz Velha, em 1927<sup>18</sup>, com os dizeres: “Aos destemidos precursores que das destemidas terras a estas regiões, aportados com indômita pujança abriram o caminho ao hodierno progresso”. Em 1927 o fascismo estava em ascensão na Itália, e tanto a embaixada italiana quanto os respectivos consulados atuavam nos núcleos italianos para construir um novo imaginário – “a mística da unidade nacional, do triunfo da italianidade e do poder centralizado, expressos na lealdade pessoal ao Duce” (MARTINS, 2002, p. 25-26).

A vida dos imigrantes - do núcleo colonial - não era tão gloriosa, muitas foram as dificuldades e imprevistos no cotidiano do núcleo colonial, principalmente os elevados índices de mortalidade, uma vez que as instalações precárias do núcleo favoreciam a proliferação de doenças, com o agravante da escassez de cemitério e a recusa de sepultamento no núcleo vizinho (de São Bernardo). Tais dificuldades impulsionaram a criação de associações de mútuo socorro em São Caetano: Societá de Mutuo Socorro “Principe di Napoli” (fundada em dezembro de 1892). Outra dessas organizações de assistência ao colono foi a Sociedade Beneficente Internacional Unidade Operária, fundada em 1907. Tais associações tinham um programa de pagamento de diárias aos sócios enfermos – impedidos de trabalhar – e cobertura de despesas médicas e farmacêuticas, ainda o custeio de rituais funerários (PERAZZO e CARVALHO, 2003, pp. 30-31).

A história do subúrbio mostra que ele foi nascendo das diversidades do trabalhador livre, das ameaças e riscos à sua autonomia, das limitações que foi encontrando para se reproduzir cotidianamente e ao longo de suas gerações como livre e trabalhador, da pobreza, enfim que foi alcançando-o aos poucos. Do mesmo modo, a mentalidade do trabalhador não foi em nenhum momento súbita consciência operária. Também ela foi gestada pelas circunstâncias sociais do trabalho, da vida e suas mudanças. (MARTINS, 2002, p. 180)

---

<sup>18</sup> A placa foi feita em comemoração aos 50 anos da fundação do núcleo colonial.

Há registros sobre cortejos fúnebres em São Caetano, em que era exibido o estandarte com a representação do fascio<sup>19</sup>. Nessa época, o fascismo se confundia com a italianidade, ainda não havia sido estigmatizado pela aliança de Mussolini com Hitler. A italianidade era cultuada em São Caetano pelo Circolo Italiano. Vale ressaltar que Matarazzo<sup>20</sup> exercera poderosa influência na vida local e era um fervoroso admirador de Mussolini, a quem prestou importantes serviços (era benfeitor da Obra Balila, movimento formador da juventude fascista na Itália) e que dele recebera o título de conde (MARTINS, 2002, p. 28).

A população do subúrbio, particularmente São Caetano do Sul, fora constituída pelos descendentes da Fazenda São Caetano, núcleo colonial<sup>21</sup> e foreiros. Posteriormente, por migrantes do interior do Estado de São Paulo, dos Estados nordestinos e de Minas Gerais.

Na tabela 1 verifica-se que a população da região do ABC cresceu vertiginosamente nas décadas de 1950 a 1970, em decorrência do êxodo rural e fluxos migratórios.

Tabela 1) População residente nos principais municípios da Região do Grande ABC - 1950 a 1980

Municípios	1950	1960	1970	1980
Santo André	245.147	418.578	557.197	616.991
São Bernardo do Campo	29.409	82.411	201.462	430.239
São Caetano do Sul	60.200	114.421	150.171	164.849

Fonte: IBGE - Censos Demográficos                      Elaboração da autora

Entre 1950 e 1960 a população de Santo André cresceu 71%, e a de São Bernardo do Campo 180% e São Caetano do Sul 90%, respectivamente. Mudança abrupta ocorrida em uma década. Nos trinta anos retratados nesta tabela pode-se verificar que nestes três municípios do ABC houve um crescimento populacional de 262%.

Cristina Toledo de Carvalho (2015) estudou a Sociedade Beneficente Brasil Unido, fundada em 1950, associação filantrópica predominantemente de apoio ao migrante nordestino. Se as dificuldades já eram grandes para a população local, de baixa renda, em

<sup>19</sup> A palavra "*fascio*" significa feixe. O fascismo se apropriou do símbolo de poder dos magistrados da Roma Antiga, o feixe de varas, que representava a união do povo em torno da justiça do Estado. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/fascismo-italiano---contexto-historico-a-crise-italiana-e-o-fascio-de-combate.htm> Acesso em 04 ago. 2018.

<sup>20</sup> “Eu sou um grande admirador de Mussolini. Estou convencido do ardente patriotismo e da forte sinceridade que o animam. Quem conheceu a Itália dos primeiros tempos do após-guerra e a visita hoje, não pode deixar de admirar este homem formidável” (fala de Matarazzo transcrita em MARTINS, 1974, p. 66).

<sup>21</sup> O núcleo colonial não absorveu toda a Fazenda São Caetano, existiam outros contingentes populacionais a conviver com os colonos: os foreiros e ex-escravos. Segundo o autor, foreiro era o “desenraizado, migrante, itinerante” (MARTINS, 1998, pp.10-11).

razão de todos os problemas estruturais mencionados, para os migrantes ganhavam dimensão ainda maior. Estigmatizados por um conjunto de imagens estereotipadas que faziam deles o alvo perfeito de preconceitos, os nordestinos enfrentavam inúmeros obstáculos que impediam sua tranquila inserção na nova sociedade, deparando-se, para completar, com aqueles problemas que faziam parte do cotidiano da cidade. Falta de dinheiro, de documentos e de moradia, além da pouca ou nenhuma escolaridade, situação crucial para uma sociedade como a de São Caetano, que vivia sob a euforia da industrialização e das exigências a ela correspondentes, como a da primazia da qualificação, da técnica e da concorrência (CARVALHO, 2015, p. 172).

O processo acelerado de industrialização, ocorrido no Brasil a partir da década de 1950, trouxe transformações na sociedade, consequentemente na Região do Grande ABC, em pelo menos dois pontos cruciais: a) Na estrutura de classes, em decorrência da expansão da população economicamente ativa empregada. Um dos fatores que contribuiu para essa mudança foi a expansão dos estratos intermediários, isto é, dos postos de trabalho nos setores administrativos das indústrias. Assim foi constituída uma nova classe média urbana. b) Na aceleração do processo de urbanização. Todavia, houve um descompasso nessa urbanização: a população urbana cresceu em ritmo muito mais rápido do que o desenvolvimento industrial, e nem todos os trabalhadores foram absorvidos pelo mercado formal, com o crescimento do desemprego e do subemprego. Vale destacar que tais transformações estruturais tornaram possível o crescimento da mobilidade social, porém tal mobilidade caracterizou-se basicamente pela transferência da mão-de-obra do setor rural para o urbano, com prevalência das ocupações manuais. Apesar do aumento da mobilidade, a desigualdade permaneceu (TOMIZAKI, 2007, p. 49-50).

A formação populacional acelerada e desproporcional da região contribuiu ainda mais para o crescimento desigual dos municípios e o reforço das relações de conflito. Diante das adversidades e da escassez de bens e serviços, os sujeitos do subúrbio estabeleceram laços de sociabilidade, valorizando a solidariedade e a aproximação em torno de comunidades, como forma de construção de identidades e identificações que os recolocassem em cena (VENÂNCIO, 2012, p. 11).

Esses trabalhadores da primeira geração de metalúrgicos do ABC foram atores de significativo processo de mobilidade social pelas transformações ocorridas no mercado de trabalho e, consequentemente, no interior das fábricas, o que impôs a recomposição das

hierarquias e relações de poder no local de trabalho e uma acelerada redefinição das posições dos trabalhadores no conjunto da categoria (TOMIZAKI, 2007, p. 51).

Sendo assim, é importante salientar que a significativa mobilidade social vivenciada pelos metalúrgicos não foi uniforme para todos os grupos profissionais que compõem a categoria. No entanto, atingiu todos eles, e muitas vezes os grupos profissionais com menor remuneração vivenciaram um grau de mobilidade social maior em comparação com os grupos mais bem remunerados, se considerarmos sua origem social (TOMIZAKI, 2007, p. 51).

Percebe-se aqui no subúrbio, apontado por Martins (2008) como lugar de transição entre campo e cidade, a criação de nova mentalidade, novos valores e costumes. Nem todos se ajustavam ao mundo urbano, nem toda oferta de mão-de-obra fora absorvida. Um exemplo da anomia<sup>22</sup>, cunhada por Durkheim, resultado das rápidas transformações sociais.

A própria condição operária é uma luta diária, um risco permanente de perda dessa identidade diante da demissão e das dificuldades de encontrar um outro trabalho. Pois sem o trabalho o operário se torna inútil. “Descobre-se, então, anulado, desidentificado” (MARTINS, 2011, p. 391).

As fábricas delineavam não apenas a paisagem local, mas os odores, sons e ruídos.

Por meio dos apitos, criou-se também uma identidade entre o cidadão e o território. Seus sons agudos, tocados em tons crescentes durante alguns longos segundos para depois sumir aos poucos, cortam os ares da região entre horários rigorosos no período da manhã, da tarde e da noite. Os apitos representam a mensagem de que chegou o momento de ir para o batente, do intervalo para a refeição ou de ir embora para casa (CONCEIÇÃO, 2008, p. 24).

A fábrica estava presente também nos momentos de lazer e festejos do subúrbio, principalmente ao romper do Ano Novo:

As indústrias, precisamente à meia-noite, começavam a apitar, apostando entre elas, qual a caldeira que aguentava mais durante o transcorrer da passagem do primeiro dia do ano. A meninada, de madrugada, visitando os parentes e conhecidos ia desejando e "pedindo" o "bom princípio de ano" (VERONESI, 1989 – Revista Raízes 1 p. 10).

---

<sup>22</sup> O conceito de anomia foi, na Sociologia, cunhado por Émile Durkheim nas obras “Da Divisão Social do Trabalho” (1893) e “Suicídio” (1897) e depois utilizado na obra “A Educação Moral” (1902), onde abordou o papel da moral no combate ao estado anômico. Para esse sociólogo, a anomia é uma situação social produzida pelo enfraquecimento dos vínculos sociais e pela perda da capacidade da sociedade regular o comportamento dos indivíduos, gerando, por exemplo, fenômenos sociais como o suicídio. Trata-se de uma ausência de um “corpo de normas sociais” capaz de regular o convívio social marcado pela “solidariedade”. Disponível em: <https://www.cafecomsociologia.com/o-que-e-anomia/> Acesso em: 13 out. 2019.

O parque industrial de São Caetano do Sul, no final da década de 1960, era diversificado tanto no ramo de atividades quanto no tamanho das empresas, das quais destacam-se:

- ✓ S/A. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo: em São Caetano desde 1912, abrangendo diversos segmentos: fiação, tecelagem, louça, produtos alimentícios, produtos químicos, velas, sabões e outros. Apesar da diversidade de produtos, o núcleo de São Caetano era considerado o grande complexo químico do grupo. Durante mais de quarenta anos, até a década de 1960, o grupo Matarazzo empregava cerca de 30 mil trabalhadores, dos quais o núcleo de São Caetano absorvia um terço. A partir do final dos anos 1970 iniciou o processo de desativação do império.<sup>23</sup>

A *Matarazzo* teve destaque especial no desenvolvimento local. Em alguns momentos tinha-se a impressão de que toda a população chegou a trabalhar, ao menos por alguns meses, nesta empresa – era como se a cidade funcionasse pela e para a fábrica (MIMESSE, 2001, p. 27)

- ✓ CERAMICA SÃO CAETANO S/A. Telhas, ladrilhos (quadrados, retangulares, sextavados e losangos; vermelhos, amarelos, marrons, pretos), lajotas, tijolos prensados e outros, material refratário para qualquer tipo de indústria. Fundada pelo Senador Roberto Simonsen, liberal, considerado patrono da indústria nacional – um homem à frente do seu tempo.

José de Souza Martins, quando adolescente, trabalhou como *office boy* no Setor de Engenharia da Cerâmica São Caetano e fez a seguinte reflexão sobre a empresa:

Hoje tenho consciência de que na Cerâmica São Caetano havia uma verdadeira infraestrutura de universidade, com laboratórios e experimentações que nem mesmo a universidade tinha meios como fazer e manter. De engenheiros ouvi que a seção semi-industrial da fábrica era mais completa e mais moderna que a do Instituto de Pesquisas Técnicas, onde a empresa recrutara vários de seus técnicos, tendo-os recrutado também na Escola Politécnica (onde estudara o seu maior nome, o engenheiro Roberto Cochrane Simonsen, pai dos donos da fábrica em minha época), na Faculdade de Filosofia da USP e na Universidade Mackenzie. Numa fábrica em miniatura, dirigida por um graduado em Química na USP, eram feitas experiências e descobertas, uma verdadeira fábrica de conhecimento (MARTINS, 2011, p. 148-149).

---

<sup>23</sup> Revista Raízes, 2012, Nº 46 p. 42.

Daí o protagonismo da Cerâmica São Caetano, vale destacar um jargão da época: *padrão Cerâmica São Caetano*. O ladrilho desenvolvido por essa empresa é uma versão rústica do porcelanato de nossos dias. No Capítulo 3 essa informação será detalhada no depoimento de uma Técnica em Cerâmica, que também trabalhou na Cerâmica São Caetano, ex-aluna do Vocacional.

- ✓ GENERAL MOTORS DO BRASIL S/A. Transferiu sua fábrica para São Caetano em 1930, inicialmente produzia caminhões, motores, em seguida ônibus e automóveis. A partir dos anos 1950 passou a fabricar refrigeradores comerciais e domésticos – a linha Frigidaire – até 1979 quando vendeu a marca, priorizando a produção de automóveis. Nesta unidade foram produzidos 1 milhão do carro nacional Opala – do seu lançamento em 1968 até 1992, quando saiu de linha.<sup>24</sup>

Além das três principais indústrias, merecem destaque: Aços Villares, Alcan, Bebidas Dunga, Brasilit, Brasinca, Chocolates Pan, Confab, Ferros Tupy, Frigorífico Cardeal, Frigorífico Paganotti, Gulliver (brinquedos), Indústrias Braido, Mannesman, Metalúrgica Acerbi, Porcelanas Rex, Quimbrasil, Refinaria de Óleos Brasil, Saad, Teixeira & Barreto (porcelanas), Tratec, ZF do Brasil, dentre tantas outras.

No ano de 1952, em São Caetano do Sul, surgia a loja do imigrante polonês Samuel Klein, que se projetaria no cenário nacional como um dos maiores conglomerados comerciais do Brasil. Ele iniciou suas atividades comercializando cobertores para operários migrantes que buscavam se adaptar às baixas temperaturas da região. Como muitos desses clientes eram nordestinos – chamados pejorativa e genericamente de baianos – daí o nome da rede, Casas Bahia.<sup>25</sup>

## 1.1 Movimento autonomista

No período compreendido entre o final da década de 1930 e o decorrer da década seguinte, não só em São Caetano, mas em outras localidades que hoje reconhecemos como

---

<sup>24</sup> Revista Raízes, 2000, Edição especial.

<sup>25</sup> Revista Raízes Nº 26, dezembro de 2002, p. 16-17.

Região do Grande ABC, ocorreram alterações na configuração dos territórios, com desmembramentos político-administrativos (FRABETTI, 2013, p. 199).

O Quadro 1 contém as etapas da emancipação política de São Caetano.

<b>Quadro 1 - Cronologia da emancipação política de São Caetano do Sul</b>	
1905	Elevação de São Caetano à condição de Distrito Fiscal de São Bernardo.
1910	Elevação de São Caetano à condição de Distrito de Paz.
1928	Primeira articulação em prol da emancipação política do então Distrito de São Caetano, pertencente, na época, a São Bernardo.
1939	São Caetano passou a pertencer ao recém-criado município de Santo André, passou a ser chamado de Segunda Zona de Santo André.
1946	Em 28 de julho surgiu o Jornal São Caetano, tendo como bandeira o Hospital São Caetano, fomentando posteriormente o ressurgimento do Movimento Autonomista. Em 2 de setembro foi criada a Sociedade Amigos de São Caetano para dar sustentação legal às reivindicações da população.
1947	07 de dezembro: foi lançada a pedra fundamental do Hospital São Caetano.
1948	Vitória do Movimento Autonomista com a aprovação de projeto de lei na Assembleia Legislativa, para a realização de um plebiscito entre os moradores locais. 24 de outubro: realização do plebiscito com 8.443 votos SIM e 1.107 NÃO. Esta data passou a ser considerada como data oficial da emancipação político-administrativa. 24 de dezembro: Foi sancionada a Lei nº. 233, pelo Governador Adhemar de Barros, da criação do município de São Caetano do Sul (o acréscimo do apêndice “do Sul” para diferenciá-lo do município homônimo localizado em Pernambuco).
Fonte: Fundação Pró-memória de São Caetano do Sul. Elaboração da autora.	

Em 1946 o recém-criado Jornal São Caetano organizou o movimento para a construção de um hospital em São Caetano, uma reivindicação antiga.

O editorial da edição de 1 de setembro ostentava o seguinte título: “Impõe-se a construção de um hospital em São Caetano”. Situação penosa era vivida: “O abandono em que vive a cidade é desolador. Sem uma condição sanitária à altura, nosso povo não tem, para aumentar sua desdita, um hospital a que possa recorrer num momento de emergência. São Caetano parece cair no ostracismo dia a dia. O pouco que temos é destruído. Já tivemos uma policlínica e essa mesma nos foi tirada, inexplicavelmente (RODRIGUES, 2005, p.50).

Depois de várias reuniões com membros da comunidade, formou-se um grupo organizado, a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, com o objetivo de viabilizar a construção e o funcionamento do hospital. Assim iniciaram a captação de recursos, a princípio com a circulação de um Livro de Ouro entre as famílias mais abastadas, organizações de eventos<sup>26</sup> e campanhas de doações (RODRIGUES, 2005, p. 60-63).

Neste episódio foram omitidas diversas personagens que tiveram ligações com aquele movimento. Seus nomes muitas vezes nem constam como colaboradores da referida conquista. A história contada, no entanto, privilegiou alguns, esquecendo outros. Na lista dos líderes autonomistas de 1948 consta o nome de cinco mulheres: Helena Musumeci, Laura Moretti, Odete Paschoal, Sofia Sampaio e Olga Montanari de Mello que se elegeu vereadora para a primeira legislatura da cidade (GARCIA, 1998, p. 81).

Concomitantemente à campanha de 1946 para a construção de um hospital beneficente, no Jornal São Caetano tomava fôlego outra campanha, de caráter político, a autonomia municipal do então relegado subdistrito de São Caetano. A partir do bordão “quem pode um hospital, pode uma autonomia”, o Jornal São Caetano passou a articular o Movimento Autonomista que ganhou corpo.

O movimento autonomista em São Caetano teve a participação popular. Após a campanha da autonomia, duas pessoas concorreram à Prefeitura de São Caetano: Ângelo Raphael Pellegrino, apoiado pelos autonomistas, e José Luiz Flaquer Neto. A eleição, realizada em 13 de março de 1949, deu a vitória a Pellegrino. Pellegrino, o primeiro prefeito, era pernambucano (THIMOTEO, 2003, p. 38).

O quadro 2 apresenta os prefeitos de São Caetano do Sul e mandatos até o início da década de 1970, período contemplado nesta pesquisa.

<b>Quadro 2) Prefeitos de São Caetano do Sul até o início da década de 1970</b>		
<b>Mandato</b>	<b>Prefeito</b>	<b>Partido</b>
1949 a 1953	Angelo Raphael Pellegrino	PSP
1953 a 1957	Anacleto Campanella	UDN
1957 a 1961	Oswaldo Samuel Massei	PTB
1961 a 1965	Anacleto Campanella	PSD/MDB
1965 a 1969	Hermógenes Walter Braido	PTB/ARENA
1969 a 1973	Oswaldo Samuel Massei	ARENA

Fonte: Lista de Prefeitos de S.C.do Sul Wikipédia, consulta em 08 out. 2019.

<sup>26</sup> A Comissão Feminina da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano organizou muitos eventos para arrecadar fundos: show com artistas de rádio, bailes, chás beneficentes.

## 1.2 Educação

A comunidade de São Caetano, desde seus primórdios, sempre demonstrou atenção à Educação. Eliane Mimesse (2001) constatou essa particularidade em sua pesquisa sobre as escolas do Núcleo Colonial de São Caetano.

As inúmeras dificuldades encontradas pelos italianos, desde sua chegada nas terras até a construção de suas casas, não os impediram de reivindicar a escola para seus filhos. Com o passar dos anos a escola tornou-se necessária para os adultos porque as relações comerciais foram se ampliando (MIMESSE, 2001, p. 26).

Em 30 de março de 1883 foram criadas duas classes de primeiras letras, uma masculina e outra feminina, sendo que cada classe era considerada uma escola. As escolas tiveram localizações diferentes até a construção de um prédio próprio, anos depois. Após a proclamação da República essas escolas passaram a ser chamadas de “escolas preliminares”. Já em 1894, quando da criação dos grupos escolares, foram denominadas de “isoladas” para que não houvesse confusão com o curso ministrado nos grupos (MIMESSE, 2001, p. 29-30-39).

Na maioria dos relatórios as escolas isoladas não preenchiam as condições mínimas para o ensino: as salas de aula não eram apropriadas, os materiais didáticos eram escassos, nem sempre estas escolas tinham professores ou casas anexas para a moradia deles (MIMESSE, 2001, p. 39).

Vale destacar o amplo programa de ensino, nessa modalidade de escola, como um agravante das condições de aprendizagem. Havia também falta de livros e materiais didáticos, bem como o excesso de conteúdo, diante destas dificuldades os professores reduziam o currículo a alguns itens, ou seja, definiam o programa (MIMESSE, 2001, p. 40).

Os grupos escolares foram criados para organizar e controlar a instrução pública, pois nas escolas isoladas as salas eram multisseriadas. Já no grupo escolar havia salas para cada série, e as matérias eram mais bem trabalhadas em razão do tempo ordenado das aulas. Para se formar um grupo escolar era necessária a reunião de dez escolas isoladas. Em 1919 funcionavam em São Caetano 11 escolas, entre masculinas, femininas, mistas e noturnas, o que possibilitava a criação de um grupo escolar. Mais uma vez houve organização da comunidade para a construção de um prédio para o grupo, e os sócios da “Príncipe di Napoli” se reuniram com o irmão de uma professora, e nessa reunião<sup>27</sup> foi definida uma agenda de mobilizações. A comunidade se organizou para arrecadar fundos para a construção do grupo

---

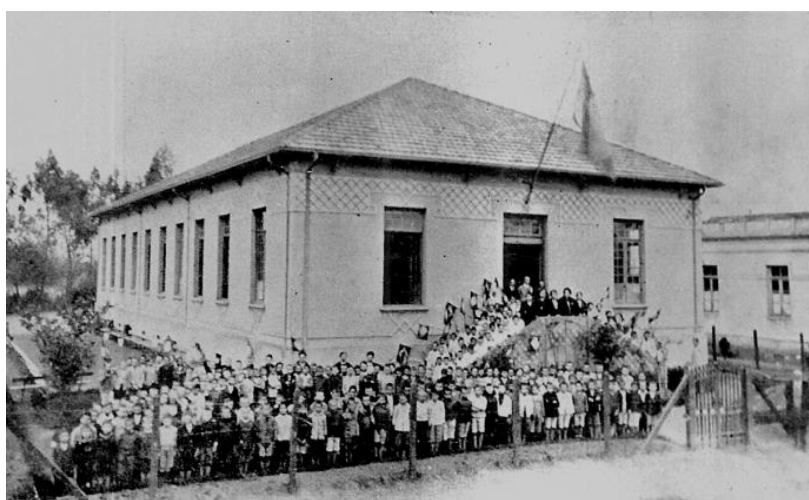
<sup>27</sup> Participou também da reunião o Prefeito de São Bernardo Coronel Saladino Cardozo Franco e alguns proprietários de fábricas de São Caetano.

escolar, foram realizadas muitas quermesses, jogos de futebol com venda de ingressos, os donos de olaria cederam tijolos, as serrarias as madeiras, algumas empresas doaram as telhas e o terreno – até então utilizado como campo de futebol – para a construção do prédio (MIMESSE, 2001, p. 95/97).

Era praxe a participação da comunidade na construção de prédios públicos. A igreja foi demolida e reconstruída em 1900 com os donativos da população; o terreno do cemitério da cidade foi doado pelos moradores em 1911; e, neste momento, o terreno e o prédio para a construção do grupo (MIMESSE, 2001, p. 97).

Em 30 de abril de 1920 foi decretada a criação do grupo escolar. No mês de julho, de férias escolares, quatro escolas isoladas foram transferidas para a casa da família De Nardi, onde já funcionavam outras duas. Lá funcionaram as Escolas Reunidas enquanto era erguido o prédio do grupo escolar. Escolas reunidas era a denominação do conjunto de escolas isoladas, pois eram desvinculadas entre si, apenas ocupando o mesmo espaço físico.

O tão sonhado grupo escolar foi inaugurado com o nome de Segundo Grupo Escolar de São Bernardo, uma vez que São Caetano era território de São Bernardo do Campo. Apesar de ter sido construída para abrigar 12 classes, a nova escola formou apenas dez, em razão do número de alunos. No mês de julho de 1927 foi adotada a denominação de Grupo Escolar Senador Flaquer, em homenagem ao médico, professor e político José Luiz Flaquer, falecido em 1924. A bela arquitetura e a escola se mantém até hoje. Vale acrescentar que o prédio seguiu as especificações legais impostas pelo Código Sanitário: térreo, ventilado, com grandes janelas nas salas de aula, com muita luminosidade<sup>28</sup>.



**Ilustração 1 - Alunos e professores no Grupo Escolar Senador Flaquer (década de 1920).<sup>29</sup>**

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.fpm.org.br/Roteiro/List> Acesso em 09 out. 2019.

<sup>29</sup> Fonte: Fundação Pró-memória de São Caetano do Sul.

Carla Cristina Garcia (1998) chama a atenção para os muitos casos de evasão escolar da época, em razão do trabalho, principalmente entre as meninas.

No entanto não se pode esquecer que se, de um modo geral, as crianças deixavam os estudos muito cedo por estarem envolvidas em tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado de irmãos menores, no caso das meninas essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada (GARCIA, 1998, p. 45).

O primeiro curso ginásial foi instalado, provisoriamente, nas dependências do Grupo Escolar Senador Flaquer, que iniciou seu funcionamento em 01 de junho de 1950, apenas no período noturno. Um acordo entre o município e o Estado possibilitou a construção do prédio para abrigar o Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho, com início das atividades em 01 de março de 1958, onde também foi instalada a Escola Normal Estadual.

### **1.2.1 O Ensino Privado**

Em 1891 chegou em São Caetano a professora Ida Guarienti Leone, contratada para ensinar português aos italianos que necessitavam adquirir fluência na língua portuguesa para facilitar suas atividades comerciais e financeiras.

As aulas eram ministradas para os adultos melhorarem o conhecimento da língua e para as crianças, talvez aquelas que não frequentavam a escola pública pelos mais variados motivos, ou que tinham dificuldade de aprendizado por não entenderem claramente o que os professores falavam (MIMESSE, 2001, p. 51).

Em 1899 havia uma escola particular mista de propriedade de Ernesta Magnani Vivaldi, professora italiana. O programa adotado era do curso preliminar como nas escolas públicas, e se considerava que tinha elevado número de alunos: 36 no primeiro semestre e 31 no segundo. Esses números revelam a existência de defasagem de vagas no ensino público (MIMESSE, 2001, p. 38-39).

Para o funcionamento das escolas particulares de ensino primário havia a obrigatoriedade de solicitar licença junto à Inspetoria Geral do Ensino, órgão estadual. No processo constavam documentos comprobatórios de capacidade técnica e moral dos docentes e diretores, bem como um relatório do inspetor médico atestando as condições higiênicas e pedagógicas do local. Em dezembro de 1918 foi solicitada autorização para o funcionamento da Escola Moderna<sup>30</sup> N° 3, do Sindicato dos Laminadores de São Caetano, adepto do anarquismo<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> A Escola Moderna havia sido idealizada pelo espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), que no ano de 1901 começou a publicar uma revista de educação na cidade de Barcelona, na Espanha, com o nome de *Escola*

Nenhum dado sobre este e a Escola Moderna Nº 3 resistiu a seleção ideológica da história de São Caetano, mas sabe-se que, na virada do século, grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos, como o socialismo ou o anarquismo, não apenas apresentaram propostas para a educação de suas crianças, mas efetivamente as tornaram realidade mediante a criação de escolas. Essas iniciativas foram especialmente desenvolvidas entre os anarquistas que ainda davam atenção às questões da educação feminina (GARCIA, 1998, p. 44).

Na década de 1920 os imigrantes italianos formaram sua própria escola mista na Società de Mutuo Socorro “Principe di Napoli”. Nessa época, Giovanni Molinari abriu uma escola mista com poucos alunos, a fábrica da cerâmica também instalou uma escola mista nessa década. Em fevereiro de 1930 a comunidade alemã criou sua escola (GARCIA, 1998, p. 44).

Criado pelas irmãs da Previdência, em 13 de junho de 1931 foi inaugurado o Externato Santo Antônio, com o nome de Colégio Santo Antônio. As atividades educativas se iniciaram em 1º de julho de 1931, com mais de 50 crianças divididas em duas salas de aula de “jardim da infância”, no horário das 12h às 17h, sob orientação das irmãs Lia e Firmina. Apenas dois meses depois, sob a orientação da madre Geralda, o Colégio Santo Antônio organizou a Escola de Corte e Costura e Trabalhos Manuais, com cursos profissionalizantes muito procurados pelas moças, uma vez que a maioria das roupas era feita sob encomenda (as lojas de roupas “prontas para vestir” chegariam apenas 20 anos depois). Nos depoimentos dos ex-alunos do Vocacional vamos encontrar alguns deles que também foram alunos do Externato Santo Antônio.<sup>32</sup>

As escolas privadas confessionais têm presença marcante na história da educação de São Caetano do Sul. Outro exemplo é o Instituto de Ensino Sagrada Família, dos padres estigmatinos, criado em 1939 com o nome de Escola Particular São José, e que em 1943 teve o nome alterado para Escola Paroquial São Caetano. Em 1961 foi concedida autorização para a implantação do Curso Comercial Básico (atual nível fundamental 2) e o nome foi mudado

---

*Moderna*. Esta publicação deu início a outras e contribuiu para efetivar a construção de tais escolas (MIMESSE, 2001, p.89).

<sup>31</sup> Grupos defensores do ensino leigo de tendências ideológicas variadas e os anarquistas apoiaram as bases desta escola. Os anarquistas idealizavam a escola laica há tempos, defendiam a autonomia individual, a abolição do Estado, da Igreja e dos partidos políticos (MIMESSE, 2001, p.90).

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.externato.com.br/Pagina.aspx?i=77> Acesso em 25 fev. 2019.

para Instituto de Ensino Sagrada Família. Nessa época a escola diversificou seus cursos, criando os de Mecanografia e Técnico em Contabilidade<sup>33</sup>.

Nos anos 1940 foi instalado o Instituto Rocha Pombo, com poucas classes e reduzido número de alunos, funcionando em dois períodos de quatro horas. O público atendido era de filhos de comerciantes e pequenos industriais, de propriedade do casal de professores: Dona Meire e ‘Seu’ Carvalho. Por volta de 1946, além do curso primário, passou a oferecer também o Curso Prático de Comércio, de Datilografia e Corte Costura. Em 1951 mudou para sua sede própria na Vila Barcelona, onde funcionou até o final dos anos de 1950.<sup>34</sup>

Acervo Noemia R. Rezende

**INSTITUTO "ROCHA POMBO"**  
RUA PERNAMBUCO, 480 - S. CAETANO - S. P. R.

**CURSO NOTURNO - PRÁTICO COMERCIAL - MISTO.**

**ATENÇÃO**

A partir do dia 1.º de fevereiro o INSTITUTO "ROCHA POMBO" manterá um eficiente curso prático de comércio, proporcionando aos jovens desta localidade um preparo rápido e completo que habilitará em pouco tempo o aluno para o desempenho de quaisquer funções em serviços gerais de escritório.

O curso ficará sob a direção do competente professor Sr. Agostinho Rodrigues, que possui largo tirocinio prático no Magistério.

Aproveitem, pois, esta oportunidade e em pouco tempo melhorarão o padrão de vida e a posição social.

**DISCIPLINAS**

PORTUGUÊS (Gramática e Correspondência)  
MATEMÁTICA  
CONTABILIDADE (Escrituração)  
TAQUIGRAFIA (Método Taylor)  
INGLÊS  
FRANCÊS  
CALIGRAFIA



Prof. AGOSTINHO RODRIGUES  
Foi eleito para a Escola de Comércio "Alvaro Penado"

**CURSO DE DATILOGRAFIA**

PREÇOS ACCESSÍVEIS A TODAS AS BOLSAS.  
FACAM SUAS MATRICULAS O MAIS BREVE POSSÍVEL.

**Expediente:** - das 12 às 21 hrs.

Ilustração 2 – Anúncio do Instituto Rocha Pombo<sup>35</sup>

Rodrigues (2005) conta que no início da década de 1940 não havia escola secundária no subdistrito<sup>36</sup>: trabalhava durante o dia como ajudante de carpintaria na fábrica de rayon da Matarazzo e viajava de trem para São Paulo todas as noites para estudar no Brás, na Escola

<sup>33</sup> Disponível em <http://www.iesagradafamilia.com.br/sagrada-familia/> Acesso em 25 fev. 2019.

<sup>34</sup> Revista Raízes Nº 7, julho de 1992, p. 40-41.

<sup>35</sup> Revista Raízes Nº 7, julho de 1992, p. 41.

<sup>36</sup> Na época São Caetano pertencia ao município de Santo André e era chamado de subdistrito.

Técnica de Comércio. O retorno era no último trem, às 22h45, repleto de estudantes. A maioria dos colegas de viagem cursava Contabilidade (porque era o curso mais barato), para conseguir um emprego melhor que o de operário. Relembra as recomendações do pai do autor abaixo citado:

Ele repetia sempre que na vida devemos lutar por duas coisas importantes: um teto para morar sem pagar aluguel e um diploma acima do curso primário. Papai falava pouco, porém, era sempre ouvido e atendido naquilo que dizia (RODRIGUES, 2005, p. 24).

O Decreto-lei n.º 4.048, de 22 de janeiro de 1942, criou o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários) com a atribuição de organizar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários, com orçamento próprio. Em razão da existência de muitas pequenas indústrias cerâmicas locais e a Cerâmica São Caetano, o Senai Armando de Arruda Pereira (inaugurado em 1952) era dedicado ao ensino e pesquisa nesse segmento. Em termos de formação em Cerâmica, o Senai Armando de Arruda Pereira só tinha como concorrentes a Universidade Federal de São Carlos e a Universidade Federal da Paraíba. Posteriormente, já nos anos 2000, passou a atender à formação em outras áreas como robótica e mecatrônica. No capítulo 3 há registros das memórias de uma ex-aluna do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria que cursou Técnico em Cerâmica nessa unidade do Senai.

Em 1957 um grupo de empresários comprou um terreno na Vila Gerty e construiu uma escola, o Colégio Comercial Barão do Rio Branco, que iniciou suas atividades em 1958, oferecendo curso primário no turno vespertino e ginásial no matutino. A partir de 1962 passou a oferecer o curso de Técnico em Contabilidade, e nos anos 1970 introduziu novos cursos técnicos e cursos supletivos de primeiro e segundo graus.

No prédio anteriormente ocupado pelo Instituto *Rocha Pombo*, instalou-se em 1960 o *Ginásio do ABC Ltda.*, com oferta de ensino primário, ginásial e o curso livre de admissão ao ginásio. No ano de 1961 funcionou plenamente nos três turnos – matutino, vespertino, e noturno – ocupando todas as salas do prédio e assim continuou até 1963, quando houve necessidade de mudança de prédio por não mais comportar a quantidade de alunos e séries. Assim, a escola foi transferida para um espaço mais adequado, ainda na Vila Barcelona. Em 1966 chegou a atender aproximadamente 600 alunos. Porém, em 1970, com a construção e

instalação do *Ginásio Estadual de Vila Barcelona*, na vizinhança, houve uma significativa evasão de alunos e o *Ginásio do ABC* encerrou suas atividades no final de 1972.<sup>37</sup>

Para atender à demanda de capacitação de mão-de-obra foram criadas várias escolas livres, oferecendo cursos específicos e rápidos. Os operários, já empregados, buscavam novas qualificações para pleitear ascensão profissional nas empresas. É o caso da *Escola de Desenho 28 de Julho* com cursos livres de desenho técnico. Da *Escola Ingá* (na Vila Gerty) com os cursos da área de mecânica, *Instituto Continental* (datilografia, elétrica, eletrônica) e tantos outros da cidade que ofereciam treinamento em: datilografia, práticas de escritório, de línguas – principalmente inglês – ou de madureza<sup>38</sup> ginásial e colegial, para aumento da escolaridade formal. Como exemplo consulte a Ilustração 2.

### **1.3 A administração do Prefeito Hermógenes Walter Braido (1965/1969) “onde Escola não é problema”**

O primeiro mandato de Hermógenes Walter Braido como Prefeito de São Caetano do Sul compreende o período de 04 de abril de 1965 a 03 de abril de 1969. Foi uma gestão emblemática para o município, pela abrangência e impacto das políticas implantadas.

No pleito eleitoral de 1961 Braido foi candidato a prefeito, ocasião em que ficou conhecido como o “homem da pá” – o símbolo de sua campanha era uma pá. Na ocasião, lançou seu Plano de Ação<sup>39</sup> para a cidade, porém não foi eleito. Convém destacar que nesse período florescia o nacional desenvolvimentismo, no Brasil.<sup>40</sup> Voltou a concorrer na eleição seguinte e foi vitorioso.

A matéria da Revista Raízes Nº 56, ao discorrer sobre esse mandato, chama a atenção para a situação da cidade no início da gestão: escassez de serviços básicos e infraestrutura, “onde quase tudo estava ainda por fazer”, resultado do longo período de subordinação política aos municípios vizinhos. Segundo o texto, a estratégia adotada pelo Prefeito foi a *construção*

---

<sup>37</sup> Revista Raízes Nº 21, ano 2000, p. 45-50.

<sup>38</sup> Madureza era um curso para os jovens e adultos que não tinham concluído a educação básica na idade considerada adequada. Ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. As idades mínimas para o ingresso nesse curso eram 16 e 19 anos, de Madureza Ginásial e de Madureza Colegial, respectivamente.

<sup>39</sup> No âmbito estadual, o Governador Carvalho Pinto – com mandato entre 31/01/1959 e 30/01/1963 – implantou o Plano PAGE (Plano de Ação de Governo do Estado).

<sup>40</sup> “Nome dado à estratégia política de desenvolvimento adotada durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que visava acelerar o processo de industrialização e superar a condição de subdesenvolvimento do país.”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/desenvolvimentismo> Acesso em 16 out. 2019.

do ideal de município<sup>41</sup>, considerando as frentes de atuação como *pilares*<sup>42</sup>, com o objetivo de “modificar a própria fisionomia da cidade”. Tais *pilares* eram: educação, abastecimento de água, saneamento básico e pavimentação de vias públicas. Pela temática deste estudo, prioriza-se apenas o detalhamento das políticas educacionais.

Com a criação do Departamento de Educação e Cultura em 29 de agosto de 1966, segundo o artigo 40 da lei nº 1.489, foi possível articular, organizar e acelerar a implantação das políticas municipais de educação e cultura.

No quadro 3, as obras de Educação por nível de ensino:

<b>Escolas por níveis de ensino</b>	<b>1965</b>	<b>1966</b>	<b>1967</b>	<b>1968</b>	<b>em construção</b>	<b>Total</b>
Parques Infantis	3	3	3	3	6	18
Grupos Escolares	8	0	0	5	4	9
Ginásios	1	0	1	3	4	8
Escolas superiores	0	2	1	2	2	7
Cursos de admissão	0	25	20	0	0	45
Fonte: Jornal São Caetano	Elaboração da autora					

Nesse período foram também implantadas 45 turmas de cursos preparatórios para os exames de admissão ao ginásio, por todo o município.

No ensino superior foi criado o *Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES)*, atual *Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)* e a *Faculdade de Serviço Social*.

Sobre as políticas culturais desse período, destaca-se:

Na esfera da cultura, a criação da Fundação das Artes, em 1968, pode ser concebida como a síntese das realizações empreendidas, até então, na área. O caráter vanguardista de sua proposta, de mesclar ensino, prática e difusão de variadas linguagens artísticas em um único espaço, corrobora tal constatação, elevando a instituição ao patamar de ícone cultural de São Caetano do Sul e de um dos pilares do ideal de município que se vislumbrava na localidade, naquele final de decênio, e, conseqüentemente, da própria modernidade que dele ecoava (REVISTA RAÍZES Nº 56).

<sup>41</sup> Destaque nosso.

<sup>42</sup> idem



**Ilustração 3 – Obras de equipamentos de educação na gestão Braido (1965-1969)<sup>43</sup>**

A habilidade política de Braido era incontestável, haja vista as estratégias de marketing arrojadas para a época: jornal *chapa-branca*<sup>44</sup> – papel explicitamente assumido pelo Jornal de São Caetano – que divulgava todas as etapas de suas obras. O prefeito adotou uma marca de governo e soube explorá-la em outdoors espalhados pela cidade. De conversa informal com pessoa próxima ao falecido prefeito<sup>45</sup>, deduz-se que ele era astuto na captação de recursos para as obras: antes pesquisava as verbas disponíveis, para em seguida elaborar projetos que se adequavam aos critérios, ou seja, trilhava o caminho inverso.

Em entrevista concedida à Revista Raízes (jul/1994), ao ser indagado sobre sua pior experiência ao longo dos três mandatos<sup>46</sup> como Prefeito de São Caetano do Sul, explicou:

Houve apenas uma, quando assumi a Prefeitura pela primeira vez, e minha experiência administrativa era da área privada. Confesso que nos primeiros dias fiquei com receio de que não pudesse atender aos que me haviam eleito. Mas foi um susto passageiro. Implantei na Prefeitura um sistema de

<sup>43</sup> Fonte: Suplemento do Jornal de São Caetano – dezembro de 1967.

<sup>44</sup> Diz-se de veículo de comunicação (revista, jornal, programa de rádio ou de televisão etc.) ligado ao governo, ou que o defende sistematicamente. Disponível em: <http://www.osdicionarios.com/c/significado/chapa-branca> Acesso em 29 out. 2019.

<sup>45</sup> Conforme exposto no Capítulo 3, p. 115, as entrevistas ocorriam em etapas distintas. Neste caso houve apenas uma entrevista preliminar e não teve continuidade por motivo de doença, daí a não revelação do nome da pessoa.

<sup>46</sup> Primeiro mandato: 04/04/1965 a 03/04/1969; segundo: 01/02/1973 a 31/01/1977; terceiro: 01/01/1983 a 31/12/1988.

administração como aquele existente na iniciativa privada, o que foi a razão do sucesso que tive em todas as administrações (1994, p. 9).



**Ilustração 4 – Propagandas pela cidade**



**Ilustração 5 – Capa de Suplemento do Jornal de São Caetano – abril de 1967 – Balanço das obras durante o mandato.**

Na eleição para Governador do Estado de São Paulo, em 1962, subiu no palanque de Jânio Quadros para atacar seu oponente Adhemar de Barros, o vitorioso no pleito. Passados

dois anos, quando já prefeito de São Caetano do Sul, em audiência com o então Governador Adhemar de Barros, ao apresentar uma reivindicação recebeu a pergunta: “Prefeito, sabe onde mora o Jânio Quadros?” Respondeu que sim e ouviu do Governador a sugestão de apresentar seu pedido a ele, Jânio. Ao que completou à Revista Raízes (jul./94):

A vontade que eu tinha, naquele momento, era de mandá-lo para o inferno. Mas ele era o governador e São Caetano precisava dele. Depois de ter me deixado numa situação insustentável, de reclamar muito de minha atitude anterior, o governador Adhemar de Barros resolveu atender-me. Era o primeiro item do meu plano de governo: resolver o problema do abastecimento de água em São Caetano. E ele está resolvido até hoje. Nas sete cidades do ABC, é a única solução definitiva. E desde aquela data, Adhemar de Barros e eu havíamos nos tornado amigos, o que ele já era de meu pai (1994, p. 9-10).

Braido também protagonizou outro incidente político, desta feita com Carlos Lacerda, de quem era amigo. Na ocasião, Lacerda havia criado a Frente Ampla para enfrentar o governo do Marechal Castello Branco e esteve em São Caetano do Sul para fazer um comício na praça defronte à Prefeitura: “Em meu gabinete, fiz com que apagassem as luzes, o que impossibilitou a sua realização” (Raízes Nº 11, 1994, p. 10).

O Prefeito Braido, que era da Aliança Renovadora Nacional - ARENA, partido de sustentação ao governo - manteve boas relações com os governos militares:

Em 1965 recebeu a visita do Presidente General Castello Branco, que estava de passagem na cidade vizinha;

- Participou de dois encontros com o Presidente General Costa e Silva para discutir estratégias com vistas às eleições municipais de 1968;
- Em 1972 foi recebido pelo Presidente General Médici, na Escola Superior de Guerra, onde apresentou um projeto para que as eleições daquele ano fossem realizadas sem partidos, ao invés de uma disputa entre os dois partidos existentes: ARENA e MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

No capítulo 2 a habilidade de articulação de Braido fica evidente, com a instalação da última unidade do Ensino Vocacional em São Caetano do Sul, o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria.

## 2. Capítulo 2 - Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria

Antes de adentrar o tema do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, se faz necessário apresentar o Ensino Vocacional, as condições objetivas e subjetivas que possibilitaram e antecederam seu surgimento, bem como algumas considerações sobre sua base teórica e sua extinção.

### 2.1 O Ensino Vocacional

No âmbito educacional, a década de 1950 pode ser definida como um momento de intenso debate à espera da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), paralisada no Congresso Nacional. Em 1956, Gildásio Amado foi nomeado pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek como responsável pela Diretoria do Ensino Secundário. Sua gestão foi pautada em duas frentes: descentralização e assistência técnico-pedagógica. Em seu plano de ação incluiu e aprimorou a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), criada por seu antecessor, Armando Hidelbrand. Assim, por meio da CADES, vislumbrou possibilidades de modernização do ensino secundário (BARRETO e THOMAZ, 2012, p. 267).

Convém destacar que a conformação da máquina estatal brasileira permitiu – dentro do aparelho do Estado – a criação de órgãos de diferentes modalidades e com diversos graus de autonomia. Um exemplo foi Anísio Teixeira<sup>47</sup> à frente do INEP e cuja habilidade política conferiu ao departamento uma posição peculiar e autônoma no interior do Ministério da Educação - prova disso foi sua longa permanência no cargo (13 anos), mesmo nesse período tendo passado 18 ministros pela pasta da Educação.

Além da permanência, Anísio foi acumulando cargos e incumbências que o colocaram num papel de destaque face às políticas públicas educacionais no período em tela. A saber, secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível Superior (CAPES, 1951); diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 1952) e diretor do Centro Brasileiro de

---

<sup>47</sup> Em 04 de julho de 1952 Anísio Teixeira assumiu o cargo de Diretor do Inep. Já em seu discurso de posse indicou as mudanças estruturais que iriam nortear sua atuação durante os quase 13 anos em que lá permaneceu, com uma política de qualificação dos professores, com propostas de refundar o lugar do professor na educação. Assim, o INEP assumiu a gestão dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário. A perspectiva de Teixeira - de integração - foi ratificada na dupla vertente do trabalho do INEP: a pesquisa e a intervenção nos sistemas de ensino. Nesse contexto, convém lembrar suas primeiras iniciativas: Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), em julho de 1952, e a Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (CILEME), em março de 1953. As campanhas foram estratégias de ação utilizadas pelo MEC para estimular a atuação do órgão em áreas consideradas prioritárias (MENDONÇA, 2008, p. 17).

Pesquisas Educacionais (CBPE, 1955). As três instituições eram responsáveis pela gestão de cerca de 80% do orçamento do Ministério da Educação e Cultura à época (GOUVÊA, 2009, p. 1).

Em documento de 19 de fevereiro de 1958, Gildásio Amado, responsável pela Diretoria do Ensino Secundário, apresentou ao Ministro da Educação e Cultura a proposta de criação das classes secundárias experimentais. Em seguida o assunto foi submetido à apreciação do Conselho Nacional de Educação e devidamente aprovado. Finalmente, a 2 de janeiro de 1959, foi expedida pelo MEC a Portaria n.º 1, autorizando o funcionamento das Classes Experimentais. (CUNHA e ABREU, 1963, p. 93 e 97).

As "classes experimentais" constituíram, deste modo, acima de tudo, uma lição de liberdade pedagógica, liberdade que se disciplina pela experiência e pelo saber da experiência resultante e, como consequência, a diversificação e adaptação dos cursos ao progresso pedagógico e às condições locais e de magistério de cada escola (TEIXEIRA, Anísio, 1963, p. 90).

Barreto e Thomaz (2012, p. 268) chamam a atenção para o fato de Gildásio não ter simplesmente importado um modelo pronto para as classes experimentais, mas suas viagens à França e Inglaterra serviram como inspiração para o projeto, ajustado à realidade de nosso país. Um diferencial da experiência brasileira é que as classes puderam ser implantadas tanto na rede pública quanto na rede privada, além de “serem planejadas pelas próprias escolas de forma a permitir que os objetivos da renovação curricular fossem aliados à preocupação com a liberdade da escola”.

No Brasil as classes secundárias experimentais tiveram início em 1959, em 25 estabelecimentos distribuídos em seis Unidades da Federação, sendo 68% em instituições da rede privada (CUNHA e ABREU, 1963, p. 98).

Em 1959 no Estado de São Paulo foi eleito Governador Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, numa aliança política composta pelos partidos: PDC, UDN, PTN, PR e o PSB. A marca de seu governo foi o Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE), coordenado pelo advogado e ex-presidente da Juventude Universitária Católica – JUC, Plínio Soares de Arruda Sampaio.

O Partido Democrata Cristão (PDC)<sup>48</sup> teve papel ativo no governo Carvalho Pinto. Em seus quadros destacou-se Luciano Vasconcellos de Carvalho<sup>49</sup>, que ocupou a Secretaria

---

<sup>48</sup> A democracia cristã – inspirada na doutrina social da Igreja Católica – defendia soluções políticas distintas das apresentadas pelo liberalismo individualista e pelo comunismo coletivista, daí a cognominação de Terceira Via (BUSETTO, 2002, p. 15).

<sup>49</sup> Foi um dos fundadores da secção de São Paulo, conforme Ata da reunião de 18/09/1945, que tratou das providências para registro do Partido no Superior Tribunal Eleitoral.

da Educação. O PDC, segundo seu estatuto, fora constituído a partir de um tríplice fundamento: popular, democrático e cristão.

Popular, porque a ascensão das massas é o maior fundamento social dos nossos tempos. Democrático, porque essa ascensão se traduz, politicamente, por uma participação crescente do povo no governo das nações. Cristão, porque essa ascensão das massas e essa instauração de uma democracia de direito e de fato, só se podem operar beneficentemente, se repousarem sobre uma base ética racional e evangélica (CHACON, 1981, p. 461).

Em 1961 o secretário Luciano Vasconcellos de Carvalho, em atendimento à recomendação do Padre Lionel Corbeil, da Associação de Educadores Católicos (AEC), visitou a classe experimental da cidade de Socorro – SP (FAGIONATO, 2018, p. 244).

Na entrevista à Revista *Visão*, o Secretário informou que, ao assumir o cargo no governo de Carvalho Pinto, surpreendeu-se ao perceber o Ensino Secundário dividido em dois compartimentos estanques: de um lado o ginásio convencional, preparando os jovens que continuariam seus estudos até a universidade e, de outro lado, a escola profissional, o ginásio industrial ou o agrícola preparando para o trabalho profissional. “A sua vocação não entrava em conta. Daí a necessidade da escola que se abre em leque para o desabrochar da vocação e dá ao jovem a oportunidade de se descobrir e realizar”<sup>50</sup>. Em visita à classe experimental de Socorro, entusiasmou-se com o trabalho lá desenvolvido. Ao criar uma comissão de especialistas do ensino secundário e industrial para discutir o tema, convidou a Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani para integrar o grupo. Posteriormente houve a criação do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), amparado pelos artigos 22 a 25 da Lei Estadual nº 6052, de 03 de fevereiro de 1961, sendo nomeada a Prof.<sup>a</sup> Mascellani como coordenadora.

Nesse contexto político, aliado à combinação de fundamentos legais da reforma do ensino industrial, foi criado o Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e, em seguida, os Ginásios Vocacionais (FAGIONATO, 2018, p. 244).

Os Ginásios Vocacionais foram unidades escolares públicas criadas no Estado de São Paulo entre 1961 e 1970, e estabelecidas em seis municípios: Americana, Barretos, Batatais, Rio Claro, São Paulo e, posteriormente, em São Caetano do Sul. Cada unidade do Vocacional tinha sua especificidade: Americana era um polo da indústria têxtil; Barretos, referência do setor pecuário; Batatais era um município de predominância agrícola; Rio Claro, um entroncamento ferroviário quando este modal de transporte estava no auge; São Paulo, a capital e São Caetano do Sul, seu subúrbio industrial. Das seis unidades instaladas, o Ginásio

---

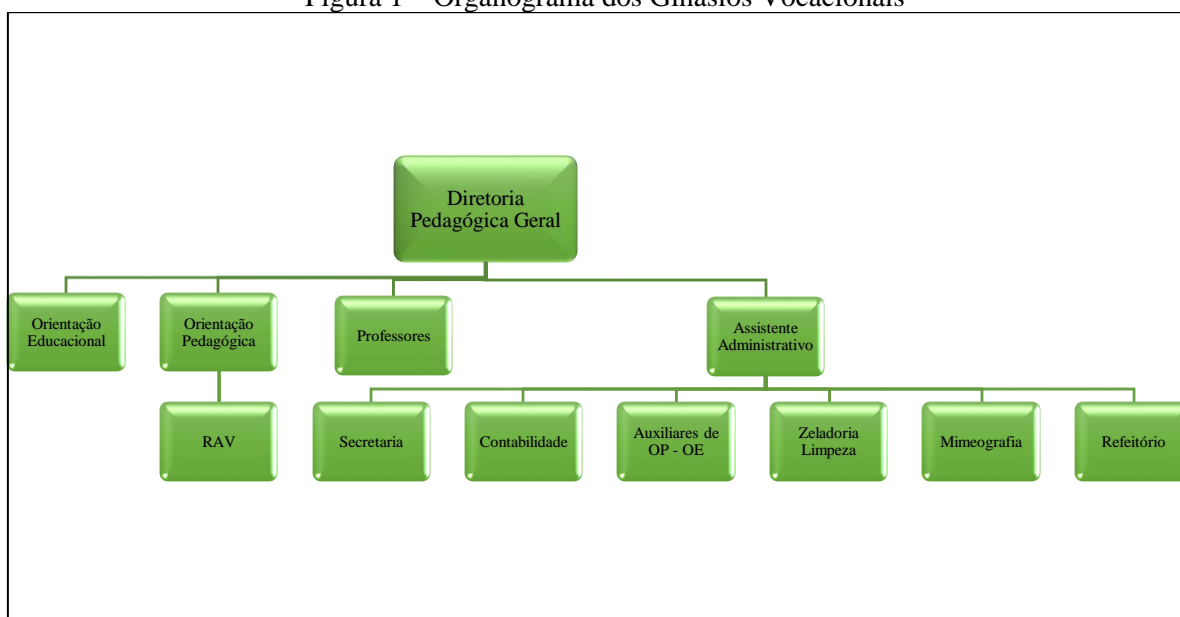
<sup>50</sup> *Visão*, 31 de janeiro de 1970, p. 23

Estadual Vocacional da Vila Santa Maria de São Caetano do Sul, objeto desta pesquisa, foi a que teve menos tempo de existência: de 22.03.68 a 05.06.70.

Segundo Maria Nilde Mascellani, o ensino vocacional tinha como objetivo proporcionar ao estudante um leque de possibilidades, tanto no plano de cultura geral como técnica, incentivando-o a fazer suas próprias escolhas. Convém destacar que o SEV foi um órgão criado em 1961, diretamente subordinado ao gabinete do Secretário Estadual de Educação. A metodologia do Vocacional propiciava ao educando descobrir-se e identificar possibilidades de construção de seu futuro (MASCELLANI, 2010, p. 103).

Ensino secundário unindo a formação de cultura geral, por meio do ensino das humanidades com a cultura técnica e profissional, criando um currículo integrado às práticas comerciais, agrícolas ou industriais. Essas escolas funcionaram, em todo o período de orientação educacional e vocacional, utilizando trabalho em equipe, ensino integrado por meio da área-núcleo dos Estudos Sociais e/ou por unidades pedagógicas, diferentes formas de avaliar, estudo dirigido, e conselhos de classes. Ainda, com destaque para a prática do estudo do meio, essa relacionava suas atividades extramuros com temáticas previamente levantadas, via planejamento em conjunto com os estudantes e educadores (aula-plataforma) (FAGIONATO, 2018, p. 244-245).

Figura 1 – Organograma dos Ginásios Vocacionais



Elaboração da autora.

Para que se possa compreender a estrutura das unidades de Ensino Vocacional, com base nos documentos Relato do Experimento (Nº 7-A)<sup>51</sup> e Relatório do Planejamento para 1969 (Nº 8-A) esta pesquisadora construiu o organograma exibido na Figura 1.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> O Relato do Experimento (Documento Nº 7-A) não está impresso em papel timbrado do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, e assinado apenas pela Prof.<sup>a</sup> Arlette. Aparentemente se trata de trabalho acadêmico elaborado alguns anos depois do experimento.

Segundo o Documento Nº 7-A (Relato do Experimento), a Diretoria Pedagógica Geral tinha a atribuição de coordenar as atividades pedagógicas e administrativas, estabelecendo um relacionamento funcional entre todas as áreas.

Os setores de Orientação Pedagógica e Orientação Educacional coordenavam todas as atividades pedagógicas junto aos professores, participando do planejamento e assistindo à execução do mesmo. Além disso operavam também ao nível de alunos e pais. O setor de Recursos Áudio Visuais era diretamente ligado ao setor de Orientação Pedagógica, tendo como objetivo selecionar e elaborar o material solicitado pelas diferentes áreas que compunham o currículo do Ginásio Vocacional.

Os documentos localizados sugerem que a atuação das áreas de Orientação Pedagógica e Orientação Educacional abrangia pontos comuns e complementares tanto junto aos professores quanto aos estudantes. As duas áreas também participavam ativamente das etapas de planejamento, desenvolvimento e avaliação. O Documento Nº 8-A, ao discorrer sobre o grupo de trabalho e a hierarquia de funções e responsabilidades, faz a seguinte menção:

Neste trabalho, O.P. e O.E. entram em todas as áreas: O.P. planeja, orienta os professores na parte pedagógica. O.E. caracteriza o aluno em sua área, relacionando-o com as demais (1969, p. 7).

Entretanto, no Documento Nº 14-A (*rascunho da ata da reunião de 25/07/69*) as falas das Orientadoras Educacional e Pedagógica revelam pontos em comum nas atribuições de ambos os cargos.

Vale ressaltar que o trabalho com os pais era realizado por meio de reuniões, cursos, entrevistas.

Ainda segundo o Documento Nº 8-A, o Estudo do Meio ensejava o estreitamento da relação da escola com a comunidade. Para explicar a especificidade desse recurso pedagógico, as palavras de Maria Nilde Mascellani:

O estudo do meio é uma das técnicas pedagógicas de mais largo emprego nos Ginásios Vocacionais. Da 1ª a 4ª série, o estudo do próprio Ginásio, da comunidade, de outras cidades e Estados, criam situações capazes de dar ao aluno um grande número de oportunidades de sair do espaço escolar, entrando em contato direto com a realidade, através de uma experiência vivida e não livresca. Contudo, os estudos do meio não podem ser confundidos com passeio ou excursão. Também não são realizados ao acaso, nem se encontram dissociados do processo educativo proposto para os Ginásios Vocacionais (MASCELLANI, 2010, p. 110).

---

<sup>52</sup> O documento Nº 8-A Relatório do Planejamento para 1969, mesmo não tendo sido impresso em papel timbrado, contém autoria, abaixo do título com a seguinte identificação: “Realizado pela equipe de professores e orientadores do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria – São Caetano do Sul”.

Nas cidades onde havia unidades do Ensino Vocacional era comum encontrar estudantes do Vocacional com pranchetas à mão visitando escolas, igrejas, órgãos públicos – sempre em grupo – em atitude de estudo: observando, perguntando, anotando, desenhando. Eram atividades do Estudo do Meio, que além do aprendizado decorrente de cada etapa da pesquisa e da observação, propiciava também um treino de vida em grupo: divisão de responsabilidades, independência pessoal, de fortalecimento dos laços de amizade. Pode se dizer que era uma oportunidade de esquivar-se do estudo de gabinete, da visualização teórica dos problemas (BALZAN *et al.*, 1969, p. 71-72).

Em cada Estudo do Meio o conhecimento prático ia se ampliando, concomitantemente ao conhecimento acadêmico. Os resultados permitiam a exploração de diversos temas, como abertura para o estudo do País e do mundo. Por exemplo: ao investigar o desenvolvimento industrial local e descobrir que teria tido início em determinada conjuntura econômica mundial ou nacional, noutro que a matéria-prima necessária viria de outros Estados do Brasil. Assim, ao lado dos conceitos mais diretamente ligados à economia – indústria, comércio, agricultura, desenvolvimento, mercado – o estudante vai formando outros, tão importantes quanto esses: interdependência, comunicação (BALZAN *et al.*, 1969, p. 73).

O documento nº 2-A *Fundamentação teórica do trabalho educacional dos Ginásios Vocacionais* apresenta uma reflexão sobre a importância da junção entre o aprendizado conceitual e a vivência.

A distância entre a configuração conceitual e a vivência plena se estabelece cada vez que a aprendizagem é apenas intelectualizada sem encontrar correspondência no mundo vivencial. Exemplificando, poderíamos dizer que a responsabilidade dos jovens só se desenvolve quando o educador cria situações para que possa ser praticada. Afirmar apenas – “Você deve ser responsável não leva ninguém a sê-lo”. O mais profundo tipo de experiência é aquele do qual o jovem participa plenamente – configura o problema, estabelece os objetivos, descobre os meios, executa a ação, avalia seus resultados (SEV, 1966, p. 36).

A tese de doutoramento de Chiozzini, “Memória e História da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-1969)”, defendida na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, em 2010, traz a entrevista da Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani para a jornalista Elisabeth Rondeli, do Jornal *O Liberal* de Americana/SP<sup>53</sup>, em que analisou a evolução do Ensino Vocacional em três fases:

(...) teve uma primeira fase que foi assim o lançamento da proposta. Depois houve uma outra fase que eu chamo, então, de compasso de espera (...) e que

---

<sup>53</sup> Datas da publicação parcial do material: 14, 22, 23 e 30 de outubro de 1988.

acabou se transformando, eu diria assim em termos mais corretos, num aperfeiçoamento tecnológico dessa pedagogia (CHIOZZINI, 2010, p. 314).

Sobre a última fase explica:

Todos esses desdobramentos funcionaram por pouco tempo. Se há uma crítica ou autocrítica que a gente deve fazer é que a gente apostou demais em cima do ascenso político de 1968. E como eu dizia antes a você, a experiência no colegial, assim como outros desdobramentos, a gente poderia ter introduzido antes, mas nós não sentimos que havia clima político para isso, nem no sentido geral – a política brasileira no seu todo – nem na política administrativa do Estado de São Paulo, nem na política da Secretaria da Educação. Em 1968, a gente achou que a coisa estava avançando, os movimentos populares, os movimentos do magistério, o movimento estudantil ... então, a gente embarcou um pouco nessa canoa e partiu para esses desdobramentos. Então, eles foram bem programados, planejados, eu acho razoavelmente bem executados, enquanto duraram. Mas tiveram uma duração curta por esse motivo (CHIOZZINI, 2010, p. 168-169).

Em síntese, as três fases seriam:

**Figura 2 - Fases do Ensino Vocacional**



Elaboração da autora.

Em 1965 havia 158 projetos de lei tramitando na Assembleia Legislativa paulista para a criação de novas unidades de Ginásios Vocacionais. Para conter tamanho alvoroço dos deputados, foi criado um dispositivo legal para regular essa situação, isto é, aos deputados fora concedida a liberdade de criar escolas, porém a decisão de aprovar a abertura de novas escolas vocacionais competia ao Serviço de Ensino Vocacional (SEV)<sup>54</sup>, bem como a incumbência de sua instalação e organização (MASCELLANI, 2010, p. 90).

<sup>54</sup> Todas as unidades vocacionais desenvolviam seu planejamento curricular específico, subordinadas apenas ao Serviço de Ensino Vocacional (SEV), órgão que respondia diretamente ao gabinete do Secretário da Educação, paralelo a toda estrutura burocrática da Secretaria Estadual de Educação. O SEV era composto pelos supervisores de cada uma das disciplinas e uma equipe pedagógica, além da coordenadora geral, a educadora

Chiozzini (2003) chama a atenção para o primeiro desgaste do Ensino Vocacional junto à Assembleia Legislativa e a repercussão disso nos municípios, já que havia em tramitação mais de uma centena de projetos de criação de novos vocacionais. Nesse momento o SEV ainda estudava critérios e a provisão de recursos para novas unidades do Ensino Vocacional. A solução encontrada foi a criação de um dispositivo legal para regulamentar tal implantação: um Decreto do Governador garantia aos deputados a liberdade de criação de escolas, o que ficava restrito à avaliação e aprovação do SEV. A esse Decreto tem sido atribuída a origem da noção dos Ginásios Vocacionais como escolas elitistas, isto é, que privilegiavam as camadas mais abastadas da população (p. 73-74).

A base política que apoiou o projeto não deve ter visto com bons olhos essa restrição e, possivelmente, foi neste momento que surgiu uma crítica ao Vocacional que permaneceu durante toda sua existência: a de ser um projeto elitista, uma vez que era restrito a um número reduzido de alunos da rede estadual (CHIOZZINI, 2003, p.74).

Convém ressaltar que em 1965, quando ocorreu tal contenção à efetiva implantação das novas unidades aprovadas na Assembleia Legislativa, o Ensino Vocacional já estava em sua segunda fase, de *aprimoramento pedagógico*.

O desenvolvimento da proposta dos Vocacionais está ligado a dois fatores: à conjuntura histórica de seu surgimento e à política da Secretaria da Educação de São Paulo com o Serviço de Ensino Vocacional (SEV), vinculado ao gabinete do Secretário. Entretanto, por volta de 1966, percebe-se no âmbito da Secretaria o início de um processo de “regresso à centralização”, com medidas que limitavam a autonomia do SEV.

Esse processo foi sucedido por medidas centralizadoras explícitas, que tiveram como “marcos” a reforma do ensino superior (Lei 5.540/68) e a reforma do ensino do primeiro e segundo grau (Lei 5.692/71) e Decreto-Lei 477/69 (CHIOZZINI, 2014, p. 51).

As divergências em relação à expansão das escolas vocacionais e sua proposta educacional, no entanto, não se restringiam aos governantes. Estavam associadas às diferenças internas existentes na equipe do Serviço do Ensino Vocacional (SEV). Para abordar essa questão, Chiozzini (2014) dialoga com a pesquisa de Ribeiro (1989), que apontou a existência dos subgrupos internos: a) de inspiração *puramente pedagógica*, influenciada pela perspectiva escolanovista; b) de inspiração *pedagógico-filosófica*,

considerando mais “os aspectos de universalidade que os de concreticidade”; c) de inspiração *filosófico-pedagógica*, pressupondo “maior unidade entre universalidade e concreticidade”. (p. 45). Entretanto, Chiozzini contesta tal argumento, uma vez que a autora restringiu sua análise ao Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha e, com base em documentação produzida pelo SEV, apontou indícios da existência de apenas dois grupos no interior da cúpula administrativa das escolas. Tais grupos entraram em embate em 1968, disso resultando a demissão da maioria dos supervisores de área. Um grupo defendia a manutenção da linha de trabalho presente desde o início, trabalho pedagógico com mais conteúdos teóricos e maior diversidade de instrumentos metodológicos. Já o outro grupo privilegiava trabalho educacional com enfoque político mais objetivo, em oposição à ditadura civil-militar vigente. A coordenadora Maria Nilde Mascellani, no decorrer do tempo, se aproximou do segundo grupo (CHIOZZINI, 2014, p. 48 e 49).

A relação educação X liberdade está expressa no Documento N.º 2-A *Fundamentação Teórica do Trabalho Educacional nos Ginásios Vocacionais* justificando que a direção da educação de uma sociedade está condicionada ao grau de liberdade de seus indivíduos, para pensar e agir.

Em alguns casos competirá à educação despertar a própria consciência de liberdade. Esta, entretanto, depende do grau de conhecimento que têm os cidadãos sobre a natureza do homem, do mundo e do momento histórico em que vivem. O grau de discernimento de um povo determinará o conhecimento das situações e formas de pensamento que poderão facilitar ou reprimir certo grau de liberdade (SEV, 1966, p. 1).

Acrescenta ainda que “o quadro das diversas liberdades do homem se assenta sobre as bases da liberdade política”. Esse documento, datado de 1966, já sinalizava um posicionamento político incisivo.

Para alguns estudiosos do Vocacional, o dia 12 de dezembro de 1969 é um marco para sua extinção, pois foi nessa data que as unidades foram alvo de uma operação da polícia e do exército. Houve apreensão de relatórios de planejamento, materiais didáticos, registros escolares e trabalhos de estudantes.

O processo de repressão às liberdades democráticas culminou no Ensino Vocacional com a prisão de orientadores, professores e alunos, com a invasão policial-militar em ação conjugada para todos os Ginásios Vocacionais no dia 12 de dezembro de 1969. Vários professores e funcionários ficaram detidos por mais tempo na sede da Operação Bandeirantes, OBAN, conhecido órgão de repressão e tortura. Quanto a mim e a professora Aurea Sigrist, ex-diretora do Vocacional de Americana, fomos detidas algumas vezes, por curtos períodos, nas dependências do II Exército,

do DEOPS, da Polícia Federal e da Aeronáutica. Daí a algum tempo, em janeiro de 1970, éramos aposentadas de nossos cargos efetivos por concurso, com base no AI-5 (MASCELLANI, 2010, p. 101).

A partir daí deu-se início ao desmonte de toda a estrutura do ensino vocacional, culminando com sua extinção pelo Decreto Estadual nº 52460, de 05.06.70. Sobre o abrupto fim do ensino vocacional: “Seu desmantelamento, entretanto, coube ao II Exército e à Polícia Federal, bem como a pessoas que não tiveram escrúpulos em se aproveitar da situação em benefício próprio, como foi o caso dos interventores” (MASCELLANI, 2010, p. 102).

## **2.2 A unidade Vocacional de São Caetano do Sul**

O caminho para a implantação da unidade Vocacional em São Caetano do Sul foi longo e sinuoso - lembrando que em 1965 havia 158 projetos de lei tramitando na Assembleia Legislativa para criação de novos ginásios vocacionais. Porém a implantação dessa modalidade de ensino estava condicionada ao aval do Serviço de Ensino Vocacional.

Em 27 de setembro de 1965 o Prefeito Hermógenes Walter Braido enviou o Ofício 1409 para Maria Nilde Mascellani, Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional (Anexo Nº 2), no qual informa a criação de mais um ginásio estadual no município, desta feita no bairro Vila Paula. Destaca ainda a vocação estritamente industrial do município e solicita recomendações junto ao Secretário de Educação para transformar o referido estabelecimento de ensino em Vocacional, informa também a existência de área para construção e anteprojeto do prédio.

Enquanto isso, na Assembleia Legislativa de São Paulo tramitava o Projeto de Lei nº 548 de 1963<sup>55</sup> visando a criação de um Ginásio Estadual na cidade de Salmourão<sup>56</sup> – de autoria do deputado Olavo Horneaux de Moura – eleito suplente pelo PDC para a Assembleia Legislativa (1963-1967). O deputado Olavo, na condição de suplente, assumiu a cadeira apenas em alguns períodos. Talvez esse detalhe tenha possibilitado ao então Deputado Estadual sul-caetanense Oswaldo Samuel Massei – aliado político do Prefeito Hermógenes Walter Braido – alterar totalmente o projeto original, substituindo a criação do ginásio de Salmourão pelo de São Caetano do Sul. Assim a Lei nº 9200 de 22.12.65 criou o Ginásio Estadual de Vila Santa Maria.

---

<sup>55</sup> Consulta ao projeto em 23/09/2015 na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

<sup>56</sup> Salmourão é um pequeno município do interior, da região de Presidente Prudente). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/salmourao/panorama> Acesso em 28 mai.2019.

Foi encontrada outra correspondência do gabinete do Prefeito Braido sobre a instalação da escola vocacional em São Caetano do Sul. Trata-se do Ofício 880/67 de 05/05/1967, também endereçado à coordenadora do SEV, em que o chefe do executivo sul-caetanense agradeceu a presença da Prof.<sup>a</sup> Maria Cândida S. Camargo Pereira, representante do SEV, para examinar as futuras instalações do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria (Anexo N° 3). Enfatizou que o processo estaria na Secretaria de Educação, com despacho favorável do Governador Abreu Sodré.

O Ofício 701/68, de 04/03/1968 (Anexo N° 4), revela o protagonismo do Prefeito: a correspondência foi enviada diretamente ao Governador Abreu Sodré, e não para o Secretário de Educação. Faz relato sobre as escolas recém-fundadas e a implantação do Colégio Comercial, destacando a criação da unidade do Vocacional como ápice da política de educação do município, e oferece as instalações já em fase de acabamento: 33 salas de aula, área construída de 12.000 m<sup>2</sup>, dezenas de salas-ambiente, dependências para laboratórios e 1.000 m<sup>2</sup> para oficinas e reivindica:

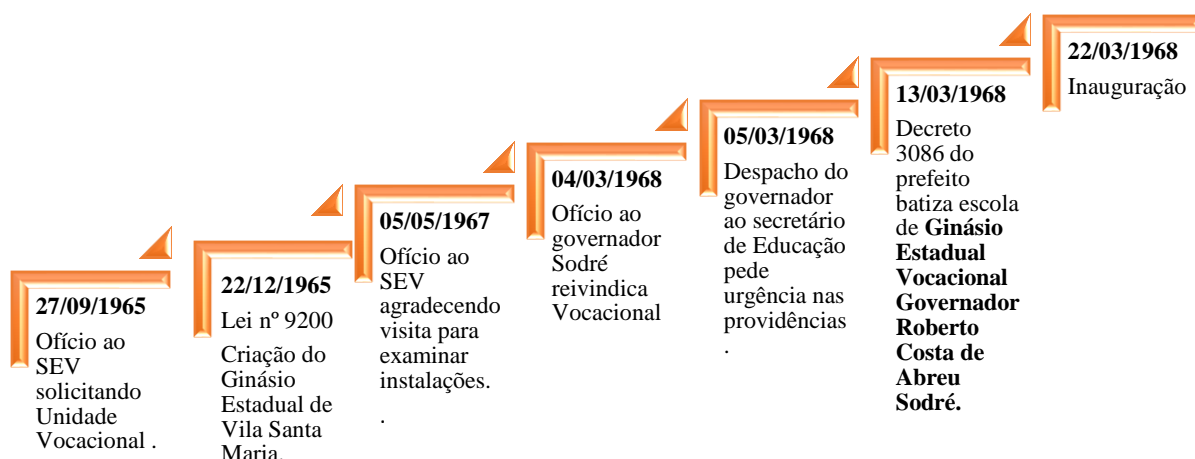
Pedimos vênias para recordar ao ilustre governador a autorização concedida, segundo informações que chegaram ao nosso conhecimento, para instalação do 2º ciclo do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” no Brooklin Paulista e do Vocacional de Batatais.

Todas as ponderações ora apresentadas ensejam, a nosso ver, oportunidade para que se instale, neste Município, o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria.

Na sequência, apresenta proposta de parceria: o município entraria com a cessão do prédio e instalação do curso – móveis e equipamentos – e caberia ao governo estadual a indicação e manutenção do corpo docente. Agradece destacando a expectativa favorável da população diante dessa reivindicação e convida o próprio governador para inaugurar a obra, no próximo dia 22 de março de 1968.

A resposta do Governador Abreu Sodré foi rápida e propositiva. O ofício foi encaminhado ao Secretário de Educação em 05/03/1968, com carimbo de URGENTE em letras garrafais e o seguinte despacho: *Há interesse do Estado no convênio [inelegível]. Desejo estudos urgentes, [inelegível] no próximo despacho.* A reivindicação do prefeito foi prontamente acatada.

Figura 3 - Etapas da implantação da unidade vocacional de São Caetano do Sul



Elaboração da autora.

São Caetano do Sul, a cidade *Onde escola não é problema*, tornou-se sede do governo estadual na Semana da Educação – 9 a 14 de março de 1968. O Prefeito Braido aproveitou o ensejo para instituir março como *o Mês da Educação*, inaugurando várias escolas. Sua articulação política foi exitosa e o Governador Abreu Sodré inaugurou o Centro Educacional São Caetano Di Thiene<sup>57</sup> no dia 22 de março, sendo que o prédio do Vocacional integrava esse complexo educacional.

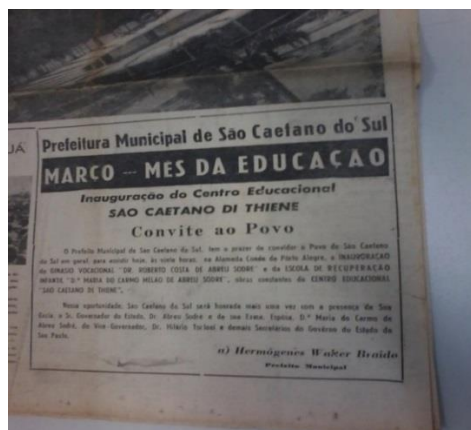


Ilustração 6 - Jornal de São Caetano<sup>58</sup> 17/02/68

O Decreto Nº. 3086, de 13 de março de 1968, assinado pelo Prefeito Municipal Hermógenes Walter Braido deu o nome do Governador Roberto Costa de Abreu Sodré à

<sup>57</sup> "Foi construído um conjunto de quatro prédios (...) o local escolhido foi o antigo Bosque do Povo, na Vila Santa Maria (hoje Bairro Santa Maria) que, em 1965, era coberto de mato e tinha uma lagoa poluída. A área do bosque abrigaria o Centro Educacional Di Thiene que, além do Ginásio Vocacional, contaria com um Centro de Recuperação Infantil (atual Fundação Municipal Anne Sullivan) e o Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho" (Revista *Ratões*, 1993, p. 34).


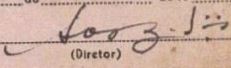
<sup>58</sup> O Jornal de São Caetano foi lançado em 28/07/1946, a princípio como quinzenário. Já não pertence aos fundadores há muitos anos e ultimamente tem circulado no formato digital, conforme informações fornecidas pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

nova escola, antes mesmo de sua inauguração (Anexo N°. 5). Convém destacar que, oficialmente, esse nome poucas vezes foi utilizado, tanto pelo SEV quanto pelo próprio estabelecimento escolar e sua comunidade acadêmica. Em formulários de registros escolares, Caderneta Escolar de alunos, correspondências internas e externas, o nome geralmente utilizado era Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, conforme abaixo.

Na logomarca impressa no uniforme escolar<sup>59</sup>.



Na caderneta escolar<sup>60</sup>.

IDENTIDADE			
			
ANO LETIVO DE 1968			
Aluno: Vera Lucia Garcia			
Filiação: João Garcia Padilha e Elizabeth Garcia			
Natural de: São Caetano do Sul			
Nascimento: 7 de abril de 1956			
Residência: R. Av. Marginal			
N.º 1591 Fone: S.C. do Sul de setembro de 1968			
 (Diretor)			
Ginásio Estadual Vocacional de VILA SANTA MARIA			
São Caetano do Sul			
CADERNETA ESCOLAR			
VERA LUCIA GARCIA			
Curso	Série	Período	
ginasial	1ª	D	1º

<sup>59</sup> Foto do bolso do uniforme escolar gentilmente cedida pela ex-aluna Sandra Mara Cavasini.

<sup>60</sup> Foto de Caderneta Escolar, gentilmente cedida pela ex-aluna Vera Lucia Garcia Licht.

E no selo adesivo<sup>61</sup>.



Tal procedimento seria um ato de resistência? Possivelmente, uma vez que o Governador Sodré publicamente já externava sua posição contrária à continuidade do ensino vocacional, tanto que foi de sua lavra o ato<sup>62</sup> que formalmente extinguiu os ginásios vocacionais.

A inauguração da unidade de São Caetano do Sul também foi assunto do jornal interno SEVINFORMA, de junho de 1968, com a informação de que o início das aulas da unidade dessa unidade ocorreria somente em 17 de junho, que a escola estava instalada em prédio próprio – construído pela municipalidade: “Trata-se de uma experiência com características próprias, pois será em meio período, com sete classes de primeira série” (Jornal SEVINFORMA 1968, p. 6). Tudo indica que a parceria estabelecida com a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul tenha sido inédita no que se refere à responsabilidade da construção dos prédios e aquisição de mobiliários e equipamentos para o Vocacional. E também que tal cooperação tenha influenciado a escolha desse município para a instalação da última unidade, apesar da existência de outras reivindicações de novas escolas vocacionais.

Sobre a escolha do município de São Caetano do Sul, o Prof. Oscar Garbelotto, Diretor de Educação e Cultura<sup>63</sup> da época, deu o seguinte depoimento ao *Memórias do ABC*<sup>64</sup>:

São Caetano na época já tinha uma maturidade muito grande em termos de educação, tanto é que há um slogan que definia bem o município, “São

<sup>61</sup> Foto do selo adesivo gentilmente cedido pelo ex-aluno Ernesto do Carmo Zambotto.

<sup>62</sup> Decreto 52460 de 05/06/1970.

<sup>63</sup> Cargo equivalente ao de Secretário Municipal.

<sup>64</sup> Entrevista concedida ao núcleo *Memórias do ABC*, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), em 09/09/2017.

Caetano, onde escola não é o problema”. Isso porque a intenção do governo, desde o seu início, era resolver o problema educacional. Isso foi se desenvolvendo muito eficientemente. A vinda de uma Escola Vocacional para cá, em minha opinião, foi o resultado (...). Tanto é que em certa ocasião fomos visitados por três membros da Casa Civil, da presidência da República, exatamente para verificar o que estava acontecendo em termos de educação em São Caetano. Eu quero crer que isso chamou atenção não somente do governo central, como de todos os meios educacionais. Isso, a meu ver, chamou atenção também do Colégio Vocacional. (...) E São Caetano foi procurado por agentes exatamente desse ramo educacional para instalar-se aqui no colégio. O Braido gostou da ideia, apoiou a ideia, tanto é que cedeu um dos prédios, em fase final de construção, para que se instalasse o Colégio Vocacional. Isso foi feito muito naturalmente. Nós visitamos o Colégio Vocacional em São Paulo, por várias vezes, para ter uma ideia do que se tratava efetivamente o seu método educacional, o que oferecia ao aluno.

O depoimento do Prof. Garbelotto é um indício de que o município de São Caetano do Sul talvez tenha sido escolhido para atenuar dificuldades externas do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), que necessitava fortalecer-se politicamente e diminuir crises internas e externas. Nada mais profícuo que uma parceria com um prefeito com tanto prestígio!

Apesar da inauguração do prédio ter ocorrido no mês de março, as aulas tiveram início apenas no dia 17 de junho de 1968. No acervo da Prof.<sup>a</sup> Arlette foi encontrada parte do documento intitulado *Introdução à caracterização do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria de São Caetano do Sul*, que aqui recebeu a classificação de Documento Nº 11-A. O título do documento é mais uma confirmação da não-utilização do nome oficial. No segundo parágrafo justifica-se a instalação tardia em razão do término do prédio e morosidade das medidas administrativas.

Em seguida há um item sobre a caracterização pedagógica da unidade:

Podemos afirmar que se identifica com os objetivos dos demais Ginásios Vocacionais guardando apenas a peculiaridade de ser o primeiro Ginásio Vocacional com duas turmas de alunos em meio período escolar (25 horas semanais) e o primeiro também a por em prática o modelo de aplicação de programa e técnicas pedagógicas e didáticas resultantes dos estudos da experiência de seis anos dos demais ginásios vocacionais.

Segundo as “fases do vocacional”, mencionadas anteriormente, no momento de instalação da unidade de São Caetano do Sul já havia passado a fase do “Aprimoramento”, ou seja, a metodologia já estava consolidada. Daí a afirmação acima, da aplicação do programa e técnicas já elaborados.

Para o início das atividades, segundo o texto, o SEV selecionou a equipe de professores e orientadores e foram todos submetidos a nova entrevista para esclarecimentos sobre o programa que se estabelecia para São Caetano do Sul. A etapa seguinte foi de

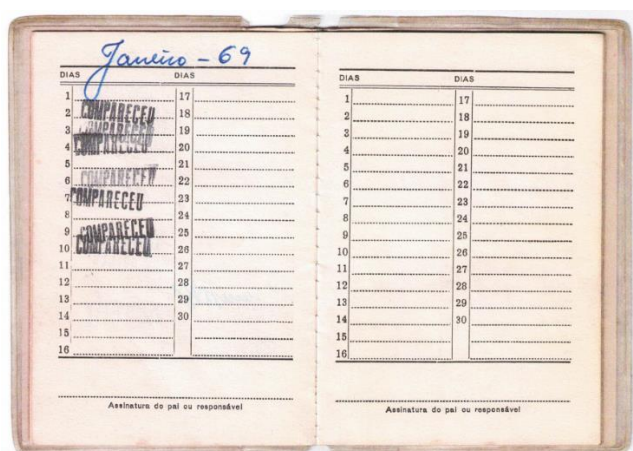
planejamento da primeira unidade escolar com estudos sobre a realidade educacional do município, de dados socioeconômicos e pesquisa sobre a atividade industrial local. Houve também uma atividade de observação *in loco*, para melhor compreender suas condições de vida. O passo seguinte foi a discussão para definição dos objetivos gerais desse Vocacional, as diretrizes para as primeiras séries de 1968, bem como a caracterização da primeira Unidade Pedagógica.

O documento segue com a descrição de etapas da instalação. Uma tarefa importante dos novos servidores foi o encaminhamento dos processos de compras de materiais.

Preparo dos memoriais descritivos de equipamentos e contatos com Prefeitura que se comprometeu adquirir o equipamento necessário para o funcionamento das 1.<sup>as</sup> e 2.<sup>as</sup> séries do ginásio.

No documento, ressalta-se que as concorrências para aquisição do mobiliário e outros equipamentos foram feitos pela Prefeitura, e cabia aos servidores do Vocacional a tarefa de recebimento dos materiais e os respectivos tombamentos para o patrimônio da unidade de São Caetano do Sul. Ainda segundo o documento, durante o planejamento a equipe de São Caetano do Sul foi assistida por duas orientadoras pedagógicas e alguns professores supervisores de áreas, todos do SEV.

No que se refere ao atípico ano letivo de 1968 (com início em 17 de junho), o documento destaca que houve o cumprimento obrigatório de 180 dias letivos, uma vez que o referido ano letivo foi encerrado somente em janeiro de 1969, com o período de férias restrito a dez dias. Esta informação foi comprovada por anotações de presença na Caderneta Escolar<sup>65</sup> da 1.<sup>a</sup> Série D, ano letivo de 1968.



<sup>65</sup> Foto da Caderneta Escolar gentilmente cedida pela ex-aluna Vera Lucia Garcia Licht.

O jornal escolar *O Pasquito*, nº. 2 – Ano I (nome do jornal em homenagem ao *O Pasquim* da época), confirma a data do início das aulas e apresenta a equipe inicial:

- ✓ Diretor: Antonio Orgival Bertini
- ✓ Orientadora Pedagógica: Vera Lucia Gomes Barbosa
- ✓ Orientadora Educacional: Arlette D´Antola
- ✓ Relações Públicas: Suely B. Alves
- ✓ Recursos Audiovisuais: Orlando Castelli
- ✓ Secretário: Humberto M. Moreira
- ✓ Aux. Orientação Educacional/Pedagógica: Maria de Lourdes Bonadia

Docentes:

- ✓ Estudos Sociais: Deise S. Ribeiro e Celia Zamarrenho
- ✓ Matemática: Irene Torrano Filisetti e Terezinha Leone
- ✓ Português: Lídio Tesoto e Gilberto A. Pucca
- ✓ Ciências: Luiza Alonso
- ✓ Educação Musical: Ana A. Rios
- ✓ Educação Doméstica: Sonia Maria S. Carvalho
- ✓ Educação Física: Mitsuco Ikeda
- ✓ Práticas Comerciais: José Ferreira Leite
- ✓ Teatro: Antonio Petrin
- ✓ Francês: Leila M. Vasconcelos
- ✓ Artes Industriais: Maria Zair A. Nunes
- ✓ Artes Plásticas: Eunice Simões

Essa edição de *O Pasquito* também informou o número de matrículas em 1968: 226 alunos, o que diverge da informação contida no Documento Nº. 11-A. O jornal tinha textos de cunho cultural, informações de interesse dos estudantes, curiosidades, e eram elaborados por professores e alunos. Embora o jornal tenha sido criado após a extinção do Ensino Vocacional, as professoras e os estudantes que integravam o expediente do jornal eram

remanescentes do Vocacional. Tanto que o nome foi dado em homenagem ao jornal *O Pasquim*<sup>66</sup>, outrora utilizado como material didático nas aulas de Português do Vocacional.

Trazer impressos escolares para compor a história de uma instituição escolar não é mero registro, mas reconhecimento do protagonismo discente.

Atentar para os jornais produzidos por alunos como práticas escolares e como parte da cultura escolar das instituições resulta em dar voz a esses sujeitos poucos considerados nas pesquisas atuais (SCHWETER, 2015, p. 133).

Foram localizados quatro exemplares de *O Pasquito*, impressos em mimeógrafo manual. Seu público leitor era abrangente: estudantes, professores e comunidade da Vila Santa Maria. Com periodicidade mensal, cada exemplar era vendido a Cr\$ 0,50<sup>67</sup>. Não há registros sobre a data de sua extinção. A equipe do jornal era composta de Presidente, Secretária, Tesoureira e duas Chefes de Reportagem (alunas das quartas séries), com Coordenação das professoras de Português (Maria Aparecida Contin) e de Matemática (Irene Torrano Filisetti). A seção Cartas à Redação do exemplar nº 4 publicou mensagem do morador Sr. Tomaz:

Li *O Pasquito* e gostei. Gostei porque *O Pasquito* comunica, tive a impressão que também está criando laços de amizade entre alunos, pais, professores e o nosso bairro de Santa Maria. É importante que os estudantes, desde jovens, participem, pois no Brasil sente-se necessidade de uma participação maior do povo e um país que deseja ser democrático precisa da participação de todos os campos de ação, sempre! A imprensa é uma forma de participação, quando livre e independente, tem um papel importante na vida de todos, anunciando a verdade (ideias e fatos verdadeiros) criticando os erros (ideias e fatos errados); propondo soluções e externando opiniões, forma o povo e preserva a liberdade (individual e coletiva). *O Pasquito* é uma esperança! Falei. (Ano I, Nº 4, 1971, p. 2).

A carta do Sr. Tomaz é ousada e corajosa para aquele momento, e ainda mais a equipe do jornal ao publicá-la, pois o Brasil estava sob a vigência do Ato Institucional nº 5<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> Jornal semanal criado no Rio de Janeiro, sua primeira edição data do dia 26 de junho de 1969. Fez parte da chamada imprensa alternativa, ou seja, uma imprensa que visava a manifestação de setores sem acesso à imprensa convencional.

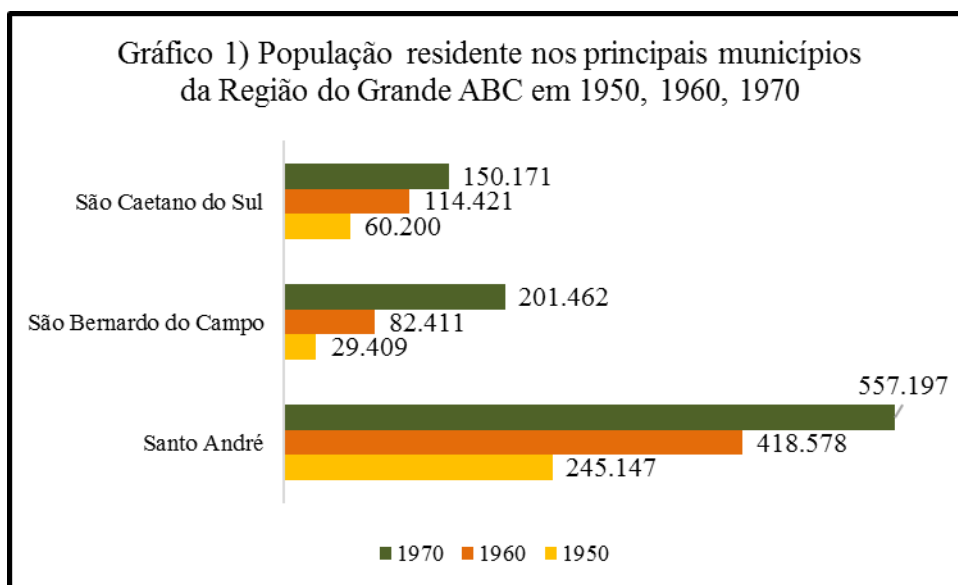
<sup>67</sup> Em 1970 nossa moeda voltou a se chamar cruzeiro, sem cortes de zeros e mantendo o centavo.

<sup>68</sup> O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5> acesso em 23 set.2019.

Percebe-se aí forte influência do Ensino Vocacional, principalmente de sua última fase, de Ascenso Político, quando foi instalada a unidade de São Caetano do Sul. Tal publicação de 1971 corrobora a hipótese deste estudo: de resistência de professores e alunos para manter vivo o ideário do Vocacional.

Cabe uma reflexão sobre o teor da carta do Sr. Tomaz, uma vez que é sabido que naquele momento a maioria da população brasileira desconhecia parcial ou totalmente a conjuntura política do País. Então há dissonância nessa fala? Propõem-se algumas considerações já mencionadas no capítulo anterior: primeiramente, a *mudança no padrão demográfico da Região do Grande ABC* representada no gráfico abaixo.



Fonte: Censos demográficos - IBGE

Elaboração da autora.

Em apenas 20 anos houve um vertiginoso crescimento populacional no ABC, e o gráfico bem representa tal ocorrência. À pequena área territorial de São Caetano do Sul, de 15,331 km<sup>2</sup>, atribui-se o menor número de habitantes, porém proporcionalmente o crescimento tão significativo quanto nos municípios vizinhos. Tanto que sua densidade demográfica foi mencionada no Documento N° 8-A (Relatório de Planejamento para 1969): “É uma das cidades de maior densidade demográfica” (1969, p.10).

Nesse período a Região do Grande ABC cresceu imensamente, tornando-se o principal parque industrial do País. De 1955 a 1980, a região atraiu elevado volume de investimentos privados, quer de capital estrangeiro quer nacional, sediando empresas montadoras de

veículos, autopeças e fornecedoras de insumos. Em 1957, as montadoras instaladas em São Bernardo do Campo eram responsáveis por 50% do total de veículos produzidos no Brasil e por 63% do total dos empregos gerados pela indústria automobilística no País, o que levou a região a ser conhecida como “Detroit Brasileira” (Conceição, 2001, p. 49). Isso explica a taxa de crescimento populacional tão expressiva.

Assim, pode-se dizer que o processo de expansão da industrialização fez surgir, em São Paulo, uma “nova classe operária”, formada basicamente por migrantes de outras regiões do país, atraídos pela expansão industrial do Estado de São Paulo. Assim, essa “nova classe trabalhadora” (...) espalhou-se pela periferia da Grande São Paulo, sobretudo na região do ABC paulista, que se tornou, então, um centro de atração de trabalhadores de origem camponesa de todo o país (TOMIZAKI, 2007, p. 27).

Outro elemento desta breve análise é o contingente de operários especializados e de setores administrativos que, aliado à expansão do mercado consumidor interno de bens de consumo – automóveis, eletrodomésticos – impulsionam o surgimento de novos padrões de costumes e demandas. Tomizaki (2007, p. 49-50) identifica nesse período uma importante modificação na estrutura de classes, *a constituição de uma nova classe média urbana*. Porém, o crescimento da população urbana não foi acompanhado pela expansão dos postos de trabalho, e assim muitos não foram absorvidos pelo mercado formal, crescendo o contingente de desempregados ou subempregados.

A Lei nº 4.725, de 13 de julho de 1965, conhecida como “lei do arrocho”, restringiu o poder normativo da Justiça do Trabalho, e os reajustes salariais passaram a ser controlados rigidamente pelos índices de aumento do custo de vida definidos pelo governo federal, ou seja, submetendo os índices de reajustes salariais a patamares mais baixos. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), tal política reduziu a renda do trabalhador em 15,9% em 1965, e em 15,3% em 1966. Como resposta, em 1967 foi criado o Movimento Intersindical Antiarrocho (MIA), uma reação dos dirigentes sindicais e trabalhadores.<sup>69</sup>

Após essa digressão, identifica-se o lugar de fala do Sr. Tomaz no subúrbio operário, consciente da “necessidade de uma participação maior do povo e um país que deseja ser democrático precisa da participação de todos os campos de ação, sempre!” No jornalzinho escolar vislumbrara a possibilidade de novos tempos: “*O Pasquito é uma esperança!*”

---

<sup>69</sup> Dicionário Histórico dos Movimentos Sociais Brasileiros (1964-2014) p. 71. Disponível em: [http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/19/1/MSEP\\_Dicionario\\_PDF\\_01.pdf](http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/19/1/MSEP_Dicionario_PDF_01.pdf) acesso em 23 set.2019.

Além dos documentos inventariados, algumas anotações da Prof.<sup>a</sup> Arlette possibilitaram a construção da tabela e quadros apresentados a seguir.

Unidade de despesa	1968		1969	
	Valor (em NCr\$)	%	Valor (em NCr\$)	%
SEV	29.070,00	28,4%	87.370,00	24,8%
Oswaldo Aranha	15.890,00	15,5%	61.200,00	17,4%
Americana	13.450,00	13,2%	33.640,00	9,5%
Batatais	13.450,00	13,2%	44.400,00	12,6%
Barretos	14.250,00	13,9%	45.000,00	12,8%
Rio Claro	14.250,00	13,9%	42.000,00	11,9%
S.C.Sul	1.919,70	1,9%	39.000,00	11,1%
	102.279,70	100%	352.610,00	100%

Fonte: Anotações (folha solta) Prof.<sup>a</sup> Arlette      Elaboração da autora

Com relação aos recursos financeiros antecipados, provavelmente para despesas de emergência, ou não previstos no Orçamento, vide Tabela 2. No primeiro ano de funcionamento, a unidade de São Caetano do Sul muito pouco acessou esses recursos. Porém no ano seguinte aproximou-se das demais unidades quanto a eles.

Sobre o funcionamento da Unidade de São Caetano, isto é, sobre a distribuição das aulas e disciplinas do ano letivo de 1969, esta pesquisadora elaborou quadros de horários – matutino e vespertino – a partir de anotações encontradas na agenda da Prof.<sup>a</sup> Arlette.

	horário	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
1ª aula	07h15 às 08h00	Estudos Sociais	Português	Estudos Sociais	Matemática Português	Estudos Sociais
2ª aula	08h05 às 08h50	Estudos Sociais	Matemática	Português Matemática	Francês Or. Educacional	Ciências Francês
3ª aula	08h55 às 09h40	Educ. Musical	Educ. Física	Prát.Comerciais Educ. Musical	Prát. Comerciais Francês	Or. Educacional Português
recreio	09h45 às 10h05					
4ª aula	10h10 às 10h55	Ciências Prát.Comerciais	Francês Ciências	Educ. Física	Educ. Física	Português Matemática
5ª aula	11h00 às 11h45	Artes Industriais Artes Plásticas	Artes Plásticas Artes Industriais	Econ. Doméstica Prát.Comerciais	CP	Educ. Musical Econ. Doméstica
6ª aula	11h50 às 12h35	Artes Industriais Artes Plásticas	Artes Plásticas Artes Industriais	Econ. Doméstica Ciências	CP	Matemática Econ. Doméstica

Fonte: Acervo pessoal da Prof.<sup>a</sup> Arlette D'Antola      Elaboração da Autora

No ano letivo de 1969 havia sete classes de primeira série, sendo quatro no turno matutino (1ª A, 1ª B, 1ª C, 1ª D) e três no vespertino (1ª E, 1ª G, 1ª H). Um dado curioso é que não havia a classe 1ª F, e neste caso a sequência alfabética não foi obedecida. As classes de segunda série eram cinco, sendo três no turno matutino (2ª A, 2ª B, 2ª C) e duas no vespertino (2ª D e 2ª E).

Quadro 5 - Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria						
Calendário semanal de aulas por disciplina - 1ª série E - Vespertino - 1969						
	horário	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
1ª aula	12h40 às 13h25	Estudos Sociais	Matemática Português	Português Prát.Comerciais	CP	Ciências Francês
2ª aula	13h30 às 14h15	Estudos Sociais	Or. Educacional Matemática	Prát.Comerciais Matemática	CP	Prát.Comerciais Português
3ª aula	14h20 às 15h05	Matemática	Estudos Sociais	Educ. Física	Matemática Prát.Comerciais	Francês Or. Educacional
recreio	15h10 às 15h30					
4ª aula	15h35 às 16h20	Econ. Doméstica Francês	Artes Industriais Artes Plásticas	Artes Plásticas Artes Industriais	Português	Português Econ. Doméstica
5ª aula	16h25 às 17h10	Econ. Doméstica Ciências	Artes Industriais Artes Plásticas	Artes Plásticas Artes Industriais	Estudos Sociais	Francês Econ. Doméstica
6ª aula	17h15 às 18h00	Educ. Musical	Educ. Física	Educ. Musical Ciências	Ciências Educ. Musical	Educ. Física

Fonte: Acervo pessoal da Prof.<sup>a</sup> Arlette D'Antola      Elaboração da Autora

Sobre as aulas duplas recorre-se às observações apontadas pela Prof.<sup>a</sup> Irene Torrano Filisetti<sup>70</sup>, da Área de Matemática.

No quadro de aulas citado, observa-se que há vários horários onde constam duas atividades. O importante é que nessas situações trabalhava-se somente com metade dos alunos da classe. Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem era altamente produtivo. Ao atender a um número menor de alunos a dedicação do professor era muito mais personalizada. Como isso ocorria? As classes tinham sala definida, inclusive cada aluno era responsável pela carteira que ocupava - lugares fixos. Nessa sala eram ministradas as aulas de disciplinas "tradicionais". As demais - Economia Doméstica, Artes Plásticas, Artes Industriais, Educação Musical, Práticas Comerciais, Orientação Educacional eram ministradas em sala ambiente. Educação Física na quadra de esportes. Assim, nos intervalos havia o deslocamento de alunos e professores que, com o tempo, passou a ocorrer na mais absoluta ordem e rapidez.

Convém destacar que havia um intervalo de cinco minutos entre uma aula e outra, presumidamente para locomoção de professores e estudantes.

### 2.3 Exames de Admissão

Os exames de admissão ao ginásio, vigentes por 40 anos (de 1931 a 1971) foram instituídos pelo Decreto nº 19.890 em 18.04.31, isto é, os concluintes do Ensino Primário – na faixa etária de dez a 13 anos – que pretendiam ingressar no Ensino Secundário, eram submetidos a provas em quatro áreas do conhecimento: Português, Matemática, História do Brasil e Geografia, além de terem que apresentar documentação de filiação, naturalidade e

<sup>70</sup> A Professora Irene não gravou entrevista, por razões particulares, mas enviou por escrito alguns esclarecimentos sobre o funcionamento do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, onde atuou desde a inauguração.

atestado de vacinação antivariólica. Segundo as normas, os que não obtinham sucesso poderiam refazer o exame no ano seguinte, desde que a idade ainda fosse compatível com o limite estabelecido.

Enquanto nas demais escolas da rede estadual o exame de admissão constava apenas de provas escritas das áreas de Português, Matemática, História do Brasil e Geografia, para ingresso nos Ginásios Vocacionais os candidatos eram também submetidos a uma entrevista. Ao que Neves esclarece:

A seleção dos alunos, respeitando-se a proporcionalidade social, se dava por meio de uma prova, nos moldes do exame de admissão da escola pública da época, constando de questões de Português, Matemática, História e Geografia, seguida de uma entrevista, cujo objetivo era levantar, sobretudo, as condições de vida, hábitos e características psicossociais dos jovens (NEVES, 2010, p. 34).

Sobre o ingresso dos alunos, o documento Nº 11-A *Introdução à caracterização do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria de São Caetano do Sul* traz informações de como ocorria essa seleção e as atribuições de tarefas para a realização do processo seletivo.

- ✓ Divulgação do processo seletivo: de responsabilidade do SEV.
- ✓ Elaboração de provas escritas de Português, Matemática, Geografia e História pelo SEV.
- ✓ Aplicação de provas e entrevistas por professores e orientadores das unidades de ginásios vocacionais.
- ✓ Supervisão geral: SEV

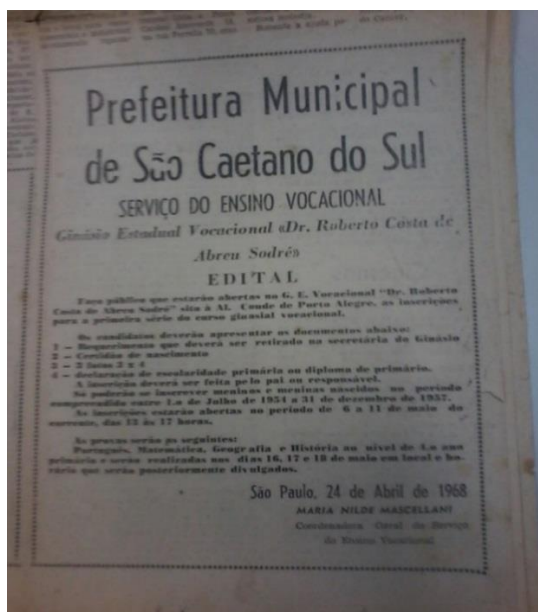


Ilustração 7 - Jornal de São Caetano – 24 de abril de 1968

Em anúncio de primeira página do Jornal São Caetano, o SEV e a Prefeitura de São Caetano do Sul divulgaram o Edital de inscrições para o primeiro exame de admissão da unidade.

O Edital de convocação para inscrições para o ingresso na primeira série apenas indica tratar-se de exame de admissão com provas de Português, Matemática, Geografia e História, no nível do 4ª ano primário. Não há nenhuma informação sobre entrevista ou avaliação socioeconômica.

Coordenadora Geral do Serviço do Ensino Vocacional

CS Scanned with CamScanner

Sueli Aparecida Nogueira filho (a) de  
(nome por extenso)  
Leandro Nogueira  
(nome do Pai)  
Benedicta Carneiro Nogueira  
(nome da Mãe)

nascido (a) a 16 de agosto de 56 em São Caetano  
(dia) (mês) (ano) (cidade)

Estado de São Paulo, residente à Rua Benedita  
nº 61 no Município de São Caetano, tel. 23604

Requer sua inscrição às provas de seleção para a 1ª Série do Ginásio Vocacional de São Caetano do Sul, juntando, para isso, os documentos necessários.

Nestes Termos,  
P.Deferimento

Leandro Nogueira  
(assinatura do aluno)

- Desejo que meu filho receba Educação Religiosa, de acordo com a orientação da Igreja católica

São Caetano do Sul, em 9 de maio de 1968

Benedicta C. Nogueira  
(assinatura do Pai ou responsável)

ans/68

O documento Arquivo EDA nº 01, localizado no prontuário de Sueli Aparecida Nogueira, comprova que a inscrição ao Exame de Admissão ocorria mediante o preenchimento de um formulário (com assinatura do pai ou responsável). O requerimento de inscrição é endereçado à Coordenadora do SEV, demonstrando assim que era de atribuição do órgão o planejamento e a organização do processo seletivo. Esta inscrição é referente ao ingresso para o ano letivo de 1968, já o documento Arquivo EDA nº 2, que pertence ao processo seletivo para a turma de 1969, comprova o procedimento adotado pela instituição escolar.

185

ECON. SRA. COORDENADORA GERAL DO SERVIÇO DO GINÁSIO VOCACIONAL

4

\_\_\_\_\_ filha (a) de  
 (nome por extenso)  
 Sebastião José dos Santos  
 (nome do Pai)  
 Ana Matinho dos Santos  
 (nome da Mãe)  
 nascido (a) a 14 / Outubro / 56 em São Caetano do Sul  
 (dia) (mês) (ano) (cidade)  
 Estado de São Paulo, residente à Rua Gonzaga  
 nº 471 no Município de São Caetano do Sul, tel. \_\_\_\_\_

Requer sua inscrição às provas de seleção para a 1ª Série do Ginásio Vocacional de São Caetano do Sul, juntando, para isso, os documentos solicitados.

Nestes Termos,  
 P.Deferimento

Laura Matinho dos Santos  
 (assinatura do aluno)

- Desejo que meu filho receba Educação Religiosa, de acordo com a orientação da Igreja Católica \_\_\_\_\_

São Caetano do Sul, em 4 de Outubro de 1968

Ana Matinho dos Santos  
 (assinatura do Pai ou responsável)

ans/68

CS Scanned with CamScanner

No acervo da Prof.<sup>a</sup> Arlette foi encontrado um Roteiro de Entrevistas, aqui classificado como Documento 1-A, com características de formulário-padrão para todas as unidades do Ginásio Vocacional, nos processos de admissão de estudantes. Deduz-se que a aplicação do questionário ocorria durante a entrevista, com respostas transcritas pelo entrevistador. O Roteiro de Entrevistas era composto dos seguintes blocos temáticos: I) identificação do aluno (nome, sexo, idade, religião); II) dados escolares (escolaridade anterior, idade de início e término, retenção e interrupção durante o curso, outros cursos extracurriculares); III) Ginásio Vocacional (como conheceu, por que escolheu); IV) Família (composição da família, quantidade de membros da família, profissão e escolaridade dos pais); V) Informações pessoais (interesses e atividades habituais, lazer, mesada, admiração (ídolos), aspirações, amizades); VI) Parecer do entrevistador sobre o candidato (para preenchimento imediatamente após a entrevista): autoimagem, características de personalidade, aptidões, atuação no lar, com amigos, linguagem e expressão oral.

Tudo indica que o documento Arquivo EDA nº 03 seja o formulário utilizado durante a entrevista de Hilda Heise, com informações sobre a composição da família, profissão dos pais, notas das provas escritas, etc. .

8 D

Nome do candidato Hilda Heise Nº da inscrição 69  
(letivo)

Endereço: Rua Tobias 320 nº 320 aptº  Bairro St. Maria  
N.S.E. IV, 61 - Data do Nascimento: 22/10/56 dia mes ano - Sexo: mul. Cidade SC

NOTA 176 | M-56 | P-72 | ES-48

Nome dos membros e família	Idade	Sexo	Profissão ou ocupação	Especificação da profissão ou ocupação	Renda aproximada
Pai, mãe ou responsável <u>Felipe Heise Filho</u>	<u>42</u>	<u>mas.</u>	<u>meccânico</u>	<u>empresário C&amp;C.</u>	<u>550.00</u>
<u>Carolina B. Heise</u>	<u>34</u>	<u>mul.</u>			
<u>Hilda Heise</u>	<u>12</u>	<u>mul.</u>			
<u>Valter Heise</u>	<u>10</u>	<u>mas.</u>			
<u>Marta Heise</u>	<u>9</u>	<u>mul.</u>			
<u>Hugo Heise</u>	<u>6</u>	<u>mas.</u>			

CS Scanned with CamScanner

SCOLARIDADE

	4º ANO	5º ANO	6º ANO	Curso Admissão	1ª SÉRIE
Quando ano letivo?	<u>1967</u>			<u>1968</u>	
Onde	<u>At. R. Ramos</u>			<u>Prof. Itina</u>	

Inscrição aos Exames de Admissão SIM  NÃO  ONDE G. E. V. Bonelava

em outras escolas no atual ano letivo: NÃO  SIM

Por que se candidata ao Ginásio Vocacional? por ser ED, p. g. de curso Vocacional

Prestou Exames de Admissão em anos anteriores: SIM  NÃO

Em que anos? \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

Onde? \_\_\_\_\_

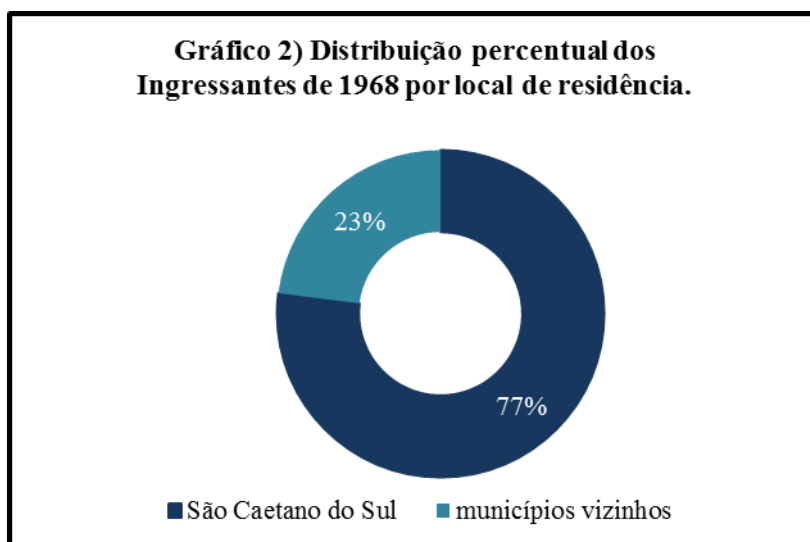
OBS.: \_\_\_\_\_

DATA: Florianópolis, 20/10/68  
Assinatura do Aplicador: [Assinatura]  
NOME DO APLICADOR: \_\_\_\_\_

CS Scanned with CamScanner

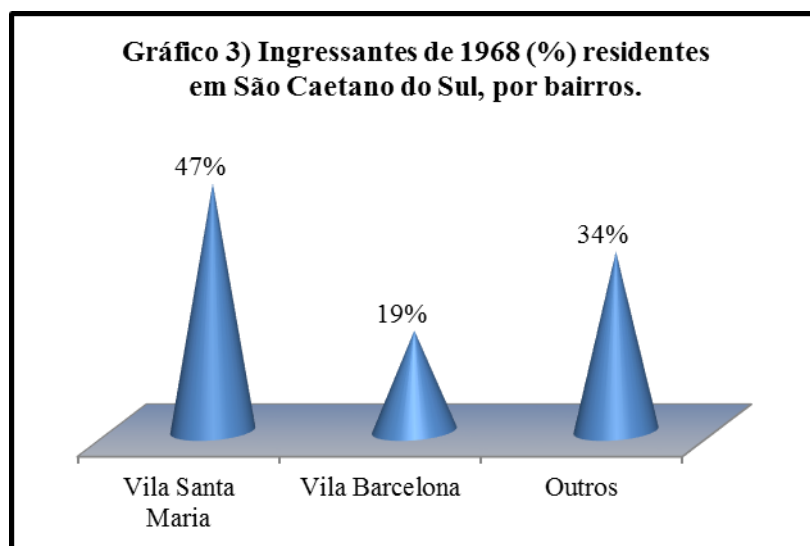
Voltando ao Documento Nº 11-A, que contém alguns resultados de tabulação para caracterização dos estudantes de 1968: 97% eram brasileiros e 92% professavam religião católica. Curiosamente, não apresenta cálculo da proporção de alunos por sexo e faixa etária.

Nos gráficos 2 e 3, alguns resultados sobre o local de residência dos estudantes.



Fonte: Documento Nº 11-A

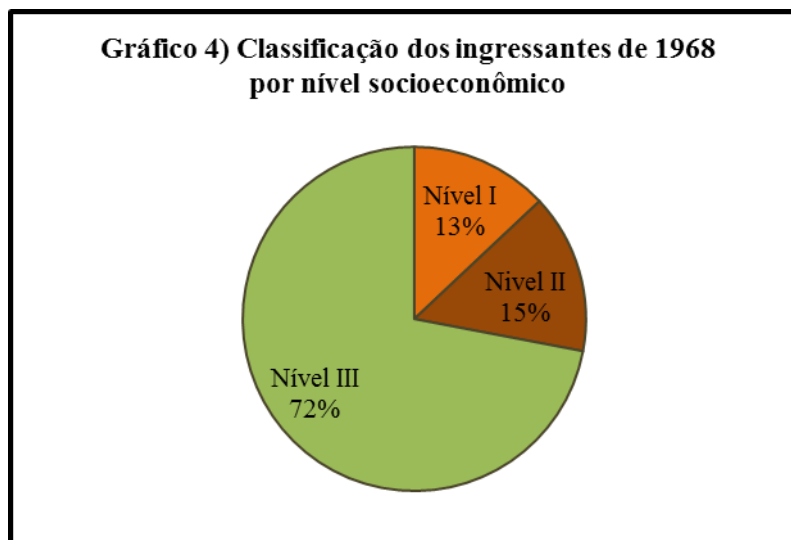
Elaboração da autora.



Fonte: Documento Nº 11-A

Elaboração da autora.

O gráfico 4 contém a distribuição percentual dos ingressantes por classificação socioeconômica.



Fonte: Documento Nº 11-A

Elaboração da autora.

Segundo o Documento Nº 11-A, o nível socioeconômico se refere à escala de prestígio das profissões, desenvolvida pelo Professor Hutchinson. Tal metodologia foi adaptada pelo SEV. “Por este critério pertencem ao Nível III crianças filhas de pais que exercem ocupações manuais sem especialização ou não especializadas”. Sobre as outras faixas (Nível I e Nível II) não há nenhuma explicação.

Do acervo da Prof.<sup>a</sup> Arlette, o seguinte Documento Nº 3-A *Realidade socioeconômica como fundamento no processo de seleção nos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo* destaca a “atitude de pesquisa permanente” como diretriz do SEV:

Essa experiência educacional, inserida numa realidade social em permanente mudança exige, da equipe de educadores que dela participa, investigações e pesquisas que se inter-relacionam e se sucedem, gerando modificações no processo educativo em andamento e abrindo perspectivas para novas indagações. É o que Landsheere chama de “pesquisa de ação”. Essa atitude de pesquisa permanente dinamiza a experiência, permite situar os pontos de estrangulamento do sistema, tornando-se autocorretiva e garantindo, assim, a atualização constante.

A “pesquisa de ação” contribuía para as adequações no processo educativo que abria caminho para novas indagações, inclusive da realidade do estudante. Considerando que neste momento ocorria a formação de uma nova classe média urbana<sup>71</sup>, é possível que alguns daqueles juvenzinhos, influenciados pela metodologia inovadora, tenham tomado conhecimento de possibilidades de ingresso em universidades públicas e da construção de trajetórias profissionais até então jamais imaginadas. Cabe ressaltar que esse contexto era uma

<sup>71</sup> TOMIZAKI, 2007, p. 49.

especificidade de São Caetano do Sul, tendo em vista a amálgama demográfica, econômica e social mencionada anteriormente. Assim, no âmbito econômico a escola teria contribuído para alterar a realidade socioeconômica daquela localidade, em médio ou longo prazo. Numa perspectiva ampliada, o processo educativo poderia ter provocado inquietações e contribuído para que vislumbrassem mudanças sociais substantivas, haja vista a conjuntura política brasileira naquele momento.

O Documento N° 11-A também apresenta em temas os resultados da entrevista (aplicação do Documento N° 1-A):

- ✓ Sociabilidade: condicionada ao grupo familiar - o relacionamento com a mãe era melhor (no sentido de compreensão e segurança). 99% tinham amigos e 94% saíam com os amigos (em passeios e cinema).
- ✓ Trabalho: indica que 39% valorizavam as profissões liberais e 28% as profissões técnicas especializadas. No texto há a seguinte observação:

É de se destacar este dado uma vez que a valorização das profissões liberais costuma ser muito maior em termos percentuais em todo país. Quanto a valorização relativamente grande das profissões técnicas talvez se explique pelas características da cidade (eminentemente industrial) e por tratar-se de uma parcela da população de nível socioeconômico baixo, em sua maior parte.

Dos alunos matriculados, apenas 23 declararam já ter trabalhado e quatro estavam trabalhando por ocasião do ingresso na escola. Segundo o documento, “Esses 23 alunos representam um número pouco significativo (10%)”. Esse parágrafo revela o quanto era comum o trabalho infantil nessa época. Ressalta-se que eram crianças com 11 anos de idade. O resultado de 10% foi considerado “pouco significativo”.

No capítulo 3, das Memórias, há o relato de um aluno impossibilitado de participar de atividades esportivas do Vocacional em razão do trabalho.

- ✓ Escolaridade: Foi apurado que 90% dos entrevistados ingressaram no ensino primário na idade regulamentar (seis a oito anos), 96% declararam gostar da primeira escola, sendo o principal motivo amizades que lá conquistaram.

Não há disparidade entre as porcentagens dos alunos no que concerne à apreciação e à depreciação das matérias (pelo contrário, há equilíbrio). Observa-se que há mais valorização para as matérias e menos para as chamadas “decorativas”.

- ✓ Saúde: A maioria dos estudantes apresentou boa situação de saúde, declarando a ocorrência de doenças infantis quando mais novos. Dos entrevistados, 8% sofriam de bronquite e 3% tiveram nefrite. Foi detectada a necessidade de se realizar um estudo sobre as condições nutricionais dos alunos. Porém, na documentação existente não há indícios de que tal avaliação tenha sido realizada.

Após a seleção dos candidatos, convocação, matrícula dos aprovados e sua devida caracterização, o procedimento seguinte foi organizar sete classes com o critério de proporcionalidade de idade e sexo, com quatro classes no turno matutino e três no vespertino.

Com base no perfil do alunado e nos estudos sobre a cidade de São Caetano do Sul, realizados pelo SEV, foram discutidos e elaborados os objetivos gerais do Ginásio e as metas para a 1ª série em 1968.

Transcreve-se a seguir o principal objetivo da 1ª série de 1968, segundo o Documento Nº 11-A:

Integrar o educando em seu novo meio (Ginásio Vocacional e comunidade) através do conhecimento, relacionamento e atuação de forma constante e evolutiva que propiciará a integração e a participação em diversificados âmbitos.

Com a análise do Documento Nº 11-A foi possível constatar que o diagnóstico obtido durante o processo do Exame de Admissão foi matéria-prima para o planejamento da primeira Unidade Pedagógica.

A partir dessa premissa, foram inseridos quatro blocos de objetivos específicos para trabalhar a primeira Unidade Pedagógica, com o tema: O Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria. O Documento Nº 11-A se encerra abruptamente, apenas com a menção dos objetivos do desenvolvimento do tema, indicando que o documento está incompleto.

O Documento Nº 13-A *Relação das Unidades Pedagógicas 1968* é apenas uma folha com o título do documento, nome da escola, cidade. Em seguida aparece o subtítulo 1ª Série e os temas:

- 1ª Unidade: O que é e como funciona o Ginásio Vocacional?
- 2ª Unidade: Como é a família de São Caetano?

Unidades Pedagógicas é o próximo tema de análise.

Os dados obtidos durante o processo seletivo eram utilizados para a construção da primeira Unidade Pedagógica, ferramenta básica para alavancar o currículo.

## 2.4 Unidades Pedagógicas

A duração da Unidade Pedagógica era de um bimestre. Para situar o leitor, transcreve-se a definição da Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde:

Unidade Pedagógica é a ferramenta básica que alavanca o currículo. Cada unidade pedagógica tem como norte uma questão ou afirmação reveladoras de problemas desencadeados pelo core-curriculum. Portanto, a Unidade Pedagógica se inicia com um debate a partir de um questionamento ou sobre um problema. Na discussão inicial, todos os alunos tomam parte: e a experiência de participação, da qual resulta um plano de estudo da classe. Na Unidade Pedagógica sempre se recolhem dados de campo; aliás, a própria unidade pedagógica pode decorrer de um estudo do meio. Há também a situação em que se debatem temas cujo aprofundamento se dará através de palestras de professores ou especialistas com satisfatório domínio dos assuntos em questão. Logo após, a equipe de professores e orientadores deverá apresentar os conceitos, abordagens e trabalhos práticos envolvidos naquela unidade pedagógica (MASCELLANI, 2010, p. 106).

Recorre-se também aos escritos de Chiozzini:

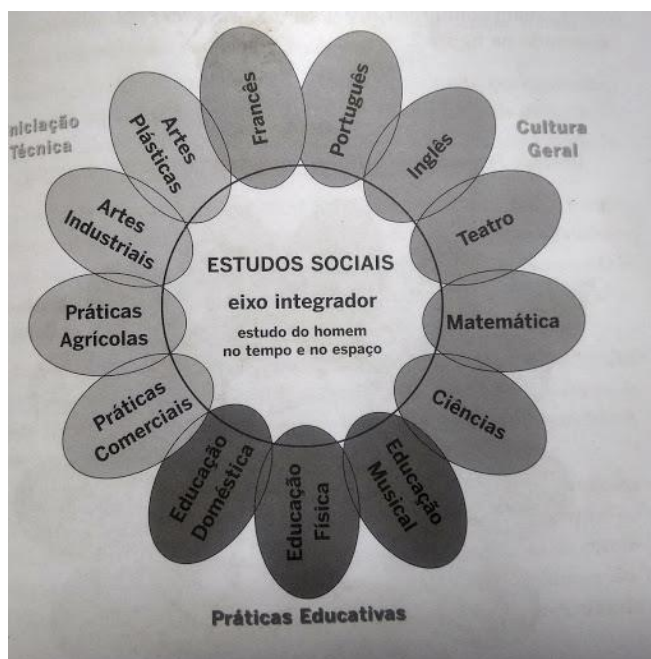
(...) a Unidade Pedagógica era um conjunto de temas ou questões que funcionava como proposição básica para o desenvolvimento do currículo, portanto, abordado por todas as disciplinas. Essas questões eram levantadas no planejamento dos professores, levando em consideração o estudo da comunidade onde o ginásio estava situado, e eram lançadas para os alunos nas chamadas “aulas plataforma”, nas quais os mesmos propunham outras questões a partir do que havia sido exposto pelos professores. Posteriormente, a Unidade Pedagógica era concluída com uma síntese dos conhecimentos trabalhados, dando origem a uma Unidade subsequente (CHIOZZINI, 2010, p. 24).

O texto de Tamberlini também contribui para a compreensão dessa metodologia:

Estas “unidades pedagógicas” traduziam a ideia de tema gerador, abordado em Estudos Sociais – área que constituía o eixo integrador de todas as disciplinas do currículo – trabalhadas em todas as áreas do conhecimento, e constituíram uma contribuição única na história da educação brasileira, ainda hoje discutidas e aplicadas (TAMBERLINI, 2001, p. 72-73).

Segundo o Documento N° 20-A *Planejamento bimestral por disciplina da 1ª UP*, na primeira série (ano letivo 1969) foram ministradas 11 disciplinas: Artes Industriais, Artes Plásticas, Ciências, Educação Doméstica, Educação Física, Educação Musical, Estudos Sociais, Francês, Matemática, Português, Práticas Comerciais.

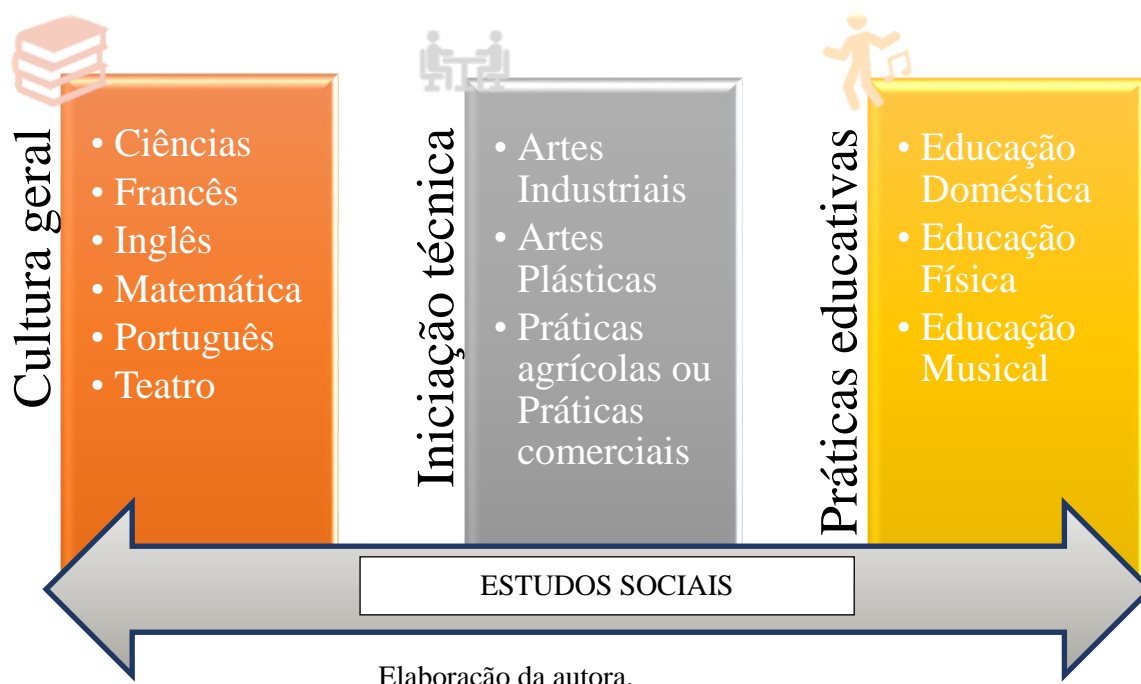
Lima e Rovai (2015) representam a organização curricular do Ensino Vocacional com o desenho de uma rosácea, onde as pétalas interligadas simbolizam as disciplinas e no centro (miolo) a disciplina Estudos Sociais, o eixo integrador.



**Ilustração 8 - Rosácea de Lima e Rovai (2015, p. 157)**

No desenho mencionado as disciplinas são divididas por grupos, conforme ilustração a seguir:

**Figura 4 - Organização curricular nos Ginásios Vocacionais**



Elaboração da autora.

Na organização curricular do Ensino Vocacional havia um conceito central e mobilizador da área de Estudos Sociais, o *core-curriculum* que, em forma de questão ou problema, desencadeava o movimento de integração de todas as disciplinas.

Ao que complementa Mascellani:

No campo das áreas curriculares definiam-se os objetivos específicos e os principais conceitos com os quais se deveria trabalhar. No Ensino Vocacional, não se trabalhava com conteúdos pré-fixados, nem com livros didáticos. Assim, o grande número de áreas curriculares poderia exigir um esforço maior dos alunos, se não fosse o trabalho de integração curricular. A integração curricular ou integração de áreas se assentava sobre a concepção de currículo pela qual nos orientamos. Se o currículo e uma sequência de experiências vividas pelo aluno, experiências programadas pelo professor, as quais devem ter objetivos muito claros, isto significa que os alunos poderão estudar/trabalhar na escola e fora dela, com os colegas regulares ou com pessoas da comunidade (MASCELLANI, 2010, p. 105-106).

Segue a transcrição de uma parte do planejamento de Estudos Sociais para a primeira Unidade Pedagógica de 1969<sup>72</sup>, elaborado pelas professoras de História e Geografia, responsáveis pela área.

OBJETIVO	CONTEÚDO	CONCEITOS
Levar o aluno a localizar o G.V. de São Caetano do Sul no tempo e no espaço.	Localização do GV: planta do GV, pontos cardeais, coordenadas geográficas, escala e localização do G.V. na comunidade, nome do ginásio.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Localização</li> <li>• Escala</li> <li>• Técnica</li> </ul>

Diante das estratégias de seleção dos temas das Unidades Pedagógicas, o risco de não se conseguir despertar o interesse dos alunos era muito pequeno, uma vez que se buscavam temas, direta ou indiretamente articulados com aspectos fundamentais da vivência dos alunos (NEVES, 2010, p. 157).

Segundo o Documento Nº 20-A, nas Unidades Pedagógicas “o desenvolvimento do currículo acontecia por meio do desenvolvimento das unidades de estudo com três momentos significativos”. O primeiro momento, chamado de Plataforma, em que se definia o tema numa

<sup>72</sup> No formulário padronizado (em formato paisagem) havia também uma coluna intitulada *Técnica*, no qual eram listados os meios utilizados para transmitir o conteúdo. Foi transcrito apenas um item do planejamento bimestral.

aula-assembleia, contava com a participação de todos os alunos da série, tanto na escolha do tema como na discussão.

Abaixo está a transcrição de uma parte do Documento N° 20-A, com detalhes do planejamento das disciplinas Matemática e Práticas Comerciais.

**MATEMÁTICA – Prof.<sup>a</sup> Therezinha de Jesus F. Leone**

OBJETIVO	CONTEÚDO	CONCEITOS
Situar a área no G.V. de São Caetano do Sul através da linguagem de conjuntos.	Conjuntos bem definidos numéricos e não numéricos (ênfase nos conjuntos que se referem aos elementos físicos e humanos do G.V.).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elemento</li> <li>• Conjunto</li> <li>• Relação de pertinência</li> <li>• Noção de ordem</li> </ul>

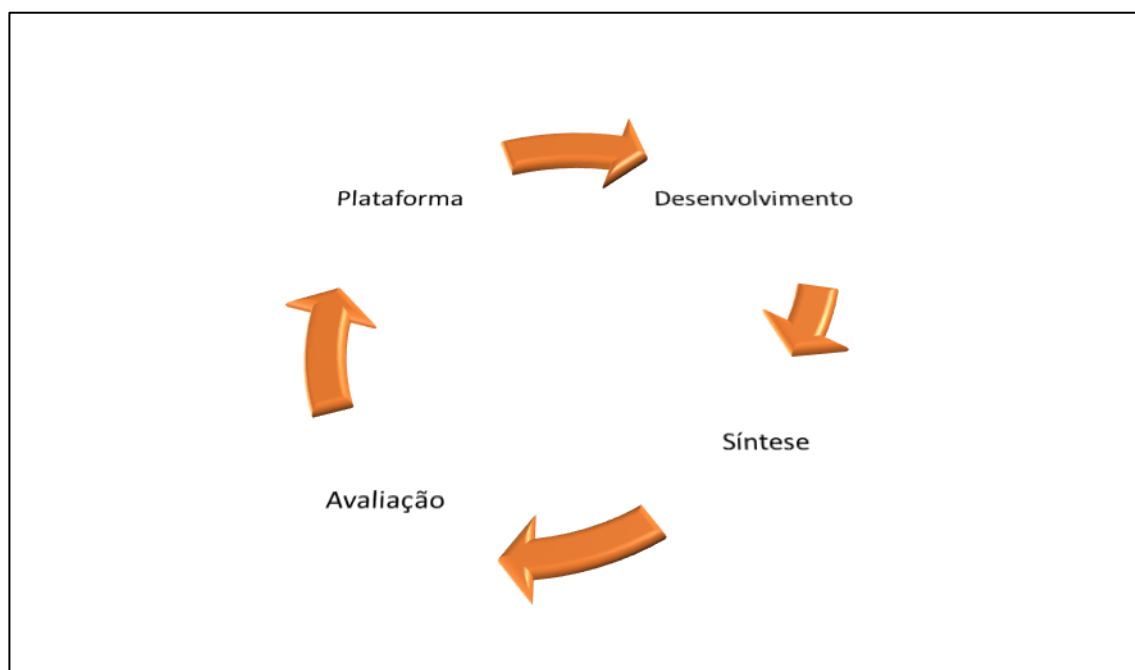
**PRÁTICAS COMERCIAIS – Professores Milton L. Santa Bárbara e José Pereira Leite**

OBJETIVO	CONTEÚDO	CONCEITOS
Levar o aluno a perceber o comércio como um elemento de integração no G.V.	Texto de análise com noções elementares para fundamentação (comércio, evolução, função e divisão do comércio).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comércio</li> <li>• Moeda</li> <li>• Troca</li> </ul>

A sequência dos temas era progressiva, isto é, na primeira série a abrangência temática era local (escola, família, comunidade, cidade), na segunda série ampliava-se a discussão para questões do âmbito regional e estadual, já na terceira o contexto era nacional, no seguinte mundial, e assim por diante.

Definida a plataforma - a questão-problema - na etapa seguinte ocorria sua investigação durante o bimestre, transversalmente, em todas as disciplinas.

Figura 5 - Representação circular das fases de uma Unidade Pedagógica



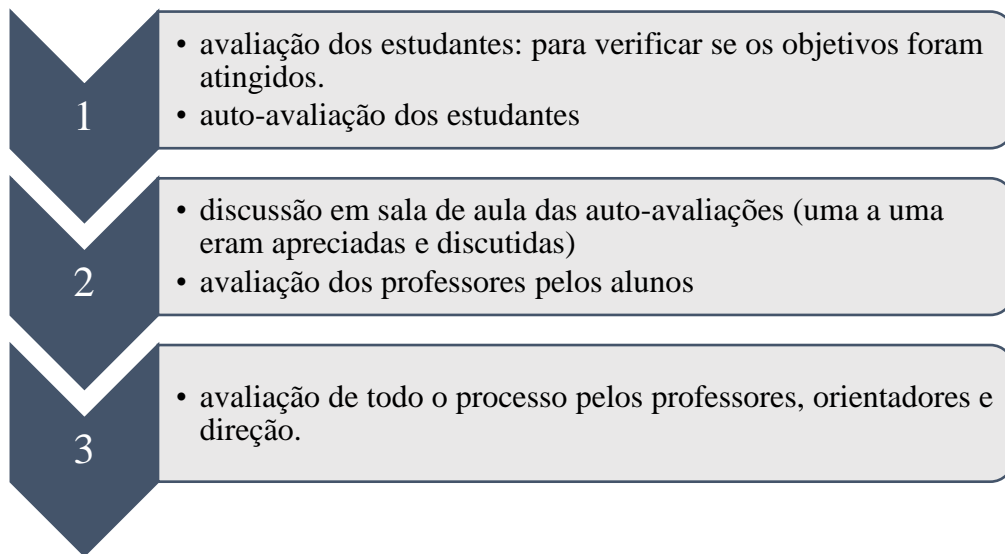
Elaboração da autora.

O Documento Nº 8-A *Relatório do Planejamento para 1969* também menciona, resumidamente, as etapas das Unidades Pedagógicas:

- I. Introdução – Plataforma
- II. Desenvolvimento
  - Estudos: dirigido, supervisionado, livre, do meio.
  - Diferentes atividades – projetos.
  - Instituições pedagógicas (conhecimento da realidade): cantina, cooperativa, acampamentos etc.
- III. Síntese
- IV. Avaliação geral

A avaliação - feita em várias fases - era muito importante, e não o fechamento de uma Unidade Pedagógica. Caso houvesse a percepção de objetivos não atingidos, era possível voltar com um novo enfoque para superar tal defasagem.

Figura 6 - Etapas de avaliação da Unidade Pedagógica



Elaboração da autora.

Lima e Rovai (2015, p. 151) definem o currículo do Ensino Vocacional como um espiral para explicar a ideia de movimento, de abertura e expansão, como também para possibilitar o aprofundamento de questões próximas – locais e específicas – e temas gerais, isto é, “o aprendizado partindo do próximo para o distante e do imediatamente concreto ao plano conceitual abstrato, sempre no sentido do fluxo e do refluxo”.

Neves (2010, p. 129), por sua vez, observa a montagem do currículo como concêntrica: o primeiro círculo correspondia à primeira série (município), o segundo à Unidade de Federação, na terceira série o Brasil e na quarta série: o mundo.

Antes de prosseguir nas considerações sobre Unidades Pedagógicas, se faz necessário mencionar o psicólogo americano Jerome S. Bruner que, com influência piagetiana, introduziu os conceitos *currículo em espiral* e *aprendizagem por descoberta*. Para Bruner, é possível o ensino de qualquer assunto, a qualquer indivíduo, independentemente de seu estágio de desenvolvimento, desde que se tenha em conta suas diversas etapas de desenvolvimento intelectual, pois considera relevante em matéria de ensino sua estrutura e o modo de representá-la para o aluno. Para o autor, as fases de desenvolvimento de um indivíduo acontecem em seu ambiente e se expressam em três modos: representação ativa, representação icônica e representação simbólica – a primeira, caracterizada pelo manuseio da ação, a segunda, pela organização perceptiva de imagens e a terceira, pela utilização de símbolos. Quanto ao ambiente de aprendizagem por descoberta, sugere ao educador que facilite e ordene os processos de representação por parte do aluno, estimulando-o a explorar

alternativas. Tal processo de exploração de alternativas é composto de três fatores: *ativação* (início do processo, a curiosidade), *manutenção* (o mantém no processo) e *direção* (evita a confusão).<sup>73</sup>

A princípio há percepção de que os preceitos teóricos de Bruner se aplicam a um processo individual de ensino e, portanto, não se aplicariam ao processo coletivo das Unidades Pedagógicas. No entanto, há citações de seus escritos em documentos do Ensino Vocacional, indício de apropriação de suas ideias.

Sobre esse movimento integrado, Boulos complementa:

É esse trabalho integrado que permite que o sujeito que aprende, elabore conhecimentos novos, modificando seus esquemas anteriores, amplie e aprofunde sua experiência, sendo capaz de ir percebendo a complexidade do mundo em que vive, superando os limites dos campos de conhecimento para apreendê-lo no seu todo. À medida que o sujeito penetra na realidade através do conhecimento, descobrindo-a, ele é capaz, também de modificá-la pelo seu poder criador, passando a ser agente da cultura e sujeito da história (BOULOS, 1968, p. 112).

E Mascellani elucida o papel transformador dessa pedagogia:

No caso dos Ginásios Vocacionais, convencionamos entendê-la como uma pedagogia social, crítica e transformadora. Por que? Porque tomamos a realidade social como conteúdo, a crítica permanente como metodologia e a transformação social como objetivo. Nessa pedagogia, os sujeitos da educação são entendidos como seres em movimento no plano social e cultural. Os procedimentos pedagógicos, de acordo com esta concepção, se caracterizam como instrumentos de ensino a partir de situações problematizadoras, sempre renovadas e situadas na realidade social (MASCELLANI, 2010, p. 104).

Nos papéis guardados pela Prof.<sup>a</sup> Arlette não foi encontrada nenhuma descrição ou relato das sínteses. Todavia, os escritos de Neves elucidam essa fase:

Percorridas todas as etapas do processo educativo, o estudo da Unidade Pedagógica se completava na SÍNTESE BIMESTRAL que tal como a PLATAFORMA, era uma atividade de conjunto, reunindo os professores de todas as áreas do currículo e todos os alunos da mesma série. Do ponto de vista de formação intelectual, era a atividade final do período, na qual eram apresentados, pelos mais variados meios de comunicação, os resultados obtidos, por cada uma das áreas, no estudo dos temas lançado na plataforma. Era o momento culminante (NEVES, 2010, p. 174-175).

Vale acrescentar que o vínculo entre uma Unidade Pedagógica e a subsequente não era apenas temático, ou seja, não se referia aos temas fundantes do currículo que se desenvolviam

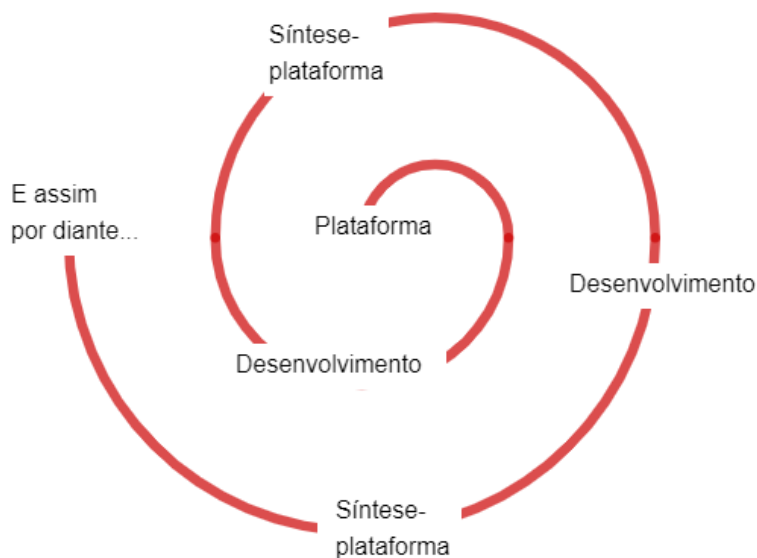
---

<sup>73</sup> Disponível em <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-aprendizagem-por-descoberta.htm>  
Acesso em 25 set.2019.

progressivamente (cidade, Estado, País, mundo), mas problematizador, porque uma síntese remetia à outra plataforma.

Portanto, este estudo conclui que a Unidade Pedagógica pode ser representada com o movimento de uma espiral, conforme ilustração abaixo.

Figura 7 – Fases da Unidade Pedagógica



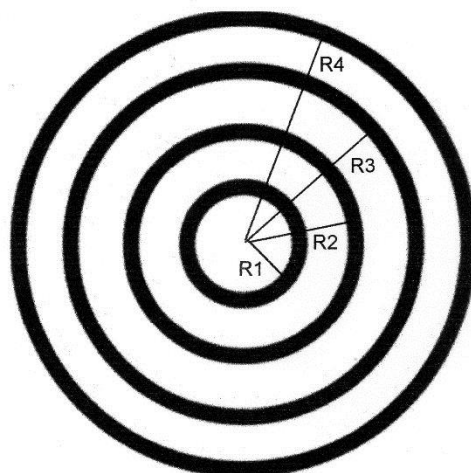
Elaboração da autora.

As Unidades Pedagógicas eram desenvolvidas bimestralmente, e sua síntese oferecia embasamento para a discussão da nova plataforma, e assim era definido outro tema. No ano letivo de 1969 (segundo os documentos 21-A, 22-A e 23-A) os temas abordados nas primeiras séries foram:

- Unidade I: O Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria
- Unidade II: A família (como podemos nos conhecer através da família).
- Unidade III: Comunidade de São Caetano do Sul (trabalho)
- Unidade IV: As necessidades do homem de São Caetano do Sul.

Dentre as representações geométricas utilizadas para explicar a metodologia do Ensino Vocacional, este estudo também apresenta a concepção da Prof.<sup>a</sup> Irene Torrano Filisetti, professora de Matemática da Unidade de São Caetano do Sul, para ilustrar o planejamento anual das Unidades Pedagógicas.

Figura 8 – Planejamento anual das Unidades Pedagógicas



O planejamento anual era constituído por "plataformas" que se assemelhavam a círculos concêntricos, isto é, o menor (R1) referia-se ao primeiro bimestre, ampliando-se para o círculo seguinte (R2) no segundo bimestre, de forma a permitir que o tema básico inicial pudesse continuar a fazer parte da etapa seguinte. E, assim, sucessivamente, em relação a R3 e R4.

Elaboração: Prof.<sup>a</sup> Irene Torrano Filisetti

O Documento N° 14-A (*rascunhos de atas de reuniões de jul./1969*) traz as discussões de avaliação de uma Unidade Pedagógica. Optou-se por inserir um trecho do diálogo, para o melhor entendimento dessa metodologia e os resultantes problemas de compreensão e aplicação. Portanto, o Documento N° 14-A comprova a existência da última etapa da Unidade Pedagógica descrita no Documento N° 8-A, a Avaliação Geral. No decorrer da reunião de avaliação – Fase 3 da avaliação, conforme Figura n° 6 – verificam-se opiniões divergentes:

O objetivo [da plataforma] é lançar bases de estudo, incentivar o aluno e provocar o desequilíbrio, fomentar no aluno a necessidade dele se colocar e fazer o que deseja. Essas colocações iriam nortear o trabalho. Seriam dosadas pelos professores e qualquer modificação seria tratada com os alunos. Na plataforma o aluno poderia sentir a integração dos professores. (Judi)

Acho que o ponto central seria como criar situações para o aluno. O aluno não foi motivado para o assunto, surge então o problema da necessidade do aluno. Além da função da plataforma de desequilíbrio, seria uma forma de o aluno participar. (Donato)

Não está ocorrendo a motivação do aluno nas anteriores plataformas. (Gilberto)

O objetivo não tem sido alcançado. (Célia)

A plataforma geral não deveria existir, o aluno entra condicionado na plataforma. Haveria um tema geral. Entregaria aos alunos a síntese realizada

para que ele a analise, a partir de propostas de trabalho e dos problemas surgidos sairia o tema da unidade. (Gilberto)

A última fala, de Gilberto, mesmo pessimista, revela o movimento das unidades pedagógicas, concluindo com a síntese, que se tornava plataforma da próxima Unidade Pedagógica e assim sucessivamente, indicando um movimento em espiral, conforme figura 7.

Já a colocação de Ana revela a curiosidade despertada no aluno para ampliar o objeto de análise:

Os alunos colocaram que perceberam que terminado o estudo da família fazia-se necessário alargar este conhecimento, entrar em contato com as condições de outras famílias (...). (Ana)

A redatora da ata, Lucia M. Penna, informa que discutiram no grupo se o desequilíbrio estaria ligado à motivação. Dependendo do tipo de desequilíbrio, o indivíduo não seria levado a agir.

Acho que não existe desequilíbrio negativo, mas sim a ação poderia ser negativa ou positiva. (Ernesta)

A transcrição de diálogos dessas reuniões teve o objetivo de demonstrar a dinâmica das unidades pedagógicas e as dificuldades cotidianas dos professores e da direção, e também evidenciar os desafios postos a esses docentes, que acreditavam que a conscientização e motivação dos alunos possivelmente acarretariam mudanças na conjuntura. Vale lembrar que tais diálogos ocorreram em julho de 1969, em plena vigência do AI-5.

## 2.5 Percepção da escola sobre o município de São Caetano do Sul.

O Documento Nº 8-A (Relatório de Planejamento para 1969) traz a caracterização do município, que em seguida é transcrita *ipsis verbis*:

A previsão dos sociólogos [da equipe do SEV] é que São Caetano do Sul passe a ser uma cidade despovoada – as indústrias tendem a crescer, o espaço é pequeno: isto implica numa demanda para outras cidades. Verificou-se também preconceitos em relação à mulher que trabalha fora. Não existe bom relacionamento familiar. Sob o ponto de vista político, a cidade é típica do interior.

Para o planejamento das atividades de 1969, cada área elaborou um diagnóstico, descrito no Documento Nº 8-A, e igualmente transcrito *ipsis verbis* a seguir:

### ➤ Artes Industriais:

São Caetano do Sul é uma comunidade industrial que: oferece grande quantidade de empregos, condições de trabalho, remuneração, técnicas de produção deixam muito a desejar (métodos rudimentares, métodos em fase de transição e métodos atualizados).

➤ Práticas Comerciais:

1. O volume de comercialização é menor que o de industrialização.
2. Há grande procura de empregos na capital.
3. Não aparecem nos jornais de S.C.S. ofertas de emprego.
4. A “renda per capita” é baixa porque o pessoal nem sempre reside na comunidade.
5. O sistema cooperativista desenvolveu-se acentuadamente (entretanto a administração é de cima para baixo).

➤ Educação Doméstica

1. As condições de higiene são precárias.
2. Em contato com as mães de alunos decidiu-se a introdução da técnica do banho.
3. Houve a aceitação da área dentro da família:
  - Conhecimentos de E.D. – auxílio às mães,
  - Rejeição inicial por parte dos meninos.
4. Falta de conhecimentos sobre as noções básicas de alimentação.
5. S. C. do Sul é um município rico, mas de baixo nível de vida.
6. Há grande arrecadação de impostos.
7. É uma das cidades de maior densidade demográfica.
8. 50% dos habitantes trabalham em outras cidades: facilidade no transporte, muitos moram no município por haver facilidade de frequência à escola, tem todos os melhoramentos públicos.
9. A maioria dos habitantes atuais veio de fora.
10. Na média, as famílias são pequenas (4 a 5 elementos).

➤ Educação Musical

Comunidade

1. Há alguns conservatórios na comunidade.
2. Há uma escola de música anexa: Fundação das Artes de S.C.S que promove aulas e concertos, pouco valorizados pela comunidade, e forma profissionais.
3. Há um grupo folclórico japonês.

Família

1. Reduzido número de praticantes de música.
2. Grande preferência pela música folclórica e sertaneja.
3. Meios de comunicação: rádio, televisão, vitrola.
4. A programação preferida é medíocre.

Conclusões

Observam-se dificuldades devido à falta de condição financeira e nível.

➤ Educação Física

No Estudo do Meio foram estudados o Estádio e Clubes, sendo que naquele observa-se falta de organização. No Palácio dos Esportes (de caráter político) também há falta de organização. Os clubes de São Caetano do Sul são instituições sociais, dispõem de parque infantil (como atendimento às crianças), quadras, piscinas, estádio em construção.

➤ Português

1. Desde o exame de admissão até o Estudo do Meio, a área trabalhou tentando ampliar os horizontes do aluno.
2. Há 11 bibliotecas em S.C.S. que foram visitadas pelos alunos em Estudo do Meio e constatou-se que são pouco frequentadas.
3. O Jornal é pouco explorado (talvez inexistente).
4. A Rádio preocupa-se com os estudantes.
5. O Teatro é pouco frequentado.

➤ Matemática

A contribuição da área neste tema é esclarecer o que se observou no desenvolvimento mental dos alunos, já que há uma perfeita correlação entre a Estrutura Mental e a Estrutura Matemática (Piaget).

A clientela de S.C.S. caracteriza-se sob estes aspectos como carente de boa linguagem, não possuidora de conceitos bem formados. Além disso, sentiu-se a grande necessidade de dinamizar o pensamento lógico, aproveitando as analogias existentes nas diferentes áreas.

No Documento Nº 7-A *Relato do Experimento* consta a seguinte descrição sobre a situação socioeconômica do município:

A clientela era proveniente de famílias que, de um modo geral, apresentava-se desorganizada. Seu nível socioeconômico era baixo, sendo que a renda familiar para 90% dos casos não ultrapassava um salário mínimo.

As considerações emitidas pelos professores denotam as características suburbanas de São Caetano do Sul, na época uma cidade em desenvolvimento. Nesse sentido, convém destacar alguns pontos apresentados no Capítulo 1: o crescimento acelerado da população da Região do Grande ABC nas décadas de 1960 e 1970, o que corrobora as argumentações explícitas no capítulo 1, em razão de seu parque industrial, daí as precárias condições de vida de sua população. Foi possível observar que os estudos socioeconômicos de São Caetano do Sul pelo SEV ainda estavam em construção, e com a extinção dos vocacionais foram interrompidos. Algumas características aqui mencionadas também estão presentes nas entrevistas apresentadas no Capítulo 3.

## 2.6 Avaliação dos alunos

O estatuto jurídico dos ginásios vocacionais foi estabelecido pelo Decreto Estadual nº 35.643. Havia também um Regimento Interno dos Ginásios Vocacionais, publicado pelo SEV em setembro de 1966, composto por XVIII títulos com 193 artigos, que contemplavam detalhadamente sua organização e funcionamento.

Vale ressaltar que o processo de avaliação abrangia todo o sistema, não apenas o desempenho dos alunos.

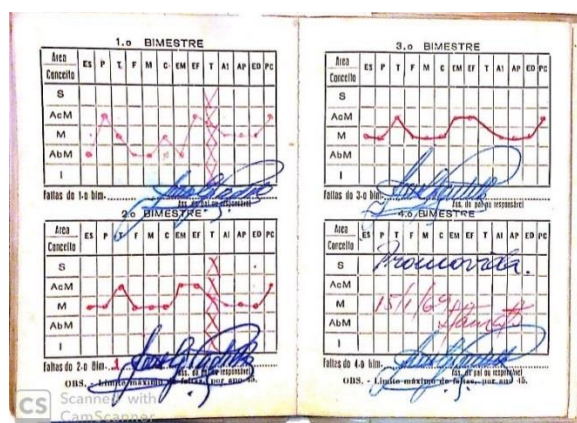
Art. 141º - O processo de avaliação da experiência educacional, de acordo com os objetivos incidirá sobre os seguintes aspectos: 1. aquisição de conhecimentos; 2. formação de atitudes; 3. adequação dos professores ao sistema; 4. integração da escola na comunidade; 5. ajustamento pais-escola.

Na avaliação dos discentes, segundo o Documento Nº 7-A *Relato do Experimento*, como critério de avaliação eram usadas duas formas distintas: conceitos e sínteses das Fichas de Observação. A mensuração dos conceitos se dava a partir da atribuição de notas de zero a 100, distribuídas em porcentagem para as atividades que seriam avaliadas. Por exemplo: no desenvolvimento de uma Unidade Pedagógica foram estabelecidos:

- ✓ Conteúdo específico de área.
- ✓ Estudo do meio.
- ✓ Trabalho em grupo.

Ao primeiro objetivo seria atribuído 50% do valor da nota; ao segundo 25% e ao terceiro 25%. A transformação das notas em conceito individual obedecia aos seguintes critérios:

Cada porcentagem estava dividida em 5 intervalos de classes iguais que corresponderiam aos conceitos de inferior (I), abaixo da média (abm), média (M), acima da média (acm) e superior (S) (Documento 7-A).



Na caderneta escolar<sup>74</sup> havia a apresentação de gráficos de evolução bimestral, por disciplina, para possibilitar o acompanhamento pelos pais. Mais uma exclusividade do Ensino Vocacional.

Foram encontrados formulários de avaliação individual de alguns alunos do 1º B, do ano de 1969, apresentados no quadro abaixo. A primeira coluna é a Média e a segunda se

<sup>74</sup> Foto de Caderneta Escolar, gentilmente cedida pela ex-aluna Vera Lucia Garcia Licht.

refere ao conceito individual. Optou-se por demonstrar as notas de quatro estudantes, dois meninos e duas meninas. A anotação manuscrita de “Promovido (a)” sugere tratar-se da média final do ano letivo.

Áreas	E. (menino)		V. (menino)	
	Média %	Conceito Individual	Média	Conceito Individual
Português	65,3	Acm	64,8	M
Matemática	45,3	M	47,3	M
Estudos Sociais	55,3	M	58,5	M
Ciências	47	M	58,5	Acm
Francês	64,1	Acm	64,5	M
Artes Industriais	53	M	66,5	Acm
Artes Plásticas	60	Acm	57,5	M
Educação Musical	54,3	M	56,3	Abm
Educação Doméstica	49,3	M	56	M
Educação Física	51,5	M	55,5	M
Práticas Comerciais	48,5	M	53,8	M

Áreas	L. (menina)		M. (menina)	
	Média %	Conceito Individual	Média	Conceito Individual
Português	55,3	M	80,8	S
Matemática	66,3	Acm	63	Acm
Estudos Sociais	61,8	Acm	70,8	Acm
Ciências	52,5	M	60,3	Acm
Francês	63,6	Acm	79,1	Acm
Artes Industriais	56,5	M	51,3	M
Artes Plásticas	47,5	M	55	M
Educação Musical	61,8	Acm	66,8	Acm
Educação Doméstica	56,8	M	56	M
Educação Física	51,5	M	52,8	M
Práticas Comerciais	60	Acm	58	M

O Documento N° 33-A é um lote de folhas manuscritas, com diferentes caligrafias, provavelmente rascunhos para o preenchimento de algum documento específico de avaliação qualitativa. Como os documentos consultados são cópias xerográficas, a leitura ficou prejudicada quando os originais estavam escritos a lápis ou cortados durante a execução das cópias xerográficas (o papel do texto original é maior que o tamanho padronizado das folhas de papel). Esse lote foi muito danificado – todavia, os documentos foram transcritos como possível. A avaliação compreendia dois aspectos: intelectual e sócio emocional.

- **E. (menino)**

**Intelectual**

- Índícios de criatividade, apresentando ideias sem sequência lógica (Português).
- Dificuldade de interpretação e transferência de planejamento (Artes Industriais).
- Dificuldade de concentração, assimilação e observação (houve pouco progresso).
- Evoluiu em concentração e assimilação, embora ainda tenha dificuldades.
- Dificuldade de concentração e assimilação.

**Sócio emocional**

- Tímido, inseguro, [ilegível] bom relacionamento com a equipe, faz o solicitado.
- Bom relacionamento com a equipe, brinca muito, irresponsável, muita necessidade de falar.
- Responsável e organizado na 4ª UP, nos demais foi irresponsável. Evoluiu em relacionamento conseguindo produzir tanto em grupo quanto individualmente.

- **V. (menino)**

**Intelectual**

- Facilidade de concentração, assimilação e transferência. Dificuldade em observar (Ciências).
- Evoluiu em concentração e assimilação.
- Facilidade de concentração e assimilação, houve evolução.

**Sócio Emocional**

- Bom relacionamento com a equipe, responsável, desinibido.
- Responsável, organizado, [ilegível] tanto individual, quanto em grupo.
- Facilidade no relacionamento, fala pouco.

- **L. (menina)**

**Intelectual**

- Raciocínio rápido, facilidade de relacionamento [ilegível], facilidade de expressão oral.
- Facilidade de concentração, dificuldade de assimilação, transferência e raciocínio,

- Evoluiu em assimilação e concentração. Esforça-se para melhorar.
- Evoluiu em concentração e assimilação.

### **Sócio emocional**

- Muito instável, agressiva, [ilegível].
- Dificuldades no relacionamento [ilegível], percebe suas dificuldades, é agressiva, fala muito alto [ilegível], necessidade de valorização.
- Responsável, organizada, facilidade de relacionamento [ilegível]

## • **M. (menina)**

### **Intelectual**

- Raciocínio rápido, capacidade de transferência para situações análogas. Não apresenta planejamento (português).
- Facilidade de concentração, de raciocínio e de assimilação.

### **Sócio Emocional**

- Bom relacionamento, participação em grupo e individual, responsável.
- Desinibida, organizada, responsável, facilidade de relacionamento e produção em grupo e individualmente.

Pela organização das informações, deduz-se que durante o ano letivo diversas pessoas (professores de algumas áreas, orientadoras) anotavam suas impressões sobre os estudantes. A aparente disparidade de observações sobre estudantes significa que houve progresso (vide o caso de L., menina). O movimento de evolução do comportamento e da assimilação sugere que havia uma ordem temporal, crescente, nos registros. Nos casos de melhora no comportamento não há menção de como foi solucionado tal problema. Tais anotações, sucintas, não oferecem elementos para afirmar ou negar a existência de um viés moralizador.

Os estudantes também responderam um questionário de auto avaliação (manuscrito). O lote foi classificado como Documento N° 34-A. Na transcrição seguinte, as perguntas estão em itálico, seguidas das respostas dos(as) estudantes selecionados(as). No documento não se esclarece se as perguntas foram padronizadas em todos os Ginásios Vocacionais, ou se foram formulados na e para a unidade de São Caetano do Sul.

1. *Como você se sente no GV depois de ficar aqui este ano?*

- E. (menino): Eu me sinto bem, porque foi a primeira vez que eu frequento ginásio e gostei muito.
- V. (menino): Eu me senti muito bem porque tenho bom relacionamento com os colegas que tenho intimidade, eu também me sinto bem pelo método de ensinar porque aqui tem grande diferença dos outros ginásios.
- L. (menina): Eu me sinto muito bem e melhor do que eu era antes, porque aprendi muitas coisas que não sabia.
- M. (menina): Me sinto bem porque aqui aprendi muita coisa nova, formei novas amizades, é muito bom o GV.

2. *Qual a maior dificuldade que encontrou este ano?*

- E. (menino): Eu tive um pouco de dificuldade em Ciências.
- V. (menino): A minha maior dificuldade que eu encontrei foi no trabalho individual porque tenho grande dificuldade de fundamentar algumas perguntas feitas. (sic)
- L. (menina): Eu tenho um pouco de dificuldade nas ginásticas de Educação Física.
- M. (menina): A maior dificuldade que encontrei foi sobre as coisas de sexualidade, me senti mal e encontrei dificuldades em esclarecer questões.

3. *Como você sente no trabalho em grupo? Você dá sempre opiniões?*

- E. (menino): Ao trabalhar em grupo eu me sinto muito bem, a maioria das vezes eu dou opiniões.
- V. (menino): No trabalho em grupo eu me sinto bem porque de vez em quando sei me relacionar com os colegas, sempre sai algumas brigas que atrasa o trabalho. Eu sempre dou opiniões que ajuda o trabalho.
- L. (menina): Eu me sinto responsável, organizada e amiga de todos, mas às vezes não me relaciono bem. Dou sempre opiniões e quase todas são válidas.
- M. (menina): Bem, sempre dou opiniões quando o trabalho está bom.

4. *Você acredita que melhorou? Em que?*

- E. (menino): Sim, em Artes Plásticas.
- V. (menino): Não, ainda estou razoável.
- L. (menina): Eu acredito que melhorei e melhorei em tudo principalmente nas reações contra os meus colegas.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> A observação da aluna corrobora as anotações sobre seu comportamento, anteriormente agressivo.

M. (menina): Claro que melhorei, em tudo, entrei aqui com pouca base para estudar e no entanto aprendi muita coisa em todas as áreas. (sic)

5. *Em que você acha ou acredita que precisa melhorar ainda?*

E. (menino): Preciso melhorar um pouco em Ciências.

V. (menino): Eu preciso melhorar em entender e fundamentar.

L. (menina): Eu acredito que não preciso melhorar em nada.

M. (menina): Em Matemática e em jogos de Educação Física.

6. *Como você sentiu o trabalho da professora de Orientação Vocacional junto a vocês?*

E. (menino): Eu gostei muito porque ela é uma professora muito honesta.

V. (menino): No começo do ano eu não me senti muito bem porque ela tinha jeito de ser brava, mas depois eu fui me acostumando e comecei a me sentir melhor.

L. (menina): Eu me sinto organizada e a professora também bem organizada.

M. (menina): No começo não gostei, a aula era muito mole e a professora só falava: ai que gente quieta, vamos gente, vocês não querem discutir nada. Eu me sentia mal, mas agora não, a professora explica mais o assunto discutido e torna até alegre a aula (sic).

Apresentadas as formas e fases de avaliação, vale mencionar o texto de Neves:

Observe-se que o processo de avaliação dizia respeito a todo o sistema e não apenas ao desempenho dos alunos. Na prática, tratava-se de um processo que demandava procedimento sofisticado, de observação, aferição de resultado e tratamento estatístico e síntese dos mesmos, o que representava um dos pontos altos de renovação educacional empreendida pelo Sistema de Ensino Vocacional (NEVES, 2010, p. 109).

Continuando a explorar o tema “avaliação dos alunos”, isto é, para entendermos como os estudantes eram percebidos pelos docentes e direção, verificamos no Documento N° 14-A *Rascunho da ata da reunião de 25.07.69* que algumas atitudes dos alunos eram preocupantes, principalmente porque havia destruição de materiais.

Atitudes dos alunos e conservação do material têm preocupado muito. A clientela tem muita energia que precisa ser canalizada de modo que sua atitude seja satisfatória. O problema de destruição de material dos outros, conservação, precisa ser discutido para termos uma linha estabelecida de atitude frente a estes problemas. (Neride)

Que se discutam os relatórios feitos no período das férias para partirmos para o problema de atitudes dos alunos. (Emilina)

Possivelmente, uma das medidas aplicadas para inibir a destruição de materiais tenha sido a responsabilização do aluno pela conservação de sua carteira, mencionada anteriormente. Nos depoimentos do capítulo 3 há evidências de que foi realizado um trabalho adequado de conscientização, pois muitos ex-alunos relatam que aprenderam a zelar pelo bem público.

Outro ponto de discussão foi sobre as atitudes dos alunos na relação entre si. Segundo a relatora da ata, a área de Ciências propôs que o assunto fosse apresentado e discutido pela Orientadora Educacional nas sessões. Os integrantes da área de Matemática também destacaram a possibilidade de leituras sobre o assunto, nas sessões de Orientação Educacional. Foram apresentadas algumas sugestões:

Seria um plano comum a ser cumprido por toda a equipe pedagógica e educacional. Seria levantado um objetivo geral. Exemplo: avaliação constante do aluno frente ao grupo.

Há casos graves de desrespeito à outra pessoa, inconscientes. Criação de círculos de estudo torna tudo artificial. Na medida em que respeitamos e exigimos respeito dos alunos, vamos resolvendo estes problemas. Relacionamento professor-aluno é importantíssimo e influi na atitude de respeito. (Vera)

Relacionamento professor-aluno é diferente de relacionamento aluno-aluno. Com o professor fica mais distante e favorece, em certos casos, o respeito. Em toda escola há casos graves, mas que são esporádicos e então deve ser feito um trabalho especial com estes casos. De maneira geral, não há casos que deixem preocupação, uma vez que adolescente rejeita autoridade, imposição. (Pereira)

A Assembleia surgiu dos alunos em sessão de Orientação Educacional. Enquanto não houver relacionamento dentro da própria equipe, não há condições de bom relacionamento entre professor-aluno. Adolescente rejeita autoridade, mas se há um bom relacionamento entre professor-aluno, muita coisa pode ser conseguida. (Beatriz, Orientadora Educacional)

Alunos esperavam reação dos professores frente à situação ocorrida na Assembleia para se estabelecer normas. (Emilina)

As normas deveriam ser cumpridas pelos alunos, mas os professores não têm cobrado-as constantemente. A depredação do material escolar revela falta de respeito para com os próprios colegas. É preciso encontrar “medida” no relacionamento de professor-aluno. O desrespeito deve trazer uma consequência. A educação deve ser boa ao aluno. Se não está ocorrendo isto, há necessidade de uma maior reflexão por parte do próprio professor. (Vera)

Paralelamente a um estudo, intelectualização, é necessário aplicá-lo. (Beatriz, Orientadora Educacional)

Todos estão sobrecarregados, mas temos obrigação de estudar, como profissional. (Arlette, Diretora)

Há necessidade de uma linha conjunta de ação, colocando-a em prática. (Neride)

Não adianta muita teoria, se não temos condições de agir. Precisa-se saber o que é não sujar o chão: há áreas que podem cobrar mais rigidamente e outras não. (Arlette, Diretora)

Alunos não interiorizam normas, vida em equipe etc. Talvez solução fosse distribuir textos sobre equipe, respeito, ser humano etc. nos primeiros dias de aula, discussão dos mesmos, respostas individuais. Partindo daí, pode-se trabalhar durante todo o ano neste sentido. (Lucia)

O problema é relacionamento. Se o indivíduo não sabe trabalhar em equipe, não pode transmitir isto a outrem. (Beatriz, Orientadora Educacional)

Deve-se partir da vivência para a teoria. (Arlette, Diretora)

Os diálogos transcritos dão pistas sobre o cotidiano escolar, do relacionamento dos professores – entre si, com os estudantes e com a direção. É bom lembrar que há indícios de que a metodologia dessa escola inovadora não era percebida e compartilhada por toda a comunidade acadêmica. Convém destacar que a maioria do corpo docente era composta de jovens recém-formados e que, mesmo tendo participado de treinamento especial, nem tudo estava claro e compreensível – isso revela que se tratava de um projeto em construção. A esse cenário somava-se o desafio para o Vocacional de São Caetano do Sul: cumprir todas as metas pedagógicas, inaugurando as jornadas de meio-período e o prédio recém-construído, ainda sem toda a estrutura necessária para seu funcionamento (anteriormente indicado pelo Documento Nº 11-A). Tais condições adversas possivelmente geraram ansiedades e dúvidas e impunham grandes desafios aos professores.

No sentido de compreender as condições de trabalho do corpo docente, propõe-se a inclusão de mais um tema de análise.

## **2.7 Corpo Docente**

Na abordagem deste tema serão destacados alguns pontos do Documento Nº 8-A *Relatório de Planejamento para 1969*. Apesar de o planejamento ter sido o tema central do documento, a leitura do relatório, na verdade uma ata sobre reunião realizada pela equipe de professores e orientadores da unidade de São Caetano do Sul, oferece informações sobre o ano letivo anterior e os desafios da equipe diante do novo ano letivo.

Segundo o documento, os trabalhos tiveram início em 24.02.1969 nas dependências do SEV (em São Paulo, capital). Verifica-se que o relatório ou ata abrange várias etapas do planejamento, desde a abertura (em 24 de fevereiro) até registros de outras atividades no mês de março do referido ano.

Na abertura dos trabalhos houve a apresentação dos professores novos e veteranos da unidade de São Caetano do Sul pela Coordenadora Geral, Maria Nilde Mascellani.

Percebe-se que no ano anterior houve problemas com a equipe, conforme descrito na ata:

Em seguida solicitou-se aos professores novos que se retirassem da sala e com os que já haviam trabalhado em São Caetano do Sul foi feita uma explanação sobre os problemas surgidos na equipe de 1968, sobre fatos que levaram à demissão alguns professores e sobre a necessidade de se revisar o conceito de vida e participação em grupo.

Na fala seguinte da Prof.<sup>a</sup> Mascellani havia a informação de que, a partir de 1969, a unidade de São Caetano do Sul não seria mais a única a trabalhar em dois turnos: “pois todos os Ginásios Vocacionais estão neste mesmo sistema de experimentação (devemos sempre procurar criar novas formas para superar a realidade que se está vivendo)”. Em consulta à documentação da Unidade de Americana, foi possível constatar que a ideia de instituir meio período não chegou a acontecer, em nenhuma outra unidade.

O Documento N° 8-A não obedece a uma sequência cronológica, e passa a relatar outro encontro de planejamento, ocorrido em 25.03.1969, com o tema *Visão geral de educação: planejamento em educação*. Na abertura da atividade houve a explanação da Prof.<sup>a</sup> Olga Bechara, que abordou os seguintes pontos: 1) Finalidade do trabalho; 2) Fontes de objetivos e sua definição; 3) Conceito de curriculum e de core-curriculum; 4) Níveis de planejamento em educação. Ao discorrer sobre tais temas, a professora destacou:

- ✓ Todo trabalho humano fica no plano do “por quê?” e “para quê?”;
- ✓ A direção é o que justifica os fins e objetivos desse trabalho;
- ✓ A fonte dos objetivos em educação é a filosofia de vida;
- ✓ Os objetivos não devem ser vagos, devem ser suscetíveis de avaliação e devem ter continuidade;

- ✓ O *currículum* é um agrupamento de atividades a que a educação se propõe, enquanto o *core-curriculum* preocupa-se com a inserção do jovem no contexto social como agente modificador – é uma dinâmica constante;
- ✓ A avaliação é a verificação da capacidade do aluno em acompanhar o processo seguinte, em relação ao seu potencial e ao comportamento do seu grupo.

A segunda fase desse encontro foi uma discussão em grupo sobre as seguintes questões:

1. De que forma a minha participação no planejamento educacional da minha escola foi em 1968?
2. Definir a minha participação como pessoa e como professora no planejamento de 1969.

Após as discussões em grupos foi feita uma assembleia na qual foram expostas as conclusões parciais, chegando-se às seguintes conclusões finais:

Em 1968 os professores tiveram grandes dificuldades, ocasionadas principalmente por:

1. Falta de:
  - a) Experiência em relação ao sistema
  - b) Integração
  - c) Disponibilidade (de algumas pessoas)
  - d) Vivência de grupo
  - e) Recursos materiais
  - f) Racionalidade no uso do tempo
  - g) Uniformização de conceitos (fundamentos)
  - h) Interação (professores x pais – escola x comunidade).
2. Ano letivo irregular.
3. Diferenças ideológicas.

As proposições para 1969 foram:

1. Conhecimento maior da comunidade (elaboração de planejamentos mais concretos e reais).
2. Disposição para a realização de um trabalho realmente em equipe.
3. Obter mais conhecimentos – estudo.

Para isto apontaram as seguintes demandas:

- a) Desenvolvimento do espírito de colaboração
- b) Desenvolvimento das técnicas de integração
- c) Interiorização do conceito de participação.

No Ensino Vocacional a jornada de trabalho dos professores era de tempo integral. Havia salas de professores por área, onde as aulas e demais atividades eram cuidadosamente planejadas. O trabalho docente será retomado no Capítulo 3, com os registros de memória.

Quanto ao regime de trabalho dos professores e orientadores dos Ginásios Vocacionais, inicialmente foi de 36 horas semanais, passando depois para 40 e 44 horas semanais, quando a nova legislação assim o permitiu (MASCELLANI, 2010, p. 94).

A contratação do corpo docente da unidade de São Caetano do Sul foi efetuada pelo regime CLT, com início dos trabalhos em 1º de maio de 1968 e término dessa modalidade de contratação em 28 de fevereiro de 1970, conforme cópia da Carteira Profissional abaixo. Em seguida foram contratados em outra modalidade de remuneração e horário. Vale destacar que apesar da extinção do projeto ter ocorrido em junho de 1970, verifica-se que o processo de desmonte começou antes, com a perda das condições adequadas para um bom desenvolvimento do trabalho. Um dos pilares do Ensino Vocacional foi a valorização do trabalho docente. Não foi obra do acaso a perda de tais condições de trabalho.

Abaixo a cópia da Carteira Profissional<sup>76</sup> com o registro do contrato de trabalho, diretamente com o SEV. Os que lá continuaram tiveram outra modalidade de contrato.

9

**CONTRATO DE TRABALHO**

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição  
**SERVIÇO DO ENSINO VOCACIONAL**  
**AV. PORTUGAL, 858 -- CAPITAL**

Cidade.....  
Estado.....  
Rua.....

..... n.º  
Espécie do estabelecimento *Ensino Vocacional*  
Natureza do cargo *professora*

Data da admissão *1º* de *maio* de *1968*  
Registro n.º *ficha* a fls. *199*  
Remuneração (especificada) *R\$ 1069,74 (um mil e sessenta e nove cruzeiros novos e setenta e quatro centavos)*

*M. Mascellani*  
Assinatura do empregador  
COORDENADORA SERVIÇO DO ENSINO VOCACIONAL  
Data da saída *28* de *fevereiro* de *1970*

Assinatura do empregado  
TITULO DATA INAM  
Diretora da  
Divisão de Estudos Pedagógicos

Mesmo que as condições adequadas de trabalho lhes tivessem sido subtraídas, muitos professores do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria persistiram em continuar utilizando a metodologia do Ensino Vocacional – na medida do possível.

<sup>76</sup> Foto do registro da Carteira Profissional gentilmente cedido pela Prof.<sup>a</sup> Irene Torrano Filisetti.

## 2.8 Educação Moral e Cívica

O Decreto-Lei Nº 869<sup>77</sup> de 12 de setembro de 1969 instituiu, em caráter obrigatório, a Educação Moral e Cívica como disciplina e prática educativa nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País. No Art. 2º. foi desfiado um rol de objetivos, sendo o primeiro, ironicamente, “a defesa do princípio democrático”.

O Art. 4º. foi avassalador para qualquer perspectiva de inovação educacional, por definir a elaboração dos currículos e programas básicos pelo Conselho Federal de Educação com a colaboração da Comissão Nacional de Moral e Civismo (CNMC)<sup>78</sup>, para os diferentes cursos e áreas de ensino – tirando dos profissionais da educação essa possibilidade.

O texto do referido decreto-lei faz menção à Educação Moral e Cívica como *doutrina* e a palavra *culto* é citada duas vezes ao longo do texto. Chama a atenção uma das atribuições da CNMC descrita no Art. 6º:

- a) Influenciar e convocar a cooperação, para servir aos objetivos da Educação Moral e Cívica, das Instituições e dos órgãos formadores da opinião pública e de difusão cultural, inclusive jornais, revistas, editoras, teatros, cinemas, estações de rádio e televisão; das entidades esportivas e de recreação, das entidades de classes e dos órgãos profissionais; e das empresas gráficas e de publicidade;

O Art. 7º § 6º enfatiza que, sob nenhum pretexto, o ensino de Educação Moral e Cívica deixará de ser ministrado na forma prevista.

Diante do exposto, é possível afirmar que esse Decreto-Lei contrariava a metodologia do Ensino Vocacional, pois nesse contexto o protagonismo do estudante deixaria de existir. Convido o leitor a supor: como seria uma Plataforma, o tal *desequilíbrio*, nesse contexto?

Ao candidatar-se para ministrar aulas de Educação Moral e Cívica era imperativo a assinatura do termo de compromisso<sup>79</sup> transcrito abaixo, bem como a apresentação de um Atestado de Antecedentes emitido pela Secretaria da Segurança Pública, Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS).


---

<sup>77</sup> Foi assinado pelos Ministros da Marinha, de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar que passaram a constituir a Junta Militar, que governou o Brasil durante o afastamento do Presidente Costa e Silva.

<sup>78</sup> Órgão diretamente subordinado ao Ministro da Educação e Cultura, criado pelo mesmo Decreto-lei Nº 869, composto por nove membros nomeados pelo Presidente da República – “pessoas dedicadas à causa da Educação Moral e Cívica” – com mandato de seis anos. (Art. 5º)

<sup>79</sup> Extraído do prontuário da Prof.<sup>a</sup> Fany Maria Giacomini.

Comprometo-me a lecionar a disciplina de Educação Moral e Cívica segundo os princípios inspirados no Decreto-Lei 869/69 e da Resolução SE 51 de 18/08/70, ou seja, ser fiel à Constituição do Brasil, contribuir para o alicerce da democracia brasileira, formando nos educandos os valores imprescindíveis à vitalidade das instituições que integram a Pátria.

  
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

**D. O. P. S.**  
1 SÃO PAULO

**ATESTADO DE ANTECEDENTES**      14796


ATESTO, para fins de direito, que PANY MARIA GIACOMINI  
filho de WALDOMIRO JOSÉ GIACOMINI e de  
dona NÁDIA FERRAREZI GIACOMINI  
identificado sob número 3.790.951 pelo Serviço respectivo  
de \_\_\_\_\_  
e registro de estrangeiro número \_\_\_\_\_  
não registra antecedentes político-sociais neste Departamento

São Paulo, 19 de maio de 197 1

P/ O Diretor Geral de Polícia do D.O.P.S.,  
Emiliano Cardoso de Mello  
Delegado de Polícia  
S. G. - S.S.P. - Mot. 11

Em atenção exigida pela Lei 3.998 de 20/12/67, alterada pelo Decreto Lei n.º 176, de 30/12/69, foi aposta na petição originária, arquivada neste D.O.P.S.

O ESCRIVÃO, Deiro Garcia Ueda



CS Scanned with CamScanner

### 3. Capítulo 3 – MEMÓRIAS

*A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (Jacques Le Goff, 1996).*

Este capítulo é composto de três partes: o referencial conceitual de Memória, História Oral e apresentação da metodologia de *Narrativas Oraís de Histórias de Vida* adotada pelo Núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e, por fim, a apresentação de partes de depoimentos de ex-alunos e ex-docentes do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria concedidos ao Núcleo Memórias do ABC.

#### 3.1 Memórias

A temática da memória representa hoje um importante objeto de reflexão e uma das grandes preocupações culturais e políticas das sociedades contemporâneas. Desde a segunda metade do século XX, as preocupações científicas com a memória foram tomando conta dos estudos das humanidades e das Ciências Sociais. Foi um tempo em que o conhecimento pôde se abrir para a subjetividade e o indivíduo passou a ter importância na sua condição singular. Pela memória conservamos certas informações que, por nos remeterem a um conjunto de funções psíquicas, atualizamos impressões e informações passadas ou que representamos como passadas. Pela memória conservamos certas informações que, por nos remeterem a um conjunto de funções psíquicas, permitem que atualizemos impressões e informações passadas ou que representamos como passadas. O ato da rememoração requer um comportamento narrativo, pois se trata da “comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 419 e 421).

O referencial teórico de Memória tem início com Maurice Halbwachs<sup>80</sup>, de origem judaica, nascido na França em 1877 e morto na Alemanha em 1945, num campo de concentração nazista. Foi Halbwachs quem introduziu os estudos sobre memória nas Ciências

---

<sup>80</sup> Consagrou-se como um importante sociólogo da escola durkheimiana. Antes de se interessar pela sociologia, estudou filosofia na École Normale Supérieure em Paris com Henry Bergson, tendo sido influenciado por ele.

Sociais, tema até então contemplado no âmbito da filosofia e psicologia. É de sua autoria o conceito de “memória coletiva”.

O autor atribui a cada pessoa a condição de interagir em duas espécies de memória: individual e coletiva. A lembrança individual consiste numa somatória de experiências vividas ou narradas que são apreendidas – ou não – por meio de critérios objetivos ou subjetivos no quadro de cada personalidade. Já a memória coletiva é um conjunto de lembranças compartilhadas com outras pessoas ou grupos, e que se tornam impessoais. Seguindo essa lógica, a memória coletiva pode ser definida como o resultado de compartilhamentos.

(...) é uma corrente do pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo (HALBWACHS, 1990, p. 83-84).

Para esclarecer o que é memória coletiva, apresenta o exemplo do retorno de um grupo a uma cidade anteriormente visitada, quando a percepção atual auxilia na reconstrução de uma imagem mental já mergulhada no esquecimento. Trata-se de um processo no qual a imagem presente substitui as lembranças antigas, enquanto essas mesmas lembranças se adaptam às nossas percepções atuais, como se confrontássemos divergências, a fim de reconstruir e reconhecer um conjunto de lembranças. Por mais individuais que tenham sido essas experiências, suas lembranças seriam necessariamente coletivas. Nesse sentido, é possível deduzir que cada memória individual é um ângulo da memória coletiva.

Portanto, a memória não é mero fenômeno de interiorização individual, mas – e principalmente – construção social e fenômeno coletivo. A memória que se constitui no cérebro de cada indivíduo é uma construção coletiva, formulada a partir da experiência individual em determinado grupo social, do ponto de vista desse grupo.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele. Quanto àquelas que concernem a um pequeno número e algumas vezes a um só de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória – já que, ao menos por uma parte, elas se produzem dentro de seus limites – passam para último plano (HALBWACHS, 1990, p. 45).

A memória coletiva perpetua-se em função de uma base plural – conjunto de indivíduos que permeiam suas lembranças, primeiramente, “enquanto membros do grupo”.

Dessa junção de lembranças sobrepostas resultarão diferentes memórias individuais, posto que “não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles”. É possível, então, afirmar que cada memória individual é tanto uma faceta como um elemento da memória coletiva. Não é algo estático, mas que evolui de acordo com o papel que se desempenha no grupo ou com as relações mantidas com outros grupos.

Uma particularidade da vida de Maurice Halbwachs<sup>81</sup>, como outros estudiosos de origem judaico-alemã de sua época, passou pela experiência do sentimento de exclusão, isto é, para os alemães, era francês; para os franceses, alemão; para os judeus, não judeu; para os cristãos, judeu. Soube o significado de ser *o outro* (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 286). O fato de pertencer a um grupo confere densidade às próprias lembranças. Com relação aos grupos que compõem a sociedade esclarece:

Então separam-nos de um ou de alguns dentre eles, e deles unicamente. Todo o conjunto de lembrança que temos em comum com eles bruscamente desaparecem. Esquecer um período de sua vida é perder o contato com aqueles que nos rodeavam. Esquecer uma língua estrangeira é não estar mais em condições de compreender aqueles que se dirigiam a nós nessa língua ainda que fossem pessoas vivas e presentes, ou autores cujas obras líamos. (...) É porque não temos mais atenção para permanecer ao mesmo tempo em relação com esse grupo e com outros com os quais, sem dúvida, temos uma relação estreita e mais atual (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 286).

Jacques Le Goff<sup>82</sup> (1996, p. 29) argumenta sobre a existência de duas histórias: da memória coletiva e dos historiadores. Sendo a primeira mítica, apesar de deformada e anacrônica, trata do que foi vivido na relação contínua entre passado e presente. Já a segunda, produzida por historiadores de ofício, por vezes tem sido vulgarizada. “A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar seu erro”.

O autor ressalta a importância da memória coletiva na construção da história, pois a memória se configura como elemento essencial da identidade, tanto individual como coletiva.

---

<sup>81</sup> Halbwachs pesquisou temas diversos, como o suicídio e a vida de trabalhadores numa vila operária alemã, para compreender a formação da consciência social. Ainda nessa temática, estudou a memória, principalmente em três obras: *Os quadros sociais da memória*, de 1925, *Topografia legendária dos Evangelhos na Terra Santa*, de 1941 e *A memória coletiva* (publicação póstuma), de 1950, que são referências sobre o tema (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993).

<sup>82</sup> Jacques Le Goff nasceu na França (Toulon) em 1924 e faleceu em 2014, aos 90 anos de idade. Historiador francês, especializou-se em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, integrou a terceira geração da *Escola dos Annales*. Antigo estudante da *École Normale Supérieure*, estudou na *Universidade Carolina* em 1947-48, foi professor de história em 1950 e membro da *École Française de Rome*, foi nomeado assistente da *Faculté de Lille* (1954-59) antes de ser nomeado pesquisador no *CNRS* (Centro Nacional de Pesquisa Científica), em 1960. Em seguida, mestre-assistente da VI seção da *École pratique des hautes études* (1962) - sucedeu *Fernand Braudel* no comando da *École des hautes études en sciences sociales*, como diretor dos estudos. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_Le\\_Goff](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Jacques_Le_Goff) Acesso em 13 mar. 2019.

Seu discernimento é diferente de Halbwachs, pois percebe a existência subjetiva de disputas da memória coletiva, uma vez que existe a primazia da memória e também do esquecimento dos grupos dominantes. Assim, os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores de tais mecanismos de manipulação da memória coletiva. Nesse contexto, há de se refletir sobre a memória nos seus efeitos silenciadores, isto é, o que é trazido à lembrança e as outras versões do mesmo acontecimento histórico que foram silenciadas (LE GOFF, 1996, p. 426).

Le Goff (1996) explica a memória medieval do Ocidente, moldada pela difusão do Cristianismo como religião e ideologia dominante. O judaísmo-cristianismo introduziu um novo elemento na relação homem-Deus, memória e religião: a necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental. No Velho Testamento, principalmente em Deuteronômio, há um forte apelo para o dever da recordação, o que o autor chama de *memória constituinte*. “Memória que é antes de qualquer coisa de Yahweh, memória fundadora da identidade judaica”. No Novo Testamento, a última ceia de Cristo e seus discípulos inaugura a redenção: “Este é meu corpo (...) fazei isto em memória de mim (...)”. Assim, a recordação de Jesus é colocada numa perspectiva escatológica<sup>83</sup>. Historicamente o ensino cristão se apresenta como a memória de Jesus transmitida pelos seus apóstolos e sucessores (LE GOFF, 1996, p. 442-445).

Agostinho deixará em herança ao cristianismo medieval um aprofundamento e uma adaptação cristã da teoria da retórica antiga sobre a memória. Nas suas *Confissões*, parte da concepção antiga dos *lugares* e das *imagens* da memória, mas dá-lhes uma extraordinária profundidade e fluidez psicológicas, referindo a “imensa sala da memória” (*in aula ingenti memoriae*), a sua “câmara vasta e infinita” (*penetrabile amplum et infinitum*) (LE GOFF, 1996, p. 445).

A comemoração dos santos ocorria no dia conhecido ou suposto de seu martírio ou morte. A associação morte-memória cria força na difusão do cristianismo, que estrategicamente a desenvolveu na base do culto pagão e dos mortos. “Muito cedo os nomes dos mortos memoráveis foram introduzidos no *Memento* do cânon da missa” (LE GOFF, 1996, p. 448).

No século XVIII, com a publicação de enciclopédias de todas as espécies e a literatura técnica ocorre um alargamento da memória coletiva. Assim, a memória passa a se ocupar dos

---

<sup>83</sup> Escatologia, do grego *êskhatos*: teoria acerca das coisas que não de suceder, depois do fim do mundo; teoria sobre o fim do mundo e da humanidade. Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/escatologia> Acesso em 13 mar.2019.

vivos por meio da memória técnica, científica e intelectual. Entre o final do século XVII até o final do século XVIII verifica-se na França um declínio na comemoração dos mortos: os túmulos tornam-se bem simples, inclusive os dos reis e os cemitérios são abandonados. Portanto, na Idade das Luzes percebe-se a ideia de “eliminar a morte”. (Le Goff, 1996, p.461)

Le Goff (1996, p. 462) assinala as estratégias criadas para influenciar a memória coletiva. Como exemplo cita o período francês pós-revolução quando ocorreu o retorno da memória dos mortos com novas representações: monumentos, inscrições funerárias e o hábito de visitar cemitérios. Destaca também que os calendários festivos foram intensivamente utilizados para relembrar a Revolução Francesa. Segundo a Constituição de 1791, não eram manifestações populares espontâneas: ao contrário, foram criteriosamente escolhidas para serem celebradas e lembradas. Outro exemplo apontado pelo autor refere-se aos Estados Unidos da América: após a Guerra de Secessão<sup>84</sup> foi estabelecido, pelo lado vencedor, um dia comemorativo – 30 de maio – a que a partir de 1882 deu-se o nome de “Memorial Day”.

Portanto, para Le Goff (1996, p. 476) a memória é um elemento essencial básico da constituição da identidade, tanto individual, quanto coletiva. Daí a pertinência de sua afirmação: “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”.

Ao discorrer sobre Memória, o sociólogo austríaco Michael Pollak<sup>85</sup> tem como ponto de partida os pressupostos de Halbwachs. Também compreende a memória como um fenômeno coletivo e social, sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes. De suas pesquisas com *histórias de vida* percebeu na maioria das memórias a existência de marcos e pontos relativamente invariantes e imutáveis. Numa entrevista longa, não restrita à

---

<sup>84</sup> Guerra de Secessão ou Guerra Civil dos Estados Unidos, de 1861 a 1865. A guerra resultou da controvérsia sobre a escravização dos negros. O sul agrícola queria a manutenção da escravidão e nos estados do norte, mais industrializados, predominava a ideia de abolição. Com a eleição do abolicionista Abraham Lincoln, em 1860 alguns estados do sul declararam sua separação, antes mesmo de o presidente eleito tomar posse. O conflito terminou após a morte de 600 mil pessoas e com vitória dos nortistas.

<sup>85</sup> Michael Pollak nasceu em Viena, Áustria, em 1948, morreu em Paris em 1992, aos 43 anos de idade, em decorrência da AIDS. Radicado na França, formou-se em sociologia e trabalhou como pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS. Seu interesse acadêmico, voltado de início para as relações entre política e ciências sociais, tema de sua tese de doutorado orientada por Pierre Bourdieu e defendida na École Pratique des Hautes Études em 1975, estendeu-se a diversos outros campos de pesquisa, que confluíam para uma reflexão teórica sobre o problema da identidade social em situações limites. Entre seus últimos trabalhos incluem-se um estudo sobre mulheres sobreviventes dos campos de concentração publicado sob o título *L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale* (Paris, Éditions Métailié, 1990), e uma pesquisa sobre a Aids (*Les homosexuels face au SIDA*). Pollak esteve no Brasil entre outubro e dezembro de 1987 como professor visitante do CPDOC e do PPGAS do Museu Nacional.

ordem cronológica, chama a atenção para o fato de o entrevistado voltar várias vezes ao mesmo acontecimento, sem mudar a narrativa:

(...) há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLAK, 1992, p. 201)

Nesse sentido, destaca os elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva. Primeiro os *acontecimentos vividos pessoalmente*, em segundo lugar os acontecimentos *vividos por tabela*, isto é, vividos pelo grupo no qual a pessoa está integrada. Aliás, são acontecimentos em que talvez a pessoa nem tenha participado, porém o impacto imaginário foi tão acentuado que, ao final, é quase impossível saber se viveu ou não tal episódio. Aos tais acontecimentos *vividos por tabela* também se juntam os fatos não situados no espaço-tempo de uma pessoa ou grupo, por meio da socialização política ou histórica é possível que aconteça um fenômeno de identificação ou projeção com determinado fato, “tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”. Ao que acrescenta:

De fato – e eu gostaria de remeter aí ao livro de Philippe Joutard sobre os *camisards* – , podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (POLLAK, 1992, p. 201).

O autor ressalta que a memória é também constituída por pessoas e personagens a que se aplica a mesma lógica dos acontecimentos: personagens encontradas no decorrer da vida e personagens com que se convive indiretamente, *por tabela*. Cita o exemplo dos franceses, que não necessariamente viveram na época do general De Gaulle, mas o sentem como um contemporâneo. Aos acontecimentos e personagens somam-se os lugares de memória, ligados a uma lembrança pessoal, direta ou indiretamente, e existem também os lugares de apoio às memórias públicas como monumentos e mausoléus. Os lugares são bases das memórias. (POLLAK, 1992, p. 201-202)

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Afinal, as memórias abrangem não somente experiências vivenciadas, como também herdadas e apreendidas, ou seja, transmitidas pelos grupos. Assim, as memórias podem ser baseadas em fatos reais ou não.

Seguindo os pressupostos de Pollak, entre memória e identidade há sempre um caráter relacional, o que pode resultar em conflitos. Ao invés de serem tomadas como essências, são construções sociais, isto é, a memória é uma reconstrução do passado processada a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos do presente, passível de reinterpretação e mudança. Porém, há de se verificar coerência das novas representações com as já existentes. Uma vez constituídas, as lembranças tendem a cumprir um papel de conservação das representações do grupo. Havendo descontinuidade entre o novo e o velho, num rompimento brusco, uma crise de identidade pode vir a se instalar. As transformações da memória também podem resultar de disputas e conflitos entre grupos. A elevação das memórias de um grupo ao plano hegemônico envolve o combate e a supressão das memórias de outros grupos, relegados à marginalidade. Todavia, mesmo sofrendo opressão e censura, suas memórias continuarão a ser construídas. É o que Pollak define como “memórias subterrâneas”, que são memórias de grupos marginalizados, de minorias políticas, de movimentos sociais, dos segmentos mais pobres, etc. (RIOS, 2013, p. 9-10).

Ecléa Bosi (2003, p. 16), pioneira no Brasil em estudos de Memória, inspirou-se em Pierre Nora para afirmar que a memória se enraíza no concreto, em gestos, imagens e até em objetos, enquanto a história se liga às continuidades temporais, às evoluções e relações entre as coisas.

Vale ressaltar que o ponto de partida para a evocação da memória é o presente, ou seja, no presente acontece a lembrança do passado com a atual concepção de mundo.

A autora enfatiza a importância da memória oral na constituição da crônica do cotidiano, principalmente como instrumento para dar voz aos excluídos dos documentos históricos oficiais, tais como negros, mulheres, velhos, operários, trabalhadores rurais (BOSI, 2003, p. 15).

### **3.2 Narrativas Oraís de Histórias de Vida**

Verena Alberti (2015) define História Oral como “metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea”. A História Oral foi criada em

meados do século XX, depois da invenção do gravador a fita<sup>86</sup>, para registrar entrevistas com pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos relevantes, possibilitando assim o registro de “histórias dentro da história” (p. 155).

Uma das principais características da História Oral é sua interdisciplinaridade. Tem sido utilizada nas mais diversas áreas do conhecimento e perspectivas teóricas, em diferentes centros de pesquisa em várias partes do mundo.

Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). (...) Não há dúvida de que a possibilidade de registrar a vivência e grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas. Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade (ALBERTI, 2015, p. 158).

Aceves Lozano (2008) argumenta que ao invés de a História Oral se firmar como disciplina autônoma, na produção e discussão de seus resultados, vem se consolidando como um campo de convergência com diversos enfoques e pluralidade de disciplinas. Portanto, não é uma simples derivação da história social, mas uma matriz complexa de contribuições plurais no que se refere a conceitos, métodos, técnicas e hierarquia dos sujeitos de investigação.

Tal pluralidade tornou possível a utilização de metodologias específicas como as Narrativas Oraís de História de Vida, conceito construído ao longo de 12 anos de existência do Memórias do ABC<sup>87</sup>, que se propõe armazenar – em meios digitais – pesquisas que relacionem memória, história, cultura, subjetividades, imaginários, mídias e novas tecnologia. Trata-se da aglutinação de história oral e das perspectivas da constituição de discursos e das narrativas (PERAZZO, 2015, p. 123).

A metodologia da História Oral é considerada um campo interdisciplinar e está baseada na interação humana, que contempla as narrativas dos indivíduos/sujeitos sociais e que permite ampliações nos estudos de Comunicação (PERAZZO, 2015, p. 123).

---

<sup>86</sup> 1948 tem sido considerado o marco do início da História Oral, é o ano da invenção do gravador a fita e da formação de um grupo de História Oral: o Columbia University Oral History Research Office. Na Europa também surgiram experiências similares com a coleta de relatos de chefes da Resistência Francesa no imediato pós-guerra e na Alemanha, a transcrição de testemunhos sobre a Segunda Guerra Mundial. (ALBERTI, 2015, p. 156-157)

<sup>87</sup> O Núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) existe desde 2003. Em 2011 passou a fazer parte do Laboratório Hiper mídias do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da referida instituição. Pode ser visitado pelo link: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br>

Quando se refere aos estudos de Comunicação, Perazzo (2015, p. 126) segue os pressupostos de Martin-Barbero: considera a desterritorialização do campo da Comunicação transdisciplinar, pois encerra possibilidades que podem perpassar outras disciplinas, fazendo frente ao pensamento instrumental e linear com a possibilidade de vislumbrar um novo mapa de problemas em que caiba a questão dos sujeitos e das temporalidades sociais.

Vale ressaltar que, para Perazzo (2015, p. 130) a memória coletiva tem força ideológica pois é constituída por um grupo social que se articula e se processa a partir de imagens, sentimentos, ideias e valores produzidos no seu interior, considerando a localidade e a época. Portanto, as testemunhas orais não são mais autênticas que as fontes oficiais.

Os conceitos do campo da memória, da oralidade, das subjetividades e da cultura balizam a metodologia *Narrativas Oraís de História de Vida* cujos resultados “estão relacionados às possibilidades do pesquisador poder compreender o mundo social, os sentidos que os sujeitos atribuem” não apenas a si, mas às outras pessoas e coisas no cenário onde atuam. Tal metodologia possibilita a percepção de quem são essas pessoas, como vivem, pensam, sentem e como traçaram seus caminhos (PERAZZO, 2015, p. 131).

No segundo semestre de 2015 foi criado, no Memórias do ABC, o projeto *Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria: memórias*, com o objetivo de registrar as memórias desse estabelecimento de ensino, a partir da criação de um acervo digital com depoimentos gravados, fotos e documentos escolares digitalizados de ex-alunos e ex-docentes.

A elaboração de entrevistas, segundo tal metodologia, obedeceu aos seguintes procedimentos:

a) **Entrevista preliminar:**

Os depoentes foram visitados e, numa conversa informal, foram indagados sobre sua vida nas seguintes etapas: infância, vida escolar, lembranças da cidade na infância, chegada da família a São Caetano do Sul (profissão dos pais quando se estabeleceram no município), os tempos do Ginásio Vocacional, trajetória acadêmica posterior, vida profissional, principais fatos históricos que presenciaram e o legado do Vocacional.

b) **Roteiro da entrevista em estúdio:**

A partir das respostas das entrevistas preliminares foram elaborados os roteiros para orientar a gravação em estúdio.

**c) Gravação em estúdio:**

A maioria das gravações foram realizadas no estúdio do Laboratório Hiper mídias, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), previamente agendadas. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora seguindo os roteiros elaborados. O suporte técnico para as entrevistas foi de acadêmicos e egressos do curso Rádio e TV da USCS.

**d) Cessão de direitos de imagem e digitalização de fotos e documentos:**

Por ocasião da gravação em estúdio ocorre a assinatura dos formulários referentes à cessão de direitos de imagem e documentos/fotos digitalizados.

**e) Transcrição das entrevistas**

As entrevistas gravadas foram transcritas de acordo com as normas estabelecidas no Manual de Procedimentos para Transcrição (2014). Nas citações dos depoimentos as palavras entre colchetes [ ] são explicações da pesquisadora sobre o assunto.

**f) Disponibilização do vídeo e transcrição no Memórias do ABC online.**

O vídeo o texto da transcrição da entrevista, bem como os documentos e fotos digitalizados estão disponibilizados no site.

### **3.3 As entrevistas**

Foram entrevistadas 36 pessoas, sendo 27 ex-alunos, oito ex-docentes e Terezinha P. Benavente, mãe da ex-aluna Elisa, falecida quando ainda estudava no Ginásio Estadual de Vila Santa Maria. Os dados da entrevista da mãe da ex-aluna não foram citados porque seu depoimento não foi incluído neste estudo.

Os docentes e as datas e locais de entrevistas estão no Quadro nº. 6. Como o Professor Petrin já havia contado sua história no *Memórias do ABC*, na entrevista de 2015 consta apenas sua trajetória no Vocacional.

No Anexo Nº. 6 apresenta-se as fotos das pessoas entrevistadas.

**Quadro 6) Relação de ex-docentes entrevistados, datas e locais de entrevista ao Memórias do ABC**

EX-DOCENTES	Disciplinas	Data gravação	Local
Antonio A. Petrin	Teatro	22/09/2015	USCS Campus Centro
Christiana Monteiro de Siqueira Pontes	Francês	30/04/2019	São Paulo/SP, na residência da entrevistada
Dirce Martins Morra	Educação Doméstica	29/03/2016	USCS Campus Centro
Ernesta Zamboni	História	20/09/2019	São Paulo/SP, na residência da entrevistada
Florence Maria White de Vera	História	13/11/2018	São Paulo/SP, na residência da entrevistada
Kátia Bastos Machado	Português	26/08/2019	Itu/SP, na residência da entrevistada
Maria Helena Antunes de Oliveira	Ciências	14/08/2019	São Paulo/SP, na residência da irmã da entrevistada
Maria Zair Aguiar Nunes	Artes Industriais	11/06/2019	Biblioteca do Centro Cultural São Paulo (apenas áudio)

Elaboração da autora.

O Quadro nº. 7 traz os dados e datas de entrevistas com os ex-alunos.

**Quadro 7) Relação de ex-alunos entrevistados, datas e locais de entrevista ao Memórias do ABC**

EX-ALUNOS	Turma	Data gravação	Local
Álvaro Ricci	1969	31/05/2019	USCS Campus Conceição
Ana Maria Benucci da Silva Paes	1969	17/04/2019	USCS Campus Conceição
Ana Maria Copola	1969	26/06/2019	USCS Campus Conceição
Carlos Alberto Godoy Gimenez	1970	23/05/2019	USCS Campus Conceição
Conrado Meriqui	1968	30/04/2019	São Paulo/SP, na residência do entrevistado
Cristina Sernagiotto Soares	1968	16/04/2019	USCS Campus Conceição
Ernesto do Carmo Zambotto	1969	14/08/2019	Ourinhos/SP, na residência do entrevistado
Gilberto da Silva	1968	28/06/2019	USCS Campus Conceição
Hermínio Ferrari Filho	1968	24/04/2019	USCS Campus Conceição
Hilda Heise	1969	12/04/2019	USCS Campus Conceição
Iverli de Lima	1968	06/09/2019	USCS Campus Conceição
Jacira Marçola	1970	29/04/2019	USCS Campus Conceição
Jane Ida Louzada Lamattina	1968	15/04/2019	USCS Campus Conceição
Laura David	1969	11/04/2019	USCS Campus Conceição
Lucia Angela Orrico Schiavo	1969	06/09/2019	USCS Campus Conceição
Maria do Carmo Antunes	1969	06/09/2019	USCS Campus Conceição
Marilda Schnel	1969	29/04/2019	USCS Campus Conceição
Norma Sueli Joaquim	1970	16/04/2019	USCS Campus Conceição
Roberto Lino de Oliveira	1969	08/04/2019	USCS Campus Conceição
Sandra Mara Cavasini	1968	27/05/2019	USCS Campus Conceição
Silas Otoniel Rodrigues	1968	22/04/2019	USCS Campus Conceição
Sueli Ap. Nogueira Ferreira da Silva	1968	10/12/2018	USCS Campus Conceição
Susete Castelhana	1970	15/04/2019	USCS Campus Conceição
Tânia Ferreira do Nascimento	1970	06/09/2019	USCS Campus Conceição
Vanessa Meriqui	1970	30/04/2019	São Paulo/SP, na residência do irmão da entrevistada
Vera Lucia Garcia Licht	1968	17/04/2019	USCS Campus Conceição
Vilma Mantovani Massa	1970	24/04/2019	USCS Campus Conceição

Elaboração da autora.

Com o propósito de recuperar a memória do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, buscou-se entrevistar ex-docentes e ex-alunos. Nessa procura foi localizado o estudo

Docência e Admiração (da imitação à autonomia), em que a autora Vera de Faria Caruso Ronca apresenta e analisa uma entrevista com a Professora C – ex-docente da Unidade Vocacional de São Caetano do Sul – Maria Aparecida Contin, falecida em setembro de 2014. Como a professora está presente nas memórias de muitos alunos, que a destacam pela honradez com que dignificou sua carreira docente, optou-se por abrir com seu depoimento esta parte mais delicada deste estudo, *as memórias*.

Indagada a respeito de sua compreensão sobre a relação mestre-modelo na constituição da identidade do educando, a Professora Maria Aparecida Contin explicou:

(...) essa relação entre mestre e educando começou na minha relação com os meus pais, uma relação de profundo amor, de profundo respeito, e com meu irmão. Sempre foi uma relação muito afetuosa. E eu percebo, hoje, que essa relação mestre-educando começou na minha infância e ela foi desenvolvendo em mim valores, por exemplo, o valor trabalho; em primeiro lugar amor, amor e respeito (RONCA, 2007, p. 70).

Sobre seu ingresso no curso de magistério:

(...) então eu me lembro que isso começou a aflorar mais, a minha coragem de manifestar o que tinha anteriormente em termos de indagação, a partir do magistério; eu não fiz colegial, fiz magistério, porque me lembro que tinha uma professora de Biologia, a Dona L., formada na USP. Foi a primeira pessoa de minha cidade que se formou na Universidade de São Paulo, a segunda fui eu. Então, Dona L., ela dava aula despertando em nós a curiosidade em perguntar e, assim, comecei a me soltar mais (RONCA, 2007, p. 76).

Ainda jovem a Professora Contin começou a se preocupar com as desigualdades sociais:

Por que eu tinha dinheiro para pagar a merenda e alguns colegas não? Por que os empregados do papai, apesar de terem trabalhado uma vida toda, não tinham casa própria? (...) e também nessa época, aliás, antes, na oitava série, a Dona M.A., que era muito ligada à Igreja, ela trouxe para a minha cidade uma organização da Igreja Católica, que se ligava à adolescência chamada JEC (Juventude Estudantil Católica) e eu entrei para a JEC, cheguei a ser uma das dirigentes em minha cidade (RONCA, 2007, p. 77).

E Ronca complementa:

Ela refaz, pela memória, o processo de desenvolvimento da consciência e reconhece que hoje tem maior consciência racial. Admite, por perceber o mundo como desigual e diferente, as relações com seus alunos foram orientadas pelo respeito e igualdade (consequência que ela sempre remete às pessoas com quem aprendeu, isto é, seus mestres de sempre – pais, avós, professores do primário, da JEC e da Universidade, sem deixar de considerara os “outros significativos da vida”, seus colegas) (RONCA, 2007 p. 82).

Sobre sua experiência no Vocacional a Professora Contin destaca:

Era uma escola viva e, portanto, também o conselho de escola, o conselho de classe, o relacionamento entre os professores, não quer dizer que tudo era perfeito, mas eram relações mais sólidas, mais verdadeiras, com compromissos mais verdadeiros, compromisso com a escola pública. Compromisso com o aluno, compromisso com a sociedade. Enfim, era uma época difícil, nem preciso dizer para você, era uma época de fechamento, mas no Vocacional a gente conseguia fazer muitos dribles, houve muita cumplicidade da equipe (RONCA, 2007, p. 95).

A fala da Professora revela, além da coesão e cumplicidade do corpo docente em tempos difíceis, um tom elogioso e saudoso em relação ao Vocacional. Nesse sentido, o depoimento vai ao encontro de um argumento recorrente nas memórias de ex-alunos e ex-alunas, destacando a intensidade da vivência que tiveram naquele momento de suas vidas. No caso da unidade de São Caetano, essas memórias fazem referência à Profa. Contin. Valores humanos que deixaram marcas indelévels na menina Vanessa:

Eu me lembro muito de muitas professoras (...) eu nunca esqueci algumas professoras e tem uma que eu fico emocionada quando penso nela e ela já morreu. Nunca esqueci o nome dela, Maria Aparecida Contin, minha professora de Português. Meu pai morreu, a gente estava no primeiro ano (...) eu estava no primeiro ano, meu irmão no segundo, lá no Vocacional. Foi muito difícil para nós. Porque ele morreu no mês de julho, a gente estava de férias. E quando a gente volta de férias, claro, as pessoas ficam sabendo e aí é uma curiosidade imensa, porque criança é criança. (...) também é muito difícil para uma criança de 10 anos ser órfã. Eu lembro que a professora Aparecida, logo na primeira semana, no recreio, ela me chamou ... e eu era baixinha... eu lembro que ela abaixou assim [imita] e falou: 'o que aconteceu?' Aí os meus olhos já se encheram de lágrimas... 'mas você não precisa falar nada, só pega na minha mão se você precisar, porque eu vou entender' [chora]. Isso me marcou de tal forma, que eu nunca esqueci (Vanessa Meriqui, turma de 1969).

A Professora Contin também foi referência na vida de outras pessoas:

(...) a que mais eu lembro é a Maria Aparecida Contin, que eu me emociono a cada momento, cada vez que me lembro dela, era professora de Português, ela foi uma referência muito importante na minha vida. Era uma professora muito amável muito afetiva e, principalmente nós meninas, a gente estava numa fase de descoberta de tudo do mundo e nós conversávamos muito com ela, inclusive sobre os nossos namoros, as nossas paixões e isso era interessante porque não existia uma repressão nesse sentido, que não podia namorar na escola, nós namoramos muito na escola (...) tudo era muito conversado (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968).

As professoras que mais me marcaram foi a professora de Português Maria Aparecida e a professora Irene de Matemática (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968).

Em sua descrição sobre o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, a Professora Contin a chamou de *escola viva*. Este é o ponto de partida desta análise.

Os juvenzinhos que lá chegaram também tiveram tal percepção, que estavam numa escola viva:

Era uma escola nova, fisicamente, um programa novo de educação, a localização dela era muito boa também, era uma carga horária, até então eu não sabia, mas maior do que uma escola municipal, estadual (...) quer dizer, com fatores que te davam uma amplitude maior de educação, sendo que existiam disciplinas que iam muito além do que as disciplinas constantes numa escola estadual ou municipal (Álvaro Ricci, turma de 1969).

O cuidado que nós aprendemos, a gostar de onde a gente estava, gostar do nosso ambiente, cuidar, o nosso amor, o nosso carinho, dedicação, a nossa escola era uma escola livre (...) Nós não tínhamos muros na escola, tinha o portão que nós entrávamos (...) não tínhamos grades, do outro lado estava livre. Os alunos não fugiam da escola. Nós gostávamos tanto de estudar, era tão interessante, era cativante. A gente tinha muita motivação. Todos os dias éramos motivados a fazer alguma atividade nova (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968).

Ah, essa escola era a melhor escola do mundo, era a melhor escola do mundo, a gente não tinha muros e gente era livre, todo mundo era amigo de todo mundo. Não existia o individualismo, nós éramos muito unidos mesmo, as vezes um era de uma classe, outro da outra, um de um período, outro do outro, mas estávamos sempre juntos. E isso daí fez com que a gente aprendesse, na vida, a partilhar, a respeitar, tudo aquilo que eu sei e que eu sou eu devo à escola que eu tive (Susete Castelhana, turma de 1970).



**Ilustração 9 - Uma escola sem muros – início da década de 1970.**

Eu ouvia falar dessa escola, que tinha matérias diferentes, que o pessoal era diferente. Ai, nossa! Eu sempre gostei de muita coisa diferente. (...) O Colégio, quando eu vi, eu amei, porque era uma construção diferenciada, totalmente aberto, não tinha grade, não tinha muro (...) uma arquitetura diferente. E o pessoal que lá estudava, as atividades diferentes. Eu falei: 'gente, é aqui que eu quero ficar' (Tânia Ferreira do Nascimento, turma de 1970).

Eu saí de uma escola pequena [Grupo Escolar Dr. Rudge Ramos] e fui para uma escola que tinha dois andares, dois blocos (...) com quadra, com escada, era enorme. Nós saímos de algo minúsculo, para uma magnitude, não tinha muro, não tinha portão, nada que impedisse você de não entrar ou de não sair, era magnífico. (Ana Maria Benucci da Silva Paes, turma de 1969)  
Chegar no Vocacional foi um mundo novo, como se eu tivesse ido para um outro mundo porque era uma escola diferente (...) tudo muito organizado, era um prédio novo, tudo muito limpo (...) uma escola que não tinha muros! (Laura David, turma de 1969)

### 3.3.1 Trabalho docente

Um diferencial do Ensino Vocacional era a formação docente:

Antes de tudo isso eu passei três meses sendo preparado para dar aula. Aí a minha preparação foi na Avenida Portugal, na sede do Vocacional (Prof. Antonio Aracilio Petrin, Teatro).

Acho que foram quatro meses (...) eram aulas ministradas pelos próprios técnicos do SEV, professores da USP e nós tínhamos também estágio em diferentes salas de aula, na nossa área específica. Tínhamos grupos de estudo com os técnicos do SEV, visitas a alguma unidade do Vocacional do interior. Uma bibliografia imensa para ser lida, com apresentação de relatórios a cada final de mês. Foi um curso muito puxado, eu me lembro que foi a época que mais estudei, o final do curso era uma situação simulada. Então, foram formados vários grupos com um professor de cada área e dado um tema de unidade didática [Unidade Pedagógica] para que fizéssemos o planejamento com uma simulação de reunião pedagógica no Vocacional, felizmente eu fui selecionada e comecei a minha carreira como professora. No Vocacional eu aprendi muito. Eu acho que valeu como um curso de especialização, de mestrado (Prof.<sup>a</sup> Dirce Martins Morra, Educação Doméstica).

A gente tinha que ler. Tinha que estudar, tinha que ler. A Maria Nilde [coordenadora do Serviço de Ensino Vocacional] exigia e fazia cobranças sobre isso. (...) ao terminar uma disciplina, ela fazia uma chamada oral pra gente. A gente tinha que fazer uma entrevista com a Maria Nilde, com chamada oral (...) havia uma comunhão de trocas muito grande, entre nós professores. Além dessa direção [de cada unidade do Ensino Vocacional] tinha dois outros tipos de orientações: a Orientadora Pedagógica, que olhava o material que a gente ia dar para os alunos: lia e discutia com a gente (...) e a Orientadora Educacional, que era quase uma psicóloga. Elas não eram psicólogas, não tinham essa função, mas elas tinham um trabalho muito

intenso no processo da relação dos alunos com os professores e vice-versa. Era tudo muito bem trocado, tudo muito bem articulado (Prof.<sup>a</sup> Ernesta Zamboni, História).

As pessoas se candidatavam para a docência no Ensino Vocacional, participavam do curso preparatório e ao final – segundo o desempenho no curso – eram contratadas.

No último ano de faculdade, eu tomei conhecimento do Serviço de Ensino Vocacional. Eu achei o máximo (...) seria uma maravilha me candidatar para trabalhar no curso de História no Vocacional e fiz todo aquele curso anterior, que existia para selecionar professores. (...) Então eu fiz toda a preparatória direcionada para ir para São Caetano e foi o que aconteceu. (...) Eu fiz estágio pelo Vocacional em Americana e fiz estágio também no colégio de Aplicação (Prof.<sup>a</sup> Florence Maria White de Vera, História).

Para entrar no Vocacional você passava por um curso, uma preparação para você poder entrar na história dele, para entender todo o processo de aula, toda a metodologia. Então, era tudo muito diferente, a linguagem era toda diferente de tudo o que eu tinha visto no mundo, que tinha aprendido, tanto que os meus contatos foram até se modificando. Era tão diferenciado que até as relações com meus amigos foram sendo um pouco machucadas, porque a linguagem passou a ser outra (Prof.<sup>a</sup> Maria Zair Aguiar Nunes, Artes Industriais).

Além do curso inicial, o processo de capacitação era contínuo:

O sistema do vocacional tinha um cuidado muito grande com a formação e atualização dos professores. Semestralmente a gente se encontrava em São Paulo para reuniões de estudo, de atualizações com a Maria Nilde, com as orientadoras [supervisoras das disciplinas] daqui de São Paulo (Prof.<sup>a</sup> Maria Zair, Artes Industriais).

A contratação do corpo docente e a jornada de trabalho eram diferenciadas.

Era tudo bem diferente das outras escolas que existiam na época. Nós éramos contratados por período integral, nós dávamos um determinado número de aulas que eu já não me lembro com certeza qual era esse número, mas tínhamos *janelas*, que eram horários livres para a preparação de textos, para a correção de provas, para reunião de professores. Nós ficávamos o período integral na escola, mas não era período integral dando aula, eram tempos reservados para os professores para tratar do preparo das próximas aulas. (...) Lá era tudo englobado no seu horário (...) nós ficávamos realmente trabalhando porque tinha que apresentar trabalhos para o mimeógrafo, tinha uma sequência de trabalhos para entrar, tinha apresentação dos textos que eram discutidos entre outros professores (...) as salas de professores eram por núcleo de matérias e não uma sala enorme que abrangesse todo mundo (Prof.<sup>a</sup> Florence, História).

Outra singularidade do Ensino Vocacional eram as condições adequadas de trabalho:

O Ensino Vocacional entusiasmava qualquer professor, primeiro porque o professor era contratado por 40 horas e ganhava-se muito bem por essas 40

horas, então você queria dar o máximo, mesmo que você tivesse três aulas no dia você ficava lá das 8hs às 17hs à disposição para uma reunião, para preparar aulas, fazer material didático porque havia uma moça chamada Lase que era contratada só para nos ajudar imprimindo textos. (...) Nós não adotávamos livros, nós trabalhávamos com textos escolhidos a dedo, para trabalhar aquele assunto da Unidade Pedagógica (...) você escolhia autores diversos, livros com visões de diferentes autores, não ficava amarrado num livro só, era importante isso (Prof.<sup>a</sup> Christiana Monteiro de Siqueira Pontes, Francês).

Apesar de alguns estudos sobre o Ensino Vocacional apontarem que a remuneração de seus professores não se diferenciava dos demais da rede pública, este estudo apurou o contrário junto aos entrevistados. A explicação da Prof.<sup>a</sup> Christiana elucida tal argumento.

Nakamura (2017, p. 439) chama a atenção para o fato desse treinamento de quatro meses, anterior à contratação, nem sempre ter sido efetivado para todos os professores, nem que tenha ocorrido por todo o tempo de existência do Ensino Vocacional. Este estudo corrobora tal informação .

Eu me lembro que fazia cursos, (...) não me lembro do curso como exigência para contratação. Eu me lembro que eu fiz cursos, mas acho que depois que já estava definida a minha ida pra lá (Prof.<sup>a</sup> Maria Helena Antunes de Oliveira e Souza, Ciências).

### **3.3.2 Unidade Pedagógica**

O conteúdo era organizado dessa forma, através de Unidades Pedagógicas: em uma aula-plataforma lançava-se uma unidade e cada professor, em sua área específica, ia procurar desenvolver aquilo. Então, aprofundar conceitos, introduzir conceitos e o conteúdo era tirado da realidade, por isso exigia do professor um estudo constante dos fatos, da economia, de tudo (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Educação Doméstica).

O curso era criado por bimestre. O bimestre tinha um tema, esse tema era desenvolvido por todas as áreas (...) o estudo era a família. Então, como que se desenvolvia isso? Tinha uma pesquisa de campo muito interessante, levar os alunos a conhecer a comunidade. Sair com os alunos de dentro da sala de aula, visitar as famílias. E eu, como professor da minha área eu também levei os meus alunos para conhecer as famílias da região. Então, como que era dividido? Tinha a família pobre, a família classe média baixa, classe média alta e uma provável família mais rica, vamos dizer assim. (...) colhendo esse material todo levamos para dentro da sala de aula. Eu dividi os alunos em vários grupos e cada grupo estudou uma família (...) a gente conseguiu traduzir com essa técnica do teatro o que era a família de São Caetano do Sul (...) foi uma experiência muito interessante (Prof. Antonio Petrin, Teatro).

Então, a gente fazia trabalhos individuais, a gente ia para os grupos, nesses grupos tinha sempre um coordenador, um redator e um relator, se o grupo era de cinco, os outros dois [sem cargos específicos] não deixavam de ter compromissos (...) O coordenador recolhia todas as informações dos trabalhos individuais [dos componentes do grupo] e organizava todas essas informações que discutiam no grupo. O redator escrevia a conclusão do grupo (...) e o relator explicava [para a classe] o que o grupo tinha feito (...) a professora colocava na lousa, a classe discutia o que cada grupo tinha feito [depois da discussão] se chegava a uma conclusão de classe. Essa conclusão naquele bimestre ou naquele mês era levado para uma assembleia. Então cada sala tinha o seu relator (...) era relator da sala que levava à conclusão da sala (...) para assembleia e na assembleia estavam todas as salas, todos os alunos e se chegava a uma conclusão geral (...) e isso era surpreendente porque se discutia, então o que você tinha individualmente nem sempre era a conclusão [síntese] da escola. (...) Então essa valorização (...) nós como alunos éramos participantes desse trabalho (Ana Maria B., turma de 1969).

A fala da ex-aluna resume o desenvolvimento da Unidade Pedagógica, ela não se recorda da nomenclatura de cada fase, mas sua vivência enriquece este estudo. Nem mesmo descrições de estudiosos traduziram com tanta precisão o que era uma Unidade Pedagógica.

A pesquisa de campo também está presente nas memórias dos ex-alunos:

A metodologia de ensino nos ensinava a pensar (...) primeiro pensávamos na comunidade dentro da escola, depois na comunidade em torno da escola. Eu me recordo muito bem que na época eu peguei um perímetro entre a avenida Kennedy, próximo ao Vocacional e a alameda São Caetano. Então íamos fazer entrevistas nas casas das pessoas para começar a abrir o nosso universo. Depois de pensar em nós, na escola, na comunidade, nós pensávamos na cidade. Ali começamos a ter noção de espaço (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968).

Sobre as unidades pedagógicas, Nakamura explica:

Os temas a partir dos quais as atividades escolares eram elaboradas consistiam de tópicos gerais a serem estudados. Sugeridos no início do ano, estavam relacionados à realidade histórica e/ou ao contexto da comunidade na qual a escola se inseria. Entendiam que esse tema deveria estar vinculado a uma preocupação que afetasse os alunos. Temas gerais seriam desenvolvidos, em cada série, em equipes de alunos, e em diferentes salas, com diferentes enfoques, nas diversas disciplinas no decorrer do ano letivo. Os resultados das pesquisas sobre a comunidade, que precediam o planejamento curricular, seriam importantes fontes para detectar problemas e fenômenos específicos a serem tematizados (NAKAMURA, 2017, p. 443).

No caso do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, conforme demonstrado no capítulo 2, as entrevistas do Exame de Admissão ofereceram material para a elaboração de um diagnóstico da população local, ponto de partida para o planejamento de cada disciplina.

Dados que, posteriormente, foram enriquecidos por pesquisas de campo, conforme os relatos abaixo:

Nós começamos a estudar a família (...) onde íamos nas casas fazer pesquisas, eu ia na casa da Vila São José, que foi a escolhida, para saber a renda per capita, quantas pessoas moravam, quais eram os costumes (Jane, turma de 1968).

Nós tínhamos muito contato com a comunidade (...) íamos para os bairros fazer entrevista, saber como as famílias viviam. Então, nós íamos para a rua bater nas portas e perguntar ‘quantas pessoas moravam na casa? quem trabalhava? a renda familiar?’ Um mini censo, eu me lembro direitinho disso (...) acho que foram as primeiras vezes que saí na rua sozinha, porque ia para o Externato Santo Antonio [onde cursou o Primário] de ônibus da própria escola e, de repente, eu estava nas ruas de São Caetano entrando nas casas das pessoas. Nunca tive nenhuma experiência negativa, era muito interessante, nós ficávamos muito entusiasmados porque a gente ficava sabendo como as pessoas viviam, às vezes contavam histórias e a gente ficava impactada com a história de vida da pessoa, isso marcou muito a minha vida no Vocacional. As visitas eram sempre em grupo, nós voltávamos para a escola e tinha um trabalho para fazer em cima daqueles dados (Sandra, turma de 1968).

Estudar desde o cotidiano de uma família para, posteriormente, comparar com questões nacionais ou mundiais demonstra a ideia de movimento da organização curricular, em espiral:

A espiral expressa a ideia de movimento de ida e volta, de abertura e expansão, mas também de fechamento e aprofundamento na abordagem de questões locais – a comunidade onde a escola se situa – até questões universais – a comunidade mundial, hoje planetária, na contínua articulação recursiva em que o distante, no espaço, está no próximo, e o próximo está no distante e, no tempo (...), percebidos no presente em expansão (LIMA e ROVAI, 2015, p. 151).

### **3.3.3 Esportes**

O Vocacional de Vila Santa Maria era referência em diversas modalidades esportivas no município e na Região do Grande ABC.

Lá era muito diferente das outras escolas, eles incentivavam muito o esporte, a gente ficava o dia todo praticamente na escola (...) eu comecei estudando a tarde, mas eu lembro que eu vinha na parte da manhã porque tinha atividades (...) educação física, tinha várias atividades fora do horário (...) era uma escola com muita gente e com muitas atividades e muitas responsabilidades (Ana Maria Copola, turma de 1969).

Eu jogava basquete e handebol. Participava dos torneios da cidade, da região e do Estado. Chegamos a fazer parte de um campeonato paulista,

representando São Caetano do Sul. O basquete foi muito bom. O Vocacional tinha torcida, era bem organizado. Os professores de educação física lá eram bem dinâmicos (Gilberto da Silva, turma de 1968).

A Educação Física era uma referência muito forte dentro do Vocacional para nós, em termos de formação, eu não era atleta, mas sempre foi muito forte o esporte na minha vida, tanto é que eu fui fazer Psicologia Esportiva quando saí da faculdade, uma coisa que nem tinha no Brasil. A gente tinha a professora Mitsuko que era fantástica, uma grande professora, educadora (...) e o professor Laércio foi uma referência muito importante, também porque ele levou a capoeira para o Vocacional, então era um escândalo, imagina ter capoeira na aula de Educação Física, depois ele tinha um grupo de handebol também muito forte (Sandra, turma de 1968).

Eu nunca fui bom em esportes mais gostava de vôlei dava meus tapas na bola também e jogava vôlei com o pessoal, fazia parte do time de vôlei da minha classe (...) era muito bom, muito gostoso (Carlos, turma de 1970). Tinha um time bom de basquete, um time bom de handebol (...) tinha um incentivo muito grande para os esportes, era uma escola bem localizada, bem situada nos esportes. (...) as quadras eram todas descobertas, cimentado eu me lembro que teve uma época que meus pais falaram: “Não, você não vai de calça nova.” Era normal a gente andar de calça remendada porque a gente ia jogar bola e um tombo naquela quadra era um furo novo na calça (Hermínio, turma de 1968).

Eu me lembro de muita coisa, eu gostava muito de esportes, eu jogava pela escola handebol e basquete, representei também a escola em salto em altura e salto em extensão (...) realmente a minha área predileta era esportes (...) a gente tinha também interclasses e os jogos da Primavera quando a gente jogava contra outras escolas. Uma das nossas concorrentes era o Comercial, da Vila Gerty, mas dificilmente alguém ganhava do Vocacional no basquete e principalmente no handebol (...) A gente ia para o estádio Lauro Gomes de manhã e minha mãe sempre lá no estádio, torcendo sempre, ela me acompanhava, era uma das torcedoras do nosso time, ela participava muito da minha vida (Vera Lucia Garcia Licht, turma de 1968).



**Ilustração 10 – Treino de basquete na quadra do Vocacional**

Eu nunca fui muito de esportes (...) foi muito incentivado o handebol, tanto é que hoje a parte do vôlei eu nem gosto tanto (...) o nosso parâmetro primeiro foi o handebol (...) a seleção de São Caetano teve como base a seleção do Vocacional e depois nós fomos para o basquete. (...) tinha Olimpíadas interclasses, os alunos foram direcionados para um esporte. Por exemplo, a Madalena Lacerda já foi para a parte de corrida porque ela corria bastante, então ela já foi direcionada para o atletismo. Então já foi feito campeonato, aí o campeonato interescolas, foi daí que o pessoal começou a se juntar mais ainda, porque não tinha aquele problema: você é do 1º ano ou você é do 2º (Hilda Heise, turma de 1969).



**Ilustração 11 – Treino de basquete feminino na quadra do Vocacional**

Eu participava das equipes de esportes. Eu jogava handebol (...) e jogava basquete também. (...) a gente treinava muito, jogava sempre, a gente era pau pra toda obra. (...) eu não lembro porque a gente não tinha equipe de atletismo e para a gente poder jogar tinha que ter equipe de atletismo, aí nossa treinadora falou: ‘quem pode fazer corrida? Quem pode fazer não sei o que?’ Então, dentro dessa equipe de handebol, de basquete, a gente foi fazer o atletismo (...) me lembro que fiz corrida de obstáculos, fiquei com as minhas canelas todas raladas porque nunca tinha feito. Derrubava todos os obstáculos e as canelas ficavam todas raladas e fazia muito frio, muito frio, eu lembro que depois que terminou tudo, ela veio com barrinha de chocolate para a gente restabelecer a energia. (...) uma das coisas do nosso esporte que foi muito triste: é que uma amiga da gente, indo ver a gente jogar, sofreu um acidente, a Elisa. Um caminhão foi brincar com ela, porque ela era linda e na época a [avenida] Kennedy ainda não tinha calçada, ela estava no meio fio, o caminhão, acho que foi brincar com ela, esqueceu que ele tinha carroceria e a carroceria a pegou. Ela morreu na hora, foi uma das grandes perdas que a gente teve na escola (...) ela estava indo ver a gente jogar e até no momento não avisaram, não falaram nada, só depois que terminou o jogo é que avisaram a gente o que tinha acontecido (Marilda Schnel, turma de 1969).

Então eu lembro que, eu lembro muito da Mitsuko [professora de Educação Física no Vocacional] porque eu joguei handebol pelo Vocacional, joguei pelo Barcelona, joguei por São Bernardo (...) fiz uma carreira até 30 anos jogando handebol, desportista e eu me lembro bem da Mitsuko, ela era excelente professora (...) a torcida era muito forte, todo mundo ia nas

olimpíadas da cidade, a gente tinha olimpíadas interclasses, depois interescolas, então era muito gostoso (Ana Maria C., turma de 1969).

Segundo o Documento N°. 19-A *Planejamentos Anuais das 1.ªs séries*, dentre os 13 objetivos, para o ano letivo de 1969, elencados pela Área de Educação Física, destacam-se:

- ✓ Promover a participação dos alunos nas atividades físicas compatíveis com seus interesses, necessidades e habilidades, que possam ser utilizadas como recreação nas horas de lazer.
- ✓ Conduzir o educando ao conhecimento das atividades físicas na Comunidade, suas instituições e organizações.

Portanto, os torneios interclasses iam além de meio para promover a sociabilidade dos estudantes entre os turnos (matutino e vespertino) e as séries e encontrar bons desportistas para integrar os times das diversas modalidades que representavam o Vocacional na disputa dos torneios interescolares, municipais e regionais. Os objetivos citados revelam a abrangência da atuação da disciplina nos aspectos individual e coletivo, bem como sua interface com o ensino integrado das Unidades Pedagógicas.

Os alunos que não jogavam nos times do Vocacional participavam da torcida:

Sou extremamente míope e nunca tive uma performance boa para jogos, eu tinha para corrida. Em Andradina eu tinha sido campeã de corrida do meu colégio, coisa que aqui eu nem procurei fazer porque tinha tanta gente boa naquele Vocacional. A minha turma e a turma do meu irmão, tinha tão bons atletas que o colégio era uma referência nos jogos municipais e nos jogos estaduais. Eu me lembro que delirava, porque era assim, eu não jogava bem, mas eu torcia bem. E eu torcia muito. E estava sempre muito envolvida. Tanto é que, reencontrar as meninas que jogavam foi muito interessante porque eu me lembro dos nomes das equipes, dos grupos de treinamento dos jogos (Vanessa, turma de 1970).

Tinha a torcida organizada. Eu não conseguia jogar, mas participava da torcida e os meninos também, muito respeitosos. (...) Quando só as meninas tinham Educação Física os meninos ficavam lá para torcer, para participar com a gente, depois aquele grupinho se desfazia e eles levavam a gente para casa para depois irem embora, moravam no Centro de São Caetano do Sul. Então, era uma convivência muito sadia (Maria do Carmo Antunes, turma de 1969).

Tinha as meninas que eram do basquete, eu nunca fui de jogar nada porque sempre fui mais gordinha, então eu era plateia das meninas, eu estava na turma do “gargarejo”, na turma da torcida. Então eu estava sempre torcendo, onde as meninas iam jogar, eu estava lá (Norma Sueli Joaquim, turma de 1970).

Nos torneios interclasses havia disputas em várias modalidades esportivas, não apenas jogos coletivos, o que possibilitava a descoberta de talentos, a integração dos alunos entre si e a criação de vínculos com a escola.

Eu joguei pelo Ginásio Vocacional como representante desportiva, joguei handebol durante meus quatro anos de Ginásio Vocacional, fiz parte da seleção de São Caetano do Sul que tinha como base a seleção do Ginásio Vocacional. Além de ter a felicidade da parte intelectual, da parte emocional, da parte psicológica, isso foi um presente (...) eu representava minha escola, eu representava minha cidade (...) nós fomos campeãs no torneio cidade de São Paulo (Ana Maria B., turma de 1969).

Tinha muito incentivo aos esportes, nas aulas de Educação Física os professores iam separando aqueles que se saíam melhor num esporte ou no outro, na época tinha as olimpíadas interescolares, eu não jogava, mas a equipe do Vocacional era muito boa (...) o pessoal falava que nós éramos “frescos” porque estudávamos numa escola diferente, nós íamos no Estádio Lauro Gomes [onde ocorria a maioria dos jogos] e todo mundo torcia contra nós, não importava o que fosse, a torcida era contra o Vocacional, porque ninguém queria que o Vocacional ganhasse e a escola ganhava bastante. (...) Nas aulas de educação física havia uma sequência, uma continuidade, (...) exercícios, mas muitos jogos. A Hortência [jogadora de basquete] saiu de lá, ela era aluna do Vocacional (Jacira Marçola, turma de 1970).

Eu jogava handebol e um pouquinho de basquete, mas o handebol é o que eu mais gostava (...) eu cheguei a jogar com a Hortência [pelo Vocacional] numa quadra ali perto da Petroquímica [na cidade vizinha, Santo André] e na quadra não tinha nada de proteção e nós começamos a fazer pontos, o pessoal invadiu a quadra e começou a chutar a gente, nós subimos correndo para o vestiário, saímos de lá com cordão de isolamento e levados até o ponto de ônibus para ir embora (Vilma Mantovani Massa, turma de 1970).

Em entrevista ao *Jornal do Professor de 1º Grau* do Ministério da Educação/INEP<sup>88</sup>, Hortência de Fátima Marcari, apresentada pelo jornal como “a mais importante jogadora brasileira de basquete em todos os tempos” respondeu à pergunta: “Esporte se aprende na escola?”

É claro, a Mitsuko Ikeda, professora do Ginásio Vocacional de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi a primeira pessoa a me dar uma bola de basquete (...) ela me viu jogando na aula de Educação Física e me chamou para jogar no time da escola. O Vocacional dava muita importância ao ensino de Esportes. Realmente, apesar de ser uma escola pública, era diferente das demais em termos de recursos para o esporte. *Tínhamos quatro quadras, material suficiente e um alto nível.*<sup>89</sup> O professor que desse aula ali era um privilegiado (p. 2).

---

<sup>88</sup> Ano IV N° 13, março de 1989.

<sup>89</sup> Destaque nosso.

Hortência destaca também outras características da escola:

Além disso, no Ginásio Vocacional, não eram apenas a Educação Física e o Esporte que eram importantes. Também outras disciplinas como Artes, por exemplo, eram muito bem dadas. Tínhamos até mesmo um teatro na escola. Tive muita sorte de encontrar uma escola pública com esta qualidade, com um nível tão elevado (p. 2).

O próximo depoimento evoca uma outra discussão:

Nós tínhamos dois professores [de Educação Física] (...) eles formatavam atividades extras. Então, era dona Mitsuko, pelo nome a gente já entende a rigidez de algumas coisas, e o professor Marciano. (...) havia divisão na hora da Educação Física do mirim, infantil, juvenil e, depois, o adulto, até uma certa faixa [etária]. (...) no meu tempo todo mundo fala muito da Hortência, que foi a que se destacou, mas havia outras jogadoras que também tinham a sua relevância. Por exemplo, a Eni era uma negra que jogava basquete maravilhosamente bem. Fora a Eni tinha a ... [esqueceu o nome] que também jogava, era tão “esqueleticazinha” quanto a Hortência, só que uma “esqueleticazinha” lourinha e uma “esqueleticazinha” negrinha. Ela jogava maravilhosamente bem, o basquetebol (Tânia, turma de 1970).

Sobre a questão racial, ao serem indagados de como era ser “negra (o)” no Vocacional as (o) ex-alunas (o) explicam:

Todo mundo era todo mundo. Não tinha essa coisa. Tinha dia que eu estava na casa do sobrinho do Walter Braido [então prefeito da cidade], do Henri Veronezzi, que o pai dele era advogado, do Hermínio Ferrari [famílias tradicionais do município]. Eles eram todos vizinhos e a gente sempre estava na casa de um ou do outro, você entendeu? Brincando, dançando nos bailinhos. Aqueles bailinhos que tinham na época, de família. (...) Nunca percebi isso não. Depois, quando você sai de lá, que você vai galgar um espaço profissional, sozinho, aí já é uma outra coisa. Aí você já começa a ver as diferenças como até hoje é assim. Não tem como falar que não é, porque é assim (Gilberto, turma de 1968).

Aí, não era bom. Ser negro é complicado até agora. Vamos dizer, complicado não, é resistência. Mas só que agora eu resisto de um jeito e resistia lá, de outro. Eu era muito calada. (...) Os professores eram muito interessantes. Todos eles muito interessantes. Eu acho que eu aprendi, acho não, tenho certeza, eu aprendi muito naquele lugar. Eu acho que eles sabiam muito bem qual era o papel deles dentro desse universo da educação (Iverli de Lima, turma de 1968).

Quando você se assume [negra] é algo que é muito bonito, mas é muito intenso. Então, dentro do vocacional havia, como hoje, nos maiores ou melhores colégios dentro de São Caetano do Sul, uma minoria. Então lá dentro do Vocacional era muito diferente. (...) Mas aqui fora a gente não tem esse respeito às diferenças. As diferenças estão expostas e a gente tem que aprender a conviver da melhor maneira possível. (...) Mas a desigualdade, ela é contundente, ela é mascarada, ela é maquiada, ela é ilusória, ela é bonita, ela te seduz e você não vê o que está ao redor. Então, o Vocacional

fazia a gente pensar. Então, dentro do Vocacional ... Essa escola jamais poderia ter acabado, porque dentro da sutileza dela, dentro do conhecimento, dentro do poderio que ela trouxe para muitos de nós, ela despertou. Então ser negro para mim aos onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, já queria avançar. Eu falava: 'não'. Já não admitia certas brincadeiras, não admitia certas piadas. Então você até podia fazer, mas eu não ia rir. 'Por que que fulana...' 'Ai, fulana é assim mesmo, ela não gosta que fala disso. (...) Miscigenação é um fato, dá para mudar? Não dá, é fato. Então aceita que dói menos e vamos andar (Tania, turma de 1970).

(...) lá no Vocacional eu aprendi que eu ia ter chance na vida de ser alguém, eu acho que esta base que ele me trouxe, de ser positiva, não ter medo de nada, antigamente não tinha bullying, mas tiravam sarro porque eu era negra, era gorda, então isso tudo o Vocacional ensinou a tirar todos esses medos, essas sombras de vida. Então eu acho que tudo que eu aprendi no Vocacional foi uma base muito forte para mim, eu posso falar até que chegar onde cheguei que para mim nas condições que a gente vê e todo mundo reclama porque negro isso, negro aquilo, mas que para mim foi uma base muito forte, que me ajudou muito a chegar onde eu estou agora (Sueli Aparecida Nogueira da Silva, turma de 1968).

Nos documentos pesquisados não foi encontrada nenhuma discussão ou apontamento sobre o tema desigualdades raciais. Vale lembrar a conjuntura política da época, de vigência do Ato Institucional Nº 5, de silenciamento dos movimentos sociais. Todavia, os depoimentos acima indicam que o ambiente escolar do Vocacional – que instigava o questionamento e percepção da realidade, somado aos laços de confiança da relação professor/aluno – possibilitou a futura construção de uma identidade negra e o fortalecimento individual para as lutas vindouras.

Em São Caetano do Sul havia um clube de negros, a Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luiz Gama.

Eu não sei como que foi que alguém me falou do Luiz Gama, eram negros que conheciam negros. Eu não me lembro em que época que foi isso. Eu só sei que comecei ir lá, frequentar com eles: o Giba [Gilberto], Lazinho ... não me lembro de quase ninguém. Aí comecei a frequentar e, não sei como foi parar em algum lugar, que daí o Hélio me chamou. O Hélio Santos [ativista histórico do Movimento Negro] ficava procurando por grupos de negros que tinham nas cidades, para conversar, empoderar e tal. Alguém falou de mim e aí ele veio para São Caetano do Sul conhecer o grupo, me conheceu e depois me levou para trabalhar com ele, aí montamos o Conselho da Comunidade Negra<sup>90</sup>, eu faço parte daquela construção. Fiquei lá trabalhando com ele

---

<sup>90</sup> Algumas organizações negras foram criadas no início do século XX. Dentre elas destacam-se os grupos reunidos em torno das publicações da Imprensa Negra Paulista (1915-1950), da Frente Negra Brasileira (FNB) (1930-1937), e do Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944). Já na segunda metade do século XX – também reivindicando emancipação democrática e direitos civis, econômicos, políticos e sociais –, destacam-se o

muitos anos. Depois que saí de lá fui para o Conselho da Condição Feminina. Eu tenho essa vivência de negro, bem forte, de política em relação aos negros e política da mulher também. São duas coisas bem marcantes, bem de resistência. É resistir para existir, as duas. Tanto as mulheres como os negros (Iverli, turma de 1968).

Era um clube onde as famílias negras se juntaram. Eles tinham uma sede que era cedida pela prefeitura, na época. E lá a gente tinha encontros, festas, bailes. Depois disso vieram os mais jovens e a gente, na época, para ter uma conscientização do negro, aí organizamos reuniões, palestras (...) para a valorização do negro na sociedade. Então a gente conseguiu um bom espaço na prefeitura. [parou de frequentar por divergências políticas] tinha final de semana que a diretoria estava com um prefeito, um candidato a prefeito, no outro final de semana estava com outro prefeito (...) isso não cabe na minha cabeça. (...) Ou você é isso, ou você é aquilo. (...) Aí eu falei: ‘ah, não quero mais, ou vocês assumem este prefeito ou vocês assumem aquele’. Aí os caras falaram: ‘não, a gente tem que dançar conforme a música’. ‘Não, pra mim não dá’ Saí e não frequentei mais nada. (...) hoje não existe mais o Luiz Gama (Gilberto, turma de 1968).

Ao falar sobre seu ingresso na vida escolar, Gilberto informou ter cursado o Jardim da Infância e Primário no Externato Santo Antônio na condição de bolsista, em razão do envolvimento do pai com notáveis do cenário político da época. Destacou que ele e a irmã eram os únicos negros da escola. O Externato é uma escola privada tradicional de São Caetano do Sul, já mencionada no capítulo 1. Alguns ex-alunos do Vocacional também estudaram no Externato, o que é um indício de ascensão de parcela da população aos padrões de consumo da nova classe média. Considerando que a população da cidade foi formada por ex-escravos, foreiros, imigrantes do núcleo colonial e migrantes (predominantemente

---

Movimento Negro Unificado (MNU) e outras entidades que fazem parte da construção do contexto político de surgimento do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo (CPDCN).

Um pouco antes dessa segunda fase de surgimento de organizações negras, o País sofreu o golpe militar de 1964, que instaurou a ditadura. Movimentos sociais, lideranças religiosas de várias denominações, entidades estudantis e de trabalhadores de diferentes setores econômicos, grupos políticos progressistas somam-se à luta pela redemocratização, que começa a surtir efeito em meados dos anos 1970 e culmina com o fim da ditadura em 1985. No caso específico das entidades negras, a agenda era ainda mais ampla, por incluir também o combate ao racismo, ainda distante de ser reconhecido pela Nação como problema estrutural de produção e manutenção das desigualdades no País e instrumento perpetuador da violência contra os negros.

Em 7 de julho de 1978, uma multidão formada por pessoas negras saiu às ruas do centro de São Paulo e ocupou as escadarias do Teatro Municipal para protestar contra o assassinato do jovem negro Robson da Luz, morto por policiais e, portanto, pelo Estado brasileiro. Os participantes repudiaram também a discriminação racial praticada contra quatro jovens negros, atletas de voleibol vinculados ao Clube de Regatas Tietê, impedidos de frequentar a piscina do próprio clube em que treinavam. O ato deu início a uma nova fase na luta de combate ao racismo no Brasil e motivou a fundação da entidade política nacional denominada Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial e Violência Policial (MNUCDRVP). O MNUCDRVP reduziria, depois, seu nome para Movimento Negro Unificado (MNU) e alguns de seus fundadores despontaram como personagens relevantes dos acontecimentos que culminaram com a criação do Conselho da Comunidade Negra. Disponível em <http://justica.sp.gov.br/index.php/conselhos/422-2/> Acesso em 05 nov. 2019.

nordestinos e mineiros), deduz-se então que esse movimento ascendente não contemplou a população negra.

Acho que foi 1970, 70 e pouco, eu devia estar com uns 16, 17, 18 anos. Havia um grupo em São Paulo, uma associação de artes africanas a ACACAB [só recorda a sigla] onde tinha uma série de coisas. (...) Todo mundo ia para aqueles lados. Então você trocava muita informação, a gente panfletava para dar informações dos bailes (...) a gente sofria represálias. A tez [mostra a pele] até hoje predomina. Então, tem até aquelas piadinhas que hoje a gente já não ri, 'O branco correndo ele é o atleta, o negrão correndo, pega que é ladrão'. (...) Aí você vai para as periferias (...) E você ia. Aí você começava a ver um monte de coisas. Tem as danças *black*. O Mappin era o chamariz de tudo, aí vem novamente os sambas, aí vem roda de samba, aí desperta... 'olha, vai ter um trabalho de artes plásticas'. 'Ah, mas eu não sei fazer direito'. 'Mas vai ter gente para te ensinar'. 'Como que eu vou cortar aquele isopor imenso para pôr nos carros?' 'Vão te ensinar. Você vai ou não vai? (...) Aí você via as escolas de samba, que eram o reduto da negrada (...) Aí você fala: 'gente, como esse povo se dedica'. Quer dizer, na realidade eu não estava me vendo, que eu estava me dedicando. Eu estava aprendendo. Como eu aprendo hoje, em tudo. (...) Você tem que ter a força, a determinação mais a orientação, porque se você vai com muita força num negócio e ele ainda não está pronto, você vai destruir e aí você vai ter que perder mais tempo para reconstruir. (...) Então, tudo isso o Vocacional... aquelas professoras, aqueles professores, te norteavam para isso, para o dia a dia. Orientação sexual, que eu nem sei qual o nome que se dá hoje, mas a gente já falava. Claro que os meninos do Vocacional eram muito machões. Então muita coisa eles não admitiam nem sonhar. Mas a mulherada já se colocava (Tânia, turma de 1970).

Retornando à temática de Esportes, a edição de *O Pasquito* de outubro de 1971 traz o relato do Prof. Marciano, de Educação Física sobre a Olimpíada Colegial de São Caetano do Sul e a Olimpíada Colegial do Grande ABC:

O nosso Ginásio participou das seguintes modalidades em São Caetano do Sul: futebol de salão A e B, futebol de campo, basquete masculino e feminino, voleibol, natação individual e handebol A e B. Fomos campeões em basquete feminino e handebol masculino. Coube-nos o terceiro lugar em natação individual com Alexandre João D'Agostini da 3ª A. Nas Olimpíadas do ABC sagramo-nos campeões em: basquete feminino, handebol masculino e fomos vice-campeões em basquete masculino (Edição 4, 1971, p. 3).

Após enumerar as conquistas, o Prof. Marciano enfatiza a diretriz da escola na área esportiva:

O objetivo de participar de todas estas modalidades foi o de dar oportunidade para que um maior número de alunos pudesse participar das competições e propiciar-lhes uma experiência de vida esportiva dentro e fora de seu Ginásio (Edição 4, 1971, p. 3).



**Ilustração 12 – Algumas medalhas conquistadas nas Olimpíadas Colegiais<sup>91</sup>**

Alguns estudantes já trabalhavam, o que limitava a participação nos esportes:

Eu gostava só de handebol (...) mesmo assim eu não participava muito, mas quando era aula de handebol eu ia. (...) trabalhava. Mas era assim, a regra era trabalhar, não tinha muita conversa não. Nós fomos puxados nas rédeas desde pequenos (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969).

### **3.3.4 Exames de Admissão**

Os documentos do capítulo 2 revelaram algumas peculiaridades do Ensino Vocacional no que tange ao ingresso dos alunos, porém elas não foram percebidas pelos estudantes. Sobre o exame de admissão relatam:

Foi uma grande conquista, primeiro porque o exame de admissão era muito difícil, o Vocacional era muito concorrido, mas eu tinha certeza que ia passar. Segundo, porque eu ia estudar com meu irmão e terceiro porque eu ia estar num lugar onde tudo era novo para todo mundo. Então, o Vocacional foi uma coisa que eu quis muito. Sem saber o que significava um colégio Vocacional (Vanessa, turma de 1969).

Aí eu fui fazer o vestibulinho (...) ‘como nós entramos lá?’ ‘será que tinha dez alunos e cem vagas’ porque não sei se alguém não entrou neste vestibulinho, ‘então entra todo mundo?’ Então, não sei qual foi o parâmetro, mas também não discuti na época, foi o que foi (Hilda, turma de 1969).

Terminando o primário [curso], na época nós tínhamos que fazer a admissão e aí eu fui estudar no Senador Flaquer [cursinho preparatório]. Só que foram só seis meses, porque normalmente era um ano para depois prestar o vestibulinho [exame de admissão] para entrar no ginásio. ‘Ficamos seis meses, por quê?’ Houve uma grande inauguração de uma grande escola, a escola vocacional! Na época o Vocacional foi uma escola muito diferenciada (...) apesar de termos entrado na metade do ano, tínhamos a carga horária maior de aula, então nós estudávamos das 13:00 às 19:00 [turno vespertino]

---

<sup>91</sup> Fonte: Memórias do ABC, foto do acervo pessoal de Vera Lucia Garcia Licht.

para repor a carga horária do primeiro semestre. (...) Foi feito um vestibular, alguns foram aprovados, era para atingir um maior número de pessoas que não tinham condições de estudar [Jane, turma de 1968].

Eu fiz a admissão [curso preparatório] mas eu não sabia para qual escola iria (...) minha mãe veio com a sugestão do Vocacional, não era porque tinha um método de ensino inovador, mas porque principalmente não era paga. Não era paga e era uma escola de bom nível. (...) era um bom nível associado ao fator de não pagar. E aí você já vai com aquela pressão, porque você tem que passar. Imagine se não passar, vou ser um cara desacreditado na vida! (...) Porque, ao longo da minha vida estudantil toda, eu sabia que eu assim eu precisava passar de ano. Não que eu fosse superdotado ou que assimilava facilmente, eu precisava estudar, eu me sentia na obrigação de estudar porque, antes meu pai estava pagando escola [estudou em escolas particulares no Jardim da Infância e Primário] e no Vocacional por ter conseguido entrar, quer dizer, já foi uma vitória ter entrado no Vocacional. Juro assim, que eu me lembro, na época entrar numa escola Vocacional era a mesma coisa de hoje você entrar numa USP (Álvaro, turma de 1969).

Estudei o primário, que naquela época era primário que se chamava, no Bartolomeu Bueno da Silva. Depois fui fazer admissão [o cursinho preparatório] no Senador Flaquer e a tarde, eu fazia aquela que seria a segunda língua oficial, o esperanto. (...) Só que no meio do caminho surgiu o Vocacional, então fui prestar o exame (...) já era metade do ano, então não concluí a admissão e não concluí o esperanto (Cristina, turma de 1968).

Estes depoimentos têm alguns pontos de destaque: nenhum deles se recorda da entrevista após a prova escrita, no processo de admissão, o que era um diferencial dessa escola. No capítulo 1 verificou-se a implantação de muitos cursinhos preparatórios, para o exame de admissão ao ginásio, no município de São Caetano do Sul, percebe-se que tal política educacional (mencionada no capítulo 1) teve capilaridade e muitos tiveram acesso. Outro detalhe a considerar foi o peso dessa conquista – o ingresso no Ginásio Vocacional – enquanto para uns foi a primeira vitória, para outros não teve tanta relevância por achar que qualquer pessoa poderia ter sido aprovada nesse exame de admissão.

### **3.3.5 Ensino Integrado**

Essa inovação educacional tinha como base o ensino integrado.

Tínhamos o professor Petrin, ele que iniciou a gente no teatro, então nas nossas primeiras aulas tinha mímica, tínhamos que trabalhar e mostrar, eu era muito tímida na época, não conseguia falar, não conseguia quase me expressar, mas fui me desenvolvendo na área. Desde a mímica até montar uma pecinha de teatro nós fizemos. E era integrado [o ensino no Vocacional era integrado], o texto era organizado pela professora de Português, ela que auxiliava a gente a fazer o texto. Aí tinha Educação Física, que também auxiliava a gente em algumas matérias. As matérias eram interligadas. É muito interessante, você me fez lembrar que a área de Educação Doméstica teve uma época que, além de aprender lavar, limpar vidro, varrer, tomar

banho, aplicar injeção, a gente aplicava injeção na laranja, aprender a cuidar de bebê (...) Tivemos uma atividade onde tínhamos que cozinhar, fazer uma refeição completa e convidar alguns professores. Fizemos o almoço e chamamos o Prof. Stamatto, de Educação Física, que recebeu a nossa refeição. Lembro até hoje, pena que não lembro a receita da torta de maçã que fizemos. Eu adorava aquela massa! Muito fácil de trabalhar, com muita elasticidade. Isso veio me trazer, hoje na minha vida, essa multifunção (Jane, turma de 1968).

O Petrin [professor] foi uma pessoa que me marcou muito, porque na época também foi inaugurada a Fundação das Artes, e ele levou a nossa classe assistir uma peça de teatro, foi uma peça das primeiras turmas da Fundação das Artes (...) na peça eles falaram: ‘cataclismo’ – gente, o que é esta palavra? Para mim esta palavra era novidade. Cheguei em casa e fui olhar no dicionário (...) isto o Vocacional dava para nós, essa curiosidade, essa iniciativa de aprender (...) não esperar o professor ensinar, você ia correr atrás da coisa. Isso o Vocacional nos deu muito (Cristina, turma de 1968).

Cabe uma explicação sobre a disciplina Teatro:

Eu quero esclarecer que dar aula de teatro para aquela garotada não era para que eles se transformassem em atores. O objetivo da área de teatro não tinha nada a ver com formação de ator, absolutamente. Mas, utilizar das técnicas de teatro para você auxiliar, ter mais uma ferramenta para que os alunos pudessem aprender todas as outras áreas, Português, Geografia, História, enfim, tudo, através do teatro. Então era essa o objetivo da área de teatro. E foi muito interessante porque esse aprendizado era uma nova descoberta (Prof. Petrin, Teatro).

As salas ambientes, outro recurso:

A gente tinha a sala de artes industriais, a sala de artes plásticas, a sala de ciências, a sala de educação doméstica. Para mim foi tudo muito inovador, foi uma coisa diferente, porque a gente nunca tinha visto uma escola desse tipo (...) era uma vontade enorme de todo mundo entrar no Vocacional, eu gostava muito porque era tudo muito organizado, muito limpa a escola (...) em tudo existia uma integração, a gente era muito acolhido, então foi uma escola que não dá pra esquecer, a gente nunca vai esquecer (Laura, turma de 1969).

### **3.3.6 Fatos históricos que marcaram**

No Memórias do ABC, em todas as pesquisas cadastradas é de praxe a pergunta: Qual foi o fato histórico que marcou a sua vida? A resposta a esta pergunta foi a mesma, tanto da professora quanto da aluna, o que demonstra a sintonia e a intensidade da relação existente entre professor/aluno.

Olha quando o homem chegou à Lua, o homem chegou na Lua no dia 20 de julho, no dia do meu aniversário, num domingo, então quando a gente fala que a gente viu o homem na Lua dentro da sala de aula, a gente viu o replay porque o homem chegou na Lua num domingo, no dia, eu tenho certeza absoluta disso. E aí na segunda feira, ou vamos dizer assim ou na segunda, ou numa aula de educação doméstica, tinha uma televisão dentro da sala, uma televisão portátil, pequenininha e a gente viu. (...) por ser uma boa aluna de Matemática, eu queria estudar Astrofísica, eu queria estudar os astros eu achava isso magnífico (Ana Maria B., turma de 1969).

O que me marcou foi o homem chegando à Lua, porque toda sala parou [sala de aula no Vocacional], foi na sala de artes domésticas [Educação Doméstica] que era uma sala grande, tinha uma televisão lá no canto e nós ... "como que é aquilo? Não dava para escutar direito porque era uma sala muito grande, sem acústica, mas foi assim ... todo mundo quieto esperando mesmo, que fosse a primeira pisada na Lua, o pessoal falando em inglês e a gente sem saber o que estavam falando, mas marcou (...) mas aquilo também valeu por eu ter visto, muita gente não viu (Hilda, turma de 1969).

A lembrança da chegada do homem na Lua também foi registrada por uma professora:

Eu morava em São Paulo e tomava três ônibus para chegar no colégio. Mas o homem ia descer na Lua, então eu me propus a levar para os meus alunos uma televisão de casa para que eles pudessem ver o homem pisando na lua. Então neste dia, o meu marido me levou de carro porque eu tinha que levar a televisão para a escola. Acontece que neste dia deu uma daquelas chuvas, que São Caetano era mestre em ter, eu passei porque eu fui muito cedo porque tinha que instalar a televisão toda no pátio. Eu passei, mas quase nenhum outro professor chegou. Os alunos que moravam lá chegaram. Então a escola estava lotada de alunos, eu e mais uns três funcionários. Então no pátio da escola, todos os alunos sentados no pátio, olhando a minha televisão que era uma coisa pequenininha branco e preto, assistindo o homem descer na lua. Isso foi muito gostoso, isso foi muito legal, totalmente imprevisto, não era o que estava planejado, mas deu para compartilhar com todo mundo que foi muito legal. O segundo homem chegando à Lua, porque o primeiro foi à noite, não deu para ver. Mas o segundo homem chegando à Lua eu vi junto com os alunos do Vocacional de São Caetano (Prof.<sup>a</sup> Florence, História).

### **3.3.7 Estudos do Meio**

Os estudos do meio eram atividades realizadas durante o desenvolvimento das Unidades Pedagógicas, desde as primeiras séries, no Vocacional de São Caetano do Sul: :

Nós fizemos uma vez uma visita ao Teatro Municipal de São Paulo, eu nunca tinha entrado lá e depois disso nunca entrei mais, achei maravilhoso, (...) o teatro é lindo por dentro e nós assistimos o ensaio da orquestra

sinfônica, foi muito bonita a apresentação. Eu gosto de música clássica, eu sempre gostei, foi maravilhoso, eu fiquei boquiaberto com a grandeza do teatro e o concerto foi lindo também, foi marcante (Conrado Meriqui, turma de 1968).

Nessa semana mesmo eu fui ao teatro na FAAP e estava contando para os meus amigos que me lembro que nós fomos visitar a FAAP [com o Vocacional] e tinha alguns textos, não sei se do próprio Alvares Penteado, eu sei que alguns textos que me inspiraram muito, eu passei a escrever muito depois dessa visita na FAAP (...) me lembro dos matinais, em que nós íamos no Teatro Municipal ouvir música clássica, a primeira vez que eu entrei no municipal foi com o Vocacional e acho que a primeira vez que eu ouvi música clássica também (Sandra, turma de 1968).

Pela especificidade da cidade, o estudo do meio também acontecia em algumas fábricas:

Eu cheguei a ir à PAN [fábrica de chocolates], o que foi maravilhoso! Ainda era época próxima da Páscoa, eles estavam fazendo ovos de páscoa. Nossa, foi muito legal ver, porque a linha de produção é fantástica. Fora o que a gente comeu de chocolates, não só chocolates, balas, todas coisas (...) eles deram pra gente. Foi uma visita muito legal, vimos todo o processo de produção do chocolate (Marilda, turma de 1969).

Eu me lembro que a gente veio fazer uma visita na Coferraz, na época acho que o nome era Margarido Pires, (...) nossa, que fantástica essa visita: ver como o aço era trefilado (...), eu tinha 13 anos de idade, ver aqueles aquelas pessoas pegando aqueles vergalhões [aço usado em construção civil] que vinham vermelhos, os funcionários com leite do lado que era dado pela Coferraz para reduzir a intoxicação (Hermínio, turma de 1968).

Foi estipulado que os grupos visitariam GM [General Motors], a Pan [Chocolates] e o Pronto Socorro, os alunos é que escolhiam, era democrático, aí lá vou eu para o Pronto Socorro. Depois ficamos sabendo que o pessoal que tinha ido na PAN tinha comido muito chocolate (...) Aí tínhamos que chegar [no Pronto Socorro] lá já tínhamos feito talvez, eu acho alguma pesquisa do que iria ser feito lá, o Vocacional tinha um problema muito grande, era tudo o porquê de tudo (...) ninguém saía de lá sem saber o porquê de alguma coisa. (...) aí [durante a visita] eu pergunto para a enfermeira: 'como é que se faz uma transfusão de sangue?' Ela falou: 'fazendo', nossa ... aí começou todo mundo rir, porque não era a resposta que nós queríamos (Hilda, turma de 1969).

Nós tínhamos visitas a algumas empresas, por exemplo, a minha turma, a metade da minha turma, eu não fui, foi para conhecer a represa Billings, como era feita a limpeza da água (...) a filtração... E era muito lindo! Eles contaram que desceram para ver todos esses processos. (...) O pessoal foi visitar a Caverna do Diabo (...) eu não fui, mamãe não deixava, não podia, mamãe era muito 'segura', então não aproveitei muito (Jane, turma de 1968).

O depoimento da professora elucida a metodologia utilizada:

Eu não conhecia em lugar algum, alguém, algum colégio que tivesse trabalhado com estudo do meio, o estudo do meio vinha enriquecer o assunto trabalhado na Unidade Pedagógica: então vamos supor, vamos trabalhar a nossa comunidade, então a partir da comunidade vamos tirar algumas lições, algumas ideias: (...) ‘como é a cidade em que moramos?’ Então vamos fazer estudo do meio, (...) chegou a minha vez, Francês, nós íamos levar alunos para a cidade, para o centro, porque o Vocacional era afastado do centro e mostrar para os alunos a importância da sua disciplina ali, (...) e chegou a minha vez (...) Descobri que nos Correios havia toda uma nomenclatura em francês e foi lá para lá que nós fomos: verificar a importância do francês na comunicação, que na verdade a gente trabalhava com cartas, mandava cartas e as cartas eram o mais importante da época, carta e telefone. (...) então nós tínhamos essa missão de mostrar a realidade onde o aluno vivia, trabalhando vários assuntos, cada bimestre era um assunto e cada bimestre tinha um estudo do meio, então nós fazíamos com isso queríamos enriquecer a visão do aluno para realidade em que ele vivia, isso era muito importante conhecer-se e conhecer a realidade, a cidade onde mora e, depois, futuramente fazer alguma coisa em prol da cidade, que era o que a gente esperava (Prof.<sup>a</sup> Christiana, Francês).

### **3.3.8 “Coisa de menino” e “coisa de menina”**

Na metodologia do Ensino Vocacional, criada em 1961, já havia a concepção de igualdade entre os sexos, ou seja, no que se refere ao aprendizado não havia uma atividade específica para menino e outra para menina, o ensino integrado também atuava nesse contexto.

Na verdade, o Vocacional pretendia preparar a pessoa para a vida, para ser independente, para cuidar de si e cozinhar, lavar, pregar botão, isso faz parte, não importa se é homem ou mulher. Hoje o mundo mostra que é isso mesmo (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Educação Doméstica).

Como eu falei, não tinha essa coisa de menina e menino, então na economia doméstica [aulas de Educação Doméstica] íamos cozinhar, vamos cozinhar, então duas pessoas lavam a louça e duas picam cebola só era essa a definição, mas ninguém falava: ‘menino lava a louça e menina não’, então ... não tinha essa coisa (Hilda, turma de 1969).

Educação Doméstica tinha uma cozinha enorme, vários fogões, pias, a gente cozinava também, eu não gostava muito, (...) aí fiz um pão de pimentão, eu não gosto de coisa amarga, pimentão, café, coisa muito amarga eu não como, eu fiz um pão de pimentão que achei uma delícia, passei a comer pimentão depois desse pão, me lembro até hoje, foi interessante, foi bom (Conrado, turma de 1968).

Não havia diferença entre meninos e meninas porque nós éramos divididos assim, por exemplo: três grupos para Artes Plásticas e três grupos iam para a Educação Doméstica (...) eu achava muito legal porque todo mundo fazia tudo, não tinha preconceito, não existia preconceito. Lá não tinha ‘você é menina você tem que fazer isso’ ou ‘você é menino ...’, nada disso, todo mundo fazia tudo (Susete, turma de 1970).

A gente tinha aula até de culinária, tinha uma cozinha montada. Então era menino e menina, juntos, não tinha preconceito nenhum, eu não me lembro. Eu me recordo que a gente tinha aula de costura, (...)um menino fez uma barra em um pedacinho de pano que a gente tinha para treinar, ele fez a barra tão bem-feita que foi super elogiado e era um menino, então não tinha preconceito nenhum (Lucia Angela Orrico Schiavo, turma de 1969).

Na aula de arte culinária [Educação Doméstica] os meninos aprendiam a fazer brigadeiro, aprendiam tudo, a fazer um arroz, um feijão, era essa dinâmica que fazia a diferença da Escola (Sueli, turma de 1968).

Educação doméstica era a parte que tinha cozinha. Você aprendia lavar louça, cozinhar, fazer bolo, fazer torta. Nós fazíamos várias atividades lá dentro: pregar botão em camisa, fazer barra de calça, remendar um tecido, emendar, fazer um tapetinho. Todos [meninos e meninas] fazíamos tudo. Inclusive os grupos já em conjunto: (...) quatro ou cinco alunos, masculino e feminino e a gente desenvolvia uma receita (...) e planejava ‘tal dia vamos fazer um bolo’, então cada um levava um produto e a gente fazia o bolo e comia. Eu gostava muito do rocambole de carne, que era recheado com ovo, muito gostoso! Sericaia era um doce que a gente fazia no liquidificador, eu fazia sempre na minha casa (Ernesto, turma de 1969).

A Prof.<sup>a</sup> Dirce era minha professora de Educação Doméstica. Na minha casa, por eu ter sido filha única, eu não podia fazer nada porque a minha avó limpava a casa e a minha mãe fazia faxina uma vez por semana e eu era dondoquinha, então não sabia lavar, passar, não sabia cozinhar, não sabia fazer nada, porque elas não me permitiam, aí eu aprendi no Vocacional e os meninos também. (...) eles faziam tudo de boa, punham avental, às vezes riam, às vezes brincavam, mas levavam a sério aquilo, era muito gostoso a gente ter aquela união (Norma, turma de 1970).

A gente tinha uma sala onde era montada uma casa [sala ambiente de Educação Doméstica], então a gente aprendia a lavar louça, arrumar uma cama, a cuidar de um bebê, dar banho, trocar fralda, fazer mamadeira, até depois a gente tomava as mamadeiras que eram muito boas. A gente não tinha essa distinção: ‘menino não faz’, ‘menina faz’. Não! Tanto a gente fazia Artes Industriais: de pegar em martelo, serra, estas coisas, como eles faziam coisas de casa também (Marilda, turma de 1969).

Educação Doméstica também foram aulas muito legais, onde a gente aprendia a cuidar da casa, cuidar da casa no sentido de limpeza, de manutenção (...) a gente levava os apetrechos, por exemplo: vamos fazer arroz com bife, o grupo se reunia comprava o arroz, o feijão, o bife e levava para lá, para lá elaborar, o pastel, o macarrão e era muito bom fazer isso e depois deixar tudo limpo, era legal. Os meninos aceitavam tranquilamente, faziam as coisas sem reclamar, não tinha aquele preconceito, era algo muito bom (Silas Otoniel Rodrigues, turma de 1968).

Economia Doméstica era uma casa [a sala ambiente], tinha a cozinha com armários, fogão, geladeira bonitinha, uma mureta baixa, aí tinha o que poderia ser uma sala de jantar: quando se juntavam todas as mesas e, quando separadas, dava para reunir quatro grupos para estudo. E, separado por um painel (...) a sala de visitas. Então, quando eles recebiam para lanche, para almoço, primeiro eles recebiam o convidado na sala, batiam papo e depois levavam para o lanche (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Economia Doméstica).

Eu tinha lá uma oficina montada de marcenaria completa, parte elétrica completa com bancadas com tudo, parte de cerâmica com forno, com tudo, tudo. Foi uma experiência maravilhosa, os alunos gostavam muito da aula (...) antes de fazer qualquer coisa eles projetavam e só depois executavam o projeto. Foi muito interessante. Teve aluno que fez coisas para vender. Vendiam as coisas. Tem uma amiga minha que comprou coisas feitas por eles (...) era um estímulo para eles. Foi muito interessante (Prof.<sup>a</sup> Maria Zair, Artes Industriais).

Nós aprendemos noções de fotografia em Artes Industriais e a professora nos levou na sala escura, como se chama a sala com a luz vermelha, e nos apresentou algumas coisas sobre fotografia, se eu não me engano era a Maria Zair (...) ela pediu que a gente apresentasse um trabalho de fotografia, mas eu não tinha máquina fotográfica, como é que eu iria apresentar um trabalho de fotografia? Tinha lá as bandejas de revelação, ela nos ensinou revelar filmes fotográficos, tinha um amplificador para revelar o filme no papel fotográfico, mas eu não tinha uma máquina fotográfica, a maioria era pobre (...) aí eu cheguei em casa, minha mãe tinha um rosário enorme no quarto, um rosário com bolas de madeira, enorme, com um crucifixo (...) eu tirei o crucifixo de lá e peguei uns pedaços de cartolina e cortei de comprido, na longitude, cortei vários pedaços da cartolina e levei tudo para a sala de laboratório fotográfico, eu tinha aprendido que se você joga a luz em cima do papel fotográfico, a base dele é prata, ele queima e fica preto, dependendo do tempo de iluminação, aí eu coloquei o crucifixo bem no meio e todas aquelas cartolinas cortadas, da menor para a maior tudo em volta e dei um tempo de luz e desliguei, aí tirei as cartolinas e dei mais um tempo de luz e desliguei e por último o crucifixo e não dei luz nenhuma e aí entrei na revelação, onde estava o crucifixo ficou branco e o local das cartolinas ficou um cinza claro e o papel todo ficou negro, então deu um jogo de luz, bem legal, eu gostei e apresentei. Depois foi para o conselho de classe avaliar os trabalhos (...) o conselho de classe era o seguinte: você avaliava o trabalho do seu amigo, dentro de alguns parâmetros (...) você avaliava e dava nota que achava que merecia o trabalho. (...) Aí ela [a Professora] falou: “Olha

está aqui o trabalho do Roberto Lino, olha ele pensou antes, ele planejou, trouxe o material e fez, acho que o trabalho dele merece um 10, qual é a opinião de vocês?” Todos votaram 10, eu me senti realizado, modéstia à parte, mas ficou muito legal (Roberto Lino de Oliveira, turma de 1969).

A entrevista do Roberto Lino trouxe detalhes de um trabalho elaborado na disciplina de Artes Industriais, como também a descrição de um dos momentos de avaliação que ocorria no Ensino Vocacional, fatos marcantes na vida daquele menino de 12 ou 13 anos de idade.

As aulas de Artes Industriais eram maravilhosas, nós aprendemos a mexer com madeira, com eletricidade, com couro. Nós fizemos um fichário de couro, onde eu até desenhei. Naquela época era moda o ‘paz e amor’, então eu desenhei o símbolo com um ferrinho, que a gente passava e queimava o couro (Cristina, turma de 1968).

Eu me lembro que curti muito Artes Industriais, eu fiz uma banquetta de madeira com corda trançada, que depois foi para exposição. Fiz tamanco, meu pai era sapateiro, então ele me comprou a plataforma do tamanco e eu fiz a parte de cima com couro, fiz também uma bolsa de couro (Lucia, turma de 1969).

Era uma escola arejada, aberta, onde você podia falar, onde você podia se expressar (...) a gente foi pegando gosto, então foi aí que eu comecei com Artes Industriais e tomei gosto por trabalhos manuais, haja vista na minha casa hoje só entra um técnico numa última circunstância, porque quem faz tudo sou eu, desde troca de lâmpada, instalação elétrica ou quando queima algum aparelho, tudo isso nasceu no Vocacional porque era ali que a gente aprendia, eu me lembro do primeiro trabalho que fiz foi uma sacola de couro, depois foi uma espátula de madeira ipê, me lembro que a mão da gente era pequenininha para lixar, muitas saudades dessa época (Hermínio, turma de 1968).

Em Artes Industriais também não existia essa coisa de homem e mulher pode fazer isso ou pode fazer aquilo, todos faziam a mesma coisa: a menina também aprendia a pregar prego, eu fiz bandeja de alumínio, aprendemos fazer marchetaria com martelinho de bola então a gente, aprendemos a serrar madeira (...) fazíamos muitas atividades práticas, também trabalhamos com couro. (...) todas com projetos. (...) essas atividades faziam com que a gente desenvolvesse a criatividade, a organização, e responsabilidade aprendesse a mexer com ferramentas, então era muito legal, muito interessante (Laura, turma de 1969).

Convém esclarecer que o diferencial do Ensino Vocacional não era a existência dessas disciplinas – Artes Industriais, Educação Doméstica, Práticas Comerciais, Artes Plásticas, Educação Musical – na grade curricular, mas o ensino integrado, transversal. Para elucidar

este ponto, apresenta-se a transcrição de parte do Documento Nº 19-A *Planejamentos Anuais das 1.ªs séries*:

Área: Artes Industriais – Relação de Objetivos – Ano 1969

1. Levar os educandos a situações que lhes deem oportunidade de desenvolver aptidões;
2. Perceber a importância do planejamento na realização de qualquer trabalho;
3. Valorizar o Desenho Técnico no planejamento dos trabalhos como meio de comunicação técnica e universal;
4. Introduzir terminologia e informações adequadas às áreas de iniciação técnica;
5. Levar os alunos a perceberem a importância da indústria, dando ênfase à participação do elemento humano;
6. Levar aos alunos à confecção de trabalhos que correspondam às necessidades reais;
7. Introduzir técnica de estudo para propiciar o desenvolvimento intelectual, social, psicológico e motor;
8. Propiciar vivências que possibilitem a melhor integração do aluno nos vários grupos sociais a que ele pertence;
9. Possibilitar ao aluno sentir-se elemento criador e como tal responsável no meio em que vive;
10. Levar o aluno a perceber a relação higiene-saúde e adquirir hábitos de higiene;
11. Levar o aluno a saber utilizar e conservar o material e o patrimônio escolar (bem comum).

O desenvolvimento de tais objetivos resultaria na construção dos conceitos:

- Participação
  - Técnica
  - Família
  - Trabalho
  - Observação
  - Higiene-saúde
  - Planejamento
- Avaliação e autoavaliação
  - Matéria Prima
    - Indústria
    - Mão-de-obra
    - Ferramental
    - Profissão

Os relatos apresentados denotam que os conceitos de fato foram construídos.

Nas entrevistas seguintes, verifica-se que os objetivos da área foram contemplados nas experiências dos estudantes:

Nas Artes Industriais nós chegamos a fazer estante grande: duas pessoas serram a madeira e duas pessoas lixam, são dois alunos, não existia essa definição de menino e menina, então era bem democrático, duas pessoas vão lixar, duas pessoas vão cortar e duas pessoas vão pregar, essa era a regra, não existia outra. (...) a Maria Zair era uma professora ímpar, a aula era bem dinâmica porque ela tinha que estar em cima dos alunos para não se machucarem, porque nunca ninguém tinha pego num serrote ou martelo antes. (Hilda, turma de 1969).

O importante de tudo isso é que o nosso estudo também era diferenciado, porque numa turma de 30/40 alunos, éramos divididos em meia turma, então, meia turma ia, por exemplo, para a aula de Artes Industriais e a outra meia turma ia para a aula de Artes Plásticas e depois trocava. Assim a aula ficava com um número reduzido de alunos para que a gente pudesse ter um aprendizado. Eu me lembro até hoje, que em Artes Industriais nós fizemos a planta de uma casa num Eucatex. Primeiro desenhamos o projeto, a arquitetura e depois fizemos esse Eucatex para fazer a instalação elétrica. Nós, literalmente, demos luz à casa. Isso era muito interessante! (Jane, turma de 1968).

Artes Industriais tinha uma oficina montada para a gente fazer os trabalhos. A gente fazia desde o desenho técnico até a execução toda do projeto. Uma que eu me lembro muito, que me marcou também em artes industriais, foi uma pasta que a gente fez, de couro, em xilografia, pintamos... isso eu lembro muito bem. Destas aulas eu, até hoje, o que eu sei de desenho técnico, foi o que eu aprendi lá. E hoje eu ainda uso, porque eu trabalho numa empresa que faz algumas coisas com desenho, então eu consigo dar uma acompanhada. Não sou assim... *expert*, mas consigo ver e entender um desenho, graças às aulas de Artes Industriais (Marilda, turma de 1969).

Quando eu fui para a indústria, o laboratório eu aprendi na CBC [o entrevistado é Químico], mas depois parte da minha vida eu vivi como mecânico, quase um engenheiro mecânico, eu participava de reuniões na Volkswagen e eles abriam os desenhos da Alemanha, só que eu aprendi a olhar a escala, percebia os cortes, medidas ... eu aprendi medidas no Vocacional, a trabalhar com aquela régua triangular, que é uma régua de escala, trabalhar com régua T, planta, elevação e lateral que todo desenho por mais complexo que seja, que pode ocupar esta sala inteira, mas vai ter planta, elevação e lateral, mas só que ele vai ter os cortes, vai distribuir todos os cortes a, b, c d, (...) então, essa parte eu aprendi no Vocacional (Roberto Lino, turma de 1969).

Você não fazia nada sem planejar. Tudo tinha que ser planejado cuidadosamente, discutido, para depois você atuar. Isso é muito importante. Os alunos passavam por avaliação constantemente. Os alunos eram olhados como gente. Não é mais um na escola. Eles tinham um nome, eles eram conhecidos, sabe? Era uma realidade muito diferente (Prof.<sup>a</sup> Maria Zair, Artes Industriais).

Práticas Comerciais também foi uma disciplina marcante:

Quem tomava conta da cantina éramos nós, cada dia era um grupo de uma classe, era formado por cinco ou seis alunos (...) vamos supor que numa segunda-feira o meu grupo que ia para cantina tomar conta, fazer a venda dos quitutes, fazer o caixa, receber, cobrar (...) a gente aprendia (...) terminava o recreio, fazíamos o caixa central e repassávamos esse dinheiro para a contabilidade da escola, era muito legal e ali eu aprendi a manusear o dinheiro, a conhecer dinheiro, (...) não era só eu, como todos os demais coleguinhas (Silas, turma de 1968).

Além das matérias curriculares normais, a gente tinha práticas comerciais, que eu adorava (...) até hoje lembro de coisas, lembro e aproveito de coisas que eu aprendi. Porque a gente aprendia toda a parte comercial, de livro-caixa, administração (Marilda, turma de 1969).

Práticas comerciais era o professor Milton Lopes que ensinava a gente a preencher cheques, duplicatas, notas promissórias, fazíamos contratos, livro-caixa de entrada e saída. Inclusive nós tínhamos uma mercearia lá, um barzinho com a lanchonete [cantina escolar] onde fazíamos lanches e vendíamos para os alunos. (...) Tinha que fazer a lista, compras (...) fazer lanches, vender refrigerantes (...) tinha que prestar contas para o professor (Ernesto, turma de 1969).

Na área de Práticas Comerciais, o Documento Nº 19-A *Planejamentos Anuais das 1.ªs séries* traz os objetivos anuais, dos quais destacam-se:

- ✓ Propiciar condições para o aluno perceber o comércio como um elemento de integração do Ginásio Vocacional.
- ✓ Desenvolver nos alunos o senso de responsabilidade, tornando-os responsáveis e participantes.

Na relação de conteúdos anuais da disciplina, chama a atenção o segundo item:

- ✓ Desenvolvimento das colocações feitas pelos alunos na plataforma da área (...)

Mais uma evidência do protagonismo dos estudantes diante do currículo: as demandas apresentadas pelos alunos na plataforma como ponto de partida.

Artes Plásticas também foi uma disciplina importante na formação daqueles juvenzinhos:

Para ensinar desenho artístico o professor nos levou para o lado de fora, sentamos na sarjeta da calçada do outro lado da rua para olhar os prédios, porque são dois blocos, então aprendemos a desenhar com perspectiva, ali ao vivo, com folhinha, prancheta folhinha de papel sulfite e desenhando os prédios, ele foi dando as dicas para dar o efeito de perspectiva (...) tudo isso sempre foi muito muito prazeroso (Laura, turma de 1969).

Teve uma exposição de artes, da matéria de Artes Plásticas, com trabalhos individuais, cada um fazia o que queria, mas normalmente associado a um membro da família. Eu fui um dos poucos que fez a escultura da mãe, (...) fiz uma escultura dela (...) a pose eu associei a uma fotografia dela com meu pai, da lua de mel, num jardim gramado em Poços de Caldas, ela estava bonita naquela foto, eu fiz ela sentada como na foto e o trabalho foi para essa exposição, os dos outros também. Foi um momento bastante legal eu ter ido com a minha mãe nessa exposição, houve um reconhecimento, sei lá se houve prêmio, eu não lembro o que. O que ficou frustrante é que quando deveríamos retirar os trabalhos (...) tinha sumido (...) foi uma coisa muito marcante para mim, pela liberdade de escolher o que queria fazer (Álvaro, turma de 1969).

(...) se eu estivesse numa coisa muito quadradinha, eu acho que eu não teria aberto minha cabeça para outras coisas (...) a voz daquela professora [Professora de Artes Plásticas] me ecoa até hoje: ‘você tem de ir para as artes’ (...) E eu fui, eu fui. Não sei se tinha que ter ido antes, depois, mas eu fui (Iverli, turma de 1968).

Havia a disciplina de Educação Musical, cujos objetivos<sup>92</sup> eram: “proporcionar condições para o desenvolvimento de aptidões artísticas e conhecimento de suas capacidades e limitações”, como também o de “proporcionar condições para o reconhecimento da música como meio de expressão”, dentre outros.

Tinha Educação Musical, eu tive a minha flauta até há pouquíssimo tempo, quem estragou a minha flauta foi o meu netinho, (...) a gente tocava música, aprendia a tocar, era muito gostoso, tinha até coral de flautas (Ana Maria C., turma de 1969).

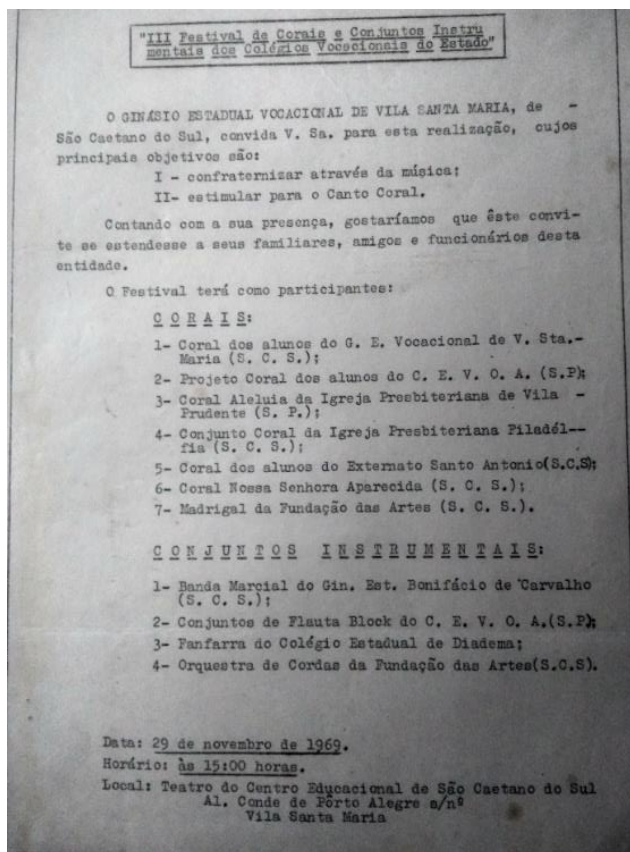
A gente tinha aula de Educação Musical e nós mesmos construíamos os instrumentos, eu me lembro que nós fizemos um instrumento com coco, na sala de Artes Industriais e a gente ficava lá lixando o coco, tinha também as flautas que nós tocávamos com partitura no coral de flautas (Sandra, turma de 1968).

Até hoje conheço nota musical, quando vejo uma partitura eu sei quais são as notas musicais, (...) sei o que é sustenido (...) recuperei esta flauta [o entrevistado levou a flauta no dia de gravação] 50 anos que ela está comigo, eu tinha 12 anos de idade, ela ficou meio perdida por aí. (...) De música eu entendo um pouco, sei ler uma partitura não muito complexa, mas eu sei (Roberto Lino, turma de 1969).

A ilustração seguinte traz o convite da edição da unidade de São Caetano do Sul do “III Festival de Corais e Conjuntos Instrumentais dos Colégios Vocacionais do Estado” com apresentações de instituições locais: Externato Santo Antonio e Fundação das Artes, da Região do ABC: Colégio Estadual de Diadema e da unidade da Capital, o Colégio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha.

---

<sup>92</sup> Fonte: Documento Nº 19-A *Planejamentos anuais das 1<sup>as</sup> séries – 1969*.



### Ilustração 13 – Convite do Festival de Corais

Nós tínhamos as aulas de Educação Musical e aprendemos a tocar flauta desde o solfejo, desde as notas dó-ré-mi na escrita, até tocar. E era muito gostoso! Até hoje tem colegas que ainda tem as flautas. Tivemos também um coral e foi feita a seleção de quem tinha qualificação para aquele coral. Eu não tinha [risos]. Eu não consegui passar (Jane, turma de 1968).

### 3.3.9 Trabalho em Grupo

Às vezes fica difícil falar no Vocacional porque os conceitos, as palavras que se usam não dizem a mesma coisa mais. Então, hoje quando nós falamos em grupo, o conceito que se tem de trabalho em grupo é uma coisa meio desgastada já, dá a impressão daquela história de um faz, todo mudo assina, é a hora de bater papo e no Vocacional não era assim, tudo era muito sério, tudo era muito pensado (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Educação Doméstica).

Tudo era debate, porque a gente fazia aula, praticamente tudo em grupo, aí debatia um grupo com o outro, (...) a gente tinha muito disso, de debater as coisas, de discutir, de ver a opinião de um, a opinião do outro, para chegar num consenso. (...) Trabalhar em equipe é uma coisa que a gente aprendeu lá, porque lá tudo era em equipe. então vamos trabalhar em grupo, vamos delegar algumas coisas (Marilda, turma de 1969).

Todo trabalho lá [era em grupo] (...) faziam dar opinião daqui, de lá e a gente ia formando as ideias, discutindo (...) muitos tinham opiniões diferentes da gente, um do outro, então ficávamos lá discutindo e chegávamos num consenso (Ernesto, turma de 1969).

Os trabalhos do Vocacional eram sempre em grupos e cada pessoa tinha um papel dentro do grupo: o redator, o relator e o coordenador (Sandra, turma de 1968).

A maioria das atividades eram feitas em grupo [...] era outra coisa também inovadora, porque nas outras escolas normalmente era você e o professor (...) realmente desenvolver esse contato com outras pessoas, saber ouvir, saber se colocar dentro de um grupo, dar opiniões. Então, tudo isso acho que ajudou a desenvolver um pouco desse lado, de saber respeitar o próximo, a opinião do próximo e saber ouvir o companheiro (Laura, turma de 1969).

·  
Era tranquila [a convivência em grupos] (...) tinha muito trabalho em grupo para fazer, então era bem dinâmico (Hilda, turma de 1969).

Era assim: ‘trabalho em grupo agora, gente’, aí a gente já virava as cadeiras (...) a gente se juntava, virava as cadeiras ficava aquele quadrado e eles escolhiam o líder, que normalmente era eu. (Vilma, turma de 1970).

Eu sempre fui muito tímido (...) aí vem o Vocacional com os trabalhos em grupo que eram sempre muito bons, eu conversava com todo mundo, mas se fosse algum trabalho para falar em público: ‘deixa de lado, eu quero ser o redator, mas o relator nunca’ (...) porque cada pessoa tinha uma função no grupo (Álvaro, turma de 1969).

Na *escola viva* o pressuposto é que havia cuidados com o bem comum. No capítulo 2, na pauta de reunião de avaliação de Unidade Pedagógica, verificou-se uma preocupação com a má conservação do material escolar por parte de alguns alunos. Na ocasião, houve também a decisão de adotar algumas medidas para corrigir tal situação, os depoimentos dos ex-alunos revelam o êxito de tais ações.

Uma coisa interessante de que eu me lembro é o seguinte, cada aluno ele tinha sua carteira nas salas de aula e se sentavam na mesma carteira, então tinha uma relação dos alunos que se sentavam naquela carteira. Ao chegar você tinha que observar a sua carteira e ver se estava riscada, arranhada ou quebrada e avisar a professora (...) você tinha responsabilidade sobre aquilo que você usava porque aquilo era uma propriedade de todos, então todos aqueles que se sentavam ali tinham responsabilidade (...) foi muito legal aprender a respeitar aquilo que não é só seu, que é de todo mundo (Roberto Lino, turma de 1969).

No final do ano nós pegávamos as carteiras que precisavam de manutenção porque eram todas de madeira, que precisava lixar, pintar, a gente fazia isso e fazia limpeza da escola também. Eu me lembro de uma vez que a gente lavou a escola com a mangueira do hidrante, aquilo tinha uma força que jogava ... quase que saía voando, a gente segurava a mangueira em três ou quatro pra poder segurar, por causa da pressão. A gente fazia esse tipo de

manutenção da escola, era gostoso, porque ajuntava todo mundo (...) era muito divertido (Marilda, turma de 1969).

### 3.3.10 Participação dos pais

No Ensino Vocacional os pais integravam a comunidade acadêmica e participavam ativamente do cuidado e das atividades da escola.

Eu me lembro da minha mãe participando, da minha mãe fazendo comida. Para que era essa comida, eu não me lembro, mas sei que a participação dela era muito forte. A minha mãe é uma pessoa muito presente na minha vida, muito forte (Iverli, turma de 1968).

Eram pessoas muito simples, trabalhadores [sobre as famílias dos alunos], eram pessoas fortes porque sabiam o valor do estudo, valorizavam muito a questão de os filhos estudarem naquela escola. (...) Era grande o envolvimento da comunidade. Por exemplo: a gente não chamava os pais só quando o aluno aprontava alguma coisa na escola, não, a gente chamava os pais para participar de atividades, uma parte, às vezes, não podia ir porque estava trabalhando e tudo mais, mas havia muitas mães que participavam, assistiam as plataformas. (...) No teatro a gente fazia os encontros, por exemplo, eu me lembro bem de sextas séries porque dei bastante aula nas sextas séries. Quando havia plataforma das sextas séries ou de algum estudo do meio que eles haviam feito, as mães podiam ir lá assistir. Era sempre aberto à comunidade (Prof.<sup>a</sup> Kátia Bastos Machado, Português).

O depoimento da Prof.<sup>a</sup> Kátia corrobora a afirmação de Lima e Rovai (2015, p. 209):

Vale destacar outro ponto significativo: no momento da síntese havia também a participação dos pais, uma das muitas atividades destes na escola, acompanhando o processo de aprendizagem dos filhos.

Minha casa era muito próxima do colégio, então era um ponto de referência e minha mãe muito participativa [na vida da escola], também ajudava a fazer a comida, dava o apoio e então todas as coisas eram muito definidas, decididas em grupo, sempre coletivamente (Sandra, turma de 1968).

Meus pais e as outras famílias iam lá lavar os banheiros junto com a gente, a gente fazia festa junina, quermesse, (...) a gente fazia muitas festas para arrecadar dinheiro para reformar a escola (Sueli, turma de 1968).

Após a apresentação das falas sobre a integração escola-família que existia no Vocacional de Vila Santa Maria, as palavras de Lima e Rovai enfatizam a importância desse vínculo:

Neste outro fio da tejedura da teia da organização curricular reside mais um dos fatores básicos da unidade que garantiu o sucesso da sua proposta pedagógica. Ela alcançou maior riqueza, dinamismo e sustentação ao contar com o engajamento dos pais na construção da escola que escolheram para seus filhos (LIMA e ROVAI, 2015, p. 272).

### 3.3.11 A vocação

Ao discutir a *utopia da vocação*, Chiozzini (2010, p. 54) explica que essa noção estava justamente no nome – Ensino Vocacional – porque a intencionalidade do projeto pedagógico era o amplo desenvolvimento das aptidões dos estudantes a partir do conteúdo curricular tradicional, definido como “teórico”, que associado ao conteúdo das “disciplinas práticas” ofereciam condições propícias para desenvolver as potencialidades.

Dos depoimentos coletados destaca-se a experiência de Cristina (turma 1968), com a narração de sua diversificada trajetória acadêmica-profissional:

(...) ainda deu tempo de o Vocacional me aplicar um teste (...) e neste teste vocacional deu letras e cerâmica.

Os testes da menina Cristina apontaram duas possibilidades: letras e cerâmica.

Pela relevância de São Caetano do Sul no segmento de fabricação de cerâmica, apresentada no capítulo 1, a Unidade SENAI do município oferecia o curso Técnico em Cerâmica, onde a entrevistada ingressou:

Entrei no SENAI que era ali na rua Niterói, estudei lá três anos. No terceiro ano teve um estágio, no meio do ano, que fiz na antiga Cerâmica Matarazzo. Quando eu me formei no final do ano era preciso fazer mais nove meses de estágio, foi quando fui para a Cerâmica São Caetano. Foi muito interessante porque a Cerâmica São Caetano era fechada para estágio [a entrevistada e a amiga Elisabeth, após muita insistência, foram contratadas, como estagiárias, na referida empresa].

Cristina foi contratada após o período de estágio, e trabalhou por dez anos, atuando principalmente no Controle de Qualidade, chegando a exercer a supervisão do setor de massas refratárias.

Eu me considero pioneira porque em 1975 a mulher ainda era vista como aquela pessoa que ia ser secretária, trabalhava em banco ou seria empregada doméstica. Ou na Cerâmica São Caetano trabalhavam na ‘escolha’ [setor da Cerâmica São Caetano predominantemente de mão-de-obra feminina, onde eram separados os materiais em condições de comercialização]. No refratário tinha mulher e homem, porque tinham peças refratárias muito

pesadas, então tinha que ter o homem. Fui muito discriminada (...) como eu era do controle de qualidade, eram brigas homéricas. Só não chegavam a falar ‘você é mulher, cala a boca!’ Só isso eles não falavam, mas de resto ...

A entrevistada graduou-se em Química e trabalhou de 1985 a 1989 na empresa química Nalco, no desenvolvimento de tintas para as áreas de siderurgia e metalurgia. No ano de 1989 ingressou no SENAI, no início para fazer ensaios físicos, depois (em 1990) quando a unidade de Cerâmica mudou para São Bernardo do Campo, num conglomerado que abrigava as áreas de Cerâmica, Plásticos e Química, passou a atuar como docente, lá trabalhou até 1992.

Em 1993 eu saí [do SENAI] para abrir um salão de beleza. Como a gente sempre fala, nossa turma do Vocacional é eclética. Ela vai para um lado, vai para o outro... ela se vira. (...) quando eu saí do SENAI eu abri esse salão de beleza, que, infelizmente, não durou muito, só nove meses.

Após o fechamento do salão de beleza, a entrevistada foi convidada a ingressar no recém-formado Centro Cerâmico do Brasil, porque na região de Rio Claro, Limeira, Santa Gertrudes, havia muitas cerâmicas que, na época, eram olarias e estavam passando a fazer o chamado ‘piso via seca’ e estavam tirando mercado das grandes indústrias cerâmicas: Porto Belo, Eliane e a própria Cerâmica São Caetano, que ainda estava no mercado com a marca Gyotoku, em Suzano. Os custos de produção dos pisos de ‘via seca’ do interior era pequeno diante dos pisos de ‘via úmida’ das grandes marcas.

Entrei no Centro Cerâmico do Brasil para certificar as empresas de revestimento cerâmico ‘via úmida’ (...) eles queriam um algo a mais, um certificado. (...) Pegamos o ISO, traduzimos para a NBR 13818 (...) para que todo mundo cumprisse a norma. Só que, o que aconteceu? As empresas de via seca também cumpriam a norma dentro da categoria delas. Conclusão, teve que certificar pelo INMETRO. (...) Então, (...) fui “mãe” do Centro Cerâmico do Brasil, porque eu consegui junto ao INMETRO que fosse credenciado para ser um órgão certificador. Hoje o Centro Cerâmico do Brasil se encontra lá em Rio Claro. Ele tem sede própria, já mudou bastante o percurso, ele foi mais para telhas, olarias, tijolos vermelhos... ele fugiu um pouco do piso, mas continua sendo um órgão de certificação.

Em 1989 concluiu sua carreira no Centro Cerâmico do Brasil para abrir a empresa Revesquale, quando prestou serviços de assistência técnica às empresas de revestimento cerâmico, ministrando palestras em vários locais do Brasil “porque não é qualquer piso que vai em qualquer lugar. Azulejo é azulejo, revestimento de parede é uma coisa, revestimento para fachada é outra coisa” (...).

Em 2005 encerrei as atividades e me aposentei. Como não sei ficar parada, quando me aposentei em 2005 fomos morar na praia. Morei 11 anos na praia. Durante este período fiz curso de corretagem na ETEC. Trabalhei durante 5 cinco anos como corretora, lá na Praia Grande. Em 2016 minha filha engravidou e retornei para São Caetano do Sul, porque tinha que curtir a filha e a neta que estava vindo. Em agosto de 2016 a Júlia nasceu, em 2017 cuidei dela. Em 2018 comecei a fazer cursos pela Prefeitura: inglês, Libras ...

### 3.3.12 O final

O Ensino Vocacional foi extinto pelo Decreto Estadual nº 52460, de 05.06.70,. Todavia, a percepção dos alunos não ocorreu de imediato porque algumas atividades continuaram sendo desenvolvidas pelos professores remanescentes.

Sentimos por essas aulas extras que a gente tinha, mas aí isso no 3º ano [em 1971]. No 4º eu já fui estudar a noite eu trabalhava de dia, então mudou totalmente a minha vida, a responsabilidade, então não sei se sentíamos falta dessas aulas, mas a maturidade me fez pensar que eu já estava em outro processo, então teria que trabalhar de dia e estudar a noite, então não teria mais tempo (Hilda, turma de 1969).

Garcia (1998, p. 74) argumenta que a participação das mulheres de São Caetano do Sul no trabalho assalariado fabril foi significativa, inclusive muitas moças trabalhavam na Capital como tecelãs em fábricas de meias e tecidos. A grande maioria começava a trabalhar muito cedo.

Quando o Vocacional se tornou uma escola comum, a mudança foi lenta. 3ª e 4ª série já não teria sido mais (...) na verdade eu não senti muito isso. E da parte dos professores nunca houve, em momento algum, falta de estímulo, e empenho deles. (...) também porque essa primeira fase para mim foi marcante e (...) depois [na 3ª e 4ª série eu já estava visando mais o segundo grau (Álvaro, turma de 1969).

Eu descobri que estava muito diferente, as matérias continuaram as mesmas no segundo ano [1970], nada foi retirado, com exceção que não tinha mais dois professores em cada sala [em Estudos Sociais], mas continuaram as mesmas matérias. (...) Eu percebi, a minha ficha caiu, quando a professora Mitsuko e o professor Marciano [ambos de Educação Física] após entregaram um texto pra gente levar pra casa (...) tinha que estudar o texto e aí disseram que iria ter uma avaliação tal dia, (...) no dia da prova ela deu um papel que a gente tinha que responder as perguntas que estavam ali prefixadas (...) eu fui muito mal, porque eu não tinha palavras para escrever, eu não tinha o vocabulário para responder ... e aí a ficha começou a cair, mudamos, não é mais igual, já é estadual (Ana Maria B., turma de 1969).

O Ensino Vocacional tinha seu próprio sistema de avaliação, detalhado no Capítulo 2, que compreendia o estudante na sua individualidade e sua atuação nas atividades em grupo. Tal avaliação

ocorria em diversas situações, inclusive com autoavaliação. Daí a perplexidade da menina Ana Maria diante de um questionário tradicional de perguntas e respostas, com apenas uma possibilidade de solução.

É que na idade em que estávamos, 12 13, nós, eu pelo menos não tinha muita noção do que estava acontecendo. Para mim acabou o ensino. Porque inglês, matemática, português, história, geografia ... passou a ser um colégio normal. Toda aquela coisa boa de convívio com os professores acabou... não tinha mais aquilo ... voltou a ser uma coisa normal. Eu senti falta, dessa proximidade, da autoavaliação... no tempo do Vocacional nós nos avaliávamos, nos dávamos os conceitos de A, B, C, não tinha nota, era completamente diferente (...) na época eu senti que os professores deixaram de ser próximos, eles deixaram de ser os nossos “pais”, essa que é a verdade. Eles passaram a dar aula, apenas e tão somente. Isso é uma coisa que me marcou muito (Cristina, turma de 1968).

A gente notava uma preocupação muito grande dos professores, acho que pela boa vontade dos professores (...) acho que houve um acerto entre eles ‘olha embora daqui para frente não é mais uma escola vocacional, esse pessoal com que a gente começou a gente vai terminar, olha a gente não vai deixar essa molecada na mão’. E deu andamento do jeito que deu. [para justificar sua opinião, o aluno contou que em 1971, na quarta-série, os professores organizaram uma visita deles à USP, atividade que nenhuma escola da cidade fez] (Hermínio, turma de 1968).

Quando a escola se transformou em Estadual aí mudou tudo, você já não tinha mais acesso a nada, os professores era aquilo: entrava na sala, saía da sala (...) uma coisa muito impessoal (...) eu não estava acostumada com aquilo, eu não sei se só eu senti isso, não sei, porque cada um sente as coisas de uma maneira, para mim aquilo foi assim um desastre (...) cadê aquele aconchego que a gente sentia? Cadê aquele carinho? (...) isso acabou, se tornou um negócio frio, então o professor, você ficava na sala de aula, aí já era diferente, o professor entrava, dava aula e saía, com exceção de alguns que permaneceram ... imagine, eu tinha encontrado o meu lugar, só que tiraram o meu lugar (Jacira, turma de 1970).

Há ressentimentos nas falas dos estudantes, muitos se sentiram abandonados, porém há de se ponderar sobre a situação dos docentes: perda das condições especiais de trabalho, da jornada de 40 horas semanais. Houve também o aumento do número de alunos por classe e, principalmente a insegurança gerada pela conjuntura política em plena vigência do AI-5. Foi um momento traumático para ambas as partes.

A extinção do vocacional foi assim, como se jogassem uma bomba em cima da sua casa e acabasse tudo, foi uma decepção tremenda, uma decepção assim tão grande que eu não conseguia esconder a minha insatisfação. Eu ia para as aulas assim meio que amarrada porque entraram na escola pessoas diferentes, que não tinham nada a ver com o Vocacional e as exigências eram outras, ou não era nenhuma. Então era assim, quase um descaso, o professor podia fazer alguma coisa se tivesse muito boa intenção de trabalhar sobre aquela realidade, mas para mim foi um sufoco muito grande, eu perdi

meu entusiasmo e dei mais um tempo de aula lá, sendo ginásio comum, mas eu não aguentei muito tempo, eu faltava muito eu, era uma pessoa completamente diferente (Prof.<sup>a</sup> Christiana, Francês).

A Professora Christiana toca num ponto nevrálgico, o golpe psicológico de presenciar o desmonte da *escola viva*, de perceber novas ou nenhuma exigência do sistema de ensino comum.

Eu tive a oportunidade de ver a transformação porque naquele clima de respeito mútuo entre professores e alunos, a escola caminhava bem. Tanto que não tinha funcionários para fazer limpeza, tinha a organização dos alunos que limpavam as classes. Aí mudou e mudou para uma situação em que o diretor fazia muita questão do uniforme dos alunos, ficava vendo se tinha posto a meia, se a meia era comprida ... Aí começou a revolta dos alunos, coisa que nunca tinha acontecido. Eles começaram a pôr fogo em lixo. Então, mudaram da água para o vinho, mesmo porque nunca tinha acontecido esse tipo de coisa. Não que não tivessem problemas, mas esse tipo de coisa, muito agressiva, de botar fogo, essas coisas não havia. Aí, realmente eu saí de lá e assumi a cadeira que eu tinha em São Carlos, por um tempo. (Prof.<sup>a</sup> Maria Helena, Ciências).

Ao se darem conta da perda, alguns alunos se rebelaram, agressivamente.

De repente, do dia para a noite eu fui transformada em professora de Educação Moral e Cívica e obrigada a dar aula de Educação Moral e Cívica, que não era a minha matéria. Nós tivemos um curso pela Secretaria de Educação [estadual], nos prepararam rapidamente (...) Isso era uma coisa, uma matéria nova que foi introduzida em função do regime militar que existia. Como eu era professora de Educação Moral e Cívica, tinha que ter um passado muito limpo. Então, tinha que tirar Atestado de Antecedentes na polícia, porque jamais poderia dar aula se houvesse algum obstáculo (Prof.<sup>a</sup> Florence, História).

O atestado mencionado pela Professora Florence não era aquele expedido pela Polícia Civil, sobre a existência ou não de antecedentes criminais. Trata-se do Atestado de Antecedentes emitido pelo DOPS, declarando que não registra *antecedentes político-sociais*, e cujo modelo está no capítulo 2.

Quando eu entrei, em 1971, o Sistema de Ensino Vocacional já estava no ocaso, já estava sendo arquivado, vamos dizer assim, mas em São Caetano ainda persistia umas matérias da grade curricular vocacional, por exemplo eu tive aula de Artes Industriais, mexemos com marcenaria, plástico, couro ... essas coisas todas. Eu tive aula de Práticas Comerciais: aprendemos a ler um balanço, contabilidade, notas fiscais, tudo isso. Tinha aula de Economia Doméstica, muito embora já era uma coisa bem mais relegada para segundo plano, já não davam tanta ênfase, eu fiquei sabendo que teve uma casa montada no Vocacional, mas eu não peguei essa parte, quando eu cheguei a casa já tinha sido. O pessoal já tinha sido despejado, já não tinha mais a casa

para aulas de Economia Doméstica (Carlos Alberto Godoy Gimenes, turma de 1970<sup>93</sup>).

Na entrevista com Carlos foi possível perceber a quebra do Ensino Integrado, por exemplo, a produção de Artes Industriais já estava desconectada do conjunto e não precedia a etapa de planejamento, da utilização de Desenho Técnico. Práticas Comerciais também havia perdido o controle e administração da cantina, a experiência viva. Após concluir o curso ginásial, o entrevistado ingressou numa escola militar em Minas Gerais para cursar o Ensino Médio, mas não concluiu em razão de alguns percalços. Voltou ao então Colégio Eda Montoanelli (ex-Vocacional) para cursar o último ano:

Em 1977 já tinha acabado todo resquício de Vocacional, (...) eu me lembro que a sala de Artes Industriais tinha virado um depósito de tranqueira, estava tudo fechado, tinha móveis velhos, ferramentas velhas, tudo largado lá dentro, amontoado, (...) era simplesmente um colégio estadual, como outro qualquer (Carlos, turma 1970).

### 3.3.13 Tempos de Resistência

A resistência do corpo docente em manter viva a metodologia do Ensino Vocacional é uma das teses defendida por esta pesquisa. O depoimento da Professora Contin ratifica tal hipótese.

(...) era uma época difícil, nem preciso dizer para você, era uma época de fechamento, mas no Vocacional a gente conseguia fazer muitos dribles, houve muita cumplicidade da equipe (RONCA, 2007, p. 95).

A Prof.<sup>a</sup> Kátia era recém-formada quando assumiu as aulas em São Caetano do Sul:

Para mim uma coisa sem muita referência, não conhecia nada. Até porque em São Paulo andava com o mapa (...) Eu me virei muitíssimo bem, apesar da pouca idade, 22 anos (...) fui dar aula em São Caetano do Sul [juntamente com a amiga Marta, de Francês] no que era o Vocacional, o antigo Vocacional, que nessas alturas já tinha acabado. (...) De lei, mas não de fato. Porque os professores continuaram e a escola era a coisa mais linda que eu podia imaginar na minha vida (Prof.<sup>a</sup> Kátia, Português).

Disse ainda que as contratações já não eram realizadas pelo SEV e não mais havia o curso preparatório inicial: “Já era uma escola normal, era uma escola igual as demais”. Ao que acrescenta:

Oficialmente, porque oficiosamente – como eram todos professores remanescentes do antigo Vocacional – as coisas continuaram mais ou menos como antes (Prof.<sup>a</sup> Kátia, Português).

---

<sup>93</sup> O Carlos ingressou na 2ª série em 1971, tendo cursado a 1ª série em outro estabelecimento.

Mesmo chegando após a extinção do Vocacional, ficou impressionada com a singularidade da escola e com os esforços dos colegas para preservar a metodologia inicial de trabalho.

Eu comecei a trabalhar em 1969 e, teoricamente, foi o ano em que acabou o Serviço de Ensino Vocacional. Em São Caetano nós tentamos manter por mais tempo. Eu trabalhei até 1973 e, dentro do possível, nós procuramos manter a equipe de professores que trabalhava lá, quer dizer, preservar os ensinamentos básicos que nós tínhamos recebido no Vocacional, (...) mas de qualquer maneira, já foi desvirtuando, já não era a mesma coisa (Prof.<sup>a</sup> Florence).

O depoimento da Professora Florence expõe os limites dessa tentativa, principalmente no seu caso que anteriormente atuava na área de Estudos Sociais, a “locomotiva” do ensino integrado das Unidades Pedagógicas, que – conforme depoimento transcrito no item anterior – se viu obrigada à disciplina de Educação Moral e Cívica e à toda sua natureza limitadora. De fato, “já não era a mesma coisa”.

Em São Caetano tinha um assistente de direção, talvez fosse a personalidade dele, mas ele era muito estranho, então nós vivíamos em sobressalto, principalmente os professores que vieram de outras unidades [do Ensino Vocacional, a professora entrevistada veio de Batatais] (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Economia Doméstica).

Como resistir num ambiente de medo? Como fortalecer um grupo vencido num local vigiado?

### **3.3.14 O legado**

Os testemunhos de ex-professores e ex-alunos revelam o legado do Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria:

Nossa, o legado foi muito grande, porque a minha vida modificou. Realmente mudou a minha vida, minha forma de pensar, de tudo, foi outra realidade. Se eu não tivesse ido pro Vocacional teria continuado naquela mesmice [sobre o que vivera anteriormente], ele me abriu horizontes, abriu a cabeça (...) me empurrou para a frente. Aprendi a pensar, a me posicionar... me deu garra (Prof.<sup>a</sup> Maria Zair, Artes Industriais).

São Caetano do Sul e o Vila Santa Maria me deram as diretrizes do que eu seria como professora futuramente, estava ali, eu aprendi ali. Ali foi a minha escola de dar aula. Em relação à avaliação, em relação ao montar estratégias, em relação a montar aulas, tudo isso eu aprendi lá. Aprendi com os meus colegas, com os mestres que foram os meus colegas lá, porque eu era muito jovem nessa época (Prof.<sup>a</sup> Kátia, Português).

Fez toda diferença. Eu acho que eu terminei a minha formação profissional no Vocacional. Aprendi realmente a trabalhar no Vocacional (Prof.<sup>a</sup> Dirce, Educação Doméstica).

Foi um período muito bom da minha vida, o período em que eu trabalhei no Vocacional, foi o lugar onde eu aprendi a trabalhar em termos de responsabilidade, de compromisso, de honestidade, (...) de seriedade com o trabalho, em termos de respeito ao próximo, da opinião do outro, tudo isso era muito levado a sério, não era o outro o meu colega de trabalho, era o outro a criança que estava expondo a ideia dela. (...) Claro que fui educada dentro desses parâmetros, mas a aplicação de tudo foi no Vocacional, isso era levado muito a sério, muito desenvolvido (...) eu aprendi a trabalhar lá (Prof.<sup>a</sup> Florence, História).

Do Vocacional a questão de ter sentido mais a eficiência do processo de educação. Não que eu não tenha sentido em outros lugares, mas foi lá onde eu tive mais percepção. Aprender a trabalhar no coletivo, a integrar áreas ... (...) tem a influência familiar pelo fato de a gente ter uma família grande, com muitos irmãos, você já aprende a aparar arestas, a viver no coletivo. E essa vivência de trabalhar com as plataformas, as experiências que a gente teve com estratégias pedagógicas diferentes influenciou bastante. Tanto que foi um tal de ser coordenadora disso, coordenadora daquilo, chefe disso. Acabei sendo pró-reitora de graduação também lá [na UFSCar] (Prof.<sup>a</sup> Maria Helena, Ciências).

O Vocacional coincidiu com uma época feliz da minha vida, porque eu tinha acabado de me casar, quando você está recém-casado tudo é mais bonito, tudo são flores. Eu tinha uma gana muito grande de trabalhar, de fazer família, então o entusiasmo que eu joguei na minha vida devo muito ao que encontrei no Vocacional, porque eu tinha como colegas pessoas maravilhosas com quem a gente tinha assim uma comunhão de objetivos: professora Florence, professora Magda que trabalhava comigo em Francês e o Gil que dava aula *em* Português, a gente formou uma equipe muito boa, o Pereira que era professor que dava aula de banco [Práticas Comerciais] para os alunos, era uma pessoa formidável Pereira, o ator que dava aula de Teatro [Petrin] e a Mitsuko que era professora de Educação Física era uma pessoa meiga encantadora. Nós achamos um ambiente muito propício para realizarmos todos os nossos sonhos, no tocante ao ensino. (...) acho que eu fui cair no lugar certo, era aquilo lá, era aquilo que eu queria, mesmo (Prof.<sup>a</sup> Christiana, Francês).

Os relatos das professoras são unânimes no que se refere ao aprendizado adquirido no exercício da docência no Vocacional. Corroboram a afirmação deste estudo no que se refere

ao trabalho docente: só foi possível a existência do Ensino Vocacional como inovação educacional com a valorização do trabalho docente: salários adequados, jornada de trabalho com espaço para pesquisa e capacitação, coeso trabalho de equipe, suporte audiovisual, as orientadoras (educacional e pedagógica) integrando a equipe, além da supervisão do Serviço de Ensino Vocacional, por áreas.

Ao Professor Antonio Petrin, hoje consagrado ator da dramaturgia nacional, não foi perguntado sobre o *legado do Vocacional*, pois ele foi o primeiro entrevistado – em 2015 – e na ocasião o projeto desta pesquisa ainda não havia sido elaborado. Ao contar como chegou ao Vocacional, indiretamente respondeu sobre o legado:

Nunca imaginei que eu seria ator, muito menos professor (...) Eu estava no último ano da Escola de Arte Dramática me preparando para os exames públicos (...) naquele semestre nós estávamos estudando a obra do Jorge Andrade, um autor muito importante na dramaturgia brasileira (...) depois de três anos de um estudo bastante forte eu acabei estudando uma obra do Jorge Andrade e no último dia de aula houve um grande debate sobre a sua obra. Eu, por ter estudado muito a obra, o Sábato Magaldi [professor] me elegeu como o advogado do diabo da sua obra para eu apontar as possíveis falhas da sua dramaturgia, foi um debate acalorado, com a presença do Jorge Andrade. Ao término da aula (...) o Jorge Andrade me chama: “Petrin”. (...) Aí eu pensei na hora – Nossa! Agora ele vai fazer alguma crítica às coisas que eu disse da obra dele. Mas foi o contrário, ele me falou: “Olha, eu queria te convidar para você ser professor da Escola, do Serviço de Ensino Vocacional”. E eu fiquei espantado. Eu nunca poderia imaginar. (...) eu era desenhista industrial, trabalhava numa empresa e ganhava muito bem e nunca imaginava sair dela (...) acabei aceitando porque o salário que eu ia receber no Vocacional seria um pouco mais até do que eu ganhava como desenhista projetista. (...) para a minha surpresa nesse ínterim [fez o curso preparatório e a princípio havia sido designado para trabalhar na Unidade de Rio Claro] eu fui chamado pelo Jorge dizendo: “Não. Você não vai mais para Rio Claro, você vai para São Caetano do Sul, como você mora em Santo André fica mais fácil. Nós estamos abrindo uma unidade em São Caetano, na Vila Santa Maria”. Então aí tudo ficou mais fácil, pude continuar os meus ensaios [na ocasião Petrin participava do início do grupo Teatro da Cidade, em Santo André, e estavam ensaiando a peça Georges Dandin – de Molière – dirigida por Heleny Guariba<sup>94</sup>] e, ao mesmo tempo, poderia participar dessa experiência do Vocacional (Prof. Petrin, Teatro).

Com a extinção do Vocacional, o Professor Petrin resolveu não voltar a exercer a profissão de Desenhista, e prosseguiu em sua carreira de ator, na qual continua atuando brilhantemente. Sem dúvida um belo legado do Ensino Vocacional.

---

<sup>94</sup> Heleny Telles Ferreira Guariba, professora, teatróloga, militante de oposição à ditadura civil-militar, foi presa, torturada e assassinada em 1971, e seu corpo nunca foi encontrado. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/heleny-telles-ferreira-guariba/> Acesso em 17 nov. 2019.

O grupo de professores da Vila Santa Maria era tão unido que a Professora Florence confidenciou ao *Memórias do ABC* que ao nascer sua filha, deu-lhe o nome de Cristiana, em homenagem à sua colega Professora Christiana, também entrevistada para este trabalho.

Outro fato marcante foi contado pela ex-aluna Hilda, que teve duas filhas. Em razão da admiração pela Professora Florence, tentou homenageá-la dando seu nome a uma das filhas, mas o marido rejeitou a ideia por não ser esse um nome comum. São esses detalhes que dão vida à memória dessa escola.

Os ex-alunos assim responderam sobre o legado do Vocacional:

Foi essa amplitude de visão do mundo, de não ficar restrito a achar que se você tem aptidão para engenharia, ficar só na engenharia. (...) a formação vocacional eu não diria que o Vocacional me deu, mas a amplidão de coisas que eu poderia seguir, os caminhos que eu poderia seguir, essa maturidade precoce (Álvaro, turma de 1969).

A liberdade de chegar no professor e falar: eu não gostei do que você fez, ou do que você falou. E o professor te respeitava porque você falava com respeito com ele (Ana Maria B., turma de 1969).

Foi o aprendizado, de você pensar e agir dentro de uma sociedade, que utilizando o seu pensamento pode chegar em qualquer lugar. Outra coisa foi trabalhar em equipe, eu aprendi muito a trabalhar em equipe lá, não é fácil trabalhar em equipe. (...) As escolas dão notas individuais e depois ao chegar nas empresas você tem que trabalhar em equipe, você nunca trabalhou em equipe, você nem sabe o que é isso, como é que você vai trabalhar em equipe? (Ana Maria C., turma de 1969).

O legado do Vocacional em termos de aprendizado foi a formação de um homem, de um adolescente para um adulto consciente e responsável, (...) que descobriu habilidades manuais graças ao Vocacional e levou isso para a vida, eu acho que se eu fosse viver de artesanato, de artes manuais, eu me daria bem porque eu descobri esse gosto lá no Vocacional. (...) tenho o hobby de trabalhar com madeira, (...) e amigos maravilhosos que eu mantenho até hoje (Carlos, turma de 1970).

Ter noção de coisas que não teria em outra escola: o relacionamento humano. Uma coisa bem marcante foi o fato de a gente poder conversar abertamente com os professores, os professores conversavam também como se fossemos amigos (Conrado, turma de 1968).

Ele me fez ser uma pessoa crítica, com autocrítica (...) me fez uma pessoa com iniciativa. (...) O Vocacional me ensinou a ter iniciativa, a ser polivalente, ou seja, eclética. A gente sempre tem uma visão de que vai ter uma oportunidade de trabalhar, de produzir, de ser uma pessoa boa. Eles trabalharam muito este nosso lado humano (Cristina, turma de 1968).

Devo tudo o que eu tenho, o que eu aprendi, o que eu faço, eu venho sempre puxando do Vocacional. (...) tantas matérias práticas que é o que me direciona hoje nos prédios [é graduado em Química, mas atualmente é administrador de condomínios], na firma que eu fiz, que eu montei, tudo de lá. (...) eu devo tudo à escola. Tanto no comércio, na indústria [foi empresário em diferentes ramos] como trabalhei nas empresas, eu acho que tudo foi fruto da escola vocacional (Ernesto, turma de 1969).

De nunca ter me envolvido com nada [ilícito]. ‘ó, já fiz de tudo nesta vida, já fui de escola de samba, fui novo, briguei em campo de futebol, vi tudo, mas eu nunca experimentei nenhuma droga’. É um legado do Vocacional ser uma pessoa digna e honrosa, olhar para trás e não me arrepender de nada (Gilberto, turma de 1968).

Este foi o legado do Vocacional, com certeza: responsabilidade. Os professores do Vocacional conversavam, eu não sei de nenhum caso de aluno que tenha sido expulso ou que tenha [recebido] alguma advertência [humilhante], porque as coisas eram resolvidas, [conversadas] (Hermínio, turma de 1968).

O questionamento: por que você faz isso? (Hilda, turma de 1969).

Ah, é o que sou hoje. Eu tenho certeza disso. Porque se eu estivesse numa coisa muito quadradinha, eu não teria aberto minha cabeça para outras coisas (...) a voz daquela professora [de Artes Plásticas] me ecoa até hoje: ‘você tem que ir para as Artes’. (...) E eu fui, eu fui. [Criou a *Companhia Alcina da Palavra*, que trabalha com poesia, contação de histórias, mediação de leitura, artes cênicas] A gente tem uma intervenção artística muito interessante. (Iverli, turma de 1968).

Aprendi, em primeiro lugar, a pensar e a raciocinar sobre a vida, sobre as coisas, sobre tudo e não apenas aceitar alguma coisa só porque alguém disse que é isso ou aquilo (...) aprender a conviver em comunidade, em grupo, havia um entrosamento muito legal, você aprendia como é que se respeita todo mundo (...) a partir dali eu ampliei esse horizonte e levei isso pela vida afora (Jacira, turma de 1970).

Viva, experimente, desfrute, vá em frente, nunca pare ou desista! (...) Normalmente você estuda contabilidade e vai ser contadora a vida inteira (...), mas nas diversidades da vida, a gente tem que buscar alguns recursos e o Vocacional me deu essa iniciação. Se eu não estou nas Artes, estou no intelectual ou na didática. Se não estou na didática, estou na cozinha (...) sou psicóloga, mas de vez em quando – nas épocas de necessidade – faço biscoitos natalinos [para vender], [também] faço algumas coisas de E.V.A. [artesanato] (...) Então, se eu ficasse só engessadinha (...) se eu não tivesse tido o Vocacional não teria estas habilidades [no início de novembro de 2019 a entrevistada concluiu um curso de Locução] (Jane, turma de 1968).

A organização, o respeito ao ser humano, ao próximo, independente da classe social, cor, raça (...) lá não existia essa diferenciação: menino ou menina, alto, baixo, magro, gordo, aprendemos a trabalhar em grupo, a respeitar o companheiro, o amigo, sempre olhando pra ele como um ser

humano igual a você: falho, com dificuldades, como você. (...) Os meus pais também me ensinaram a ser uma pessoa honesta e íntegra, mas o Vocacional solidificou. (...) foram apenas dois anos, mas o aprendizado ... foi de grande valia (...) aprendemos convivendo com as pessoas (...) aprendemos a ser organizados: os professores nos esperavam numa sala de aula organizada, limpa e bonita e, ao final, era assim que a gente deveria deixá-la. (...) são valores para toda a vida (Laura, turma de 1969).

O comprometimento que os alunos e os professores tinham com a Escola (Lucia, turma de 1969).

O respeito pelos professores, o respeito entre os alunos. (...) essa convivência, essa amizade, esse gostar (...) Gostar de estudar, gostar desse convívio com as pessoas. (...) O que a gente passou dentro do Vocacional foi um complemento de vida (Maria do Carmo, turma de 1969).

Uma das coisas principais do Vocacional é que eles ensinaram a gente vencer desafios: vai, enfrenta, tenta, se não der certo, começa de novo. (...) e trabalhar em equipe é uma coisa que a gente aprendeu lá, porque lá tudo era em equipe, delegar (Marilda, turma de 1969).

Postura, respeito, obediência (Norma, turma de 1970).

No Vocacional foi fundamental o respeito: respeito ao aluno, respeito aos professores, respeito ao cidadão e respeito do ser humano (Roberto Lino, turma de 1969).

Eu sempre fui muito engajada em questões sociais, esse é um legado que eu trouxe do vocacional, essa capacidade de pensar, pensar o outro, pensar em grupo e pensar no social, na justiça (Sandra, turma de 1968).

Foi lá que eu aprendi a ser atencioso com as pessoas (...) outra coisa: tudo que você começa a fazer procure terminar, nada pelo meio. (...) se eu dei minha palavra para você que eu vou estar aqui, estarei aqui naquele horário. (...) eu falo para você que eu vou fazer, eu faço (...) isso tudo eu trouxe do Ginásio Vocacional (Silas, turma de 1968).

Tive no Vocacional uma base muito forte: aprendi a ser positiva, não ter medo de nada (Sueli, turma de 1968).

(...) o meu tudo, o meu modo de pensar, porque os professores pediam muito: vamos pensar. Então tudo que a gente fazia tinha que pensar muito e isso foi muito importante para a vida, porque a gente não pode fazer nada de estalo. (...) eu aprendi respeito, dignidade, integridade, eu aprendi lá (Susete, turma de 1970).

É seu direito de escolher e aí você erra, não erra, aprende, não aprende (...) o conjunto, ele é necessário ... aqui eu vejo a Escola (Tânia, turma de 1970).

A semente plantada, irrigada, cresce e dá uma boa árvore, dá bons frutos. É o Vocacional na minha vida (Vanessa, turma de 1969).

O coleguismo e a cooperação (...) foi uma experiência muito boa que eu tive no Vocacional, principalmente o primeiro ano (Vera, turma de 1968).

Foi ser honesta, nunca passar por cima de ninguém, respeitar as pessoas, respeitar a opinião das pessoas, mesmo que a minha seja diferente (Vilma, turma de 1970).

A partir desses depoimentos, apresenta-se o Quadro nº. 8 com as palavras-chave do legado do Vocacional.

<b>Quadro 8) O legado do Vocacional na vida dos ex-alunos</b>	
<b>Nome e turma</b>	<b>Palavras-chave</b>
Álvaro, 1969	Ampliação dos horizontes
Ana Maria B., 1969	Liberdade
Ana Maria C., 1969	Pensar; trabalhar em equipe
Carlos, 1970	Descoberta de habilidades manuais e artísticas.
Conrado, 1968	Relacionamento humano
Cristina, 1968	Pessoa crítica com autocrítica; polivalente
Ernesto, 1969	Polivalente
Gilberto, 1968	Dignidade; honradez
Hermínio, 1968	Responsabilidade
Hilda, 1969	Questionamento
Iverli, 1968	Descoberta de habilidades artísticas.
Jacira, 1970	Pensar; conviver em grupo
Jane, 1968	Polivalente; ousar
Laura, 1969	Organização; respeito
Lucia, 1969	Comprometimento
Maria do Carmo, 1969	Respeito; amizade
Marilda, 1969	Vencer desafios; trabalhar em equipe
Norma, 1970	Postura; respeito; obediência
Roberto Lino, 1969	Respeito
Sandra, 1968	Pensar; pensar em grupo; lutar por justiça social
Silas, 1968	Atenção com as pessoas; terminar tudo que começa
Sueli, 1968	Ser positiva; destemida
Susete, 1970	Pensar; respeito; dignidade
Tânia, 1970	Direito de escolher; aprender com os erros; recomeçar
Vanessa, 1970	Boa semente
Vera, 1968	Amizade; cooperação
Vilma, 1970	Honestidade; respeito

Elaboração da autora.

Do total de entrevistados, seis pessoas se referiram ao respeito, que está implícito em outras falas. Em todos, é notável a questão da formação de valores visando o desenvolvimento de seres humanos melhores.

## B) Considerações Finais

Ao longo dos quase 50 anos de seu término, muitos e importantes estudos foram realizados sobre o Ensino Vocacional em diversas áreas de conhecimento, sobre seus mais variados aspectos. A finalidade deste estudo é registrar a história de sua última e breve unidade, do município de São Caetano do Sul, o Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria. Sobre ela, há carência de informações e até menções equivocadas. A Professora Christiana testemunha esse esquecimento:

Você se lembra que houve um filme sobre o Vocacional? [*Vocacional, uma aventura humana*] entrei numa fila, fiquei horas lá na entrada do Cinearte para ver o filme, vi um ótimo filme, mas cadê o colégio de São Caetano? Não está lá. O cineasta foi aluno do Vocacional do Brooklin, eu não o conheci pessoalmente, Toni Venturi (Prof.<sup>a</sup> Christiana, Francês).

No desenvolvimento deste trabalho houve diálogos com obras do conjunto de pesquisas sobre o Ensino Vocacional. Optou-se por não se discutir seus pilares teóricos em razão da vasta produção sobre o tema e pela especificidade desta pesquisa, de recorte vertical.

O primeiro ponto de investigação foi *o porquê de o município de São Caetano do Sul ter sido escolhido para sediar sua última unidade.*

No primeiro mandato do Prefeito Hermógenes Walter Braidó (abril de 1965 a abril de 1969), seu Diretor de Educação argumentou que o êxito das políticas educacionais do município suscitou o interesse do Serviço de Ensino Vocacional em firmar tal parceria. Diante dessa informação, levantou-se a hipótese de que essa escolha teria decorrido de estratégia do SEV visando seu fortalecimento político para aplacar crises internas e externas. Entretanto, o Ofício 1409/65 da Prefeitura Municipal de São Caetano para a Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani (Coordenadora Geral do SEV), datado de 27 de setembro de 1965 (Anexo N<sup>o</sup> 2) expõe alguns pontos dessa narrativa:

1. No ofício foi solicitado o apoio da Coordenadora junto ao Secretário de Educação, para que o Ginásio Estadual de Vila Paula (criado em 15/12/1964) fosse transformado em Unidade de Ensino Vocacional;
2. Na data da correspondência (27 de setembro de 1965) o Prefeito Braidó tinha cumprido apenas seis meses de seu mandato. As políticas educacionais estavam em estado embrionário, pois até mesmo o Departamento de Educação

e Cultura - do qual o Prof. Oscar Garbelotto foi titular - seria criado apenas em 29 de agosto do ano seguinte. No momento desse pedido de apoio, a solução de problemas de educação do município era incipiente, ainda não havia obras nesse sentido.

3. O não comparecimento da Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde para conhecer as futuras instalações da Unidade de São Caetano do Sul (Anexo N° 3) é um indício muito frágil para denotar desinteresse pela instalação dessa pretensa unidade vocacional. Vale registrar que há tempos o SEV estava lutando por expansão.
4. Em março de 1968 podiam ser percebidas mudanças na correlação de forças desses dois personagens. Enquanto a Prof.<sup>a</sup> Maria Nilde dirigia órgão imerso em crises internas e externas, a situação do prefeito era inversa. O aumento do prestígio do Prefeito Braido se revela no fato de a terceira correspondência, Ofício 701/68 (Anexo N° 4), ter sido enviada diretamente ao gabinete do Governador. O pedido transformou-se em reivindicação com bons argumentos, mostra-se bem articulado, com boas fontes de informação, oferece parceria para não onerar o tesouro estadual e lança o golpe final: se foram autorizados os segundos ciclos para as unidades da Capital e Batatais, por que não atender ao pedido de São Caetano do Sul? Ao final, o ardiloso Prefeito oferece um afago ao Governador: dar seu nome à nova escola. (Anexo N° 5).

O Prefeito teve êxito no jogo político e, em 22 de março de 1968 o Governador Abreu Sodré inaugurou o Centro Educacional São Caetano Di Thiene<sup>95</sup>, em Vila Santa Maria. O prédio do Vocacional integrava esse complexo educacional. Um acontecimento marcante para o menino Silas:

Fui à inauguração daquele prédio do Vocacional (...) o meu pai foi, mas só que ele não me levou e eu de longe vi aquele prédio bonito, com aqueles tijolinhos furados (...) falei, vou lá (...) fugi de casa e fui atrás dele. Entrei por baixo (...) nossa, que escola bonita! Era um prédio grande (...) então, subi e descii aquela escada, corri naqueles corredores grandes, aquilo me chamou a atenção. Depois, [voltando pra casa], (...) comentei com a minha irmã e ficava falando: Lane eu quero estudar lá! (Silas, turma de 1968)

---

<sup>95</sup> Foi construído um conjunto de quatro prédios (...) o local escolhido foi o antigo Bosque do Povo, na Vila Santa Maria (hoje Bairro Santa Maria). Em 1965 era coberto de mato e tinha uma lagoa poluída. A área do bosque abrigaria o Centro Educacional Di Thiene que, além do Ginásio Vocacional, contaria com um Centro de Recuperação Infantil (atual Fundação Municipal Anne Sullivan) e o Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho (Revista Raízes, 1993, p. 34).

É incontestável a importância dos vultosos investimentos em obras e equipamentos de Educação e Cultura no primeiro mandato do Prefeito Braido. Porém, em quais condições de funcionamento foi entregue o prédio do Vocacional?

De repente eu estava dentro de uma escola muito grande sem nenhum móvel (...), que não tinha nem cadeiras para a gente sentar e nós chegamos dentro de um prédio vazio, praticamente, e aí nós que fomos arrecadando o dinheiro e pedindo para a Prefeitura para começar a colocar as carteiras, não tinha funcionários, quem fazia a limpeza das salas de aula eram os alunos todo final de período a gente tinha os grupos e nós éramos encarregados de limpar as salas para o dia seguinte. E então, era totalmente diferente, uma situação até precária (Sandra, turma de 1968).

Conforme mencionado no capítulo 2, esta pesquisa apurou que o corpo docente foi contratado em 1º de maio de 1968, e possivelmente também o corpo técnico-administrativo. Segundo o documento (vide análise do Documento 11-A: *Introdução à caracterização do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria de São Caetano do Sul*) o preparo dos memoriais descritivos para a aquisição do mobiliário e equipamentos pela Prefeitura foi tarefa dos novos servidores administrativos, daí a escola vazia, sem móveis. Certamente foi muito importante trazer o Vocacional para São Caetano do Sul. No entanto, se houvesse uma real preocupação com a Educação, o Prefeito Braido poderia ter se inteirado sobre o Ensino Vocacional e, com sua habilidade política, poderia ter se tornado um defensor dessa forma de ensino. Se assim fosse, aquele prédio não seria apenas mais um com a chancela: *Braido fez!*

O relato acima responde as outras três questões da pesquisa: *Por que essa unidade foi criada em 1968, num período já de crise do Sistema de Ensino Vocacional e de recrudescimento da ditadura? Por que em São Caetano do Sul? Como essa iniciativa se relacionou com a política municipal de Educação?*

A questão seguinte: *Como o município era visto pelo Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria?*

No Ensino Vocacional o diagnóstico do município onde havia uma unidade instalada não era algo pronto, acabado, ou apenas a leitura de dados oficiais e do Censo Demográfico. Ao contrário, era uma peça em construção. No decorrer do ano letivo, cada área construía sua caracterização do município. Isso acontecia principalmente nas áreas que atuavam nas primeiras séries, uma vez que o “município” era seu objeto de estudo. No capítulo 3 estão relatos de estudantes sobre o estudo do mapa de São Caetano do Sul e a realização de

pesquisas domiciliares. Com o decorrer do tempo o diagnóstico ficaria mais robusto, pois a cada ano – com as novas primeiras séries – outras variáveis poderiam ser incorporadas. Porém tudo indica que essa investigação demográfica tenha ocorrido apenas nos anos de 1968 e 1969. Disso podemos concluir que esse estudo ficou incompleto.

Eram feitas leituras do local segundo o enfoque de cada disciplina, e disso resultava o diagnóstico de cada área. No capítulo 2 todos estão na íntegra, com a transcrição *ipsis verbis* do Documento Nº 8-A (Relatório de Planejamento para 1969). Das observações realizadas durante o ano de 1968, a área de Artes Industriais identificou o município como *comunidade industrial*, com boa oferta de trabalho, condições de trabalho e remunerações adequadas. Detectou ainda técnicas diversificadas de produção, enquanto algumas fábricas – provavelmente empresas de grande porte – utilizavam métodos atualizados e outras estavam em fase de transição, e ainda podiam ser encontrados métodos rudimentares de produção. Como na época havia muitas oficinas e pequenas fábricas que compunham aquela cadeia produtiva, pode-se deduzir que tal classificação se referisse a esse segmento. Em Práticas Comerciais há o registro da ausência de anúncios de emprego no jornal do município. Conforme mencionado no capítulo 1, o principal jornal da cidade, *Jornal de São Caetano*, tinha como “carro chefe” a veiculação de informes da Prefeitura. Outro detalhe a se considerar foi a existência de um jornal regional com ampla penetração tanto em São Caetano do Sul, quanto nas cidades vizinhas, o *Diário do Grande ABC*, fundado em 1958. Para a população da região, por décadas foi tradição todos os domingos ir-se às bancas de jornal para comprar o *Diário*, cuja seção de classificados era bem diversificada e concorrida, principalmente nas modalidades *Empregos, Carros e Imóveis*.

Segundo diagnóstico da área de Educação Doméstica, as condições de higiene eram precárias e a escola esteve presente para orientar sobre questões básicas, como o banho. Outra informação importante foi a respeito da aceitação dessa área pelas famílias. Existe também a menção de ter havido rejeição da proposta de Educação Doméstica por parte dos meninos. A área detectou ainda que aquela comunidade carecia de noções básicas de alimentação. Essa área também verificou que a maioria dos habitantes de São Caetano do Sul vieram de fora, tema discutido amplamente neste estudo.

Sobre a participação dos meninos na disciplina de Educação Doméstica este estudo constatou entre os entrevistados que o Ensino Vocacional não aceitava papéis sociais definidos para meninos e meninas, daí as aulas de Economia Doméstica sem distinção de

papéis, o que foi significativo na formação daqueles jovencinhos. Pelos limites desta pesquisa não foi possível investigar junto às esposas e companheiras que tipo de companheiros eles se revelaram, no que tange à divisão de tarefas da casa e cuidado dos filhos.

No diagnóstico de Educação Musical chama a atenção a grande preferência pela música folclórica e sertaneja, certamente resquício cultural dessa população migrante. Outra observação que chama a atenção são os meios de comunicação a que a comunidade tinha acesso: rádio, vitrola e televisão. Conforme discutimos nesta pesquisa, foi momento de formação de uma nova classe, com a criação de novos hábitos de consumo e a entrada da televisão no cotidiano das famílias. Também aparecem observações quanto a dificuldades financeiras.

A área de Educação Física, em atividades de Estudo do Meio, fez levantamento sobre equipamentos de esportes. Na ocasião já havia o Palácio dos Esportes (equipamento público), onde se constatou falta de organização. Na época, o Estádio Municipal estava em construção.

Na disciplina de Português apurou-se a existência de 11 bibliotecas no município, todas visitadas pelos alunos, que constataram serem elas pouco frequentadas. Há outra observação sobre o jornal – pouco explorado – talvez pelo fato de ser órgão a serviço do prefeito. Também foi mencionada a pouca frequência da população ao teatro. Vale registrar que o Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho, juntamente com o Ginásio Vocacional, integra o Centro Educacional São Caetano Di Thiene, cuja inauguração ocorreu em 22 de março de 1968. Finalmente, a área de Matemática detectou carência de conceitos bem formados na clientela local e a necessidade de dinamizar o pensamento lógico.

Outra análise sobre o município, também relatada no capítulo 2<sup>96</sup>, classificou o município como de baixo nível socioeconômico, uma vez que a renda familiar, em 90% dos casos, não ultrapassava um salário mínimo.

Para completar a visão do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria sobre o município, vale registrar a impressão de algumas professoras:

Em São Caetano do Sul grande parte [dos alunos] eram filhos de operários. A gente sentia mais a eficiência do nosso trabalho, no sentido de você poder, inclusive, localizar a modificação do vocabulário deles. (...) Você via desde o começo ... e você sabia com quem eles tinham aprendido aqueles termos. Então, era muito interessante (...) revendo a minha vida profissional eu acho

---

<sup>96</sup> Documento Nº 7-A – Relato do Experimento.

que foi, talvez, a experiência mais interessante da minha vida. Porque era um clima de muita interação com o professor, aluno. (...) era uma interação positiva de aprendizado, de uns com os outros (Prof.<sup>a</sup> Maria Helena, Ciências).

Era uma cidade aprazível, eu gostava muito dali a gente frequentava a cidade, mais o centrinho, supermercados ... mas era uma coisa assim muito muito interiorana mesmo, havia até uma horta gigantesca de quina com o nosso predinho [no centro] (Prof.<sup>a</sup> Christiana, Francês).

A cidade de São Caetano do Sul era uma cidade pobre. A região onde a gente estava era pobre. Mas era uma cidade em que não havia violência. Era distante, para mim, era um lugar longe, porque eu vinha do interior, não conhecia ninguém, não tinha referências, então para mim pegar um ônibus para ir para São Caetano do Sul, chamava intermunicipal (...) tinha um rio e esse rio enchia e, se chovesse no momento que você estava do lado de lá, você não conseguia atravessar para cá, aí tinha que dormir lá. Eu nunca cheguei a dormir em São Caetano do Sul por conta de inundação, mas já presenciei inundações grandes lá. Então, a ideia que eu tinha das pessoas é que eram pessoas muito simples, trabalhadoras (Prof.<sup>a</sup> Kátia, Português).

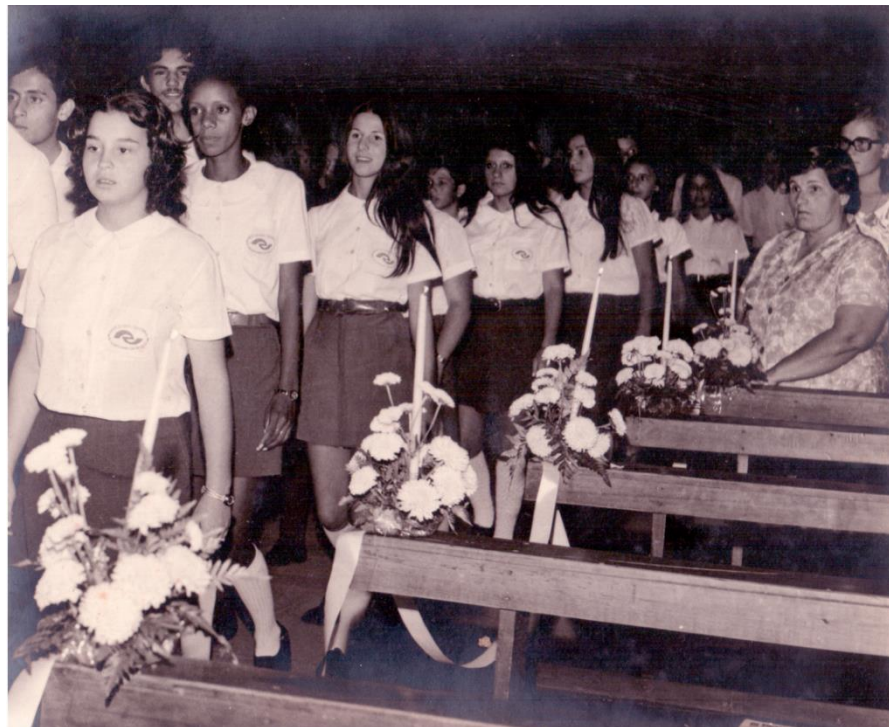
Sobre as diferenças e similaridades quanto ao projeto original, havia atenção sobre especificidades locais, como em todas as unidades. A Unidade de São Caetano do Sul funcionava em dois turnos de meio-período, conforme apresentado no capítulo 2. Todavia, no contra turno os alunos voltavam para participar de atividades programadas, aulas de reforço com outra turma ou treinos esportivos. É possível afirmar que o Vocacional de Vila Santa Maria não foi prejudicado por funcionar em dois turnos, já que o Ensino Vocacional visava principalmente a formação de conceitos, não a aquisição de conteúdo. O prejudicial foi a interrupção desse processo, ocorrida em razão da extinção desse projeto de inovação educacional.

Nesta pesquisa a história do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria é definida como um exemplo de resistência, pelos seguintes motivos:

1. A não-adesão ao nome da escola definido pelo Prefeito;
2. O comprometimento dos professores remanescentes em manter diretrizes do Ensino Vocacional, na medida do possível;
3. O jornal escolar *O Pasquito*, lançado em 1971, promoveu a integração do alunado de todas as séries e diferentes turnos, e estabeleceu diálogos com a

comunidade do bairro, e o fortalecimento desses vínculos pode ser visto como sinal de resistência;

4. Nas cerimônias de formatura, das primeira e segunda turmas, em 1972 e 1973, os estudantes envergaram a logomarca do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria.



**Ilustração 14 – Formatura da primeira turma – fevereiro de 1972**

Este estudo apurou que as inovadoras experiências pedagógicas, curriculares e humanas deixaram profundas marcas nas memórias dessas pessoas – ex-alunos – que conduziram suas experiências de forma diferenciada, desenvolveram múltiplas aptidões e com criatividade souberam utilizá-las para construir novas carreiras ou *hobbies*. O aprendizado de conviver e trabalhar em grupo é uma característica visível, como também a sensibilidade artística bem aguçada dessas pessoas. Dos entrevistados, quatro exerceram ou ainda atuam profissionalmente em artes cênicas, outra é atriz clown, sem contar os que fazem artesanato como passatempo.

Pelos limites deste estudo, muitos temas deixaram de ser explorados, porém esta não é uma linha de chegada, é ponto de partida para novas pesquisas. Assim, cumpre-se o objetivo maior de deixar um registro das memórias do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, que permanece vivo na memória dos que por lá passaram, ex-alunos e ex-docentes.

## C) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 155-202.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 23-79.

BALZAN, Newton C.; NADAI, Elza; SALGUEIRO, Gláucia L.; PRESTES, Naíde Alves. Algumas considerações sobre um estudo do meio. *Educação Hoje n° 1*. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp. 71-88.

BONATO, Nailda M. da C. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n° 10, jul/dez. 2005, p. 193-220.

BOULOS, Yara. Integração de matérias e Unidade Didática. *Educação Hoje n° 1*. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp. 89-112.

BUSETTO, Áureo. *A democracia cristã no Brasil: princípios e práticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CARVALHO, Cristina Toledo de. *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*. São Caetano do Sul/SP: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

\_\_\_\_\_ A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano do Sul. *Revista Raízes n° 56*. São Caetano do Sul/SP: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2017, p. 07-17.

CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros: Discurso e práxis dos seus programas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. *História & Memória da Inovação Educacional no Brasil: O caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)*. Curitiba: Ed. Appris, 2014.

\_\_\_\_\_ *História & Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_ *Os ginásios vocacionais: a (des) construção da história de uma experiência educacional transformadora 1961-70*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CONCEIÇÃO, Jefferson José da. *Quando o apito da fábrica silencia*. Sindicatos, empresas e poder público diante do fechamento de indústrias e da eliminação de empregos na região do ABC. São Bernardo do Campo, SP: MP Editora, 2008.

FRABETTI, Giancarlo Livman. *A metropolização vista do subúrbio: metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul*. Tese de Doutorado no Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GARCIA, Carla C. *As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec – São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.

GOULART, Elias E.; PERAZZO, Priscila F.; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n.1, pp. 153-166, 2005.

GOUVÊA, Fernando. Anísio Teixeira e os treze ministros: a “estratégia doce” de um “apolítico” (1951-1964). *Anais da 32ª Reunião Anual da Anped*, 2009, p. 1-15.

\_\_\_\_\_. O primeiro decênio da Capes: uma campanha extraordinária (1951-1960). *Revista Bras. Est. Pedag.*, Brasília, v. 91, n 229, p. 528-542, set/dez 2010.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Bárbara; PERAZZO, Priscila F. Histórias fragmentadas nas memórias do ABC Paulista. *Tríade – Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*. Sorocaba/SP: v. 6, p. 124-140, 2018.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4a. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Alcimar Alves de Souza, ROVAI, Esméria. *Escola como desejo e movimento: novos olhares para a educação*. São Paulo: Cortez, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. de (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-85.

MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *Diário de uma Terra Lontana: Os “fait divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

\_\_\_\_\_. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Sul do fim do Império ao fim da República Velha*. 2a.Ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2001.

---

\_\_\_\_\_ *Uma Arqueologia da Memória Social: Autobiografia de um Moleque de Fábrica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

MASCELLANI, Maria Nilde. *Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados*. São Paulo: IIEP, 2010.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C.; XAVIER, Libania N. Inep no contexto das políticas do MEC, in *Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950-1960*. Brasília: Inep; MEC. 2008. p. 21-38.

MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.

NAKAMURA, Maria Eliza F. P. *Ginásios Vocacionais: Estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

NEVES, Joana. *O ensino público vocacional em São Paulo: renovação escolar como desafio político – 1961-1970*. Tese de Doutorado, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Mariângela de Paiva. *A memória do ensino vocacional: contribuição informacional de um núcleo de documentos*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul/SP, v. 16, n.30, pp. 121-131, jan-abr 2015.

PERAZZO, Priscila F., CARVALHO, Maria Aparecida de. Representações políticas na constituição do patrimônio cultural do ABC: um ensaio sobre o imaginário fascista do imigrante italiano. *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul/SP, v. 4, n.7, pp. 29-34, jul-dez 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar*, Curitiba, nº 18, pp. 13-28, 2001.

RODRIGUES, Mário Porfírio, 1925 *Um Jornal, uma Vida - A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005.

RONCA, Vera F.C. *Docência e Ad-miração: da imitação à autonomia*. São Paulo: Edesplan, 2007.

SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional*. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2008.

TAMBERLINI, Ângela R. M. B. *Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ensino vocacional: formação integral, cultura e integração com a comunidade em Escolas Estaduais paulistas na década de 1960*. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas nº 70, p. 119-137, dez. 2016. Acesso em 30 jul. 2018.

TOMIZAKI, Kimi Aparecida. *Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores*. Campinas, SP: Unicamp/CMU-Publicações; Editora Arte Escrita, 2007.

VENÂNCIO, Paula. *A Cena do Subúrbio: o teatro como meio de comunicação da cultura local na região do ABC paulista (1961-1990)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2012.

## **D) ANEXOS**

<b>Nº</b>	<b>DOCUMENTO</b>	<b>DATA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
1-A	Roteiro de entrevistas	sem data	Modelo de questionário aplicável em curso diurno
2-A	Fundamentação teórica do trabalho educacional nos Ginásios Vocacionais	dez/66	Principais bases da proposta dos Ginásios Vocacionais
3-A	Comunicação SBPC	1969	Realidade socioeconômica como fundamento no processo de seleção nos Ginásios Vocacionais
4-A	Regimento interno dos Ginásios Vocacionais	sem data	Regras de funcionamento dos Ginásios Vocacionais
5-A	Processo de orientação educacional e vocacional	sem data	Texto sucinto sobre a orientação educacional e vocacional.
6-A	Objetivos gerais	1968	Objetivos dos ginásios vocacionais
7-A	Relato do Experimento	sem data	Texto descritivo sobre o desenvolvimento da 1ª UP nas primeiras séries, no ano de 1969, no Ginásio Vocacional da Vila Santa Maria.
8-A	Relatório do planejamento para 1969	abr/69	Ata das reuniões para efetuar o planejamento do ano letivo de 1969, especificamente da unidade de São Caetano do Sul.
9-A	Resultado de eleição	sem data	Eleição do Conselho Consultivo (membros e votos)
10-A	Relação dos alunos por classe, ano letivo 1969.	1969	Relação dos alunos por classe, ano letivo 1969, incompleta.
11-A	Introdução à caracterização do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria	sem data	Caracterização dos alunos para planejamento da primeira Unidade Pedagógica.
12-A	Planos administrativos específicos	dez/68	Descrição resumida do atendimento de 1968 e previsão para 1969.
13-A	Unidades pedagógicas de 1968	1968	Temas da primeira e segunda UP
14-A	Ata da reunião do dia 25/07/69	25/07/1969	Manuscrito.
15-A	Planejamento anual da Direção Pedagógica Geral	1969	Atribuições e objetivos da Diretora para o ano de 1969.
16-A	Planejamento da 2ª UP - 1ª série 1969	abr/69 presumida	Deduz-se que foi elaborado pelas Orientadoras Educacional e Pedagógica.
17-A	Planejamento da 3ª UP - 1ª série 1969	ago/69 presumida	Ações de orientação pedagógica e educacional para a 3ª UP (ago e set/69).
18-A	Planejamento da 4ª UP - 1ª série 1969	out/69 presumida	Planejamento das ações de orientação educacional e pedagógica.
19-A	Planejamento anual por disciplina do ano letivo de 1969	jan/69 presumida	Apresentação dos objetivos e conteúdos de cada disciplina para a 1ª série de 1969, do Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria.

20-A	Planejamento bimestral (por disciplina) da 1ª UP - 1ª série - 1969 Tema: "Ginásio vocacional"	mar/69	Formulários de Planejamento de UP das disciplinas: Artes Industriais, Artes Plásticas, Ciências, Educação Doméstica, Educação Física, Educação Musical, Estudos Sociais, Matemática, Português, Práticas Comerciais.
21-A	Planejamento bimestral (por disciplina) da 2ª UP - 1ª série - 1969 Tema: "A família"	mai/69	Formulários de Planejamento de UP das disciplinas: Artes Industriais, Artes Plásticas, Ciências, Educação Doméstica, Educação Física, Educação Musical, Estudos Sociais, Francês, Matemática, Práticas Comerciais.
22-A	Planejamento bimestral (por disciplina) da 3ª UP - 1ª série - 1969 Tema: "Comunidade de São Caetano do Sul: condições de trabalho"	ago/69	Formulários de Planejamento de UP das disciplinas: Artes Industriais, Artes Plásticas, Ciências, Educação Doméstica, Educação Física, Educação Musical, Estudos Sociais, Francês, Matemática, Português, Práticas Comerciais.
23-A	Planejamento bimestral (por disciplina) da 4ª UP - 1ª série - 1969 Tema: "Necessidades do homem na comunidade de São Caetano do Sul"	out/69	Formulários de Planejamento de UP das disciplinas: Artes Industriais, Artes Plásticas, Ciências, Educação Doméstica, Educação Física, Educação Musical, Estudos Sociais, Francês, Matemática, Português, Práticas Comerciais.
24-A	Introdução da 2ª Unidade Pedagógica	mai/69 presumida	Avaliação da primeira unidade pedagógica das primeiras séries, ano 1969, para dar início à segunda UP.
25-A	Auto-avaliação da Diretora Pedagógica Geral	17/12/1969	dificuldades encontradas e pontos a reformular
26-A	Diários de classe do 1º B com notas do terceiro bimestre de 1969 (ago/set)	set/69	Notas dos alunos e gráficos das disciplinas: Estudos Sociais, Português, Francês, Matemática, Ciências, Artes Industriais, Educação Doméstica, Práticas Comerciais, Educação Musical, Educação Física.
27-A	Diários de classe do 1º B com notas do segundo bimestre de 1969 (mai/jun)	jun/69	Notas dos alunos e gráficos das disciplinas: Matemática, Francês, Estudos Sociais, Português, Artes Industriais, Artes Plásticas, Educação Doméstica, Práticas Comerciais, Educação Musical, Educação Física.
28-A	Diários de classe do 1º B com Média Geral (primeiro e segundo bimestres) 1969	jun/69 presumida	Notas dos alunos das disciplinas: Estudos Sociais, Português, Matemática, Ciências, Francês, Artes Industriais, Artes Plásticas, Práticas Comerciais, Educação Doméstica, Educação Musical, Educação Física.
29-A	Síntese da 2ª UP	jun/69 presumida	Introdução ao planejamento da 3ª UP, uma vez que o resultado da UP anterior é o ponto de partida.

30-A	Síntese da 3ª UP	out/69 presumida	Introdução ao planejamento da 4ª UP.
31-A	Caracterização da clientela - 4ª UP	out/69 presumida	Síntese de FOA de escolaridade e descritiva (sub-título do documento).
32-A	Boletins individuais de alunos - 1ª série B - 1969	dez/69 presumida	Notas de todas as disciplinas de poucos alunos da 1ª série B de 1969
33-A	Fichas de avaliação individual	dez/69 presumida	Fichas manuscritas com avaliações (intelectual e socioemocional), de poucos alunos da 1ª série B de 1969.
34-A	Auto-avaliação individual	dez/69 presumida	Folhas manuscritas (perguntas e respostas), de poucos alunos da 1ª série B de 1969.
35-A	Apontamentos	1969	Conjuntos de folhas manuscritas: rascunhos de textos, anotações de reuniões de A.P, anotações de reuniões de planejamento de UP

Fonte: Acervo pessoal da Prof.ª Arlette D'Antola

Elaboração da Autora



# Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

Of. 1409/65

ESTADO DE SÃO PAULO  
GABINETE DO PREFEITO

São Caetano do Sul, 27 de setembro de 1965.

*Coverse  
multida*

Senhora Coordenadora:

A Lei n. 8489, de 15 de dezembro de 1964, criou mais um ginásio estadual, neste Município, no Bairro de Vila Paula, o que constitui, sem sombra de dúvida, motivo de orgulho para a nossa Comunidade, onde já funcionam três ginásios oficiais.

Mas, tratando-se de um Município essencialmente industrial, próximo à Pauliceia, que, no dizer de alguns, é um bairro paulistano que se governa, necessita, agora de um Ginásio Vocacional. E é justamente para esse fim que, data vênua, vimos à presença de V. Sa., solicitar seus bons ofícios no sentido de interferir junto ao exmo. Sr. Secretário da Educação para que transforme o estabelecimento de ensino, criado pelo supra referido diploma legal, em Ginásio Vocacional. Para isso já dispomos da área de terreno necessário e está na fase de estudos o ante-projeto do prédio respectivo.

Antecipadamente gratos pela atenção, aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Sa. os protestos da nossa elevada estima e distinta consideração

*W. Broido*  
Hermógenes Walter Broido  
Prefeito Municipal

Ilma. Sra.  
MARIA NILDE MASELHANI  
DD. Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional  
Av. Portugal - 859  
Brocklin Paulista  
SÃO PAULO  
HGM/3MS.-